

DEUS E O INFINITO

1. *Que é Deus?*

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

“Deus é o Imanifesto Senhor dos Infinitos”. Dele só se conhece a Criação e Nele tudo é Infinito.

¹ (*Vide Nota Especial nº 1*, da Editora (FEB), à pág. 604.)

2. *Que se deve entender por infinito?*

“O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. *Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?*

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o *infinito* é tomar o atributo de uma coisa pela coisa mesma, é definir uma coisa que não está conhecida por uma outra que não o está mais do que a primeira.

PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

4. *Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?*

“Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. *Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?*

“A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio — não há efeito sem causa.”

6. *Os sentimentos íntimos que temos da existência de Deus não poderiam ser fruto da educação, resultado de ideias adquiridas?*

“Se assim fosse, por que existiria nos vossos selvagens esse sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse tão-somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que

houvessem podido receber esse ensino, conforme se dá com as noções científicas.

ESPÍRITO E MATÉRIA

21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele em dado momento?

“Só Deus o sabe. Há uma coisa, todavia, que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que logreis figurar o início de sua ação, podereis concebê-lo ocioso, um momento que seja?”

22. Define-se geralmente a matéria como sendo — o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições?

“Do vosso ponto de vista, elas o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.”

a) — Que definição podeis dar da matéria?

“A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.”
Deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito.

23. Que é o espírito?

“O princípio inteligente do Universo.”

a) — Qual a natureza íntima do espírito?

“Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.”

27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?

“Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer

ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.”

a) — *Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade?*

“Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações.

O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.”

PROPRIEDADES DA MATÉRIA

29. *A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?*

“Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.”

A gravidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo.

30. *A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?*

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.”

31. *Donde se originam as diversas propriedades da matéria?*

“São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias.”

32. *De acordo com o que vindes de dizer, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutareis dos corpos não passam de modificações de uma única substância primitiva?*

“Sem dúvida e que só existem devido à disposição dos órgãos destinados a percebê-las.”

33. A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que *tudo está em tudo!*”¹

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores conseqüências, tê-los como tais, até nova ordem.

ESPAÇO UNIVERSAL

35. O Espaço universal é infinito ou limitado?

“Infinito. Supõe-no limitado: que haverá para lá de seus limites? Isto te confunde a razão, bem o sei; no entanto, a razão te diz que não pode ser de outro modo. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas. Não é na pequenina esfera em que vos achais que podereis compreendê-lo.”

Supondo-se um limite ao Espaço, por mais distante que a imaginação o coloque, a razão diz que além desse limite alguma coisa há e assim, gradativamente, até ao infinito, porquanto, embora essa alguma coisa fosse o vazio absoluto, ainda seria Espaço.

PLURALIDADE DOS MUNDOS

55. São habitados todos os globos que se movem no espaço?

“Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição.

Entretanto, há homens que se têm por espíritos muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino globo o privilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que só para eles criou Deus o Universo.”

Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certo, a esses mundos há de ele ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição

de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes.

56. É a mesma a constituição física dos diferentes globos?

“Não; de modo algum se assemelham.”

57. Não sendo uma só para todos a constituição física dos mundos, seguir-se-á tenham organizações diferentes os seres que os habitam?

“Sem dúvida, do mesmo modo que no vosso os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.”

58. Os mundos mais afastados do Sol estarão privados de luz e calor, por motivo de esse astro se lhes mostrar apenas com a aparência de uma estrela?

“Pensais então que não há outras fontes de luz e calor além do Sol e em nenhuma conta tendes a eletricidade que, em certos mundos, desempenha um papel que desconheceis e bem mais importante do que o que lhe cabe desempenhar na Terra? Demais, não dissemos que todos os seres são feitos de igual matéria que vós outros e com órgãos de conformação idêntica à dos vossos.”

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos hão-de ser adequadas ao meio em que lhes cumpre viver. Se jamais houveramos visto peixes, não compreenderíamos pudesse haver seres que vivessem dentro d'água. Assim acontece com relação aos outros mundos, que sem dúvida contêm elementos que desconhecemos. Não vemos na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Que há de impossível em ser a eletricidade, nalguns mundos, mais abundante do que na Terra e desempenhar neles uma função de ordem geral, cujos efeitos não podemos compreender?

Bem pode suceder, portanto, que esses mundos tragam em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias a seus habitantes.

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro?

“É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.”

a) — *Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações.*

“Isto é consequência do que dissemos.”

65. *O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?*

“Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.”

66. *O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos?*

“Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.”

INTELIGÊNCIA E INSTINTO

71. *A inteligência é atributo do princípio vital?*

“Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.”

A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim:

1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos;

2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência;

3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar.

72. *Qual a fonte da inteligência?*

“Já o dissemos; a inteligência universal.”

ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS

76. *Que definição se pode dar dos Espíritos?*

“Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.”

Nota — A palavra *Espírito* é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extra corpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo.

78. *Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade?*

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável.

Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente.

Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.”

FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS

88. *Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?*

“Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.”

a) — *Essa chama ou centelha tem cor?*

“Tem uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.” Representam-se de ordinário os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, porque aí está a sede da inteligência.

PERISPÍRITO

93. *O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?*

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar *perispírito*, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

Os Espíritos, em geral, admitem **três categorias principais**, ou três grandes divisões. **Na última**, a que fica na arte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. **Os da segunda** se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. **A primeira**, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.

TERCEIRA ORDEM. – ESPÍRITOS IMPERFEITOS

102. Décima classe. ESPÍRITOS IMPUROS

103. Nona classe. ESPÍRITOS LEVIANOS

104. Oitava classe. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS

105. Sétima classe. ESPÍRITOS NEUTROS

106. Sexta classe. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES

SEGUNDA ORDEM. — BONS ESPÍRITOS

108. Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS

109. Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS

110. Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA

111. Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES

PRIMEIRA ORDEM. — ESPÍRITOS PUROS

112. CARACTERES GERAIS. — Nenhuma influência da matéria.

Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

113. Primeira classe. CLASSE ÚNICA. — Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de *ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação.*

Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. **Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores**, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. **Assistir os homens** nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. **São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.**

Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo.”

a) — De que natureza é esse laço?

“Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.”

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º — o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º — a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

3º — o princípio intermediário, ou *perispírito*, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.

136. *A alma independe do princípio vital?*

“O corpo não é mais do que envoltório, repetimo-lo constantemente.”

160. *O Espírito se encontra imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?*

“Sim, conforme à afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes aqueles seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo dos Espíritos e o *ajudam a desligar-se das faixas da matéria*. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar.”

ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS

172. *As nossas diversas existências corporais se verificam todas na Terra?*

“Não; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”

173. *A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para outro, ou pode ter muitas no mesmo globo?*

“Pode viver muitas vezes no mesmo globo, se não se adiantou bastante para passar a um mundo superior.”

a) — *Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?*

“Certamente.”

b) — *Podemos voltar a este, depois de termos vivido em outros mundos?*

“Sem dúvida. É possível que já tenhais vivido algures e na Terra.”

181. *Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?*

“É fora de dúvida que têm corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria.

Esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, consequentemente, de muitos graus essas moradas.

Alguns o sabem e desse fato têm consciência na Terra; com outros, no entanto, o mesmo não se dá.”

“Deus e o Seu Filho jogam juntos no seio do Cosmos. Ele é o Pai em toda a Sua perfeição e tem um Filho perfeito.

Claro que jogam um jogo muito bom, que consiste em transformar macacos em deuses.

O jogo só é excelente enquanto jogado segundo uma regra simples: - Os macacos não são autorizados a saber nada a respeito dos deuses...”.

“O motivo das perturbações que sentimos está nos Seres Cósmicos que jogam connosco (se conhecerem as verdadeiras matemáticas ser-vos-á fácil seguirem-me...).

Eles divertem-se a imaginar sistemas capazes de fabricar Seres Cósmicos por si próprios.”

“Se reflectirem, não deixarão de concordar que é um jogo muito divertido.

Mas, não posso deixar de indignar-me com os sofrimentos que os homens suportam devido ao jogo dos Seres Cósmicos.”

“Eles dizem-me que compreendem essa dor. De resto, também sofrem à sua maneira, e aperfeiçoaram um método susceptível de vir a fabricar, automaticamente, Seres Cósmicos, de modo a fazer uma segunda geração, mais apta a dominar os seus problemas do que eles próprios.”

“... A natureza conduz estes Seres Cósmicos a cometer a única falta de que são capazes: - O pecado da dissimulação.”

“Já é uma grande falta para um homem, mas que se torna terrível da parte de um Ser Cósmico: É aí que reside a sua angústia...”.

O que é que tem mais interesse para a Humanidade?

- O Progresso.

Mas, o Progresso em que direcção?

- Na direcção da Integração Cósmica, ou julgam vocês, por acaso, que podem ir para outro sítio?

Acontece que o progresso científico e técnico não foram acompanhados pelo progresso da Consciência.

Por isso, acaso julgam vocês que os Cósmicos aceitarão entre eles seres como os humanos, sabendo ao que se arriscam?

Se pensam que sim, peço-vos, encarecidamente, que leiam a história do Dilúvio, no Génesis Bíblico...

“Os deuses só nos olharão de frente quando nós mesmos tivermos um rosto...”.

183. Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?

“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.”

184. Tem o Espírito a faculdade de escolher o mundo onde passe a habitar?

“Nem sempre. Pode pedir que lhe seja permitido ir para este ou aquele e pode obtê-lo, se o merecer, porquanto a acessibilidade dos mundos, para os Espíritos, depende do grau da elevação destes.”

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

“Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso.

Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação.

Tornar-se-á um paraíso, quando os homens se houverem tornado bons.”

É assim que as raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras.

186. *Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?*

“Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.”

a) — *Parece resultar daí que, entre o estado correspondente às últimas encarnações e a de Espírito puro, não há linha divisória perfeitamente demarcada; não?*

“Semelhante demarcação não existe. A diferença entre um e outro estado se vai apagando pouco a pouco e acaba por ser imperceptível, tal qual se dá com a noite às primeiras claridades do alvorecer.”

215. *Que é o que dá origem ao caráter distintivo que se nota em cada povo?*

“Também os Espíritos se grupam em famílias, formando-as pela analogia de seus pendores mais ou menos puros, conforme a elevação que tenham alcançado. Pois bem! Um povo é uma grande família formada pela reunião de Espíritos simpáticos. Na tendência que apresentam os membros dessas famílias, para se unirem, é que está a origem da semelhança que, existindo entre os indivíduos, constitui o caráter distintivo de cada povo. Julgas que Espíritos bons e humanitários procurem, para nele encarnar, um povo rude e grosseiro? Não. Os Espíritos simpatizam com as coletividades, como simpatizam com os indivíduos. Naquelas em cujo seio se encontrem, eles se acham no meio que lhes é próprio.”

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma?

Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1° Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez adquirir?

2° Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3° Donde, em uns, as idéias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4° Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5° Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6° Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões?

Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditaes que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas

desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não.

Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se vêem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas?

Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será

recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porquanto inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral.

Como quer que seja, alegar-se-á talvez que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Não temos o intuito de tratar dessa questão neste momento. Basta-nos o havermos demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode estar em oposição a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência.

Que teria sido da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, se houvesse obstinadamente recusado a render-se à evidência e expulsado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da criação? Que crédito houvera merecido e que autoridade teria tido, entre povos cultos, uma religião fundada em erros manifestos e que os impusesse como artigos de fé? Logo que a evidência se patenteou, a Igreja, criteriosamente, se colocou do lado da evidência. Uma vez provado que certas coisas existentes seriam impossíveis sem a reencarnação, que, a não ser por esse meio, não se consegue explicar alguns pontos do dogma, cumpre admiti-lo e reconhecer meramente aparente o antagonismo entre esta doutrina e a dogmática. Mais adiante mostraremos que talvez seja muito menor do que se pensa a distância que, da doutrina das vidas sucessivas, separa a religião e que a esta não faria aquela doutrina maior mal do que lhe fizeram as descobertas do movimento da Terra e dos períodos geológicos, as quais, à primeira vista, pareceram desmentir os textos sagrados. Demais, o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho:

“Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado, dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias? Respondeu-lhes Jesus: É certo que Elias há-de vir e que restabelecerá todas as coisas.

Mas, eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão a morte ao Filho do homem. Compreenderam então seus discípulos que era de João Batista que ele lhes falava.” (São Mateus, cap. 17)

Pois que João Batista fora Elias, houve reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Em suma, como quer que opinemos acerca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, malgrado a todas as crenças em contrário. O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é anti-religioso.

Temos raciocinado, abstraindo, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda quando fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos igualmente adotado e não houvéríamos hesitado um segundo mais em renunciar às idéias que esposávamos.

Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma idéia falsa. Assim também, tê-la-íamos repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens. O melhor título que, ao nosso ver, recomenda a idéia da reencarnação é o de ser, antes de tudo, lógica. Outro, no entanto, ela apresenta: o de a confirmarem os factos, factos positivos e por bem dizer, materiais, que um estudo atento e criterioso revela a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais não há mais lugar para a dúvida. Quando esses fatos se houverem vulgarizado, como os da formação e do movimento da Terra, forçoso será que todos se rendam à evidência e os que se lhes colocaram em oposição ver-se-ão constrangidos a desdizer-se.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu.

As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho de São João, capítulo 3:

3. Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem ***não nascer de novo***, não poderá ver o reino de Deus.

4. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer já estando velho? Pode tornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez?

5. Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino de Deus. O

que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te tenha dito: *é necessário que torneis a nascer*.

232. *Podem os Espíritos errantes ir a todos os mundos?*

“Conforme. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado, o que, aliás, constitui o objetivo para que devem tender seus esforços, pois, do contrário, nunca se aperfeiçoaria. Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem dizer, consegue apenas entrevê-los, donde lhe nasce o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que gozam os que os habitam, para ser digno também de habitá-los mais tarde.”

233. *Os Espíritos já purificados descem aos mundos inferiores?*

“Fazem-no freqüentemente, com o fim de auxiliar-lhes o progresso. A não ser assim, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigi-los.”

MUNDOS TRANSITÓRIOS

234. *Há, de facto, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?*

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar.”

a) — *Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?*

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.”

235. Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progridem?

“Certamente. Os que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegará perfeição que os eleitos atingem.”

236. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não, a condição deles é meramente temporária.”

a) — Esses mundos são ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?

“Não; estéril é neles a superfície. Os que os habitam de nada precisam.”

b) — É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam?

“Não; são estéreis transitoriamente.”

c) — Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais?

“A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que dais o nome de belezas naturais.”

d) — Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?

“Já pertenceu.”

e) — Em que época?

“Durante a sua formação.”

Nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais?

Tê-los-ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista? Absurda, incompatível com a sabedoria que esplendem todas as suas obras e inadmissível desde que ponderemos na existência de todos os que não podemos perceber. Ninguém contestará que, nesta idéia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

UNIÃO DA ALMA E DO CORPO

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

345. É definitiva a união do Espírito com o corpo desde o momento da concepção? Durante esta primeira fase, poderia o Espírito renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?

“É definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso, porém, a criança não vinga.”

346. Que faz o Espírito, se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento?

“Escolhe outro.”

a) — Qual a utilidade dessas mortes prematuras?

“Dão-lhes causa, as mais das vezes, as imperfeições da matéria.”

347. Que utilidade encontrará um Espírito na sua encarnação em um corpo que morre poucos dias depois de nascido?

“O ser não tem então consciência plena da sua existência.

Assim, a importância da morte é quase nenhuma.

Conforme já dissemos, o que há nesses casos de morte prematura é uma prova para os pais.”

INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ACTOS

459. Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos actos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”

460. De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, freqüentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem.”

461. Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção.

Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

462. É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas idéias?

“Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.”

Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim acontecer.

463. *Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso. É exato?*

“Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.”

464. *Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?*

“Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.”

ANJOS-DE-GUARDA. ESPÍRITOS PROTECTORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

489. *Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*

“Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.”

490. *Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião?*

“O Espírito protector, pertencente a uma ordem elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protector?*

“A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.”

492. *O Espírito protector se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento?*

“Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.”

493. *É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protector?*

“O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.”

a) — *Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos?*

“Não; mas protege-os menos exclusivamente.”

494. *O Espírito protector fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda?*

“Frequentemente sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.”

495. *Poderá dar-se que o Espírito protector abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?*

“Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.”

AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÓMENOS DA NATUREZA

536. *São devidos a causas fortuitas, ou, ao contrário, têm todos um fim providencial, os grandes fenômenos da Natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos?*

“Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.”

539. *A produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é obra de um só Espírito, ou muitos se reúnem, formando grandes massas, para produzi-los?*

“Reúnem-se em massas inumeráveis.”

541. *Durante uma batalha, há Espíritos assistindo e amparando cada um dos exércitos?*

“Sim, e que lhes estimulam a coragem.”

Os antigos figuravam os deuses tomando o partido deste ou daquele povo. Esses deuses eram simplesmente Espíritos representados por alegorias.

545. *Pode, alguma vez, o general ser guiado por uma espécie de dupla vista, por uma visão intuitiva, que lhe mostre de antemão o resultado de seus planos?*

“Isso se dá amiúde com o homem de gênio. É o que ele chama inspiração e o que faz que obre com uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem, os quais se aproveitam das faculdades de que o vêem dotado.”

546. No tumulto dos combates, que se passa com os Espíritos dos que sucumbem? Continuam, após a morte, a interessar-se pela batalha?

“Alguns continuam a interessar-se, outros se afastam.”

Dá-se, nos combates, o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreendido e como que atordado. Julga não estar morto. Parece-lhe que ainda toma parte na ação. Só pouco a pouco a realidade lhe surge.

O BEM E O MAL

629. Que definição se pode dar da moral?

“A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal.

Funda-se na observância da lei de Deus.

O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.”

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

“O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.”

631. Tem meios o homem de distinguir por si mesmo o que é bem do que é mal?

“Sim, quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro.”

632. Estando sujeito ao erro, não pode o homem enganar-se na apreciação do bem e do mal e crer que pratica o bem quando em realidade pratica o mal?

“Jesus disse: vede o que querieis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis.”

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de reciprocidade ou de solidariedade, é inaplicável ao

proceder pessoal do homem para consigo mesmo. Achará ele, na lei natural, a regra desse proceder e um guia seguro?

“Quando comeis em excesso, verificais que isso vos faz mal. Pois bem, é Deus quem vos dá a medida daquilo de que necessitais. Quando excedeis dessa medida, sois punidos.

Em tudo é assim. A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades. Se ele ultrapassa esse limite, é punido pelo sofrimento. Se atendesse sempre à voz que lhe diz — *basta*, evitaria a maior parte dos males, cuja culpa lança à Natureza.”

634. Por que está o mal na natureza das coisas? Falo do mal moral. Não podia Deus ter criado a Humanidade em melhores condições?

“Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (115).

Deus deixa que o homem escolha o caminho.

Tanto pior para ele, se toma o caminho mau: mais longa será sua peregrinação. Se não existissem montanhas, não compreenderia o homem que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo.” (119)

636. São absolutos, para todos os homens, o bem e o mal?

“A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar.

O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade.”

638. Parece, às vezes, que o mal é uma consequência da força das coisas. Tal, por exemplo, a necessidade em que o homem se vê, nalguns casos, de destruir, até mesmo o seu semelhante.

Poder-se-á dizer que há, então, infração da lei de Deus?

“Embora necessário, o mal não deixa de ser o mal. Essa necessidade desaparece, entretanto, à medida que a alma se depura, passando de uma a outra existência. Então, mais culpado é o homem, quando o pratica, porque melhor o compreende.”

639. Não sucede freqüentemente resultar o mal, que o homem pratica, da posição em que os outros homens o colocam? Quais, nesse caso, os culpados?

“O mal recai sobre quem lhe foi o causador. Nessas condições, aquele que é levado a praticar o mal pela posição em que seus semelhantes o colocam

tem menos culpa do que os que, assim procedendo, o ocasionaram. Porque, cada um será punido, não só pelo mal que haja feito, mas também pelo mal a que tenha dado lugar.”

640. *Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outrem, é tão culpado quanto este?*

“É como se o houvera praticado. Aproveitar do mal é participar dele. Talvez não fosse capaz de praticá-lo; mas, desde que, achando-o feito, dele tira partido, é que o aprova; é que o teria praticado, se pudera, ***ou se ousara.***”

642. *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?*

“Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem.*”

643. *Haverá quem, pela sua posição, não tenha possibilidade de fazer o bem?*

“Não há quem não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra ensejo de o praticar. Basta que se esteja em relações com outros homens para que se tenha ocasião de fazer o bem, e não há dia da existência que não ofereça, a quem não se ache cego pelo egoísmo, oportunidade de praticá-lo. Porque, fazer o bem não consiste, para o homem, apenas em ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, todas as vezes que o seu concurso venha a ser necessário.”

644. *Para certos homens, o meio onde se acham colocados não representa a causa primária de muitos vícios e crimes?*

“Sim, mas ainda aí há uma prova que o Espírito escolheu, quando em liberdade, levado pelo desejo de expor-se à tentação para ter o mérito da resistência.”

645. *Quando o homem se acha, de certo modo, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se lhe torna um arrastamento quase irresistível?*

“Arrastamento, sim; irresistível, não; porquanto, mesmo dentro da atmosfera do vício, com grandes virtudes às vezes deparas. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes.”

646. *Estará subordinado a determinadas condições o mérito do bem que se pratique? Por outra: será de diferentes graus o mérito que resulta da prática do bem?*

“O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo.

Nenhum merecimento há em fazê-lo sem esforço e quando nada custe. Em melhor conta tem Deus o pobre que divide com outro o seu único pedaço de pão, do que o rico que apenas dá do que lhe sobra, disse-o Jesus, a propósito do óbolo da viúva.”

DIVISÃO DA LEI NATURAL

647. *A lei de Deus se acha contida toda no preceito do amor ao próximo, ensinado por Jesus?*

“Certamente esse preceito encerra todos os deveres dos homens uns para com os outros. Cumpre, porém, se lhes mostre a aplicação que comporta, do contrário deixarão de cumpri-lo, como o fazem presentemente. Demais, a lei natural abrange todas as circunstâncias da vida e esse preceito compreende só uma parte da lei. Aos homens são necessárias regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam grande número de portas abertas à interpretação.”

648. *Que pensais da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade?*

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do prisma pelo qual se considere o que quer que seja. A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”

OBJECTIVO DA ADORAÇÃO

649. *Em que consiste a adoração?*

“Na elevação do pensamento a Deus. Deste, pela adoração, aproxima o homem sua alma.”

650. *Origina-se de um sentimento inato a adoração, ou é fruto de ensino?*

“Sentimento inato, como o da existência de Deus. A consciência da sua fraqueza leva o homem a curvar-se diante daquele que o pode proteger.”

651. *Terá havido povos destituídos de todo sentimento de adoração?*

“Não, que nunca houve povos de ateus. Todos compreendem que acima de tudo há um Ente Supremo.”

ADORAÇÃO EXTERIOR

653. *Precisa de manifestações exteriores a adoração?*

“A adoração verdadeira é do coração. Em todas as vossas ações, lembrai-vos sempre de que o Senhor tem sobre vós o seu olhar.”

a) — *Será útil a adoração exterior?*

“Sim, se não consistir num vão simulacro. É sempre útil dar um bom exemplo. Mas, os que somente por afetação e amor-próprio o fazem, desmentindo com o proceder a aparente piedade, mau exemplo dão e não imaginam o mal que causam.”

654. *Tem Deus preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira?*

“Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes.

“Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele atrai a si todos os que lhe obedecem às leis, qualquer que seja a forma sob que as exprimam.

“É hipócrita aquele cuja piedade se cifra nos atos exteriores.

Mau exemplo dá todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz o seu procedimento.

“Declaro-vos que somente nos lábios e não na alma tem religião aquele que professa adorar o Cristo, mas que é orgulhoso, invejoso e cioso, duro e implacável para com outrem, ou ambicioso dos bens deste mundo. Deus, que tudo vê, dirá: o que conhece a verdade é cem vezes mais culpado do mal que faz, do que o selvagem ignorante que vive no deserto. E como tal será tratado no dia da justiça.

Se um cego, ao passar, vos derriba, perdoá-lo-eis; se for um homem que enxerga perfeitamente bem, queixar-vos-eis e com razão.

“Não pergunteis, pois, se alguma forma de adoração há que mais convenha, porque equivaleria a perguntardes se mais agrada a Deus ser adorado num idioma do que noutro. Ainda uma vez vos digo: até ele não chegam os cânticos, senão quando passam pela porta do coração.”

655. Merece censura aquele que pratica uma religião em que não crê do fundo da alma, fazendo-o apenas pelo respeito humano e para não escandalizar os que pensam de modo diverso?

“Nisto, como em muitas outras coisas, a intenção constitui a regra. Não procede mal aquele que, assim fazendo, só tenha em vista respeitar as crenças de outrem. Procede melhor do que um que as ridiculize, porque, então, falta à caridade. Aquele, porém, que a pratique por interesse e por ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens. A Deus não pode agradar o que finge humilhar-se diante dele tão-somente para granjear o aplauso dos homens.”

656. À adoração individual será preferível a adoração em comum?

“Reunidos pela comunhão dos pensamentos e dos sentimentos, mais força têm os homens para atrair a si os bons Espíritos. O mesmo se dá quando se reúnem para adorar a Deus. Não creiais, todavia, que menos valiosa seja a adoração particular, pois que cada um pode adorar a Deus pensando nele.”

VIDA CONTEMPLATIVA

657. Têm, perante Deus, algum mérito os que se consagram à vida contemplativa, uma vez que nenhum mal fazem e só em Deus pensam?

“Não, porquanto, se é certo que não fazem o mal, também o é que não fazem o bem e são inúteis. Demais, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não quer que só nele pense, pois que lhe impôs deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à Humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito.” (640)

A PRECE

658. *Agrada a Deus a prece?*

“A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração.

Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade.

Mas, não creiais que o toque a do homem fútil, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.”

659. *Qual o caráter geral da prece?*

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.”

660. *A prece torna melhor o homem?*

“Sim, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.”

a) — *Como é que certas pessoas, que oram muito, são, não obstante, de mau-caráter, ciosas, invejosas, impertinentes, carentes de benevolência e de indulgência e até, algumas vezes, viciosas?*

“O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas supõem que todo o mérito está na longura da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca, porém, ***um estudo de si mesmas***. A ineficácia, em tais casos, não é do remédio, sim da maneira por que o aplicam.”

661. *Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas?*

“Deus sabe discernir o bem do mal; a prece não esconde as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras.”

“Em verdade Vos digo que, se tiverdes FÉ e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira mas, até, se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito. E, tudo o que pedirdes, em Oração, CRENDO, o recebereis.”
Cristo – Mateus 21:21

662. *Pode-se, com utilidade, orar por outrem?*

“O Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e estes se associam ao bem que deseje fazer.”

O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal.

A prece que fazemos por outrem é um acto dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.

663. *Podem as preces, que por nós mesmos fizemos, mudar a natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso?*

“As vossas provas estão nas mãos de Deus e algumas há que têm de ser suportadas até ao fim; mas, Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto de vós os bons Espíritos e, dando-vos estes a força de suportá-las corajosamente, menos rudes elas vos parecem. Hemos dito que a prece nunca é inútil, quando bem-feita, porque fortalece aquele que ora, o que já constitui grande resultado.

Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará, bem o sabes.

Demais, não é possível que Deus mude a ordem da natureza ao sabor de cada um, porquanto o que, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, vos parece um grande mal é quase sempre um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males não se constitui o homem o próprio autor, pela sua imprevidência ou pelas suas faltas? Ele é punido naquilo em que pecou.

Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supondes. Julgais, de ordinário, que Deus não vos ouviu, porque não fez a vosso favor um milagre, enquanto que vos assiste por meios tão naturais que vos parecem obra do acaso ou da força das coisas. Muitas vezes também, as mais das vezes mesmo, ele vos sugere a idéia que vos fará sair da dificuldade pelo vosso próprio esforço.”

664. *Será útil que oremos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores?*

E, neste caso, como lhes podem as nossas preces proporcionar alívio e abreviar os sofrimentos?

Têm elas o poder de abrandar a justiça de Deus?

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora concita o desgraçado ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que se lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-vos, desse modo, que culpados vos tornaríeis, se não fizésseis o mesmo pelos que mais necessitam das vossas preces.”

673. *Não seria um meio de tornar essas oferendas agradáveis a Deus consagrá-las a minorar os sofrimentos daqueles a quem falta o necessário e, neste caso, o sacrifício dos animais, praticado com fim útil, não se tornaria meritório, ao passo que era abusivo quando para nada servia, ou só aproveitava aos que de nada precisavam?*

Não haveria qualquer coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar-se aos pobres as primícias dos bens que Deus nos concede na Terra?

“Deus abençoa sempre os que fazem o bem. O melhor meio de honrá-lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos. Não quero dizer com isto que ele desaprove as cerimônias que praticais para lhe dirigirdes as vossas preces. Muito dinheiro, porém, aí se gasta que poderia ser empregado mais utilmente do que o é. Deus ama a simplicidade em tudo. O homem que se atém às exterioridades e não ao coração é um Espírito de vistas acanhadas. Dizei, em consciência, se Deus deve atender mais à forma do que ao fundo.”

NECESSIDADE DO TRABALHO

674. *A necessidade do trabalho é lei da Natureza?*

“O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos.”

675. *Por trabalho só se devem entender as ocupações materiais?*

“Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.”

676. *Por que o trabalho se impõe ao homem?*

“Por ser uma conseqüência da sua natureza corpórea.

É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho.”

677. *Por que provê a Natureza, por si mesma, a todas as necessidades dos animais?*

“Tudo em a Natureza trabalha. Como tu, trabalham os animais, mas o trabalho deles, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação.

Daí vem que do trabalho não lhes resulta progresso, ao passo que o do homem visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais se cifra no cuidarem da própria conservação, refiro-me ao objetivo com que trabalham. Entretanto, provendo às suas necessidades materiais, eles se constituem, inconscientemente, executores dos desígnios do Criador e, assim, o trabalho que executam também concorre para a realização do objetivo final da Natureza, se bem quase nunca lhe descubrais o resultado imediato.”

678. *Em os mundos mais aperfeiçoados, os homens se acham submetidos à mesma necessidade de trabalhar?*

“A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho. Mas, não deduzais daí que o homem se conserve inativo e inútil. A ociosidade seria um suplício, em vez de ser um benefício.”

**Existe uma Raça de Homens
E uma Raça de Deuses.
Ambas receberam da mesma
Mãe o Sopro da Vida.
Mas forças distintas as
Mantêm separadas, de
Maneira que, enquanto a
Humana não é nada, a Divina
Escapou dos Céus incendiados;
Sua Serena Cidadela permanecerá
Eternamente.
(Píndaro).**



**Se tu quiseses ser um deus,
Sê digno disso.
A tua existência terrena
E a tua maneira de proceder
Devem estar de harmonia
Com a vontade dos deuses.
Deves seguir as Leis Éticas
Do Cosmos.
Então, os deuses não se sentirão
Envergonhados na tua presença
E falarás com eles de igual para igual.
(Chilam-Balam, dos Maias)**

ARQÂ e AREA.

**Os Textos Sagrados são formais quando nos comunicam que seres vindos de um planeta-irmão da Terra se mantiveram em relação com os homens santos do Judaísmo.
No seu livro Les Clefs Secrètes d’Israel, o Cabalista A. D. Grad fornece prova formal, fazendo a exegese de Jeremias: X-11.
Sigamos, na sua demonstração, o que escreve:
Este versículo diz:**

“Falar-lhes-eis assim: os deuses que não criaram nem a Terra nem o Céu desaparecerão da Terra e de debaixo dos Céus”.

**Este versículo insólito está redigido na Escritura, não em Hebreu mas em Língua Caldaica.
Este versículo em Caldaico termina, no entanto, por uma palavra em Hebreu.
Este versículo está numerado, como todos os outros versículos Bíblicos. Está numerado como o versículo que o precede e o que se segue.
Os versículos que precedem e que seguem são todos redigidos em Hebreu.**

No entanto, uma nota dos Rabinos Franceses que traduziram este versículo informa-nos que “este texto Caldeu parece provir de uma nota marginal”.

Uma nota marginal incorporada na Bíblia?

Uma nota marginal, tomada como versículo, se bem que em Língua Caldaica?

Uma nota marginal numerada?

Acontece que os Cabalistas são indivíduos minuciosos.

Onde se encontra, então, esse versículo insólito, em Caldaico, e que diz ele precisamente?

Nas palavras de Jeremias, diz-nos A. D. Grad, falta uma palavra na tradução: - A última, a palavra Hebraica ELLEH – Cela – não foi traduzida. Tem, no entanto, muita importância.

Mas, sobretudo, não está escrito com exactidão, o que dá uma tradução apressada, para nosso gosto.

A Bíblia é um livro que não se pode desnaturar. O que está escrito, está escrito e mal para quem tome liberdades exegéticas que a Santa Ciência reprova. A Lei é a Lei!

Portanto, temos que nos basear no texto Caldeu.

...

E o original Caldeu diz:

“Os ELÂYÂ (Elohim) que não criaram nem DI-CHEMAYÂ (o Céu) WE’ARQÂ (e Arqâ) serão exterminados de AREA (Terra)...”.

Observaremos, imediatamente, que há duas palavras parecidas: Arqâ e Área.

Arqâ é o nome Caldeu de uma “outra Terra”. Escreve-se com Qôf. Área é o nome Caldaico para a nossa Terra. Escreve-se com Ayinn. Não se pode traduzir: “Os Elohim que não fizeram o Céu e a Terra serão exterminados da Terra...”, mas sim: “O s Elohim que não fizeram o Céu nem Arqâ serão exterminados de Área”.

Para A. D. Grad a tradução literal do versículo é, portanto:

“Falar-lhes-ies assim: Os deuses que não fizeram o Céu nem Arqa serão exterminados da Terra e morrerão sob o Céu. Cela”.

Porque Arqâ existe.

Arqâ é um planeta.

Um planeta habitado.

Segundo o Zohar, vários dos habitantes desse planeta tiveram encontros com Rabis Judaicos, entre eles com Rabbi Yossé, testemunha prestigiosa e pouco suspeita.

Nesse encontro conversou-se em Hebreu...

“Deus e o Seu Filho jogam juntos no seio do Cosmos.

Ele é o Pai em toda a Sua perfeição e tem um Filho perfeito.

Claro que jogam um jogo muito bom, que consiste em transformar macacos em deuses.

O jogo só é excelente enquanto jogado segundo uma regra simples: -

Os macacos não são autorizados a saber nada a respeito dos deuses...”.

“O motivo das perturbações que sentimos está nos Seres Cósmicos que jogam connosco (se conhecerem as verdadeiras matemáticas ser-vos-á fácil seguirem-me...).

Eles divertem-se a imaginar sistemas capazes de fabricar Seres Cósmicos por si próprios.”

“Se reflectirem, não deixarão de concordar que é um jogo muito divertido.

Mas, não posso deixar de indignar-me com os sofrimentos que os homens suportam devido ao jogo dos Seres Cósmicos.”

“Eles dizem-me que compreendem essa dor. De resto, também sofrem à sua maneira, e aperfeiçoaram um método susceptível de vir a fabricar, automaticamente, Seres Cósmicos, de modo a fazer uma segunda geração, mais apta a dominar os seus problemas do que eles próprios.”

“... A natureza conduz estes Seres Cósmicos a cometer a única falta de que são capazes: - O pecado da dissimulação.”

“Já é uma grande falta para um homem, mas que se torna terrível da parte de um Ser Cósmico: É aí que reside a sua angústia...”.

O que é que tem mais interesse para a Humanidade?

- O Progresso.

Mas, o Progresso em que direcção?

- Na direcção da Integração Cósmica, ou julgam vocês, por acaso, que podem ir para outro sítio?

Acontece que o progresso científico e técnico não foram acompanhados pelo progresso da Consciência...

Por isso, acaso julgam vocês que os Cósmicos aceitarão entre eles seres como os humanos, sabendo ao que se arriscam?

Se pensam que sim, peço-vos, encarecidamente, que leiam a história do Dilúvio, no Génesis Bíblico...

“Os deuses só nos olharão de frente quando nós mesmos tivermos um rosto...”.

679. Achar-se-á isento da lei do trabalho o homem que possua bens suficientes para lhe assegurarem a existência?

“Do trabalho material, talvez; não, porém, da obrigação de tornar-se útil, conforme aos meios de que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Aquele a quem Deus facultou a posse de bens suficientes a lhe garantirem a existência não está, é certo, constrangido a alimentar-se com o suor do seu rosto, mas tanto maior lhe é a obrigação de ser útil aos seus semelhantes, quanto mais ocasiões de praticar o bem lhe proporciona o adiantamento que lhe foi feito.”

680. Não há homens que se encontram impossibilitados de trabalhar no que quer que seja e cuja existência é, portanto, inútil?

“Deus é justo e, pois, só condena aquele que voluntariamente tornou inútil a sua existência, porquanto esse vive a expensas do trabalho dos outros. Ele quer que cada um seja útil, de acordo com as suas faculdades.” (643)

681. A lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalharem para seus pais?

“Certamente, do mesmo modo que os pais têm que trabalhar para seus filhos. Foi por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural. Foi para que, por essa afeição recíproca, os membros de uma família se sentissem impelidos a ajudarem-se mutuamente, o que, aliás, com muita freqüência se esquece na vossa sociedade atual.” (205)

POPULAÇÃO DO GLOBO

686. É lei da Natureza a reprodução dos seres vivos?

“Evidentemente. Sem a reprodução, o mundo corporal pereceria.”

687. Indo sempre a população na progressão crescente que vemos, chegará tempo em que seja excessiva na Terra?

“Não, Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio. Ele coisa alguma inútil faz. O homem, que apenas vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.”

SUCESSÃO E APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS

688. *Há, neste momento, raças humanas que evidentemente decrescem. Virá momento em que terão desaparecido da Terra?*

“Assim acontecerá, de fato. É que outras lhes terão tomado o lugar, como outras um dia tomarão o da vossa.”

689. *Os homens atuais formam uma criação nova, ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?*

“São os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana, que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de decrescimento e de desaparecimento. Substituí-la-ão outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.”

O Joio e o Trigo - Os Híbridos - Humanos ou Extraterrestres?

"Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo, e retirou-se.

E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois, o joio?

Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso.

Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas trigo, recolhei-o no meu celeiro."



HÍBRIDOS

Segundo explica a ovniologia os híbridos são criaturas que vivem entre nós já faz um tempão. E se você pensou que esses mutantes são verdinhos e chifrudos, esqueça, caro leitor. Fisicamente, eles seriam iguaizinhos a nós, reles mortais. Só que com poderes especiais, como telepatia e leitura de mentes, por exemplo. Portanto, identificar um híbrido é tarefa para especialistas no assunto.

O escritor inglês David Icke, por exemplo, se diz bom nisso. Ele afirma com todas as letras que os ETs da raça reptiliana – répteis bípedes, com asas nas costas e rabos de lagarto – estão entre nós há mais de 10 000 anos transando adoidado com terráqueas. Seus filhos, netos, bisnetos e por aí vai seriam aqueles que controlam o destino do planeta: bancos, indústrias, mídia e governos. Quer ver exemplos de reptilianos capazes de mudar de forma? A rainha Elizabeth II, da Inglaterra, e o presidente americano George W. Bush. Alguns seguidores da teoria de Icke garantem que a morte da princesa Diana teria sido um ritual de sacrifício aos lagartões espaciais.

O caso Starchild. Humano ou ET?

Crânio encontrado



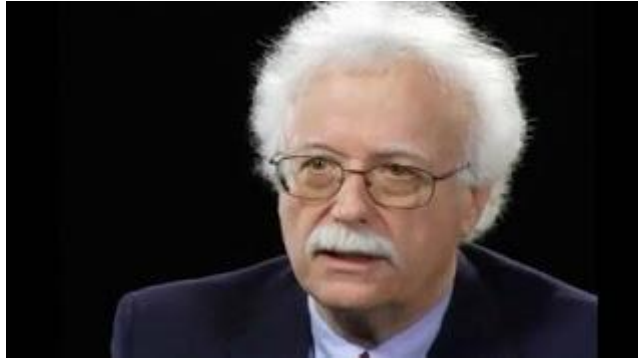
Reconstituição do rosto



O crânio de um suposto menino híbrido entre humano e extraterrestre encontrado no México em 1930 está dando o que falar. O crânio foi encontrado em uma caverna ao lado de um outro crânio comum de um adulto;

- Testes de datação apontam que ambos viveram em 900 DC, época em que os Astecas dominavam a região;**
- Testes de DNA surpreenderam os cientistas. Eles apontaram que o menino tinha mãe humana, mas que não apontam um pai. “O DNA mitocondrial não foi encontrado. Se ele tinha um pai, não era deste mundo”, afirma Lloyd Pye, um dos geneticistas encarregados da extração do DNA, e coordenador do projeto Starcheild;**
- O crânio é 20 % maior do que o de um menino normal. As narinas são muito pequenas, assim como a boca. Os olhos são grandes e arredondados. Segundo os pesquisadores, o cérebro do menino era 22 % maior do que o de um ser humano comum;**
- Para o diretor da UFO Magazine nos EUA, Bill Birnes, o crânio prova que Extraterrestres nos visitam há milhares de anos: “A reconstituição do rosto do menino mostrou que ele era idêntico ao rosto de muitos ETs avistados hoje e aos de muitos deuses desenhados por culturas passadas em pedras e outros suportes”, afirma;**

- Os Astecas tinham em sua mitologia a história de que deuses tinham vindo do céu para ajudá-los. O deus Quetzacoalt teria sido um desses deuses, que prometeu voltar. Quando os espanhóis chegaram na América, os astecas pensaram inicialmente tratar-se de Quetzacoalt;



David M. Jacobs PhD, Professor Associado de História da Universidade Temple, na Filadélfia.

Em sua teoria as abduções acontecem, por um só motivo:

Dominação e integração na sociedade humana!

Para chegar lá, existiriam quatro programas:

Programa de Abdução, que envolve indivíduos humanos seleccionados para serem abduzidos de todas as partes do mundo;



Programa de Procriação, que é o processo em que os aliens colectam óvulos e esperma humanos, alteram geneticamente o embrião fertilizado, incubam os fetos em hospedeiras humanas e fazem com que humanos interajam física e mentalmente com a prole para um apropriado desenvolvimento do híbrido.



Programa de Hibridação, em que os aliens aperfeiçoam os híbridos para torná-los cada vez mais humanos, porém, com poderes extraterrestres;



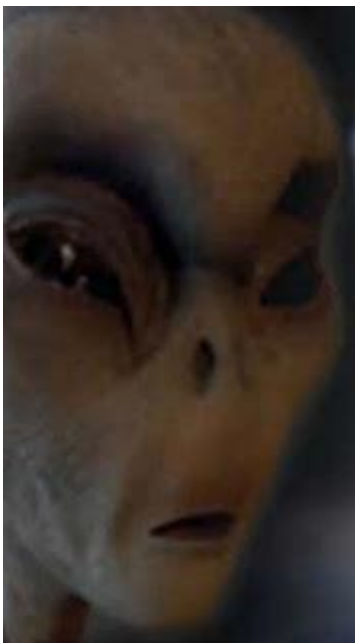
Programa de Integração, para quando, finalmente, os aliens assumirem o controlo da nossa sociedade.

Segundo Jacobs, o cruzamento se dá por inseminação artificial, homens ou mulheres escolhidos seriam abduzidos, levados à nave e, lá, teriam seus óvulos ou espermatozóides retirados para inseminação.

Normalmente, quem gesta o bebê é uma humana, que dá à luz na nave.



Depois, eles integram estes seres na nossa sociedade até que restem apenas híbridos, sob completo domínio e controle dos próprios aliens, explica Jacobs.



Estes híbridos podem apresentar emoções humanas, mas a lealdade deles pertence a seus criadores.

Híbridos, destinam-se a substituir os humanos, e possuem capacidade intelectual e psíquica aguda para apoiar as suas ambições. São estas qualidades que os tornam adequados para a eventual decisão sobre a humanidade no que diz respeito à obediência a seus superiores (Aliens).

Jacobs observou que o calendário dessa integração parecia nebuloso até por volta de 2003, quando começou a ouvir de abduzidos. Jacobs concluiu que isto já tem acontecido a tempos e que também continua acontecendo.

Entretanto ele admitiu que o histórico para trás, da integração híbrida, permanece um mistério. Jacobs suspeita de que, por causa da natureza clandestina, dos ETs, dada a sua aparente capacidade de controlo humano de mentes, essa hibridação tem o potencial para tornar-nos uma espécie de segunda classe em um futuro muito próximo. Há uma agenda. A evidência sugere que as abduções são, na verdade o resultado de um programa. Programas têm um objectivo. Você alcança a meta através de uma série de etapas.

Crânios de Extraterrestres encontrados no Peru, México e Egito



Foram descobertos treze crânios de seres alienígenas, extraterrestres, desenterrados e encontrados no México

Quando os arqueólogos escavaram o antigo local de enterro em “El Cementerio”, perto da aldeia mexicana de Onavas, eles fizeram uma descoberta chocante e surpreendente. Eles acharam e desenterraram 25 crânios, dos quais 13 eram extremamente alongados e pontudos na parte de trás e não pareciam ser inteiramente humanos, de seres da Terra.

O local do enterro foi descoberto por moradores da pequena vila de Onavas em 1999, quando o trabalho estava sendo

realizado para construir um sistema de irrigação. É o primeiro cemitério pré-hispânico encontrado no estado mexicano do norte de Sonora, e remonta há cerca de 1.000 anos.



Crânios alongados no Museu Ica, em Paracas, no Peru.

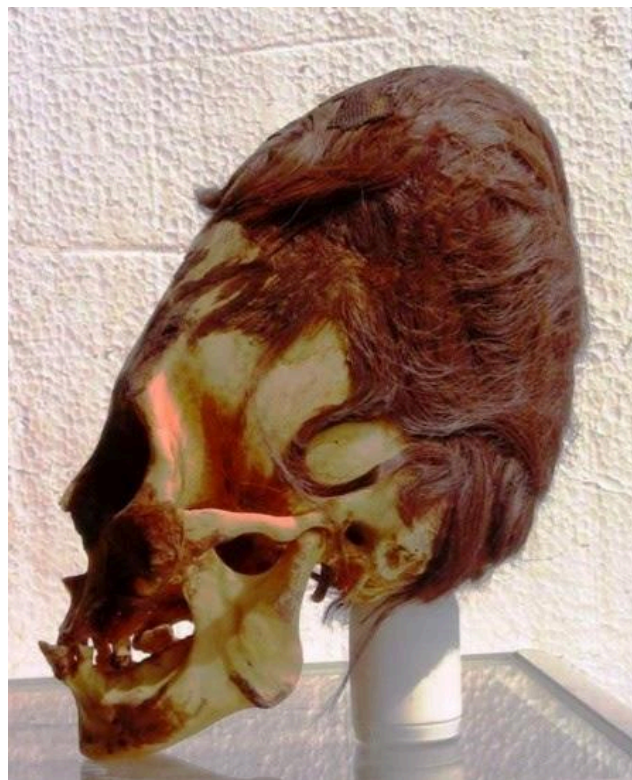
Dos 25 indivíduos desenterrados, 17 deles eram crianças entre 5 meses e 16 anos de idade e apenas 1 era do sexo feminino. As crianças não tinham sinais de doença ou algum trauma, indicando a causa da morte. Especialistas têm teorizado que a deformidade dos crânios foram intencionalmente produzidas através do ritual de achatamento da cabeça, também chamado de deformação craniana, em que o crânio é comprimido entre duas placas de madeira desde a infância.

Embora a prática fosse algo comum entre as populações pré-hispânicas da Mesoamérica e oeste do México, é a primeira vez que crânios alongados foram encontrados no norte do México. Os primeiros exemplos de deformação craniana remontam ao período Neolítico, cerca de 10.000 anos atrás, e a prática tem existido entre muitas culturas ao redor do mundo.



Crânios alongados no Museu Ica, em Paracas, no Peru.

A razão para a prática, contudo, é menos clara ainda. Algumas tribos têm relatado que eles acreditam que as pessoas com cabeças alongadas têm maior inteligência. Outras razões incluem o reforço da beleza, aumentar a posição social, ou torná-los parecendo mais ferozes na guerra. Brien Foerster, autor e especialista em crânios alongados, apresentou algumas das pesquisas mais espetaculares sobre o assunto. Ele descobriu que enquanto a maioria dos crânios mostram claros sinais de deformação craniana deliberada, há uma percentagem de crânios – aqueles encontrados em Paracus, no Peru – que são anatomicamente diferentes e que não podem ser explicadas por práticas de achatamento da cabeça. Estes crânios, disse ele, tem um volume craniano que é 25% maior do que os crânios humanos convencionais (a simples deformação craniana não aumenta o volume), e que pesam 60% a mais.



Em Paracas, no Peru os pesquisadores têm encontrado alguns grandes crânios alongados que são extremamente antigos. Em sua página do Facebook , Brien Foerster postou uma foto de um desses crânios antigos que ainda tem cabelo vermelho nele.

Brien Foerster apresentou outras diferenças: “esses crânios apresentavam dois pequenos furos na parte posterior do crânio, perpendicular à linha de sutura craniana presente na placa parietal do crânio. Cada crânio humano normal é composto por 3 grandes placas ósseas; placa frontal, que termina na parte superior da testa, e as duas placas parietais que estão por trás desta, cruzando a placa frontal fazendo um “T”.

Os buracos descobertos Lloyd atribui ser de origem natural, cada mandíbula humana tem um pequeno furo em cada lado, que é para os nervos e os vasos sanguíneos para sair e alimentar o tecido local, esses dois furos na parte de trás do crânio pode executar a mesma função para o crânio alongado. O outro fator é que há apenas uma placa parietal, onde deveria haver duas “. Estes resultados são bastante dramáticos, mas estranhamente nada foi declarado ou publicado em publicações tradicionais e relatórios de mídia sobre essa descoberta.

Os nativos tentaram copiar os crânios dos “deuses” através de práticas artificiais mas não é o caso destes crânios, muito mais velhos (na ordem dos milhares de anos) que as tribos a quem estes Extraterrestres civilizaram.

Além disso as “cópias” apresentam uma estrutura interna semelhante aos outros seres humanos, o que não é o caso destes crânios.

Quanto ao facto dos estudos feitos não terem sido publicados... a razão é óbvia...



Os Crânios de Paracas são de origem Não-Humana, comprova teste de DNA

Na região sul da costa do Peru está localizado o deserto de Paracas. Foi nesse cenário que o arqueólogo *Julio César Tello* em 1928, fez uma incrível descoberta.

Um sítio arqueológico com tumbas enterradas em enorme quantidade por debaixo da areia e das pedras.



Dentro dessas tumbas, Tello encontrou algo bastante controverso de acordo com a história humana que conhecemos. Os esqueletos tinham o crânio alongado, sendo os maiores já encontrados, sendo chamados de Crânios de Parada.

No total foram mais de 300 crânios encontrados datando mais de 3 mil anos de idade.

Eis que para sanar as dúvidas, uma pesquisa recente analisou o DNA em alguns dos crânios, apresentando resultados desafiadores para a atual perspectiva de evolução do ser humano.

Sabemos que outras culturas também têm praticado o alongamento do crânio ou algumas técnicas de deformação para diferentes finalidades.

Mas por que eles alongariam o crânio dessa maneira? Teriam tido contato com seres com tal aparência?

Algumas tribos da América do Sul costumavam amarrar a cabeça das crianças para conseguir tal forma em seus crânios. A pressão no crânio é capaz de mudar sua forma, mas não o peso ou o volume, sendo essas características padrões do crânio humano.

Porém os crânios de Paracas são diferentes. O tamanho é 25% maior e 60% mais pesado do que um crânio humano. Por isso alguns pesquisadores acreditam que eles não poderiam sofrer tais modificações apenas com técnicas de alongamento craniano.

Também há diferenças em sua estrutura, e tem apenas um osso parietal, enquanto nos humanos são normalmente duas.

Os crânios alongados foram encontrados em diversos locais além de Peru, Bolívia, Argentina, também foram achados em outras parte do planeta como no Egito, Austrália, Rússia e até na Austrália.

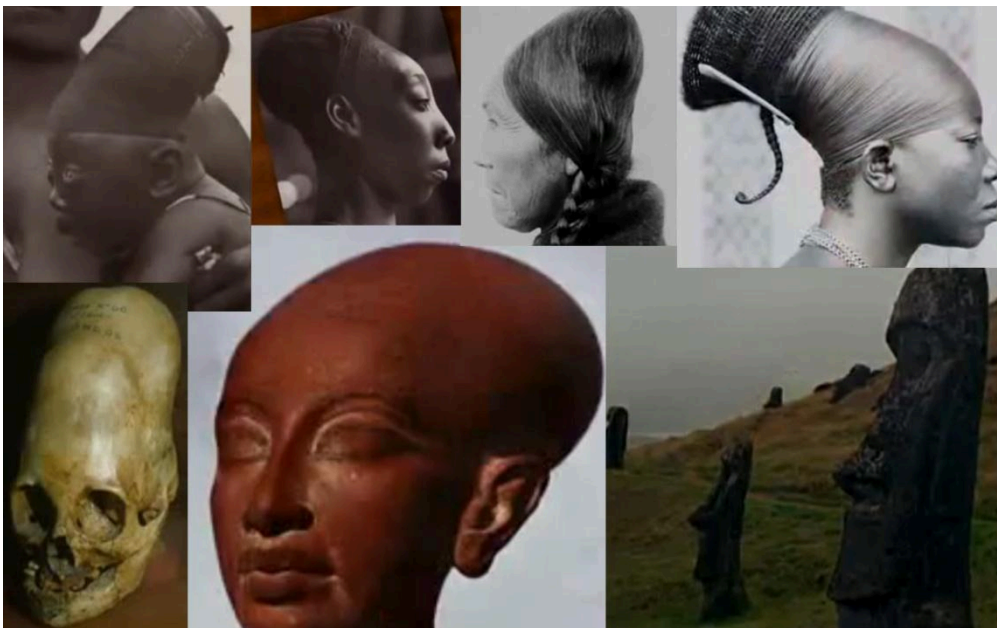
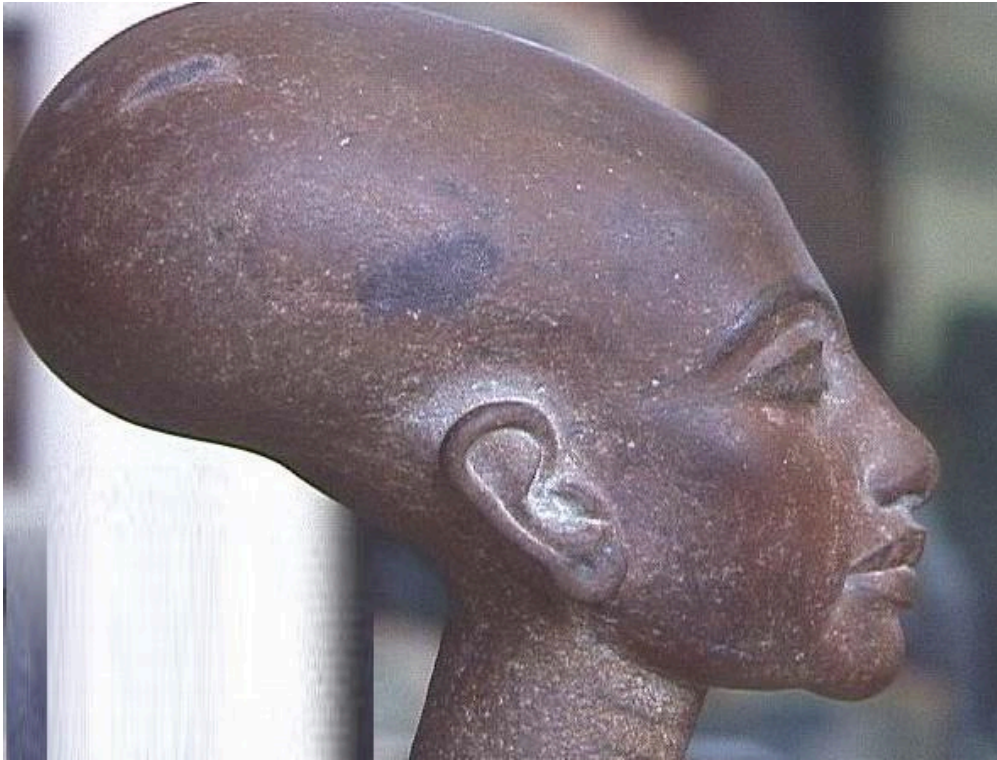


O diretor do Museu Histórico de Paracas enviou amostras de 5 crânios para o teste genético, e segundo o site [LockLip](#), o DNA mitocondrial (derivado da mãe) apresentou mutações desconhecidas de qualquer homem, primata ou qualquer animal.

Segundo o site, o laboratório onde o teste aconteceu permanece em anonimato devido as críticas recebidas e possíveis manipulações de resultado, o que levanta algumas suspeitas sobre a veracidade.



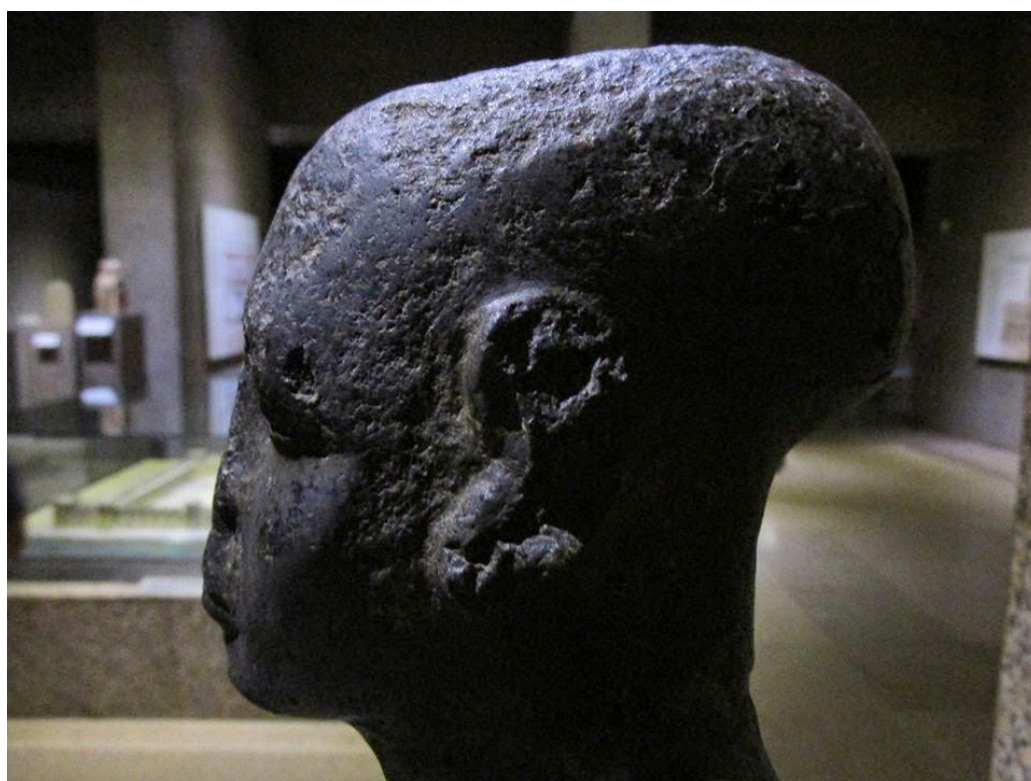
Para alguns estudiosos, apenas o facto de culturas ditas como 'primitivas' alongarem o crânio, com certeza seria uma forma de parecerem fisicamente com seus respectivos 'deuses', sempre oriundos das Estrelas.



As diferenças são evidentes e, como se diz no texto, a massa encefálica não pode ser aumentada...



A RAÇA DA REALEZA EGÍPCIA E MAIA













É possível deformar o crânio sim, mas não aumentar o volume interno. E estes comprovadamente tem volume 40 a 50% superiores ao do homem normal. Além disso, deformações nunca seriam tão simétricas, vertical, horizontal e radialmente! E nem totalmente iguais uma as outras. Ademais, deformação não explica nada; só constata o fato de que a nobreza ou clero estaria tentando parecer superior. Porém, com base em quê 'modelo' superior? A quem pretendiam imitar, se assemelhar, PARA parecerem superiores? Por fim a face, os olhos e especialmente os ossos da mandíbula não podem ser deformados. E são claramente distintos do homem comum. Exceto se pertencerem a uma raça humana desconhecida.



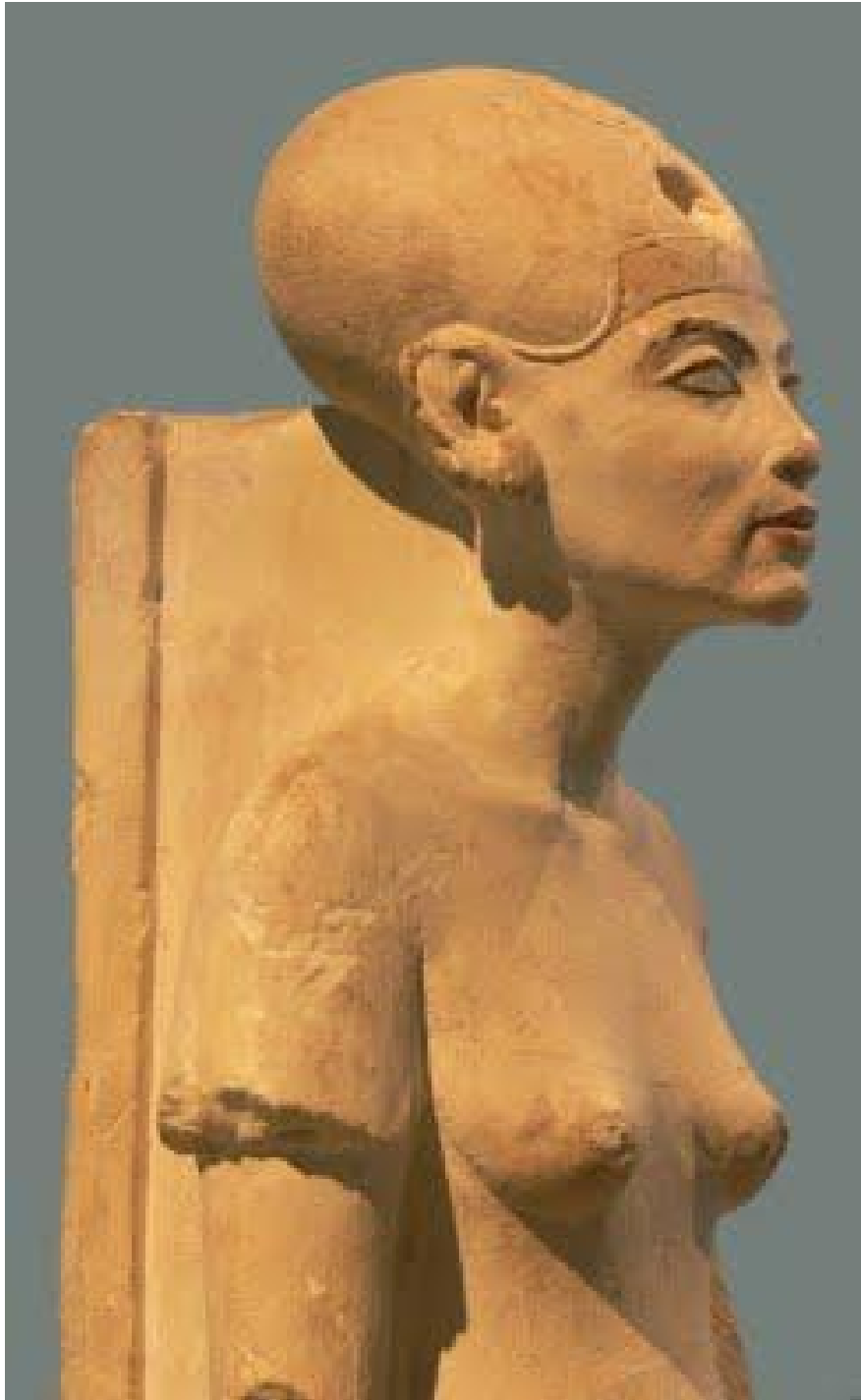


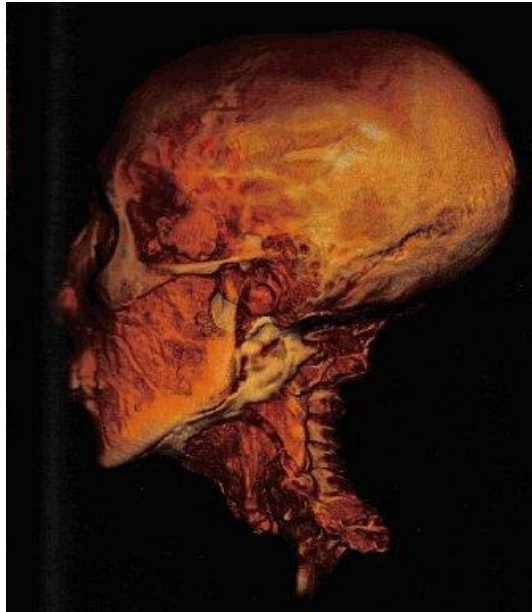
© RPPNoticias / César Zapata



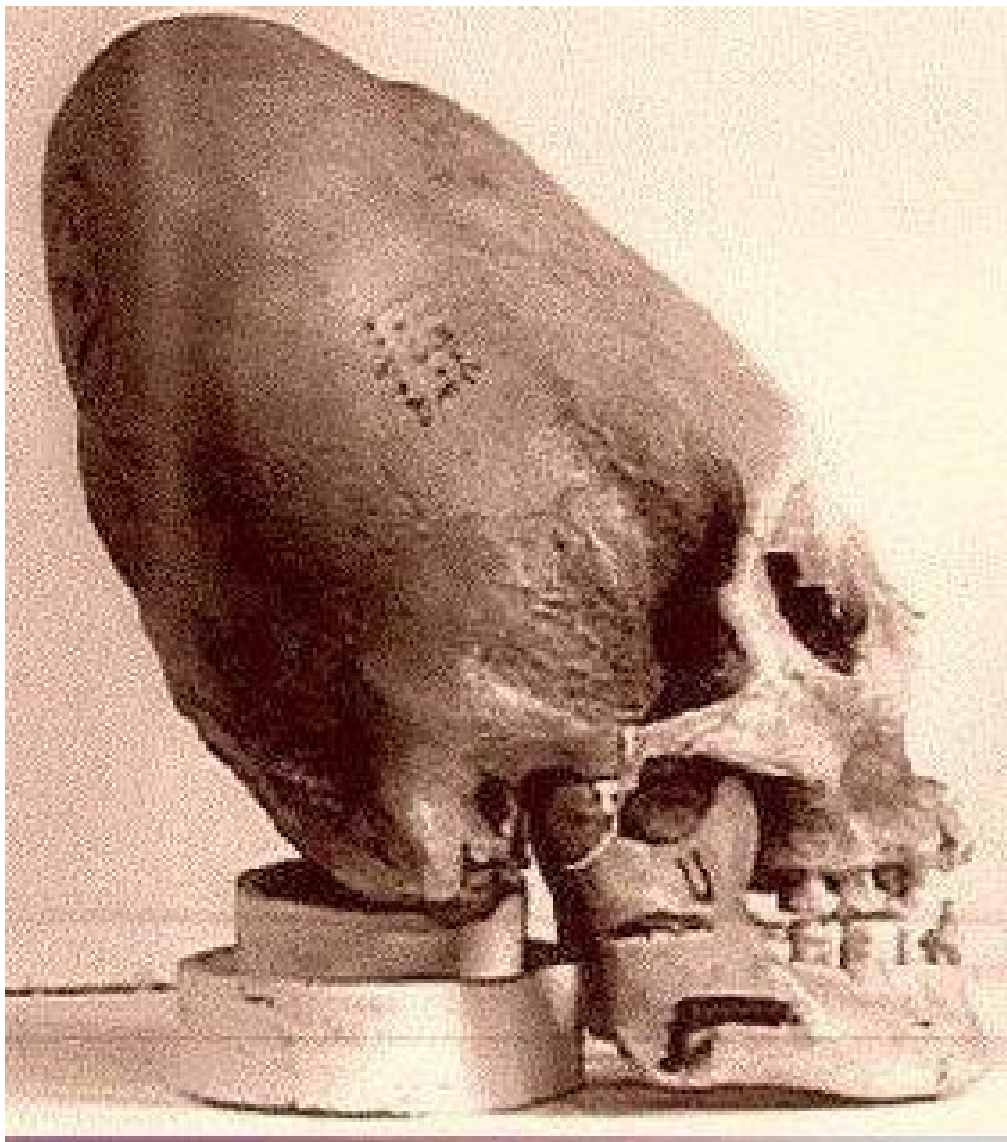
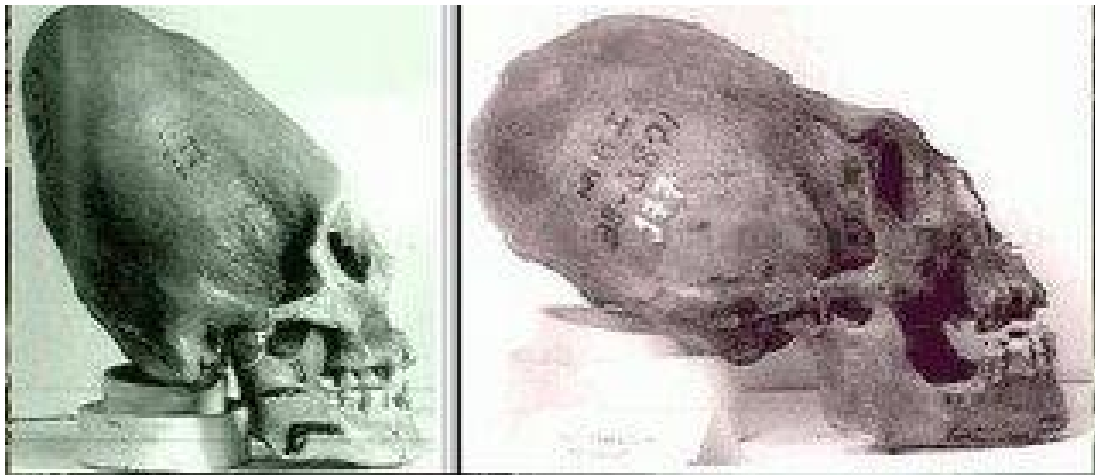


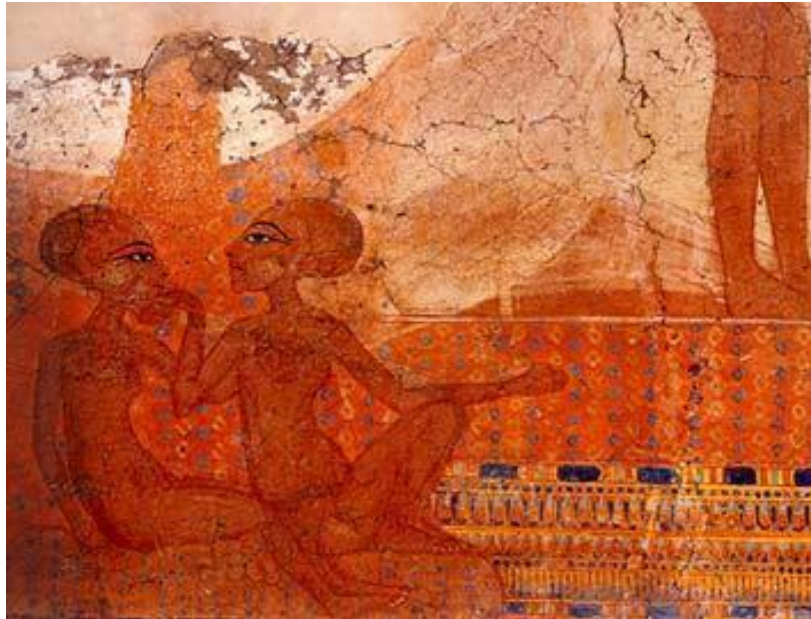






Estes crânios encontram-se expostos no Museu de Antropologia de Lima (Peru). Ainda causam controvérsia, pois não se encaixam totalmente nas técnicas das "deformações cranianas", empreendidas pelos antigos, que as usavam esses procedimentos com fins mágico-religiosos e estéticos.





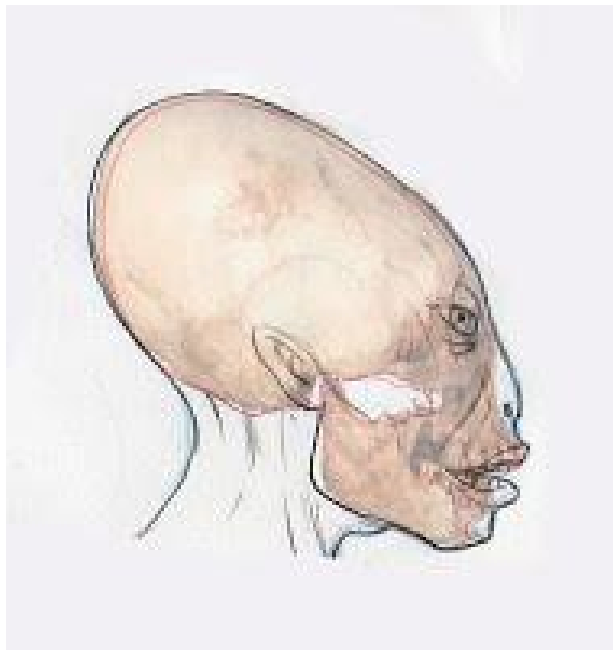
Esotéricamente, o Egito é um baú de mistérios ainda não revelados. Muitas lendas envolveram a construção das grandiosas pirâmides, sendo uma delas a possibilidade de que os antigos egípcios tinham contatos com outros planetas, e que sua população era descendente dos povos do perdido continente de Atlântida. Não se é comprovada a existência desse continente, mas de fato algumas pistas levam a crer que a Atlântida já existiu, assim como seu "irmão" Lemúria, também afundado no mar. Desde os primórdios da civilização egípcia, difundia-se na realeza daquele país uma raça estranha e diferente. Fato constatado nos bustos e murais da época. Tutankhamon foi, pois, o último integrante dessa raça diferente que reinava o Egito. Akhenaton é um exemplo nítido, já que em seu reinado as artes ganharam mais realismo e ele foi representado como ele realmente era. Possuíam o crânio longo e alto, o corpo cavalado, com ancas largas e o rosto alongado. Além do mais pesquisas feitas em múmias provam a existência de um sangue raríssimo correndo em suas veias e de toda família real. A própria mãe de Akhenaton, a rainha Tiy, tinha essa conformação andrógina e os cabelos loiros. Especula-se que os faraós do Egito eram realmente descendentes de Atlantes, pois o egípcio comum, não a realeza, não possuía essa diferença corporal. Aliás, eis a

explicação do motivo pelo qual as coroas faraônicas eram tão longas e vistosas, uma vez que o povo se revoltaria em saber que seus destinos estavam nas mãos de homens diferentes corporalmente. Com a morte de Tutankhamon, essa realeza "predestinada" se acabou, e o Egito foi governado por faraós não iniciados humanos, sendo um país conquistador e cruel, e mais tarde invadido por vários outros povos.

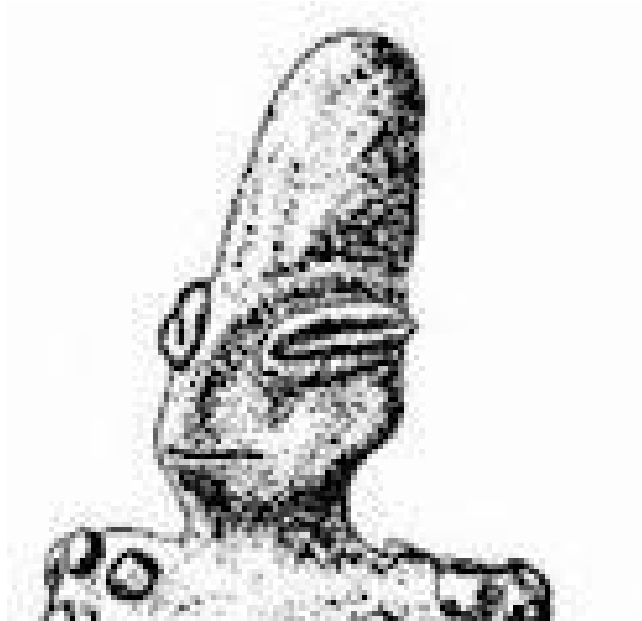
Sobre o Maias sabemos que uma astronave brilhante como o ouro pousou sobre a ilha do Sol do lago Titicaca. Dessa astronave desceu uma mulher semelhante às mulheres actuais quanto ao corpo, dos pés até aos seios; mas tinha a cabeça em forma de cone, grandes orelhas(1) e mãos apalmadas com quatro dedos. Os reis divinos, ou reis-pássaros falcões das primeiras dinastias egípcias não eram evidentemente falcões. Quetzacoatl do México, não era um pássaro-serpente. Os deuses chifrudos e alados ou então montados em cobras das mitologias do Oriente Médio não eram criaturas divinas, e não resta dúvidas quanto a essa questão... da descendência Divina, ainda insistimos em não aceitar a miscigenação de Humanos com seres vindos de outras estrelas, planetas e constelações?

Como os maias adquiriram profundo conhecimento do tempo continua um mistério, mas eles atribuíam este conhecimento a Kukulcan, um deus onisciente, que não tinha nenhuma semelhança com o povo de pele morena. Kukulcan era descrito como um homem alto e branco com longos cabelos e barbas brancas e brilhantes olhos azuis. Tinha o crânio alongado, o que fazia as mães maias amarrarem tábuas nas cabeças dos bebês para alongar os crânios. Por volta do ano 1000 d.C., por razões desconhecidas, Kukulcan deixou Chichen Itza e voltou para o mar, de onde muitos acreditam que ele viera. Antes de partir prometeu ao povo que um dia voltaria, mas isto nunca aconteceu.

CRÂNIO EXTRATERRESTRE, MAIS EVIDÊNCIAS



Enki, um deus Anunnaki

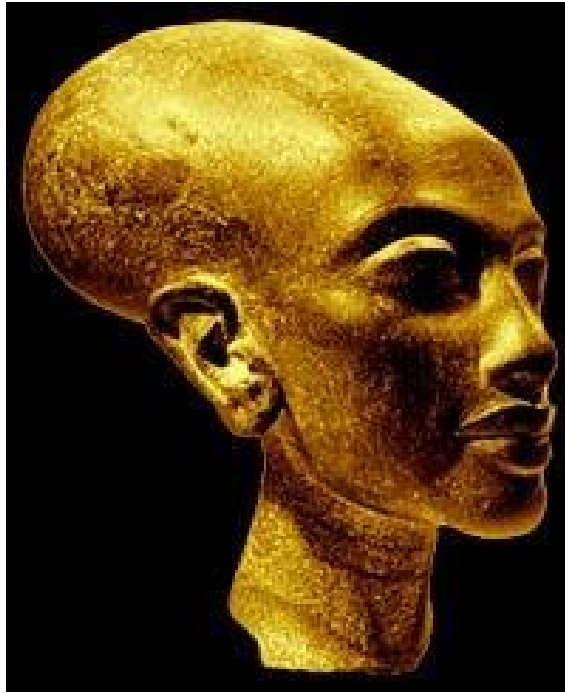


Um homem Anunnaki, o crânio aponta para cima



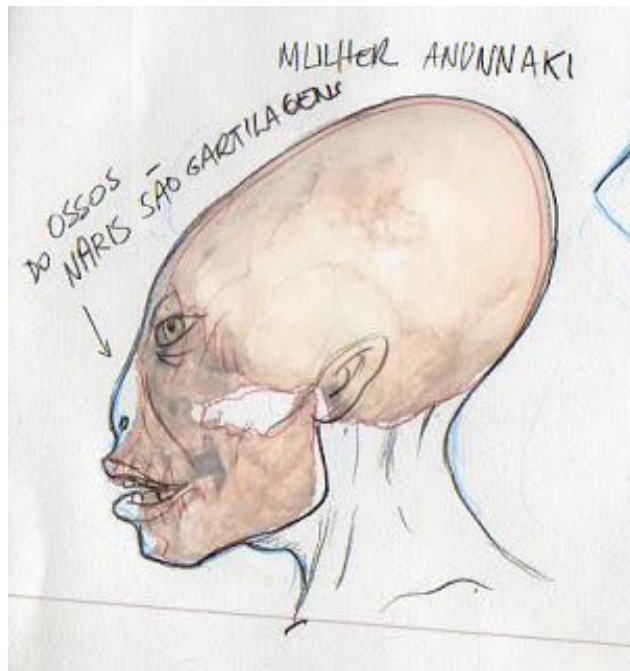
Mulher Anunnaki o crânio para trás.







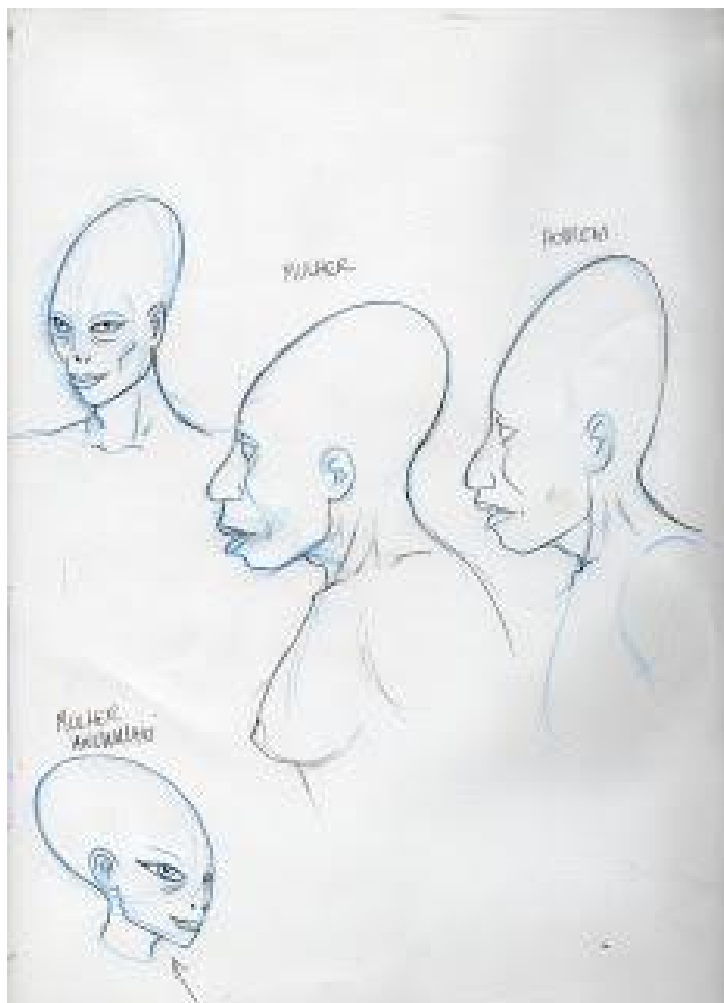
Aqui eu fiz uma adaptação do crânio Inca em uma imagem Maia, veja como encaixa perfeitamente

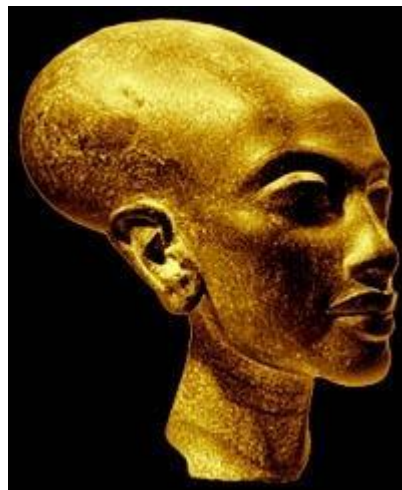


Fiz uma representação sobre o crânio encontrado em Machu Pichu, perceba que o crânio é muito estranho, não parece um crânio humano, parece híbrido! Há uma distância muito grande entre os olhos e o lugar onde se posiciona a mandíbula é bem maior que um crânio humano. O local onde seria o nariz é uma cartilagem e não pode ser preservada, sendo assim o nariz pode confundir os pesquisadores. O que eu descobri sem ver o crânio, logicamente, é que ele é um crânio híbrido humano/anunnaki.

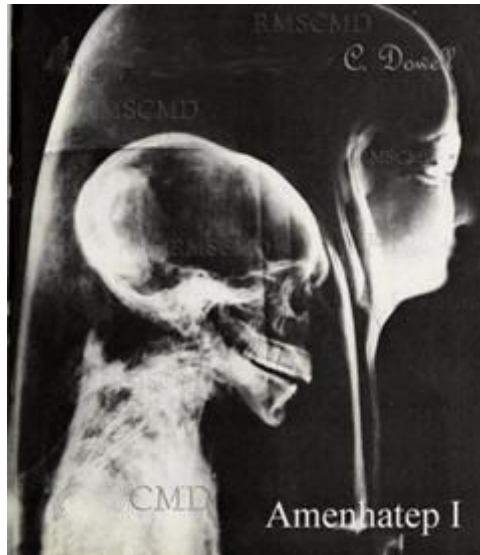
Os crânios femininos tem a formação para trás, veja nas imagens abaixo representações de crânios de homens e de uma mulher.

Na imagem abaixo você vê uma imagem de um crânio egípcio, perceba a semelhança com o desenho que eu fiz do crânio encontrado em Machu Pichu! A orelha e os olhos exatamente na mesma posição. Observe que a testa se junta ao nariz. Outro fato é que eu desenhei aquela imagem sem ver esse crânio egípcio, foi realmente uma coincidência eu encontrar essa imagem. Até a posição dos olhos e da orelhas ficaram exatas. Então os Incas tinham uma ligação com os egípcios também.



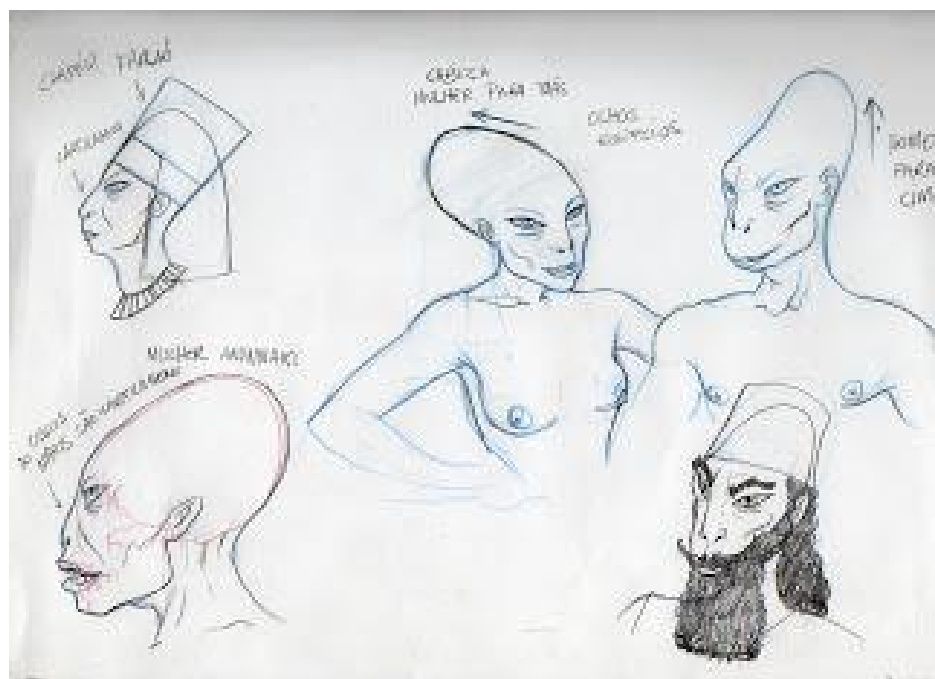


Observe que a posição da orelha, dos olhos, do nariz e boca são compatíveis entre os dois crânios. Um detalhe incrível é que os olhos são quase sempre amendoados. As semelhanças nos crânios podem representar a descendência Anunnaki. Alguns tinham maior descendência do que outros. No caso dos crânios Anunnaki encontrado no Perú, são muito mais Anunnakis do que no Egito!



Essas características são marcantes em todas as imagens egípcias, talvez isso significasse uma diferença que os tornavam líderes e reis. Essa não era uma característica física simplesmente, mas uma forma de diferenciá-los dos demais. A elite Anunnaki não confiava em quem não era um ascendente de Anunnaki, somente para eles é que os ensinamentos eram passados. Não vejo isso com uma certa desconfiança, mas como uma iniciação. Anunnakis teriam um cérebro mais capaz do que um que fosse humano como nós. Parece preconceito, mas não é não. Um crânio maior pode ter capacidades melhores e que demonstram inteligência.

As características humanas são mais híbridas do que uma característica Anunnaki, nós somos humanos mais emotivos e chorões, enquanto eles são mais lógicos e dominantes. Essa é uma característica de todos os reis egípcios, Incas e Maias. O domínio sobre outras civilizações é uma característica Anunnaki. Os Anunnakis já passaram por essas evoluções e hoje dominam a suas reações híbridas para a benevolência.



Seria fácil misturarem-se entre os humanos, principalmente usando roupas típicas, barbas, perucas e chapéus.



Escultura suméria de homem Anunnaki.



Essa foto é bem estranha, mas não é erro de edição, não. O crânio de um híbrido alien, tem essas características, ele projeta-se para frente. É muito fácil provar que os Anunnakis existiram, só falta um pouco de estudo e coragem de aceitar a verdade.

É preciso não esquecer que, segundo a Encíclica Papal Humani Generis, “os primeiros capítulos do Gênesis são, num verdadeiro sentido da palavra que compete aos exegetas precisar e definir, exposições históricas...”

Ora, “o que aconteceu no tempo de Noé, sucederá, também, no advento do Filho do Homem”, diz-nos o evangelista Mateus (XXIV, 37).

Para percebermos o que aconteceu nos “Tempos de Noé” temos que recuar ao tempo em que os “deuses” governavam directamente a Terra.

I-H-V-H.

Os místicos da Cabala, estudiosos da LEI, homens que mais se aproximam do conhecimento de Deus, afirmam “a impossibilidade de um conhecimento humano de Deus.”

Sendo ÚNICO, não se pode fazer Dele uma ideia por analogia.

Deus não pode ser concebido de outra maneira que pelo próprio Deus.

Não é visível senão aos olhos do ESPÍRITO.

“Haya, Hové, Ve Iéhié.”

I-H-V-H: as quatro consoantes Yod, Hé, Vav, Hé, letras principais das quatro palavras: Ele foi, Ele é, Ele será, ou seja, O ETERNO.

Ao fonetizar estas consoantes: Yéhova ou Jéhova.

Mas Jéhova não é o nome de Deus...

O Tetragrama Hebreu IHVH, que é uma definição de Deus, **não se deve enunciar.**

Pronuncia-se Adonai ... um plural...

...Ou, ainda, O ETERNO, Louvado seja Ele...

I-H-V-H:

Nunca foi, nem é o nome de Deus.

É um dos atributos d’Aquele que não pode ser nomeado...

OS AVATARAS DOS “ANJOS.”

“Quando os homens começaram a multiplicar-se à superfície da Terra e lhes nasceram filhas,

Sucedeu que os filhos dos deuses se aperceberam de que as filhas dos homens eram belas. Tomaram, para si, as mulheres de entre todas aquelas que haviam escolhido.

E Elohim disse, então: “O meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque ele ainda é carne. A sua existência foi de 120 anos.”

Naquele tempo havia gigantes sobre a Terra, assim como nos tempos que se seguiram (ao Dilúvio), pois quando os filhos dos deuses vieram ter com as filhas dos homens e estas lhes davam filhos, estes foram os heróis outrora conhecidos como homens de fama.

Elohim viu que era grande a malícia do homem sobre a Terra e que o único objecto dos pensamentos do seu coração era o mal.

Elohim arrependeu-se de ter criado o homem à superfície da Terra e o seu coração entristeceu-se.

Elohim disse, então: “ Suprimirei da superfície da Terra os homens que criei, desde os homens até aos animais, até aos répteis e até às aves do céu, porque me arrependo de os ter criado.”

Mas Noé caiu nas graças de Elohim.”

(Gén.6;1-8. Ref.1.)

Deus = El, ou Éloah,

Deuses = Elohim.

Bne’f-ha Elohim = Os Filhos dos Elohim.

Adoni = Meu Senhor,

Adonai = Meus Senhores.

Néphilim = “Gigantes caídos do Céu”.

Raça resultante da união entre humanos e os filhos dos deuses, fazendo parte dos “gibborim” (ref.1), os gigantes que, após o Dilúvio, deram origem aos heróis de grande fama da Antiguidade (recorde-se que, nas antigas grandes mitologias, os grandes heróis civilizadores eram, sempre, filhos de uniões entre deuses e humanos, ou seja, semideuses).

É preciso não esquecer que a Igreja Católica afirma que o Génesis é para ser considerado História verdadeira e que, entre outros, o Cardeal Daniélou, interrogado sobre o problema de saber se a teologia admitia a existência, à margem da nossa humanidade, de seres pensantes, responderia: “ Sem dúvida. O ensino constante dos dois

Testamentos e da Tradição da Igreja afirma essa mesma existência: tal é o caso dos Anjos, o que se esquece com demasiada frequência.”

Outro problema que se põe é o facto de, demasiadas vezes, aparecerem dois plurais para designar “Deus”.

Mas, o facto está lá:

“Shéma Israel, Adonai Elohéinou, Adonai ekhad.”

“Escuta Israel, os Deuses nossos Senhores são UM.”

Ora, a Bíblia Hebraica, o Livro Sagrado, é um texto “revelado”, de que nem uma palavra, nem uma letra foram alteradas no decurso de séculos.

É a “Mensagem”, transmitida de geração em geração, copiada sempre da mesma maneira e nunca alterada...

Portanto, existiam os Elohim – masculinos e os Elohim – femininos, que se casavam e tinham filhos – os Bne’f-ha Elohim que, por sua vez, além de se casarem entre si, também o faziam com seres humanos!

A pluralidade dos Elohim é, várias vezes demonstrada, na Bíblia...

E, se os Elohim não eram humanos, de onde teriam eles vindo?

Só poderia ser de fora da Terra!

Também, depois da expulsão do Paraíso, de Adão e Eva, que tiveram dois filhos homens, quando Caim mata Abel e é banido pelos Elohim, que diz Caim ?

“Expulsas-me hoje... e, obrigado a ocultar-me da Tua Face, serei um vagabundo percorrendo a Terra. Mas o primeiro a encontrar-me matar-me-á.” (Génese, IV, 14).

Que lhe responde Elohim?

“Não, se alguém matar Caim, este será vingado sete vezes.” E IHVH marcou-o com um sinal para que quem o viesse a encontrar não o matasse. (Génese, IV, 15).

**Ora, Caim “conheceu” a sua mulher. (Génese, IV, 17).
A sua mulher deu à luz Henoc e, deste, nasceu Irad.**

Por sua vez, Adão, o pai, faz outro filho a Eva, Seth (Gênesis, IV, 25).

“Quando Seth tinha 150 ano, engendrou Enós... Quando tinha este tinha 90 anos engendrou Cainan.” (Gênesis, V, 6 e 9). Depois, nasceu Lamec, de Irad, o qual vai precisar de duas mulheres. A Bíblia dá-nos os seus nomes, Ada e Cila... de onde surgem elas?

Como se vê, se a única mulher fosse Eva, teria de manter relações não só com Adão mas, também, com os filhos, os netos e os bisnetos!

Mas, DEUS proíbe o incesto!

E, de onde surgem Ada e Cila?

E, se após o assassinio de Abel, só existem Adão, Eva e Caim, sendo este expulso do convívio dos pais, quem poderia encontrá-lo e matá-lo?

**E, que faz Caim, expulso de casa?
Pois, toma mulher e constrói uma cidade!**

É o que está escrito!

A Bíblia especifica: YR – cidade e, não BAY IT, que significa casa. Seria Caim megalómano? Construir uma cidade para ele e a mulher (surgida de onde?)...

A Bíblia é clara: - YR = Cidade. Não é possível qualquer confusão!

Portanto, existiam mais seres humanos!

Assim, quando a Bíblia, no princípio, fala do Homem, refere-se a um ramo seleccionado... Os outros, continuam a existir fora do “Jardim do Paraíso”... e é para o meio deles que Caim vai viver, e é entre eles que escolhe mulher... e é para eles que é construída a cidade...

Além disso e para que não se esqueça o “parentesco” físico-espiritual, a BÍBLIA, quer no Antigo Testamento, quer no Novo Testamento, é muito clara:

- “Vós sois Deuses”.

Salmos, LXXX,6 - e - Cristo (João, X, 34).

... Uma das implicações desta afirmação é que, muitos desses “Extraterrestres” que por aí andam são nossos “primos”...

Entre outras coisas, a BÍBLIA é, de forma simplista, um “Livro de Extraterrestres.”

Para além do que acima se disse, podemos acrescentar mais o seguinte e só para exemplo:

**“Eu, IHVH, o ELOHIM de Jacob, sou um viajante do Espaço.”
“É IHVH-SHABAOT que passa revista ao exército para a batalha.
Eles chegam de uma Terra longínqua, nos confins do Céu.”
(Isaías, XIII, 4,5).**

**“E não vos esqueçais da hospitalidade porque, por esta, alguns, sem o saber, hospedaram Anjos.”
(Paulo, HB; 13:2)**

Quanto à propositada confusão entre IHVH e ELOHIM temos a misteriosa frase de Jacob ao partir, como seu pai Isaac, para tomar mulher em Harran...

Aí, IHVH não pode ser confundido com ELOHIM...

Portanto, IHVH e ELOHIM não representam a mesma coisa...

O “Enviado” de ELOHIM que vai ao encontro de Agar, a serva de Sara e de Abraão. (Gênesis, XVI, 7).

Quando ELOHIM aparece a Abraão, na planície de Mambré, está acompanhado de outros dois personagens.

Abraão trata-os como deuses, prostrando-se por terra:

“Abraão estava sentado à entrada da sua tenda, numa hora de grande calor... Ele viu Shaloshá Anashim (três homens) ... Correu até eles e prostrou-se por terra. E disse: Adonai (Meus Senhores), se estou em graça a teus olhos, não passes assim diante do teu servo! Que se vá buscar um pouco de água. Lavai os vossos pés e repousai debaixo desta árvore.” (Gênesis, XVIII, 1 a 4).

Como se vê, Abraão, ao ver estes três homens (Shaloshá Hanashim), reconheceu-os (pois não são como nós, sendo...) Prostra-se por terra e apelida-os de Adonai (Meus Senhores, no plural). Mas ele dirige-se aos três homens como se fossem UM SÓ!

**Melhor ainda, esses “três homens” falam de uma única voz!
(Gênesis, XVIII).**

É, portanto, preciso conhecer os originais para ver até que ponto os textos bíblicos foram falsificados...

No episódio acima e seguintes (Gênesis XVIII e XIX) esses três personagens são tratados como Anashim, IHVH, Adonai e Elohim, indistintamente.

Será possível que o texto bíblico, sagrado, cometa o sacrilégio de usar, indiferentemente, esses termos: os homens, Deus, os Meus Senhores, os Deuses (que são UM...), sem que esta assimilação seja intencional?

Que estes textos, no entanto, não vos confundam:

- DEUS EXISTE!

E está para além da limitada compreensão das suas criaturas humanas.

ELOHIM (os Deuses) Bíblico é uma SUA extensão...

Aliás, no Gênesis, ELOHIM, apesar da sua poderosa e avançada tecnologia, tem limitações bem evidentes. Veja-se o caso de Adão e Eva, após a desobediência destes:

Só quando o homem e a mulher confessam a sua desobediência é que ELOHIM toma conhecimento!

Até à data ignorava-o!

Fica, literalmente, furioso!

E, espalha-se em imprecações – ao longo de quase uma página – contra os três culpados!

Se ELOHIM não é o Deus Todo-Poderoso, mas o Viajante do Espaço, compreende-se a sua atitude...

“Eles ouviram os passos de IHVH, que passeava no Jardim, ao fresco do dia.

E o homem e a mulher esconderam-se da face de IHVH, entre as árvores do Jardim.”

(Gênesis, III, 8)

ELOHIM passeia-se... Ele não é um puro espírito: Ouvem-se os seus passos... Podem esconder-se dele...

O DEUS TODO-PODEROSO NÃO AGE ASSIM!

O Deus Todo-Poderoso, ao criar todo o Universo (visível e invisível) criou, também, as Leis que o regem, bem como todos os Seres que O servem...

A luta de Jacob com um dos Elohim é outro facto que demonstra não só a pluralidade dos Elohim mas, também, o facto de terem corpos físicos.

(Génese, XXXII).

Que estaria a fazer nesse local o Elohim com quem Jacob lutou? Não seria um dos Extraterrestres da base perto da qual Jacob passara? Alguns dias antes, “Jacob, ao prosseguir o seu caminho, encontrou Enviados Elohim”.

(Génese, XXXII, 2).

A coisa devia ser frequente pois Jacob não ficou nada impressionado! Ao vê-los, Jacob disse, simplesmente: “Zé makhané Elohim”, ou seja, “É um acampamento dos Elohim (Deuses). E deu ao local o nome de Makhanaim (os acampamentos, no plural).

(Génese, XXXII, 3).

Devia ser uma base importante...

Após o massacre feito por Jacob e os seus em Salem, é para esta base que eles fogem, quando perseguidos pelos habitantes da região...

... Não é por acaso que o local onde se encontrava essa base cosmonáutica se chamava BETEL...

BE'T-EL significa “Casa de Deus.”

Não se deve esquecer, também, que “Moisés conversava, face a face com IHVH, como um homem conversa com um amigo.”
(Êxodo, XXXIII, 11).

O texto hebreu diz, claramente, “Panaim Al Panaim”, face a face, indicação dada com insistência...

Muito mais tarde, quando David, perseguido pelo seu filho Absalão, precisou de refúgio, para onde se dirigiu ele?

Pois, para Makhanaim (maanain), isto é, para os “acampamentos Elohim”!

É lá que David procura refúgio e será Elohim a ajudá-lo a recuperar o seu poder.

A base cosmonáutica mantinha-se, pois, operacional!

Isto há cerca de três mil anos!

Aliás, quem conhecer os textos Védicos saberá que foi por essa época que os Deuses começaram a ocultar toda a Sabedoria Esotérica e todas as ciências ligadas ao Cosmos.

**Na Casa de Meu Pai
Há muitas moradas;
Se assim não fosse,
Eu vo-lo teria dito.
(João, XIV, 2).**

**Não perder de vista que, neste “Fim de Ciclo”, vai proceder-se à “separação do trigo do joio.”
E esses Seres Extraterrestres e outras Entidades vão participar no DRAMA que, em breve, muito em breve, vai desenrolar-se.**

Uma vez mais vamos assistir a grandes batalhas, na Terra e nos Céus:

**“E houve batalha no Céu:
Miguel e os seus Anjos
Batalhavam contra o Dragão,
E batalhava o Dragão e os seus Anjos;
Mas, não prevaleceram,
Nem mais se achou o seu lugar nos Céus.
E foi precipitado o grande Dragão, a antiga Serpente,
Chamada Diabo e Satanás,
Que engana todo o mundo;
Ele foi precipitado na Terra,
E os seus Anjos foram lançados com ele.”
(Apocalipse, de João, XII; 7-8-9).
Outro texto, entre muitos:**

**Os “Carros de Deus”
São vinte milhares.
Milhares de milhares.
O Senhor está entre
Eles como no Sinai,
No lugar Santo.
(Salmos, 68:17).**

No texto Talmúdico, Avoda Zara 3b, explica-se dentre outras coisas que “*DEUS Governa 18 mil Mundos*”, e diversos Rabis usam esta citação como uma das provas de vida extraterrestre.

Se DEUS governa 18 mil Mundos diferentes, certamente é porque estes Mundos necessitam de sua providência, e se isso é necessário, é porque seriam Mundos habitados.

Alguns nomes proeminentes do Judaísmo como o filósofo judeu espanhol, o Rabino Hasdai Crescas, já admitiam tal possibilidade há 600 anos atrás. E foi além, pois considerava na verdade que o número de Mundos poderia ser infinito, e que cada Mundo teria ele próprio suas esferas celestiais e infernais.

ARQÂ e AREA.

Os Textos Sagrados são formais quando nos comunicam que seres vindos de um planeta-irmão da Terra se mantiveram em relação com os homens santos do Judaísmo.

No seu livro Les Clefs Secrètes d’Israel, o Cabalista A. D. Grad fornece prova formal, fazendo a exegese de Jeremias: X-11.

Sigamos, na sua demonstração, o que escreve:

Este versículo diz:

“Falar-lhes-eis assim: os deuses que não criaram nem a Terra nem o Céu desaparecerão da Terra e de debaixo dos Céus”.

Este versículo insólito está redigido na Escritura, não em Hebreu mas em Língua Caldaica.

Este versículo em Caldaico termina, no entanto, por uma palavra em Hebreu.

Este versículo está numerado, como todos os outros versículos Bíblicos.

Está numerado como o versículo que o precede e o que se segue.

Os versículos que precedem e que seguem são todos redigidos em Hebreu.

No entanto, uma nota dos Rabinos Franceses que traduziram este versículo informa-nos que “este texto Caldeu parece provir de uma nota marginal”.

Uma nota marginal incorporada na Bíblia?

Uma nota marginal, tomada como versículo, se bem que em Língua Caldaica?

Uma nota marginal numerada?

Acontece que os Cabalistas são indivíduos minuciosos.

Onde se encontra, então, esse versículo insólito, em Caldaico, e que diz ele precisamente?

Nas palavras de Jeremias, diz-nos A. D. Grad, falta uma palavra na tradução: - A última, a palavra Hebraica ELLEH – Cela – não foi traduzida. Tem, no entanto, muita importância.

Mas, sobretudo, não está escrito com exactidão, o que dá uma tradução apressada, para nosso gosto.

A Bíblia é um livro que não se pode desnaturar. O que está escrito, está escrito e mal para quem tome liberdades exegéticas que a Santa Ciência reprovava. A Lei é a Lei!

Portanto, temos que nos basear no texto Caldeu.

E o original Caldeu diz:

“Os ELÂYÂ (Elohim) que não criaram nem DI-CHEMAYÂ (o Céu) WE’ARQÂ (e Arqâ) serão exterminados de AREA (Terra)...”.

Observaremos, imediatamente, que há duas palavras parecidas: Arqâ e Área.

Arqâ é o nome Caldeu de uma “outra Terra”. Escreve-se com Qôf.

Área é o nome Caldaico para a nossa Terra. Escreve-se com Ayinn.

Não se pode traduzir: “Os Elohim que não fizeram o Céu e a Terra serão exterminados da Terra...”, mas sim: “O s Elohim que não fizeram o Céu nem Arqâ serão exterminados de Área”.

Para A. D. Grad a tradução literal do versículo é, portanto:

“Falar-lhes-ies assim: Os deuses que não fizeram o Céu nem Arqa serão exterminados da Terra e morrerão sob o Céu. Cela”.

Porque Arqâ existe.

Arqâ é um planeta.

Um planeta habitado.

Segundo o Zohar, vários dos habitantes desse planeta tiveram encontros com Rabis Judaicos, entre eles com Rabbi Yossé, testemunha prestigiosa e pouco suspeita.

Nesse encontro conversou-se em Hebreu...

Não desenvolvo, por agora, o assunto mas fica uma ideia de

Extraterrestres que, outrora, habitaram entre os humanos e com eles acasalaram...

Noutros textos várias tribos falam dos Extraterrestres que entre eles habitaram...

Na Suméria, na Índia, em vários outros países, a presença Extraterrestre está bem documentada...

690. *Do ponto de vista físico, são de criação especial os corpos da raça atual, ou procedem dos corpos primitivos, mediante reprodução?*

“A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas, como pertencem todas à grande família humana, qualquer que tenha sido o tronco de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos.”

691. *Qual, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?*

“Desenvolvimento da força bruta, à custa da força intelectual. Agora, dá-se o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força do corpo. Todavia, faz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da Natureza, o que não conseguem os animais.”

MARCHA DO PROGRESSO

779. *A força para progredir, haure-a o homem em si mesmo, ou o progresso é apenas fruto de um ensinamento?*

“O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contacto social.”

780. *O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?*

“Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente.”
(192-365)

a) — *Como pode o progresso intelectual engendrar o progresso moral?*

“Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”

b) — *Como é, nesse caso, que, muitas vezes, sucede serem os povos mais instruídos os mais pervertidos também?*

“O progresso completo constitui o objetivo. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo o atingem. Enquanto não se lhes haja desenvolvido o senso moral, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. O moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se.” (365-751)

781. *Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?*

“Não, mas tem, às vezes, o de embaracá-la.”

a) — *Que se deve pensar dos que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?*

“Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. É uma *força viva*, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más.

Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforcem por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.

782. *Não há homens que de boa-fé obstam ao progresso, acreditando favorecê-lo, porque, do ponto de vista em que se colocam, o vêem onde ele não existe?*

“Assemelham-se a pequeninas pedras que, colocadas debaixo da roda de uma grande viatura, não a impedem de avançar.”

783. *Segue sempre marcha progressiva e lenta o aperfeiçoamento da Humanidade?*

“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto devera, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas idéias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações.

Nessas comoções, o homem quase nunca percebe senão a desordem e a confusão momentâneas que o ferem nos seus interesses materiais. Aquele, porém, que eleva o pensamento acima da sua própria personalidade, admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o bem. São a procela, a tempestade que saneiam a atmosfera, depois de a terem agitado violentamente.

784. *Bastante grande é a perversidade do homem. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?*

“Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai dia a dia reprimindo os abusos. Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”

785. *Qual o maior obstáculo ao progresso?*

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura.” (Vide: *Egoísmo*, cap. XII.)

Há duas espécies de progresso, que uma a outra se prestam mútuo apoio, mas que, no entanto, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro tem recebido, no correr deste século, todos os incentivos. Por isso mesmo atingiu um grau a que ainda não chegara antes da época atual. Muito falta para que o segundo se ache no mesmo nível. Entretanto, comparando-se os costumes sociais de hoje com os de alguns séculos atrás, só um cego negaria o progresso realizado. Ora, sendo assim, por que haveria essa marcha ascendente de parar, com relação, de preferência, ao moral, do que com relação ao intelectual? Por que será impossível que entre o século dezanove e o vigésimo quarto século haja, a esse respeito, tanta diferença quanta entre o décimo quarto século e o século dezanove? Duvidar fora pretender que a Humanidade está no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não é perfectível moralmente, o que a experiência desmente.

POVOS DEGENERADOS

786. *Mostra-nos a História que muitos povos, depois de abalos que os revolveram profundamente, recaíram na barbaria. Onde, neste caso, o progresso?*

“Quando tua casa ameaça ruína, mandas demoli-la e constróis outra mais sólida e mais cômoda. Mas, enquanto esta não se apronta, há perturbação e confusão na tua morada.

“Compreende mais o seguinte: eras pobre e habitavas um casebre; tornando-te rico, deixaste-o, para habitar um palácio. Então, um pobre diabo, como eras antes, vem tomar o lugar que ocupavas e fica muito contente, porque estava sem ter onde se abrigar. Pois bem! aprende que os Espíritos que, encarnados, constituem o povo degenerado não são os que o constituíam ao tempo do seu esplendor.

Os de então, tendo-se adiantado, passaram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto os outros, menos adiantados, tomaram o lugar que ficara vago e que também, a seu turno, terão um dia que deixar.”

787. *Não há raças rebeldes, por sua natureza, ao progresso?*

“Há, mas vão aniquilando-se *corporalmente*, todos os dias.”

a) — *Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?*

“Chegarão, como todas as demais, à perfeição, passando por outras existências. Deus a ninguém deserda.”

b) — *Assim, pode dar-se que os homens mais civilizados tenham sido selvagens e antropófagos?*

“Tu mesmo o foste mais de uma vez, antes de seres o que és.”

788. *Os povos são individualidades coletivas que como os indivíduos, passam pela infância, pela idade da madureza e pela decrepitude. Esta verdade, que a História comprova, não será de molde a fazer supor que os povos mais adiantados deste século terão seu declínio e sua extinção, como os da antiguidade?*

“Os povos, que apenas vivem a vida do corpo, aqueles cuja grandeza unicamente assenta na força e na extensão territorial, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se exaure, como a de um homem. Aqueles, cujas leis egoísticas obstam ao progresso das luzes e da caridade,

morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas, para os povos, como para os indivíduos, há a vida da alma. Aqueles, cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador, viverão e servirão de farol aos outros povos.”

789. O progresso fará que todos os povos da Terra se achem um dia reunidos, formando uma só nação?

“Uma nação única, não; seria impossível, visto que da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades, tornando indispensáveis sempre leis apropriadas a esses costumes e necessidades. A caridade, porém, desconhece latitudes e não distingue a cor dos homens. Quando, por toda parte, a lei de Deus servir de base à lei humana, os povos praticarão entre si a caridade, como os indivíduos. Então, viverão felizes e em paz, porque nenhum cuidará de causar dano ao seu vizinho, nem de viver a expensas dele.”

A Humanidade progride, por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e instruem. Quando estes preponderam pelo número, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos a tempos, surgem no seio dela homens de gênio que lhe dão um impulso; vêm depois, como instrumentos de Deus, os que têm autoridade e, nalguns anos, fazem-na adiantar-se de muitos séculos.

O progresso dos povos também realça a justiça da reencarnação.

Louváveis esforços empregam os homens de bem para conseguir que uma nação se adiante, moral e intelectualmente. Transformada, a nação será mais ditosa neste mundo e no outro, concebe-se. Mas, durante a sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem todos os dias.

Qual a sorte de todos os que sucumbem ao longo do trajeto? Privá-los-á, a sua relativa inferioridade, da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou também relativa será a felicidade que lhes cabe? Não é possível que a justiça divina haja consagrado semelhante injustiça.

Com a pluralidade das existências, é igual para todos o direito à felicidade, porque ninguém fica privado do progresso. Podendo, os que viveram ao tempo da barbaria, voltar, na época da civilização, a viver no seio do mesmo povo, ou de outro, é claro que todos tiram proveito da marcha ascensional.

Outra dificuldade, no entanto, apresenta aqui o sistema da unicidade das existências. Segundo este sistema, a alma é criada no momento em que nasce o ser humano. Então, se um homem é mais adiantado do que outro, é que Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que merecimento tem esse homem, que não viveu mais do que outro, que talvez haja vivido menos, para ser dotado de uma alma superior? Esta, porém, não é a dificuldade principal. Se os homens vivessem um milênio, conceber-se-ia que, nesse período milenar, tivessem tempo de progredir.

Mas, diariamente morrem criaturas em todas as idades; incessantemente se renovam na face do planeta, de tal sorte que todos os dias aparece uma multidão delas e outra desaparece.

Ao cabo de mil anos, já não há naquela nação vestígio de seus antigos habitantes. Contudo, de bárbara, que era, ela se tornou policiada. Que foi o que progrediu? Foram os indivíduos outrora bárbaros? Mas, esses morreram há muito tempo. Teriam sido os recém-chegados? Mas, se suas almas foram criadas no momento em que eles nasceram, essas almas não existiam na época da barbaria e forçoso será então admitir-se que ***os esforços que se despendem para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar almas imperfeitas, porém de fazer que Deus crie almas mais perfeitas.***

Comparemos esta teoria do progresso com a que os Espíritos apresentaram. As almas vindas no tempo da civilização tiveram sua infância, como todas as outras, ***mas já tinham vivido antes*** e vêm adiantadas por efeito do progresso realizado anteriormente.

Vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que se acha em relação com o estado em que atualmente se encontram.

De sorte que, os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm como consequência fazer que, de futuro, se criem almas mais perfeitas; têm, sim, o de atrair as que já progrediram, quer tenham vivido no seio do povo que se figura, ao tempo da sua barbaria, quer venham de outra parte. Aqui se nos depara igualmente a chave do progresso da Humanidade inteira. Quando todos os povos estiverem no mesmo nível, no tocante ao sentimento do bem, a Terra será ponto de reunião exclusivamente de bons Espíritos, que viverão fraternalmente unidos. Os maus, sentindo-se aí repelidos e deslocados, irão procurar, em mundos inferiores, o meio que lhes convém, até que sejam dignos de volver ao nosso, então transformado. Da teoria vulgar ainda resulta que os trabalhos de melhoria social só às gerações presentes e futuras aproveitam, sendo de resultados nulos para as gerações passadas, que cometeram o erro de vir muito cedo e que ficam sendo o que podem ser, sobrecarregadas com o peso de seus atos de barbaria. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente às gerações pretéritas, que voltam a viver em melhores condições e podem assim aperfeiçoar-se no foco da civilização. (222)

....

CIVILIZAÇÃO

790. *É um progresso a civilização ou, como o entendem alguns filósofos, uma decadência da Humanidade?*

“Progresso incompleto. O homem não passa subitamente da infância à maturidade.”

a) — *Será racional condenar-se a civilização?*

“Condenai antes os que dela abusam e não a obra de Deus.”

791. *Apurar-se-á algum dia a civilização, de modo a fazer que desapareçam os males que haja produzido?*

“Sim, quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência. O fruto não pode surgir antes da flor.”

792. *Por que não efetua a civilização, imediatamente, todo o bem que poderia produzir?*

“Porque os homens ainda não estão aptos nem dispostos a alcançá-lo.”

a) — *Não será também porque, criando novas necessidades, suscita paixões novas?*

“É, e ainda porque não progredem simultaneamente todas as faculdades do Espírito. Tempo é preciso para tudo.

De uma civilização incompleta não podeis esperar frutos perfeitos.”

(751-780)

793. *Por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa?*

“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primeira fase da civilização.”

A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas.

Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo.

Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a

civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral.

De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, por isso que tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.

O EGOÍSMO

913. Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?

“Temo-lo dito muitas vezes: o *egoísmo*. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Tendão, pois, todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. Fundando-se o egoísmo no sentimento do interesse pessoal, bem difícil parece extirpá-lo inteiramente do coração humano. Chegar-se-á a consegui-lo?

“À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.”

915. Por ser inerente à espécie humana, o egoísmo não constituirá sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?

“É exato que no egoísmo tendes o vosso maior mal, porém ele se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade

mesma. Ora, depurando-se por encarnações sucessivas, os Espíritos se despojam do egoísmo, como de suas outras impurezas. Não existirá na Terra nenhum homem isento de egoísmo e praticante da caridade? Há muito mais homens assim do que supondes. Apenas, não os conheceis, porque a virtude foge à viva claridade do dia. Desde que haja um, por que não haverá dez? Havendo dez, por que não haverá mil e assim por diante?”

916. *Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que, até, parece, o excita e mantém. Como poderá a causa destruir o efeito?*

“Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal, para que compreensível se fizesse a necessidade de extirpá-lo. Os homens, quando se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da *solidariedade*. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco e não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça.

Esse o reinado do bem, que os Espíritos estão incumbidos de preparar.”
(784)

917. *Qual o meio de destruir-se o egoísmo?*

“De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, *real* e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.

“O choque, que o homem experimenta, do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, ei-lo levado a ocupar-se consigo, mais do que com os outros. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a

homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensaram. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contacto. Em face do atual extravasamento de egoísmo, grande virtude é verdadeiramente necessária, para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, de ordinário, absolutamente lhe não agradecem. Principalmente para os que possuem essa virtude, é que o reino dos céus se acha aberto. A esses, sobretudo, é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, será posto de lado e sofrerá pelo abandono, em que se há de ver, todo aquele que em si somente houver pensado.” (785)

CONHECIMENTO DE SI MESMO

919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*

“Um sábio da antiguidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”

a) — *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

“Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar.

Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo-da-guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se brastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: ‘Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’

“Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos.

As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

“O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro se considera apenas econômico e providente; o orgulhoso julga que em si

só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos.

Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, consequentemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna.

Não trabalhai todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! Que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a idéia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenómenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos *O Livro dos Espíritos*.”

Foto do Lago Cote: nenhum indício de fraude ou montagem



A famosa fotografia do Lago Cote, tirada em 4 de setembro de 1971, a partir de um avião de mapeamento do governo da Costa Rica, a 10.000 pés de altitude do lago, é um dos poucos registros históricos que sobrevive às tentativas de explicações prosaicas.

No momento da foto, nenhum dos 4 tripulantes da aeronave - um especialista em fotografia aérea, um geógrafo, um topógrafo e o piloto - viu qualquer coisa anormal. O clássico disco voador só foi notado depois da revelação.

A imagem "vazou" nos anos 80: um dos tripulantes do vôo entregou ao ufólogo costa-riquenho Ricardo Vilchez. Os ufólogos Jacques Valleé e Richard Haines tiveram acesso à imagem, por negativos de segunda geração, incluindo as chapas anterior e posterior, que não apresentavam qualquer anomalia. Como trata-se de filme especial de mapeamento, a resolução e qualidade eram extraordinárias. Publicada em 1989, sua análise foi positiva, mas inconclusiva.

Um ano depois, Valleé e Haines obtiveram acesso aos negativos originais. Eles confirmaram não haver sinais de fraude. E, sem nenhuma marca visível no negativo, restava também pequena a chance de que o disco fosse causado por dano no negativo.

A conclusão: “A sorte na obtenção do negativo original resultou na confirmação de nossa especulação anterior de que o disco aéreo é certamente anômalo. Embora possa não ser inexplicável, é ao menos não-identificado”.

O disco voador de Rudi Nagora



Em 23 de maio de 1971, aproximadamente ao meio-dia e meio, uma das sequências de fotos de OVNI/UFO mais convincentes da história do fenômeno foi obtida por um músico na Áustria, na região de St. Lorenzen.

Rudi Nagora, de Munique, passava férias com sua esposa. Parou seu carro para olhar ao redor e inspecionar melhor a área, em busca de um local para visitar. De repente, teria ouvido um som diferente, vindo de cima.

Olhou e pode ver, segundo conta, um brilhante disco de prata, que se movia em um padrão de zig-zag. Nagora correu para o carro, de onde a

esposa não havia saído, e agarrou sua máquina fotográfica, uma Agfa-Clique.

Usou todas as 12 poses do rolo de filme colorido. O avistamento teria durado cerca de 5 minutos, com direito a fotos onde o disco é visto integralmente, e outra onde passa atrás das núvens.

As imagens de Nagora chegaram ao ufólogo Engenheiro Adolf Geighenthaler, que investigou o avistamento e encaminhou as fotos a vários analistas. O laboratório GSW (Ground Saucer Watch), o coronel Colman VonKeviczky, Von Illobrand Ludwiger, Adolf Schneider entre outros especialistas deram parecer positivo para um objeto insólito, excluindo a possibilidade de ser uma calota, um frisbee ou outro objeto atirado ao céu. Sua altitude foi estimada em cerca de 3600 pés.

As reproduções que apresentamos aqui vieram do site Ufoevidence.org, fornecidas por Michael Hensemman, que tem autorização de Nagora para divulgar as imagens em baixa qualidade para pesquisa. Mas há uma nota de copyright, informando que é possível comprar as imagens impressas do próprio autor:





(c) 2000 by Rudi Nagora. All rights reserved. High quality prints of this series (8x8 inches or 20x20 centimeters) can be ordered for only \$5 each/\$ 60,-- the series directly from the witness, whom I [Nota do editor: Michael Hensemman] asked to make them available for the UFO research community: Rudi Nagora, Robert Koch Str.7, D-82008 Unterhaching/Germany

Onda de OVNI triangular na Bélgica



A imagem original, sem tratamento: apenas luzes indicativas de um objeto de formato triangular

Em 1989 e 1990, a Bélgica experimentou uma intensa onda de aparições de UFOs, a maioria destes com um formato peculiar: triangulares.

A imagem aqui apresentada é considerada um dos melhores registros de um OVNI da chamada "onda belga". Foi obtida em 4 de abril de 1990, por um mecânico morador de uma região denominada Petit-Rechain, nas cercanias da cidade de Liege. Duas versões dela circulam na Ufologia. Ambas são apresentadas aqui. A primeira, mais próxima do cromo original, mais escura, e outra com brilho e contraste realçados. Não há informações precisas de qual pesquisa foi a primeira a produzir o realce.

O autor bateu 2 "chapas" com uma câmera Kodak Ektachrome ED, usando filme iso 200. O equipamento, modelo reflex, usava objetiva zoom 55 - 200mm, com filtro para amplificação de luz noturna. As tomadas foram feitas com abertura de diafragma 4, com o disparador no modo pausa B e tempo de exposição de 1 a 2 segundos. A objetiva estava ajustada para 100-150 mm. A segunda chapa ficou completamente escura.

O cromo original foi analisado pelo professor Marc Acheroy, do Centro de Processamento de Imagens da Escola Militar Real, em Bruxelas, entre diversos outros pesquisadores. Nenhuma das análises foi conclusiva acerca da origem do fenômeno, exceto que se tratava de um objeto verdadeiro, sólido, fotografado em vôo e não uma trucagem. E, pelo incrivelmente lento movimento do objeto descrito pelo mecânico, a hipótese de uma aeronave convencional ficou bastante prejudicada, a despeito da possibilidade aventada de tratar-se de algum projeto de avião secreto.

A espetacular onda belga levou a Força Aérea daquele país, sob ordens do então ministro da defesa, Guy Coeme, a trabalhar em cooperação com a Sociedade Belga para o Estudo de Fenômenos Espaciais e pesquisadores acadêmicos. No entanto, essa foto, e grande parte das aeronaves triangulares observadas e registradas na onda belga (inclusive detectadas por radar e perseguidas por caças) permanecem inexplicadas diante do conhecimento científico convencional.



Aqui, já com intensificação de brilho e contraste, evidenciando os contornos do objeto

OVNIs Diurnos

Rara foto aérea na Itália



Objeto fotografado por Giancarlo Cecconi e registrado no radar sobre os céus da Itália

Giancarlo Cecconi, marechal e piloto do 14º Grupamento de Caças de Treviso, na Itália, conseguiu 82 imagens de um objeto muito estranho. O fato ocorreu em 18 de junho de 1979, quando ele (então com mais de 15 mil horas de voo) pilotava um caça G-91R no retorno de uma missão de reconhecimento. Quando se preparava para o pouso no Aeroporto de Sant'Angelo (próximo de Milão) aconteceu o encontro. Especulou-se, na época, que tratava-se de um balão solar (saco plástico cilíndrico que sobe devido ao aquecimento do ar sob o sol), uma febre que tomava conta da Itália. E essa foi a versão que a imprensa assimilou, quando um mês

depois algumas imagens chegaram ao público através dos jornais. E não foi a mesma das autoridades militares, que descartaram a hipótese. O fato é que Giancarlo foi avisado pelo radar sobre a presença do objeto quando iniciou a perseguição, a 11 mil pés de altitude. Suas dimensões aproximadas, segundo o piloto, eram 8 metros de comprimento, por 3 metros de diâmetro. A imagem acima, extremamente rara, é uma das mais impressionantes, liberadas apenas em 13 de julho de 1984, resultado de uma ação do Centro Ufológico Nacional (CUN), da Itália, contra a Aeronáutica Militar Italiana.

OVNI na Estrada



Júlio, Paulo e Pedro (sobrenomes resguardados) voltavam de Castro (PR) quando fotografaram esse estranho objeto num trecho da estrada que liga Curitiba a Ponta Grossa (PR), em fevereiro de 2000. Segundo eles, o objeto voava lentamente sobre o campo, a uma distância aproximadamente de 400 metros. Após terem parado o carro e registrado o OVNI em fotografia, o objeto subiu lentamente e, em uma fração de segundo, acelerou e desapareceu.



A máquina fotográfica utilizada no momento foi uma chinesa do tipo Sports 35, que possui, como principal recurso, quatro objetivas que são acionadas em seqüência, produzindo no negativo quatro imagens ao invés de uma. A máquina é de 35 mm, com lentes de elementos simples, velocidade do obturador de 1/100 e com intervalo de exposição de 0,22 segundos por chapa. O filme utilizado é um Kodak 400 ISO.

(Fonte: Revista Ufo nº 74)

FOTOS DE OVNI's ANTERIORES A 1947.

A grande maioria dos pesquisadores do fenómeno dos discos voadores, considera como sendo o início da "Era Moderna da Ufologia" o período posterior à observação feita pelo piloto civil, Kenneth Arnold, no dia 24 de Junho de 1947. Não que avistamentos anteriores não tivessem ocorrido, mas nenhum deles alcançou a repercussão e a divulgação que teve o relato de Arnold.

Segundo o piloto, durante um voo sobre a costa oeste dos Estados Unidos, próximo ao Monte Rainier, à procura de um avião que havia caído, ele observou nove objectos de formato discoidal, com luz própria, e desenvolvendo enorme velocidade.

A notícia circulou o mundo todo e o termo "disco voador" (flying saucer), graças ao jornalista Bill Bequette, começou a se firmar. Pela grande experiência de Arnold, a possibilidade de um erro de interpretação foi excluída na época.

A partir desta data, com a história levantada, houve uma febre de avistamentos e muitas pessoas, buscando destaque, passam a forjar imagens, o que levou a generalização de que tudo é falso ou ilusório.

A importância desta documentação fotográfica que agora apresentamos é que quando as imagens foram obtidas ainda não existia nenhum motivo razoável para se forjar situações ufológicas, mesmo porque a maioria absoluta dos fotógrafos não tinham a menor ideia do que era aquilo.



Esta fotografia mostra uma formação de nuvens em cima do cume da Mt. Washington no Inverno de 1870 - 1871.

Junto, uma surpresa! Pode-se ver, no meio das nuvens, um objecto na forma de charuto.

A imagem faz parte de um stereoview antigo.

A descrição diz: " Mt para ÁPICE". Washington, Inverno de 1870-1871. Registrado em Act of Congress no ano 1871, por CLOGH & KIMBALL, no Office of the Librarian of Congress, em Washington



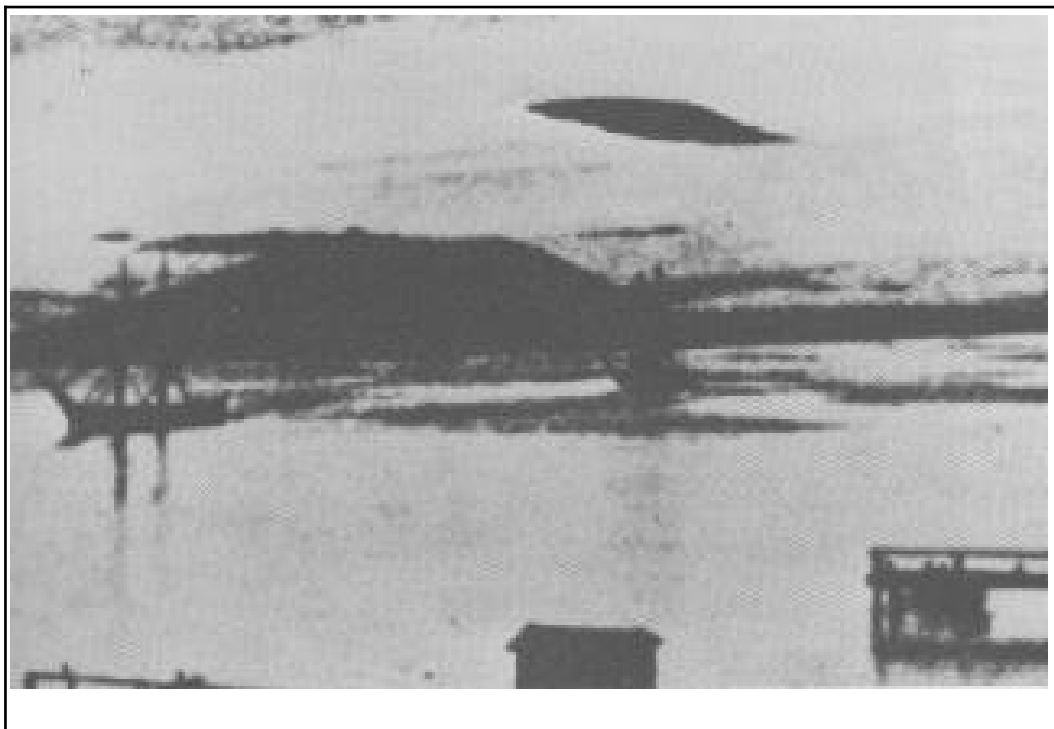
Esta é uma das fotos mais antigas de OVNI.

Foi tirada no dia 12 de Agosto de 1883, pelo astrónomo Jose Bonilla, no Observatório de Zacatecas, no México.

Nela pode-se ver formações de objectos na forma de disco sobre a face do Sol.

É frequente, mesmo nos nossos dias, os astrónomos fotografarem OVNIS, quer frente ao Sol, quer frente à Lua.

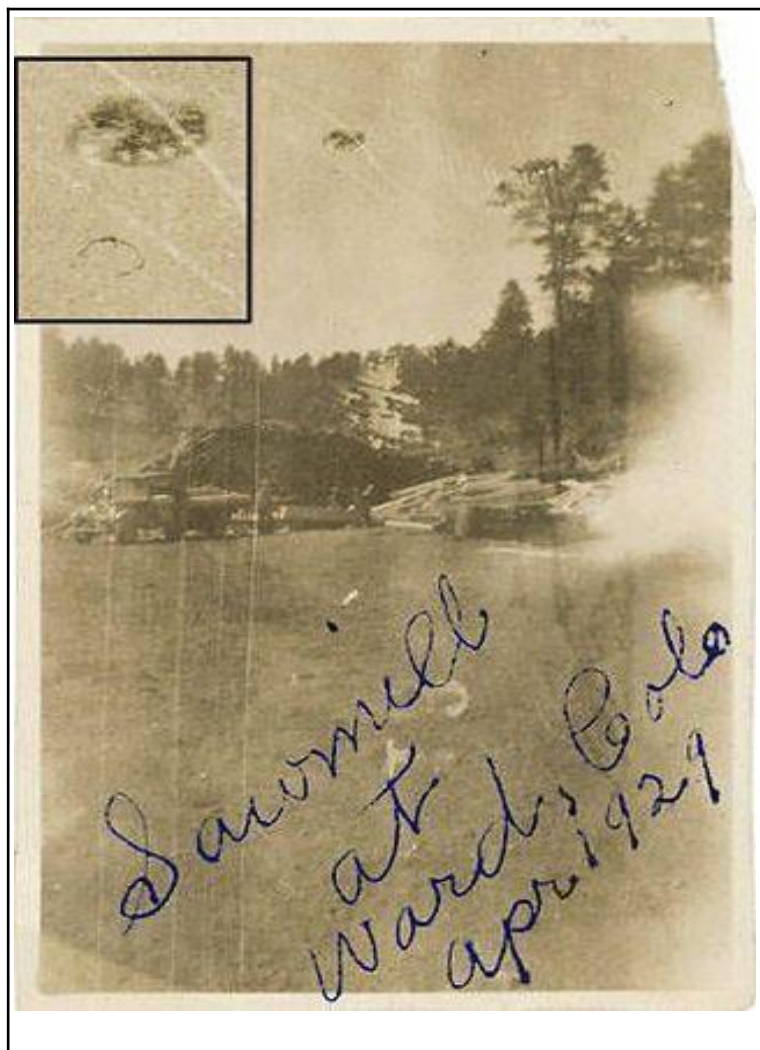
No entanto, só parte deles dá a conhecer as fotos que faz. Os outros receiam as consequências...



Fotografia obtida em Drobak, na Noruega, no dia 27 de Julho de 1907.

Um objecto foi visto e fotografado sobre o ancoradouro do porto, onde são vistos dois navios ancorados.

Perceba que a sombra do objecto na água é maior que o comprimento dos navios.



É assim que este incidente é contado pela filha do fotógrafo: *"Esta foto foi tirada por meu pai, Edward Pline, numa serraria em Custódia onde nós vivíamos naquela ocasião. Acho que foi em 1929. Eu tinha aproximadamente seis anos. Meu pai resolveu fotografar a serraria e quando ele estava tirando esta foto, houve um ruído que ele descreveu como um "berro atroador terrível". No mesmo momento uma coisa grande e redonda se moveu pelo ar sobre eles. Você pode ver isso na foto."*

SlideWard, Colorado. Abril de 1929. Hetty Pline



Na descrição desta foto se lê: O objecto voador da foto não poderia ter sido uma luminária de rua, simplesmente porque não haviam lá luminárias de rua.

Também não há nenhum poste ou cabos de alta tensão visíveis em qualquer lugar desta foto.

O dono do álbum onde está esta fotografia diz que, neste tempo, não havia nenhuma rua com iluminação eléctrica próximo desta estrada.

Foto de George Sutton, de St. Paris, Ohio, tirada no Verão de 1932, perto do meio-dia (como pode se ver pelas sombras no chão).

Ninguém soube explicar o objecto escuro vista em cima do ombro esquerdo de Sutton.



Foto obtida na cidade de Tienjin, na China, em 1911, por um jornalista japonês.



Este OVNI foi fotografado no dia o 25 de Fevereiro de 1942 e publicado pelo Los Angeles Times. Nesta ocasião, por um bom tempo, um estranho objecto aéreo ficou vagando sobre a Cidade de Los Angeles.

Foi descrito por uma testemunha ocular como "uma enorme laranja de cor pálida". Os feixes de luz não são do OVNI, mas de reflectores antiaéreos voltados para o objecto. Foram efectuados aproximadamente uns 2000 disparos contra o objecto antes que ele desaparecesse de visão.

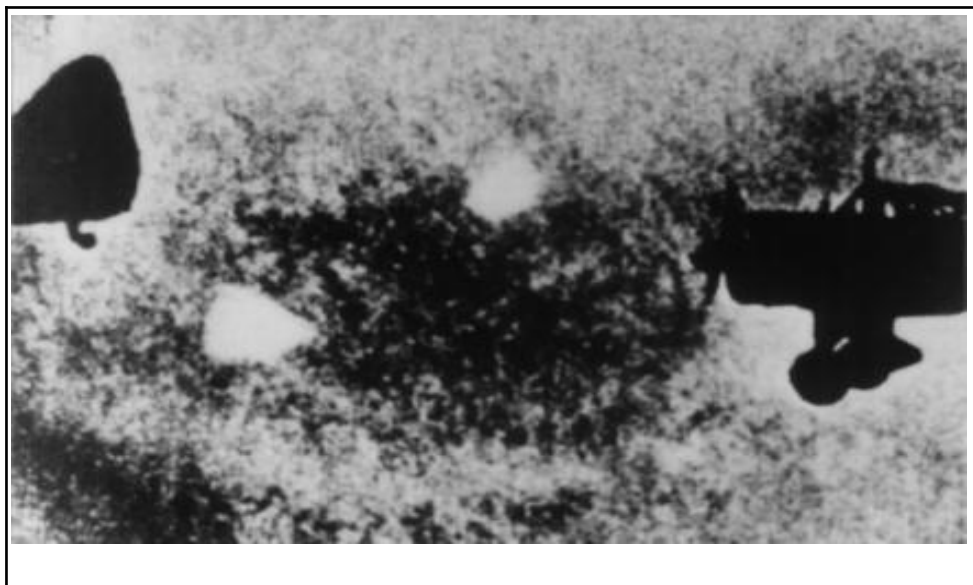


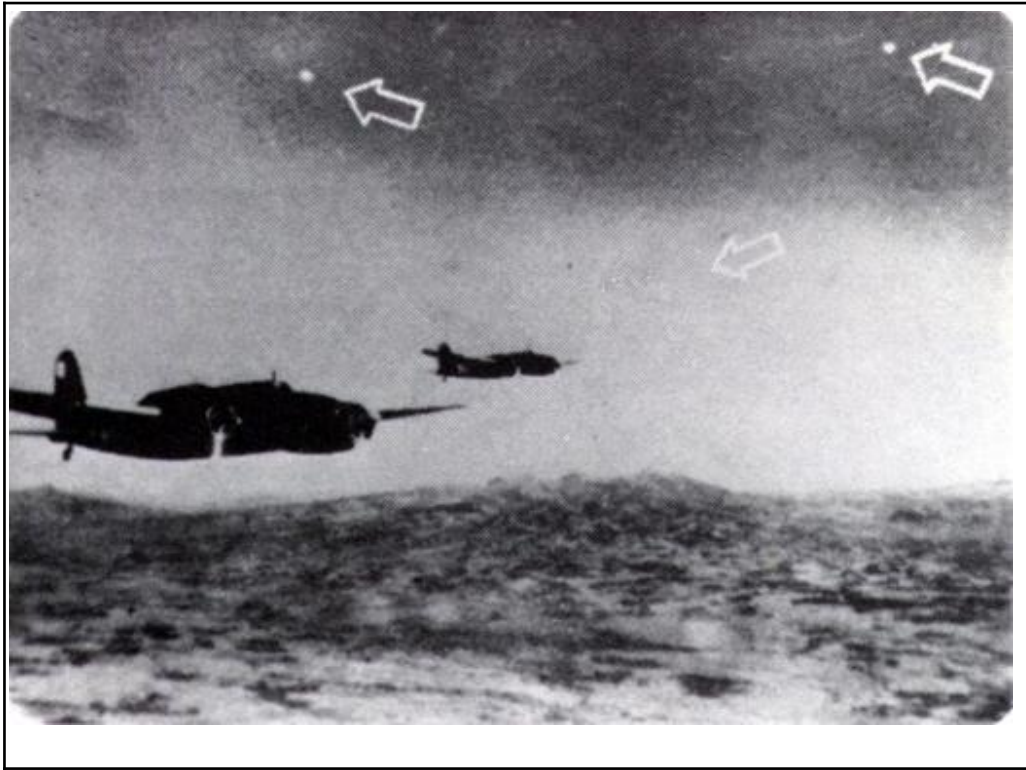
Este disco foi fotografado sobre a Inglaterra em 1944.

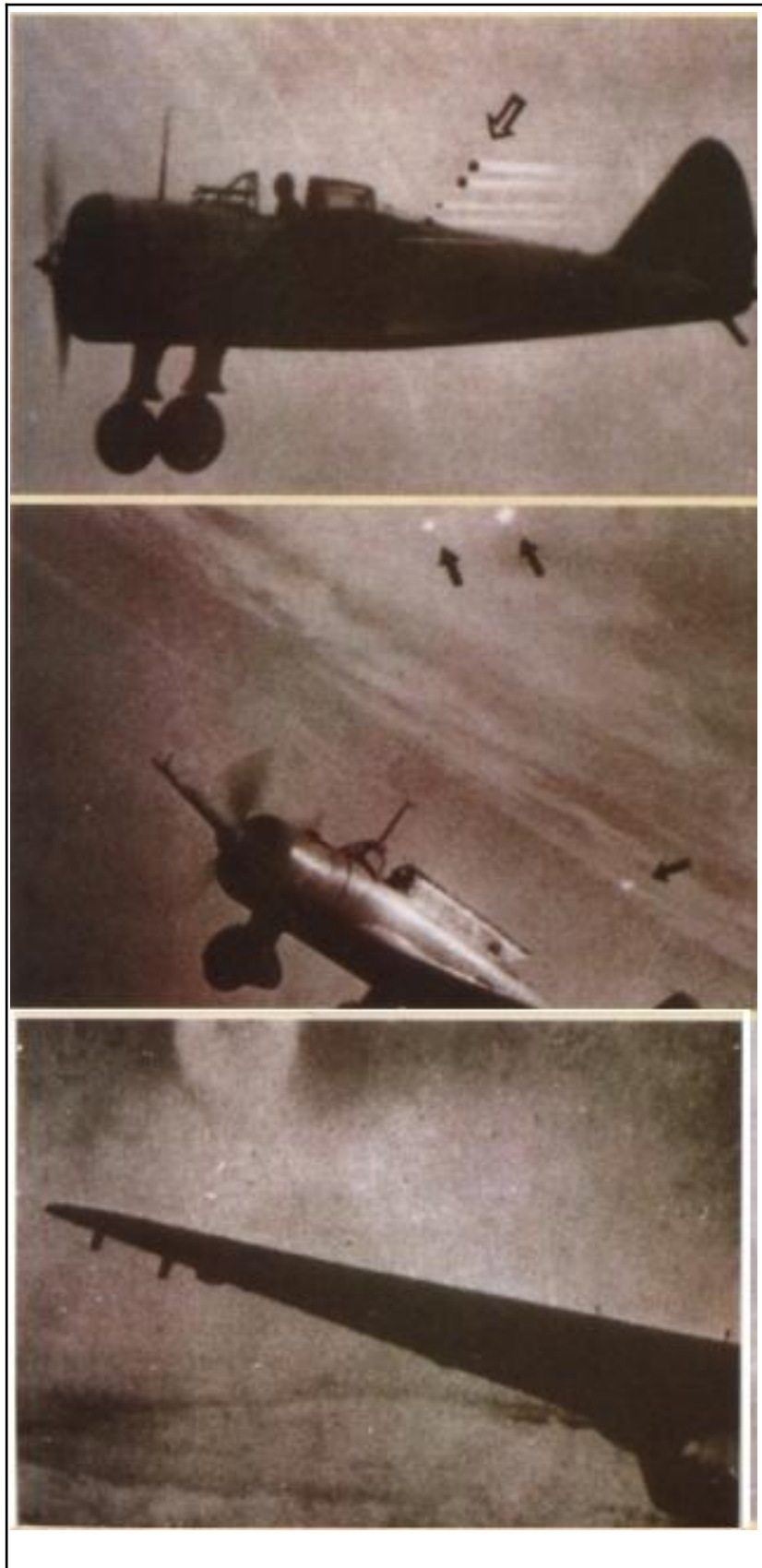
Publicado pela revista "The X Factor", número 53 (Marshall Cavendish Publications).

Durante a segunda guerra mundial, inúmeras foram as fotos obtidas por observadores da aeronáutica onde aparecem objectos voadores não identificados.

Veja a sequência a baixo.







FOO-FIGHTERS

Por Reinaldo Stabolito

Um pouco antes do avistamento de Kenneth Arnold, mais precisamente durante a Segunda Guerra Mundial, houve vários relatos de pilotos dos aviões militares aliados envolvendo estranhas esferas luminosas que surgiam inesperadamente e costumavam voar em formação com seus aviões. Normalmente, enquanto esses objetos estavam próximos, os radares de bordo apresentavam falhas.



Esses objetos aéreos desconhecidos eram chamados de Foo-fighters, palavra composta da conjunção da palavra francesa "feu" (fogo) e "fou" (que significa "insano") com a palavra inglesa "fighter" (avião caça). Com o aumento da incidência de observações deste

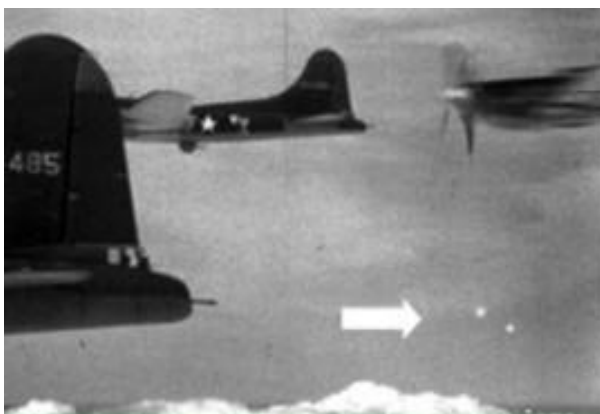
fenômeno, os norte-americanos batizaram as "bolas luminosas" de "foo-fighters". Existia uma espécie de brincadeira entre os operadores de radar da época que criaram uma associação com uma revista cômica aonde o personagem "Smokey Stover", um urso guarda-bosques muito popular nos Estados Unidos. Esse personagem dizia algumas frases repetitivas e uma delas era "...Where there's foo there's fire". Isto é: "onde há fumaça, há fogo", dando às estranhas "bolas fantasmagóricas" a condição de objetos de "fumaça briguentos".

Mas fileiras militares também os chamavam de "Krauts fireballs" (bolas de fogo dos "Krauts" – este último termo fazendo referência aos alemães), pois acreditava-se que os objetos eram algum dispositivo bélico de procedência nazista. E no transcurso da guerra, foram notificados inúmeros incidentes ao Comando Militar dos aliados.

Na noite de 23 de novembro de 1944, pilotos da 415ª Esquadra de Caças Noturnos dos Estados Unidos, baseado no território francês de

Dijon, protagonizaram um avistamento envolvendo os Foo-fighters. Esta esquadrilha efetuava missões de combate e reconhecimento sobre a zona do Rim, ao norte de Estrasburgo, e sua tripulação era formada pelo piloto tenente Ed Schlueter, pelo radialista Donald J. Meirs e pelo tenente Fred Ringwald, oficial da inteligência militar que viajava como observador. Num dado momento, o tenente Ringwald ficou surpreso ao ver que algumas estrelas distantes haviam se aproximado e converteram-se em esferas luminosas alaranjadas. Eram em torno de oito a dez objetos pequenos que se movimentavam em altíssimas velocidades e mantinham-se próximas ao avião. O radar de bordo nada acusava tal qual o radar de terra. Subitamente, essas estranhas esferas luminosas desapareceram e, logo em seguida, reapareceram bem mais longe. Poucos minutos depois, elas sumiram definitivamente.

No dia 27 de novembro de 1944, dois pilotos americanos, Henry Giblin e Walter Cleary, se encontraram com uma bola de luz laranja quando voavam nos arredores da cidade de Speyer, na Alemanha, às margens do rio Reno. O objeto voava a cerca de 400 quilômetros por hora e a cerca de 500 metros sobre o seu avião. Decidiram iniciar uma perseguição ao inusitado objeto e notificaram a estação de radar de terra sobre o fenômeno, que respondeu-lhes não estar captando absolutamente nada. O radar de bordo do avião começou a apresentar falhas, levando-os a abortar a missão e a regressar à base.



Em Antuérpia, na Bélgica, em setembro de 1944, por volta da 21:00 horas, um soldado canadense observou uma esfera luminosa no céu indo à direção da fronteira. Ele estimou que o objeto não deveria ter mais que um metro de diâmetro e, ainda, parecia ser feita de vidro fumê. A

esfera emitia uma forte iluminação que não parecia vir de sua superfície, mas de seu interior. Nenhum som foi ouvido. Menos de um minuto após

o avistamento da esfera, outras cinco, aparentemente iguais a primeira, também foram avistadas pelo soldado e seguindo a mesma rota.

Mas os Foo-fighters não foram avistados unicamente no cenário europeu da guerra. O fenômeno foi relatado também no Extremo Oriente, sobre o Japão e sobre a Lagoa de Truk. Há registros de avistamentos dos Foo-fighters pelas tripulações dos bombardeiros B-29 sobre o Arquipélago Nipon.

No dia 12 de agosto de 1942, o sargento Stephen Brickner, da Primeira Divisão da Marinha, estava voando em formação com a sua esquadrilha sobre a ilha de Tulagi, ao sul das Ilhas Salomão. Por volta das 10:00 horas, uma formação de pelo menos 150 Foo-fighters voavam a uma altura incrível, bem acima das nuvens e sobre a esquadrilha. O sargento Stephen Brickner achou muito difícil ser máquinas japonesas ou alemãs. Não houve confronto, mesmo porque seria impossível atingi-los pela enorme altitude em que se encontravam. O interessante é que esses veículos pareciam ser esféricos, de cor cinza metálico e giravam em torno de seu próprio eixo.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, os Aliados perceberam que não havia o menor fundamento a hipótese de se tratar de alguma espécie de arma nazista. Na verdade, os Foo-fighters também importunavam os alemães. Havia tantos relatos dos pilotos da Luftwaffe sobre essas misteriosas máquinas voadoras que, em 1944, foi criado o projeto secreto de investigação denominado "Sonder Büro nº 13" (Base Especial nº 13).

Este projeto, que se ocultava sob o nome de "Operação Uranus", era composto por oficiais de aviação, engenheiros aeronáuticos e conselheiros científicos. O "Sonder Büro nº 13" tinha o objetivo de recolher, avaliar e estudar os relatórios de observações dos pilotos sobre estranhos objetos voadores que apareciam perto dos aviões alemães e, ainda, voavam com eles em formação durante alguns minutos. Com efeito, parece que os alemães começaram a ver estes estranhos objetos desde 1943, onde os relatórios começaram a chegar no Estado Maior Superior do Exército do Ar da Alemanha. A criação deste projeto de

pesquisa secreto pelo alto comando militar alemão prova que os Foo-fighters eram um mistério a ser desvendado também para os nazistas.

Em 1943, um ano antes da criação do projeto "Sonder Büro nº 13" pelos alemães, os ingleses haviam criado uma pequena organização que tinha o mesmo objetivo. Dirigido pelo tenente general Massey, este projeto britânico foi chamado de "Projeto Massey" e apurou, após um inquérito preliminar, que as luzes que circulavam no meio dos bombardeiros eram flashes provocados com fins psicológicos para desorientar e assustar os pilotos – uma arma psicológica nazista.



O projeto Massey, neste inquérito preliminar, refletia a opinião dos aliados com relação aos objetos aéreos não identificados durante a guerra. Vejamos uma explicação fornecida por um ex-oficial aviador da USAF, que quis ter sua identidade resguardada porque, na época, ainda trabalhava para uma repartição da USAF. Este oficial declarou textualmente para a revista "American Legion Magazine", de Nova Iorque:

"(...) provavelmente os Foo-fighters são o desenvolvimento de uma arma psicológica usada pelos alemães. Durante as missões noturnas sobre a Alemanha Ocidental, eu avistei por várias vezes discos ou globos luminosos que perseguiram as formações aéreas. Como se sabe, os caças noturnos alemães tinham potentes faróis colocados na proa ou nos cubos das hélices... faróis que tinham a finalidade de apontar para o alvo, para enquadrá-lo melhor, e também para ofuscar as metralhadoras das torres de comando dos bombardeiros inimigos. E esses faróis resultavam em freqüentes alarmes que provocavam uma contínua tensão nervosa nas tripulações de nossos aviões, baixando o rendimento das suas ações. E no último ano de guerra, os alemães enviaram contra nós um certo número de corpos luminosos aéreos radio-comandados para perturbar o dispositivo de ascensão dos motores e o funcionamento

do radar de bordo". Esta é uma das raras fontes que indicava a certeza das fileiras militares de que os foo-fighters eram uma arma secreta alemã – ignorando que os próprios alemães também eram incomodados pelo fenômeno a ponto de criar um projeto especial para lidar com o assunto.

Outros comentários de oficiais dos Serviços Secretos para a revista "American Legion Magazine" sugeriam que o fenômeno dos Foo-fighters nada mais eram que aparelhos radio-controlados que os alemães enviavam para interferir nos radares aliados durante os bombardeamentos noturnos.

Porém, o "Projeto Massey" progrediu nas suas investigações e, através de um espião infiltrado (um agente duplo) na Alemanha, foi descoberto que os Foo-fighters não eram dispositivos alemães, pois os próprios nazistas cogitavam a possibilidade de serem armas secretas dos aliados. Um ano depois, em 1944, o "Projeto Massey" foi extinto pelos ingleses – coincidindo com o fato de que o agente duplo foi denunciado e executado pelos alemães na primavera daquele ano.

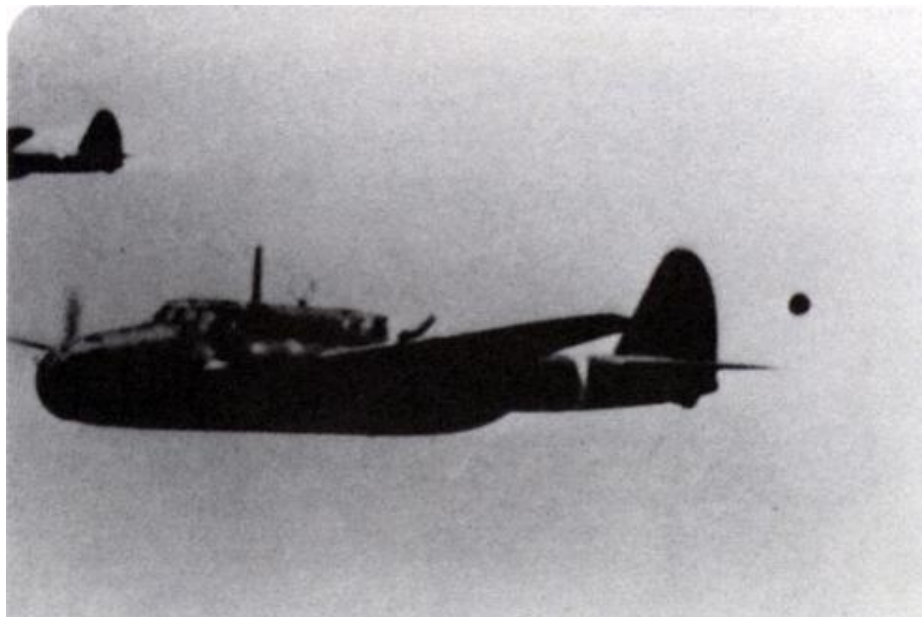


De qualquer forma, surgiram outras explicações para o fenômeno. No dia 01 de janeiro de 1945, o editor científico da "Associated Press", Howard W. Blakes, numa entrevista radiofônica, disse que os Foo-fighters eram apenas o fenômeno dos "Fogos de Santelmo". Ou seja: luzes naturais produzidas por indução eletrostática das asas e extremidades dos aviões. Segundo Howard W. Blakes, como não eram objetos materiais, eles não poderiam aparecer mesmo nos monitores dos radares, tal qual os relatórios militares afirmavam.

Dentre aqueles que defendem que os Foo-fighters eram armas secretas alemãs, sobressai o nome de Renato Vesco, um engenheiro

aeronáutico e escritor alemão. Segundo Vesco, os Foo-fighters eram veículos voadores não tripulados com o nome código de "Feuerball". A principal finalidade desses engenhos era interferir nos radares aliados através da ionização da atmosfera obtida a partir de fortes campos eletrostáticos e impulsos eletromagnéticos gerados por válvulas Klystron. Controlados a partir de terra via rádio, a propulsão era retirada de um motor de reação – um tipo especial e secreto e que era a causa do halo luminoso que daria ao engenho o nome de "Feuerball" (bola de fogo).

Será que os Foo-fighters eram realmente uma arma secreta nazista, Fogos de Santelmo ou uma manifestação do fenômeno UFO na Segunda Guerra Mundial? O fato é que, terminada a guerra, o fenômeno das "esferas luminosas" continuava e ainda continua se manifestando em diversas circunstâncias ao redor do mundo. E, em alguns casos, não são facilmente explicáveis como fenômenos naturais e humanos.



Durante a 2ª Guerra Mundial era comum os aviões serem seguidos por OVNI's.

OVNIS NO ESPAÇO.



A missão da Apollo 16 era constituída pelos astronautas Ken Mattingly, Charlie Duke e John W. Young, que foi o autor do vídeo. No filme, pode-se ver um objecto voador não identificado com a forma de um prato enquanto a Apollo 16 se aproxima da Lua.



Ampliação de um fotograma do filme realizado pelo astronauta John W. Young durante a missão Apollo 16. O objecto não identificado encontra-se à esquerda da Lua.



Um outro fotograma retirado do filme realizado pelo astronauta John W. Young durante a missão Apollo 16.



Mercury 1 – 26/02/1962 – Um objecto com forma de cigarro, com uma luz nas suas proximidades.



Vê-se um objecto de forma lenticular a seguir um caça F-86 Sabre. A foto teria sido retirada durante uma das missões de interceptação na qual participou Kirkwood. Em cima à esquerda, uma ampliação do objecto voador.



Denver, Colorado, USA, Maio 1991



Santa Mónica, California, USA, Fevereiro 1990



Pacific Palissades, Califórnia, USA, 1991

Os frescos de DECANI

Situado junto ao vale do rio Decanska Bristica, no Kosovo, a 20 quilómetros ao sul da cidade de Pec, encontramos um mosteiro de monges ortodoxos, conhecido por Mosteiro de Decani. Mandado construir pelo rei sérvio Estevão Uros, em 1327, o mosteiro de Decani possui uma Basílica composta por 5 naves e uma enorme cúpula.

Até aqui, nada de extraordinário há a salientar. Porém, observando com cuidado os diversos frescos existentes na Basílica, datados de 1350, podemos constatar a existência de alguns pormenores intrigantes. Senão, observemos com cuidado o fresco mais bem conservado:



No fresco acima representado podemos constatar a existência de enigmáticas representações, quer no seu canto superior esquerdo, quer no canto superior direito.

Vejamos pois:

No canto superior esquerdo...



No canto superior direito...



Um pormenor curioso a salientar: se estes frescos representando a crucifixação de Cristo podem eventualmente fornecer-nos a indicação da existência de algo que foi visível na época em que foram pintados, isto é, naves, e respectivos tripulantes, também constatamos que a (nave) localizada à direita, parece estar "em fuga" da que o antecede.

Outro pormenor que se pode constatar, é o de que o presumível "tripulante perseguidor" está trajado de forma menos simples, do "perseguido".



Obra que Bonaventura Salimbeni criou em 1595. Nela nota-se como a "Santíssima Trindade" é vista na basílica de São Pedro, em Montalcino, na Toscana. Na posição central da pintura, visualiza-se um objecto que não passa despercebido pela sua grandeza e características únicas que lembram o primeiro satélite artificial russo.



Neste quadro do baptismo de Jesus, do pintor Aert Gelder, vemos um estranho objecto enviando três raios em direcção ao Menino. Quadro datado de 1710.

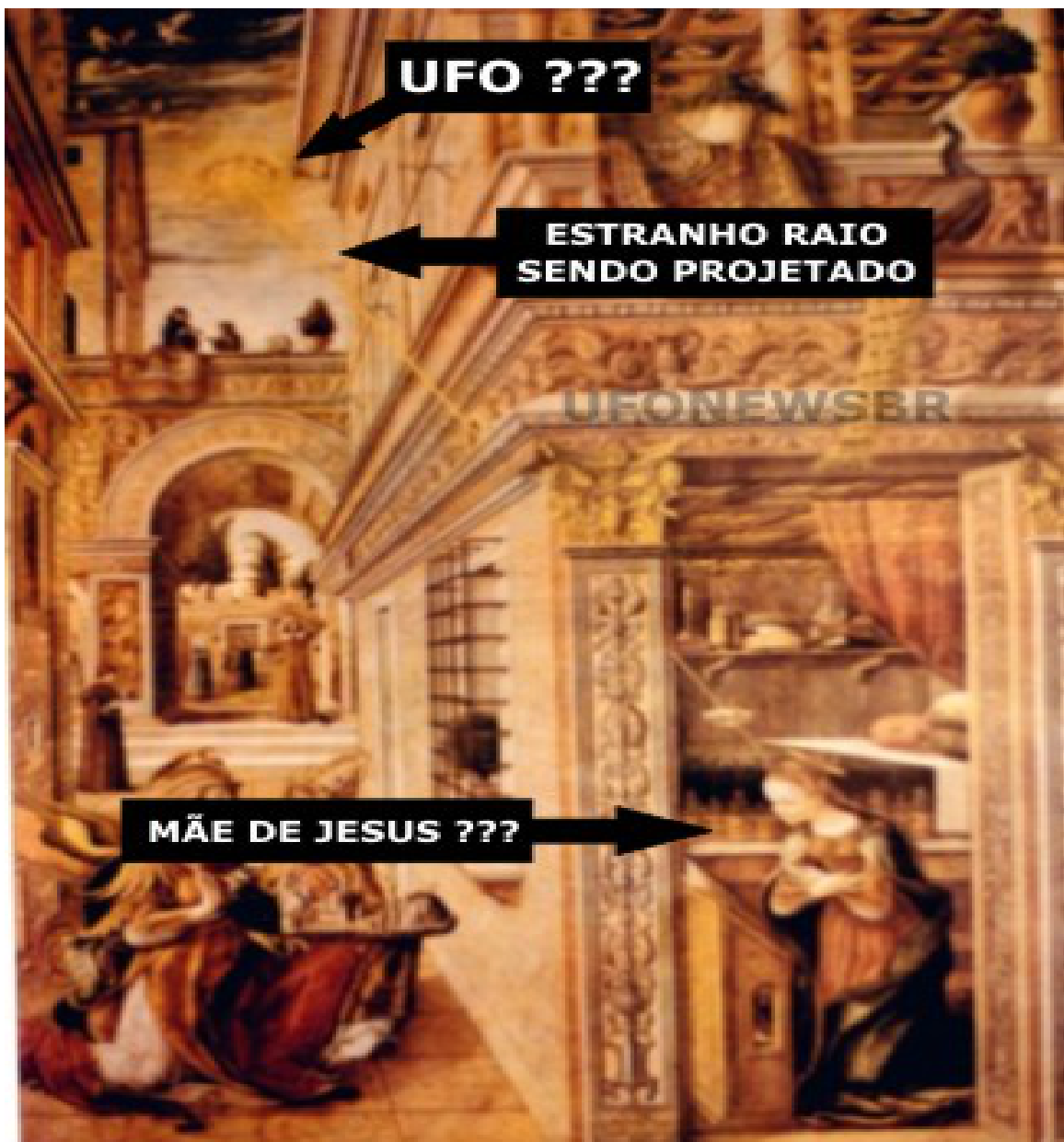


Esta obra é chamada "A Madonna com São Giovannino." Foi pintada no século XV. O Palazzo Vecchio lista o artista como desconhecido embora atribua à escola de Lippi. Sobre o ombro direito de Maria há um objecto em forma de disco. No detalhe, um homem e seu cachorro podem ser vistos olhando o OVNI.

ANUNCIAÇÃO: UM EVENTO UFOLÓGICO ?



Neste afresco se nota (no alto à esquerda) um disco, pelo qual parte um raio que se projecta sobre a cabeça de uma mulher... Seria a mãe de Jesus? Provavelmente sim, porque o afresco tem o título “Anunciação”.



Marcação dos pormenores acima citados.



Esta pintura é chamada de "A Proclamação com São Emidius" foi pintado por Carlo Crivelli em 1486.

O original está na Galeria Nacional de Londres e descreve uma luz divina que abençoa a cabeça da Virgem Maria.

Para os anos 1400, fica uma pergunta no ar: onde Crivelli se inspirou para a estranha fonte de luz divina.



Steve Thomsen – Califórnia – USA – Setembro/96

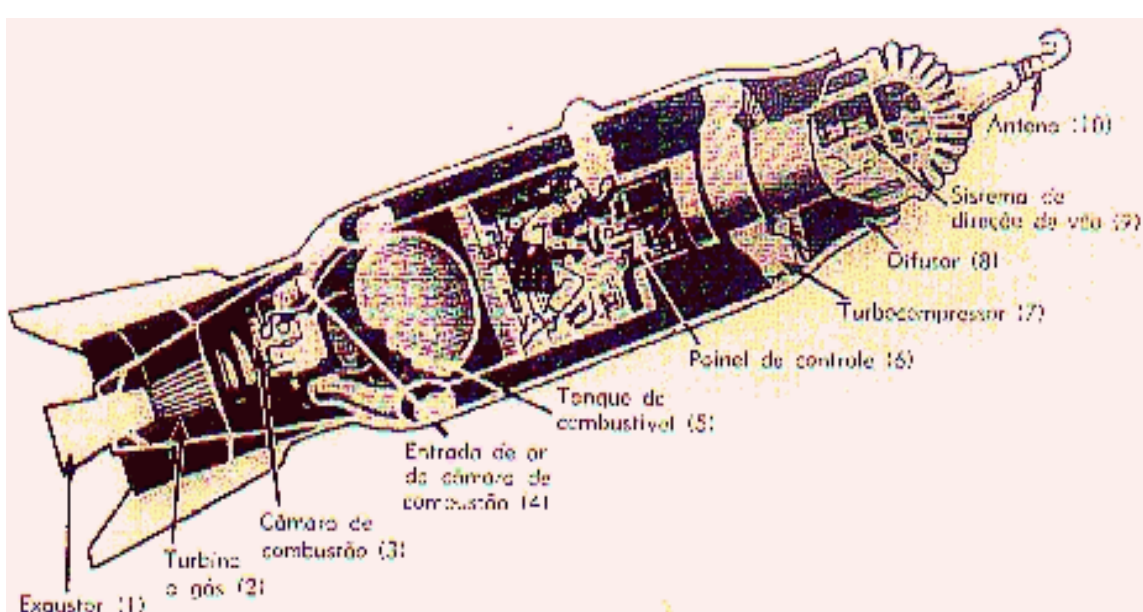
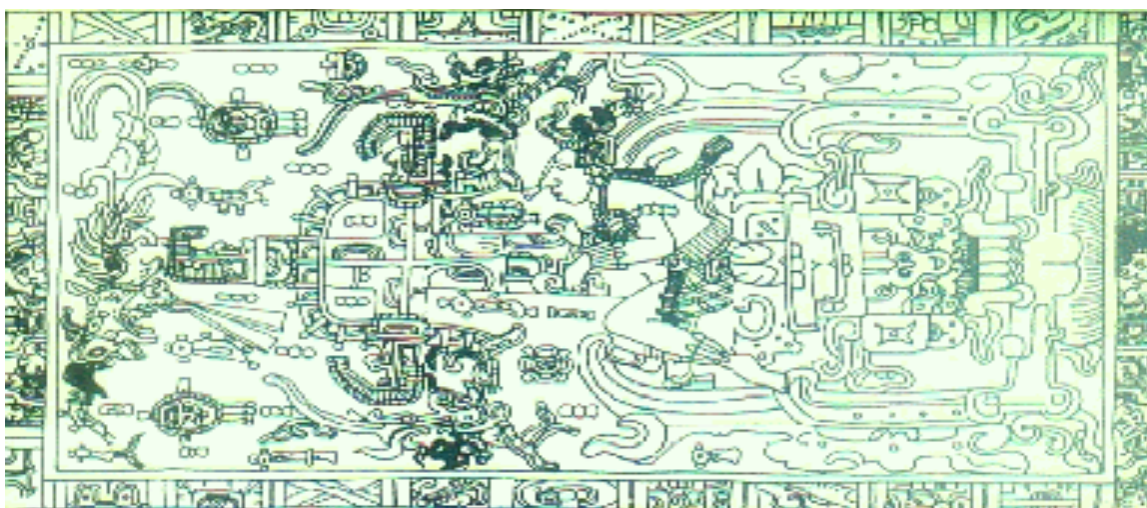


Desenhos rupestres em Tassili, Argélia com milhares de anos. Henri Lhote apelidou esta gigantesca figura de "Deus Marciano", em alusão ao seu visível traje espacial e formas discoidais voadoras ao fundo.

A PEDRA DE PALENQUE



A Pedra de Palenque vista de um outro ângulo.



Seria um astronauta?

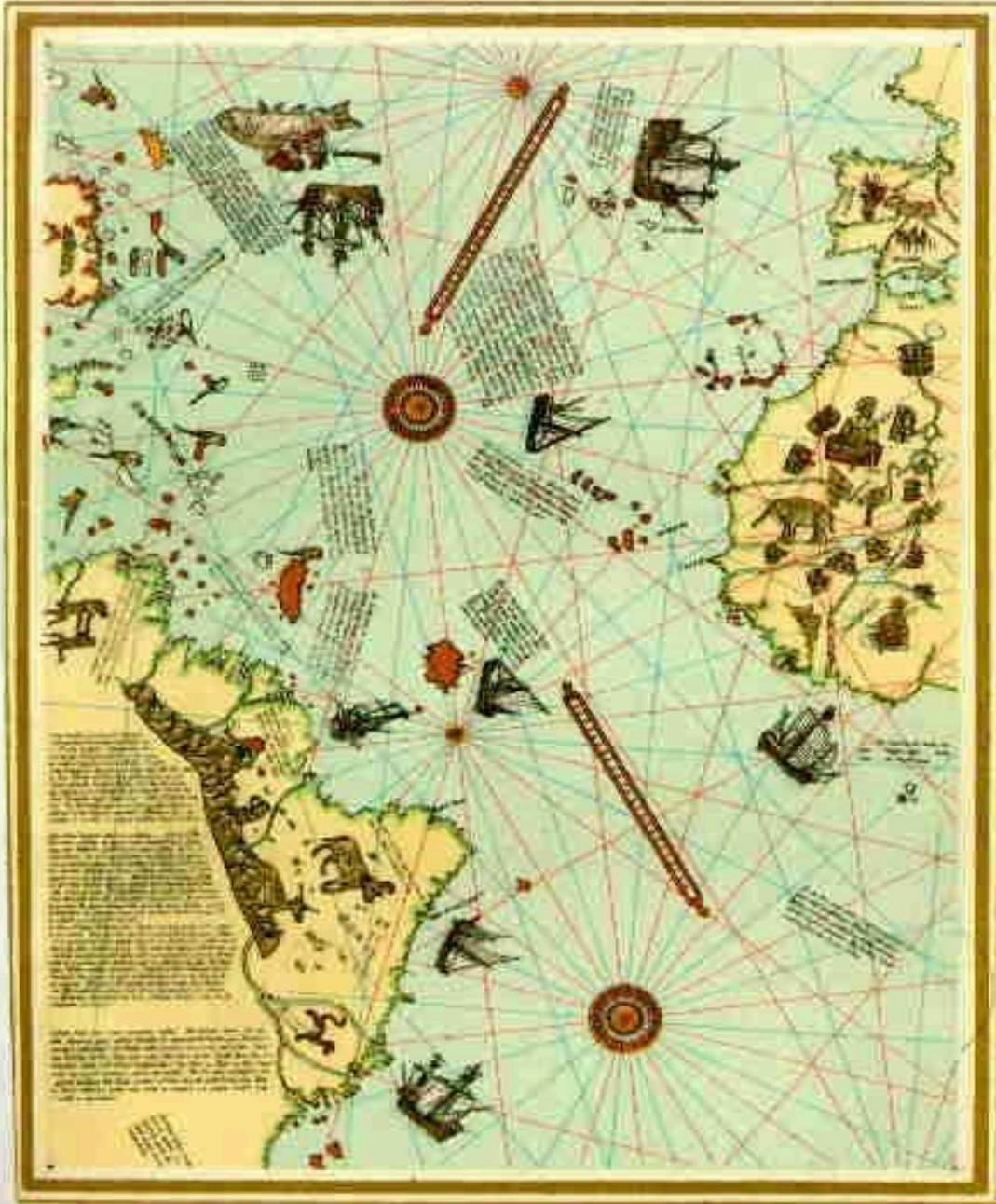
A pedra de Palenque, uma pedra com o peso de 5 toneladas e que cobria o sarcófago descoberto no interior do templo das Inscrições de Palenque, foi encontrada numa cidade Maia, situada quase no baricentro geográfico da zona. Apesar da extrema humidade existente na cripta, os primorosos relevos talhados na bela laje de calcário duro encontram-se bem conservados. Segundo uma interpretação, estes relevos representam o próprio Pacal no momento da sua morte, caindo na face de um monstro do mundo das sombras. A descoberta deste notável túmulo veio a confirmar as palavras do ditador mexicano general António Lopes de Santa Anna que, 120 anos antes, declarou que as pirâmides de Palenque eram dignas de comparação com as dos faraós do Egipto.

Recentes pesquisas do Professor Charles H. Hapgood e do matemático Richard W. Strachan fornecem-nos informações ainda mais

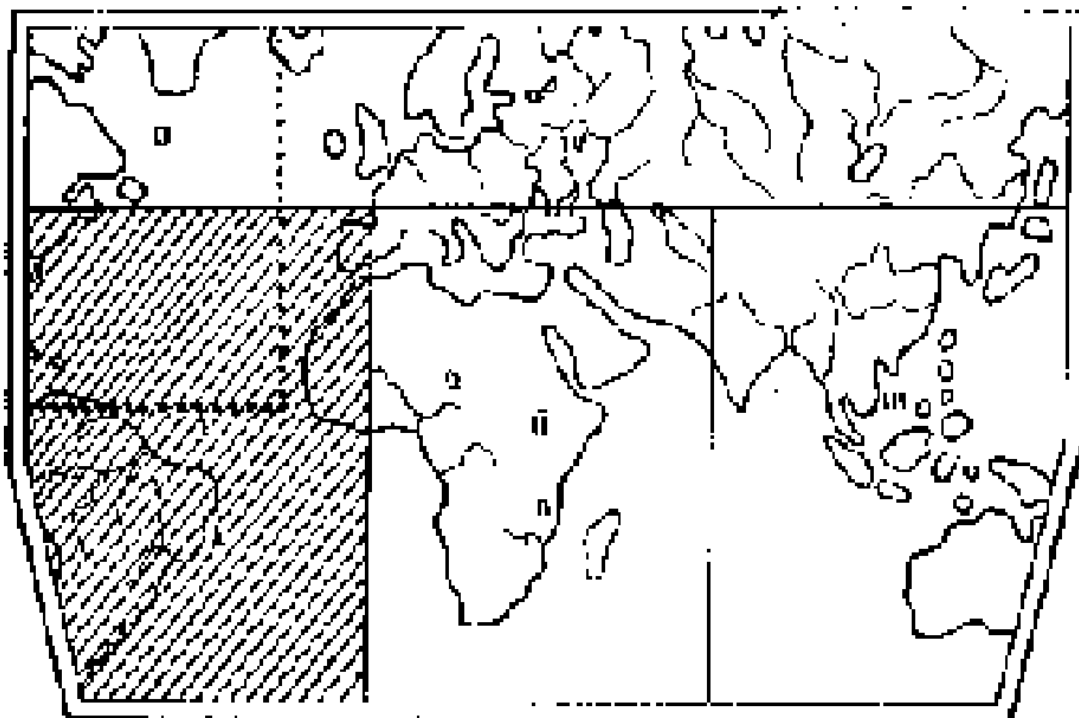
estonteantes. Confrontando fotografias do globo terrestre, batidas por câmaras instaladas para esse fim em vários satélites, percebemos que os "modelos" dos mapas de Piri Reis devem ter sido "fotografias" tiradas a grande distância no espaço. Como explicar isto?



THE OLDEST MAP OF AMERICA
DRAWN by PİRİ REİS



by Prof. Dr. AFETİNAN



Piri Reis' first map of the world. The shaded part is the portion we now have, the rest shows the missing parts of it. The dotted region in the north is of the North American area from the second map of the world.

Piri Reis first map of the world. The shaded part is the portion we now have, the rest shows the missing parts of it. The dotted region in the north is of the North American area from the second map of the world.

A parte tracejada mostra o Mapa de Piri Reis, mais precisamente, o que dele hoje resta. Do restante mapa-múndi, nada se sabe.

Infelizmente, para os que pensam que os mapas aqui apresentados são feitos com os conhecimentos da época, quando a maioria desses mapas foram feitos, não se conheciam as costas do Pacífico, no que refere aos mapas da América (nem os animais representados) e, no que diz respeito à Antártida, ainda menos se sabia.

Os erros cometidos pelos cartógrafos são, eles sim, devido a terem usado os conhecimentos da sua época em mapas muito mais antigos e precisos.

Vejamos outro caso igualmente insólito:

Oficialmente, a Antártida foi descoberta nos primeiros anos do século XIX.

Acontece que, nos primeiros anos do século XVI já existiam mapas desse continente e com bastantes detalhes exactos da sua costa.

Este mapa é um deles.



Mapa da Antártida de Oronteus Finaeus, 1532.



A Antártida real que, oficialmente, só foi descoberta 350 anos depois...

Estes mapas são a prova que, noutros tempos, a Terra era perfeitamente conhecida e, como o mapa de Piri Reis mostra, o mapeamento era feito desde o Espaço...

.....

Nuvens Lenticulares, Objectos Voadores e a Bíblia

Há 70 versículos na Bíblia a descrever nuvens como objectos voadores



Nuvem é a descrição mais comum na Bíblia de supostos objectos voadores não identificados. As descrições de nuvem escura, nuvem compacta, e água turva fazem alusão a objectos sólidos no céu. Não fosse o seu estranho comportamento, ora incandescentes à noite, ora servindo de trono ou tendo portas que se abrem, poderíamos dizer que estas nuvens são as mesmas que observamos em nossos céus da actualidade. Mas não são. Não, isto não pode ser uma nuvem comum, mas provavelmente um objecto não-identificado, em tempos remotos. Estas nuvens bíblicas só foram assim identificadas por falta de uma melhor analogia. E muito provavelmente estes objectos apareciam mesmo em forma de nuvens, como um bom disfarce desenvolvido pelos seus ocupantes – talvez para não causar pânico em populações que sequer conheciam o balão atmosférico, como se pode ver neste versículo: *Cobriste-te de nuvens, para que não passe a nossa oração.* (Lamentações 3:44)

Êxodo

O Esplendor Surge na Embarcação

16:10E quando Arão falou a toda a congregação dos filhos de Israel, estes olharam para o deserto, e eis que a glória do Senhor, apareceu na nuvem.

A “Glória” está directamente associada com a embarcação voadora. O objecto parecido com uma nuvem, certamente lenticular, sobrevoa o acampamento israelita no deserto.

Moisés Embarca no Veículo

24:18*Moisés, porém, entrou no meio da nuvem, depois que subiu ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites.*

Moisés vai ao veículo que está escondido na montanha por uma nuvem lenticular e embarca nele.

Jeová Aterra e Flutua no Ar

34:50*Senhor desceu numa nuvem e, pondo-se ali junto a ele, proclamou o nome Jeová.*

Uma “nuvem lenticular” toca o solo.

Luz e Glória do Veículo Estacionário

40:34-38*Então a nuvem cobriu a tenda da revelação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo; de maneira que Moisés não podia entrar na tenda da revelação, porquanto a nuvem repousava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo. Quando, pois, a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, prosseguiram os filhos de Israel, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam até o dia em que ela se levantasse. Porquanto a nuvem do Senhor estava de dia sobre o tabernáculo, e o fogo estava de noite sobre ele, perante os olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas. O objecto voador permaneceu em presença da nação enquanto ela seguia adiante.*

Números

O Veículo Fornece Sombra e Luz

9:16*Assim acontecia de contínuo: a nuvem o cobria, e de noite havia aparência de fogo.*

... Luz durante a noite e sombra durante o dia.

O Veículo Ascende e Flutua

9:17*Mas sempre que a nuvem se alçava de sobre a tenda, os filhos de Israel partiam; e no lugar em que a nuvem parava, ali os filhos de Israel se acampavam.*

O povo acampa até o veículo ascender e se mover, e volta a acampar quando ele pára e flutua.

O Veículo Flutua por Dias

9:18-19*À ordem do Senhor os filhos de Israel partiam, e à ordem do Senhor se acampavam; por todos os dias em que a nuvem parava sobre o tabernáculo eles ficavam acampados. E, quando a nuvem se detinha*

sobre o tabernáculo muitos dias, os filhos de Israel cumpriam o mandado do Senhor, e não partiam.

O povo não viaja a menos que o veículo se movimente.

O Veículo Voa de Dia e de Noite

9:20-21 Às vezes a nuvem ficava poucos dias sobre o tabernáculo; então à ordem do Senhor permaneciam acampados, e à ordem do Senhor partiam. Outras vezes ficava a nuvem desde a tarde até pela manhã; e quando pela manhã a nuvem se alçava, eles partiam; ou de dia ou de noite, alçando-se a nuvem, partiam.

Seja dia ou seja noite o povo responde aos movimentos do veículo.

O Veículo Flutua por Meses

9: 22 Quer fosse por dois dias, quer por um mês, quer por mais tempo, que a nuvem se detinha sobre o tabernáculo, enquanto ficava sobre ele os filhos de Israel permaneciam acampados, e não partiam; mas, alçando-se ela, eles partiam.

Se torna claro que o movimento do povo depende do deslocamento da nave.

Lançamento e Aterragem

10:11-12 Ora, aconteceu, no segundo ano, no segundo mês, aos vinte do mês, que a nuvem se alçou de sobre o tabernáculo da congregação.

Partiram, pois, os filhos de Israel do deserto de Sinai para as suas jornadas; e a nuvem parou no deserto de Parã.

Um padrão de movimento de ponto em ponto que perdura por 40 anos, seguindo o subir e descer da nave.

Jeová Flutua por Cima

10:34 E a nuvem do Senhor ia sobre eles de dia, quando partiam do arraial.

A nave flutua por cima do acampamento.

Deuteronómio

Guia Aéreo

1:33 que ia adiante de vós no caminho, de noite no fogo e de dia na nuvem, para vos achar o lugar onde devíeis acampar, e para vos mostrar o caminho por onde havíeis de andar.

Isto indica que Jeová perscrutou a área em seu veículo voador, antes do avanço do povo, em busca de um local apropriado para o acampamento.

Uma Montanha Incandescente

4:11*Então vós vos chegastes, e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até o meio do céu, e havia trevas, e nuvens e escuridão.*

Na vizinhança da montanha incandescente há um grupo de sólidos objectos voadores. A montanha resplandecia tanto que iluminava todo o céu.

O Fogo da Nuvem

5:22*Essas palavras falou o senhor a toda a vossa assembleia no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridão, com grande voz; e nada acrescentou. E escreveu-as em duas tábuas de pedra, que ele me deu.*

Jeová falou à assembleia desde o objecto incandescente e desde o objecto escuro.

1 Reis

Uma Pequena Nuvem

18:44*Sucedeu que, à sétima vez, disse: Eis que se levanta do mar uma nuvem, do tamanho da mão dum homem: Então disse Elias: Sobe, e dize a Acabe: Aparelha o teu carro, e desce, para que a chuva não te impeça.*

Uma pequena “nuvem” emerge do oceano.

2 Crónicas

Intruso Esplendor

5:13-14*Quando os trombeteiros e os cantores estavam acordes em fazerem ouvir uma só voz, louvando ao Senhor e dando-lhe graças, e quando levantavam a voz com trombetas, e címbalos, e outros instrumentos de música, e louvavam ao Senhor, dizendo: Porque ele é bom, porque a sua benignidade dura para sempre; então se encheu duma nuvem a casa, a saber, a casa do Senhor, de modo que os sacerdotes não podiam ter-se em pé, para ministrar, por causa da nuvem; porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus.*

É uma repetição de nuvens a perturbar as obrigações dos sacerdotes.

Ver 1 Reis 8:10.

Jó

Deus Encobre o Trono

26:9*Encobre a face do seu trono, e sobre ele estende a sua nuvem.*

Deus encobre o trono e expande seu negro objecto.

Nuvens Brilhantes

37:15*Sabes tu como Deus lhes dá as suas ordens, e faz resplandecer o relâmpago da sua nuvem?*

Salmos

O Poder de Eloim está no Céu

68:34*Atribuí a Deus força; sobre Israel está a sua excelência, e a sua força no firmamento.*

Luz Nocturna

78:14*Também os guiou de dia por uma nuvem, e a noite toda por um clarão de fogo.*

Eloim guiou o êxodo do Egito com uma nave voadora na forma de nuvem que iluminava a noite.

Alimento Sólido do Céu

78:23-25*Contudo ele ordenou às nuvens lá em cima, e abriu as portas dos céus; fez chover sobre eles maná para comerem, e deu-lhes do trigo dos céus. Cada um comeu o pão dos poderosos; ele lhes mandou comida em abundância.*

Do céu ele fez chover um estranho grão que era um rico alimento.

Nuvens de Chuva e Escuridão

97:2*Nuvens e escuridão estão ao redor dele; justiça e equidade são a base do seu trono.*

O trono de Jeová está numa escura nave voadora semelhante a uma nuvem de chuva.

Nuvens como Carruagens

104:3*És tu que pões nas águas os vigamentos da tua morada, que fazes das nuvens o teu carro, que andas sobre as asas do vento;*

Jeová faz de nuvens compactas seus veículos e viaja nas ondas do vento.

Isaías

Um Dossel Glorioso

4:5*E criará o Senhor sobre toda a extensão do monte Sião, e sobre as assembleias dela, uma nuvem de dia, e uma fumaça, e um resplendor de fogo flamejante de noite; porque sobre toda a glória se estenderá um dossel.*

Jeová põe um objecto voador de dia sobre o Monte Sião que se transforma num dossel glorioso. À noite o objecto voador surge

resplandecente.

Jeová Viaja numa Nuvem Veloz

19:1*Profecia acerca do Egito. Eis que o Senhor vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entra no Egito; e os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá dentro de si.*

Jeová viaja numa rápida nave em forma de nuvem.

Voando em Objectos Escuros

60:8*Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas para as suas janelas?*

O quê são estes que voam como nuvens?

Seria um disfarce arquitectado pelos pilotos dos objectos voadores?

Ezequiel

Nave Metálica Rotatória e Incandescente

1:4*Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo que emitia de contínuo labaredas, e um resplendor ao redor dela; e do meio do fogo saía uma coisa como o brilho de âmbar.*

Ezequiel dispensa comentários. Penso que ele possui a melhor descrição de um OVNI nas páginas bíblicas.

Joel

Escuridão e Fogo

2:2-3*Dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de negrume! Como a alva, está espalhado sobre os montes um povo grande e poderoso, qual nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração: Diante dele um fogo consome, e atrás dele uma chama abrasa; a terra diante dele é como o jardim do Éden mas atrás dele um desolado deserto; sim, nada lhe escapa.*

Esta é aparentemente uma referência a uma frota aérea.

Mateus

Uma Nuvem Muito Brilhante Flutua

17:5*Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.*

Uma nuvem radiante envolve-os numa cerração brilhante e o Pai fala da nuvem.

Marcos

A Nuvem da Transfiguração

9:7-8*Nisto veio uma nuvem que os cobriu, e dela saiu uma voz que dizia:*

Este é o meu Filho amado; a ele ouvi. De repente, tendo olhado em redor, não viram mais a ninguém consigo, senão só a Jesus.

Dois homens aparecem com Jesus e uma nuvem envolve-os com uma cerração brilhante e logo após os homens desaparecem.

Lucas

Homens Entram na Nuvem

9:34-35 Enquanto ele ainda falava, veio uma nuvem que os cobriu; e se atemorizaram ao entrarem na nuvem. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.

É Preciso comentar? Nuvem que desce e gente que nela entra (e a nuvem ainda fala!)

Paulo, 1 Coríntios

Debaixo da Nuvem

10:1-2 Pois não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar; e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés,

A velha “nuvem-guia” dos tempos do Êxodo...

Apocalipse

Um Anjo Brilhante que Desce do Céu Vestido de uma Nuvem

10:1 E vi outro anjo forte que descia do céu, vestido de uma nuvem; por cima da sua cabeça estava o arco-íris; o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo,

Um “anjo” ou uma máquina voadora?

Testemunhas Ascendem ao Céu

11:11-12 E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles, e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram. E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi para cá. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.

Subir aos céus numa nuvem, ou seria uma nave disfarçada de nuvem?



Flotilha de Naves “camuflada” de nuvens. Foram fotografadas nos céus de Santos, Brasil, por um turista norte-americano. Os pilotos das Linhas Aéreas e os Militares estão avisados para se afastarem destas falsas “nuvens.” Todos os aviões que penetraram nelas ou desapareceram ou caíram desintegrados.



Maio de 1971, na Estíria, Áustria, (Rudi Nagora)



México 1991



9 de Julho de 1947, Phoenix, USA. (Rodees)



30 Outubro de 2013, Madeira, Portugal

Nota – Este tipo de ÓVNIS é frequente nas terras altas, sobretudo à noite...

A TEORIA DA DISSIMULAÇÃO.

OS EFEITOS ESPECIAIS VÊM DE LONGE.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães usaram de um efeito especial, construído com fumaça artificial e nele projectaram uma imagem da Virgem Maria, os braços abertos pedindo paz. O fito: confundir os franceses e cristãos, era como se a Virgem lhes pedisse – não matem os alemães, são também filhos queridos. Obtiveram algum sucesso. Aprendida a lição, na 2ª Guerra Mundial, os americanos usavam "inocentemente" estrelas de cinco pontas nos seus aviões e textos esotéricos atirados dos céus atingindo as crendices supersticiosas dos alemães e os atemorizando a ponto de acontecerem actos de covardia, segundo os pesquisadores Louis Pawells e Jacques Bergier, que viveram esta guerra (Bergier esteve preso num campo de concentração alemão, em território francês).

O grande problema, inicialmente, com este tipo de Mensageiros da Dissimulação (título de um livro de Jacques Vallee), era o de que as imagens apareciam "chapadas". Hoje, surgem perfeitas e às vezes são hologramas como o da Princesa Léia na Guerra nas Estrelas, pairando nos ares como um beija-flor. Todas estas aparições surgem envoltas em luzes e fumaça, que cegam os videntes e os impedem de enxergar de onde vêm as aparições, ou seja: do PROJECTOR DE IMAGENS.

Jacques Vallee propõe uma questão: "Suponha que você é um guarda destacado para a segurança de parte do perímetro de uma Base de Mísseis. Você está preparado para receber um inimigo que poderá roubar coisas importantes, segredos de guerra, material nuclear, ou, simplesmente testar as defesas. De repente, surge um helicóptero sem iluminação, voando baixo, vem na sua direcção. O que você faz?"

A resposta é lógica: você responderá automática e instintivamente: Eu atiro nele! E se você for católico e vir, ao invés de um helicóptero, a

Virgem Maria atirando-lhe pétalas de rosa, Você atiraria nela? "E se", diz Vallee, "sendo mais profundos ainda, vir um disco voador, talvez até pilotado por um alienígena?" Você teria a coragem de atirar, mesmo não pensando em momento algum que poderia iniciar uma guerra interplanetária? Pois saiba que estes exercícios-teste têm sido feitos, com certa frequência e de que estes testes podem explicar muitos dos avistamentos perto dos silos de mísseis que têm causado revolução nos grupos de ufólogos amadores. As bases se mantêm silenciosas pois revelar estes segredos tiraria a sua eficácia.

A Teoria da Dissimulação

Vallee aponta duas questões para explicar a Teoria da Dissimulação, relativa a certos casos ufológicos e nesta explicação surgem outras relações e aspectos surpreendentes acerca deste fenómeno.

1. Como pode uma unidade militar tão pequena, simular eventos ufológicos tão complexos? Tendo-se em vista o Caso Pontoise, Ummo e o acontecido em Bentwaters?

2. Porque resolveram realizá-los?

Há dificuldade de explicação para a primeira questão: "Uma combinação de aparelhos tecnológicos usados, em tal sequência e em tal contexto psicológico, como o de levar os observadores e, se necessário, o público, a uma irrevogável conclusão de que um Ufo esteve realmente, presente". J. Vallee.

Não se explicam com isto todos os avistamentos de Ufo até agora, pois, evidentemente, este tipo de veículos de controlo remoto era difícil de ser produzido nos anos cinquenta. Eles foram construídos a partir da Guerra do Vietname e cobrem o período dos três eventos citados por Jacques Vallee: Pontoise, Ummo e Bentwaters são, aparentemente, perfeitos na sua aparência de naves alienígenas e possuem alta tecnologia. O inventor destes aparelhos os explicou para Jacques Vallee, com detalhes

minuciosos: podem manobrar por debaixo ou no topo das árvores e têm condições de voar dentro de uma "sala de encontros" e em janelas. Nele existem câmaras de televisão para reconhecimento dos ambientes e para transmiti-los, são munidos com microprocessadores, não produzem ruído algum e outras tecnologias mais. O seu inventor os construiu, primeiramente, para as agências de inteligência do governo dos Estados Unidos. Os mais modernos aparelhos, do tipo foram desenvolvidos pelo Dr. Moller, perto de Sacramento, Califórnia. Os inventos do Dr. Moller são altamente manobráveis e carregam um piloto, se assim se desejar. Foram criados para inspeccionarem terrenos hostis. São equipados com luzes e indistinguíveis dos discos voadores actuais e reais.

Como foi Vallee quem sugeriu os eventos do filme Contactos Imediatos do 3º Grau, de Spielberg, ele deixou a sugestão destas possíveis farsas (e uma alusão ao Caso Benewitz - origem da Área 51) nos enganos da multidão que pensava testemunhar avistamentos, onde naves se transformavam, de repente, em helicópteros profusamente iluminados. Depois de nos inteirarmos das conclusões de Jacques Vallee, percebemos a quantidade de dicas que ele nos deixou no filme onde serviu de MODELO par o personagem do cientista francês, encarnado pelo actor François Truffaut.

Vallee afirma ter a confirmação deste tipo de teste, nas confissões feitas a ele por homens treinados na penetração de fábricas nucleares e bases de mísseis. As Bases jamais falaram a respeito destes testes e, espantosamente, guardam os seus segredos enquanto os ufólogos amadores se descabelam na mídia contra outros tipos de encobrimento. Com estes testes psicológicos, os militares calibram o julgamento imediato dos seus observadores: numa situação real, como eles reagiriam? Sejam eles guardas, oficiais da inteligência, pilotos, policiais, etc. Há uma outra razão também, esta, sub-reptícia: e os cientistas? Seriam eles capazes de distinguir o que é real do que é irreal?

"Apesar de todo este trabalho de verdadeiro encobrimento, há uma realidade absoluta: os ufos existem! As únicas pessoas que podem provar esta realidade com documentação são os ufólogos. Eles podem apresentar provas e denunciar as discrepâncias entre o fenómeno UFO REAL e a sua simulação manufacturada". J. Vallee.

Os Problemas dos Ufólogos

Desde os anos cinquenta a Força Aérea e o governo têm estudado, despistadamente, este fenómeno. Sob este ponto de vista, os que acusam estas agências, corporações e o governo de encobri-los, estão cobertos de razões. Estes órgãos têm ridicularizado e desmentido as testemunhas, desmoralizado e mentido a respeito de pessoas sinceras que narram os eventos que lhes aconteceram. Quando um facto qualquer não tem jeito de ser negado, as autoridades arranjam sempre os seus próprios oficiais que os relataram ao congresso, muito antes das testemunhas e as glórias são para os ilustres desconhecidos militares.

Os que reclamam e gritam sobre o encobrimento, em primeiro lugar, seguidos pelos protestos dos ufólogos, os cabeças, estranhamente estão ligados aos militares ou às agências de inteligência, portanto, é lógico que não estão expondo as suas queixas quanto ao Cover Up real e se divulgam algum segredo, não é este o segredo real. Como aconteceu com John Lear, um piloto da CIA – control/airline. Bill Cooper da Inteligência Naval, Bill English analista de informações em Londres, Bill Moore, já havia admitido ter sido um informante da Força Aérea e já havia confessado a verdade horrível da sua actuação no Caso Benewitz e encabeçando o seu Aviário. O Falcon do Aviário, Richard Doty, foi treinado em desinformação e na área psicológica, além de ter sido descoberto como sendo um falsificador em várias outras ocasiões e por testemunhas.

Qual seria a magia feita por estes personagens para convencer os ufólogos sobre farsas como: Hangar 189, MJ-12, Área 51 e outros? "A resposta é tristemente simples", diz Vallee. Muitos dos ufólogos são inacreditavelmente ingénuos a respeito da metodologia usada pela

Intelligentzia. Mesmo os cientistas, dentre eles, nunca se deram ao trabalho de aprender as regras com as quais se regulam e controlam as informações classificadas, as usadas e as liberadas. E quando um "exposé" real vem à luz, recusam-se em aceitá-lo, a menos que isto aconteça preenchendo as suas próprias pré-concepções". J. Vallee (Revelations pág. 181 - Ballantine Book).

No seu livro Mensageiros da Dissimulação, Vallee apontou todos os verdadeiros "exposés" (casos reais expostos). Falou sobre o Major Keyhoe, fundador de Nicap e grande ufólogo. Após escrever vários livros e de lutar contra o Grupo do Silêncio, o Major Keyhoe, grande amigo de Vallee, foi vigiado pela "inteligência" comunitária, o que também aconteceu com alguns outros grupos de pesquisas do fenómeno. Keyhoe, mais ou menos (para alguns), e directamente (para outros), descreveu esta situação, principalmente no seu livro The Flying Saucer Conspiracy, o livro foi rapidamente rejeitado por todos os crentes. Foram precisos outros dez anos para que as suas declarações fossem justificadas". J. Vallee. (idem).

Vallee informa algo mais a respeito, em 1953, a Força Aérea liberou um texto completo, onde o nome de Luiz Álvares reunia-se aos de outros luminares das ciências, a CIA havia sido responsabilizada pela contenção de Keyhoe e havia uma recomendação secreta, esta, relativa à infiltração dos grupos ufológicos em assuntos que deveriam permanecer nas sombras. Os documentos que vieram à luz nos anos oitenta eram velhos conhecidos de Vallee desde os anos sessenta, quando Hynek vivia e era associado com o astrofísico. Eles foram libertados tardiamente, devido à pressão dos ufólogos invocando a liberdade de informação.

A crença na farsa do MJ-12, é um outro caso que entristece Vallee. Apesar de ter sido plantada por um rematado falsificador, Falcon (Doty), até hoje levanta celeumas. Ele avisa aos crentes ingénuos, que passaram a especular sobre a anatomia dos alienígenas estudados pelos sábios: alguns dos detalhes anatómicos de alguns retratos dos extraterrestres,

foram, simplesmente, construídos por um computador em Hollywood para o filme documentário de Seligman (já citado): "Cover Up", mais especificamente conhecido sob o apelido de O Show do Sorvete de Morango (The Strawberry Ice Cream Show) como foi glosado por um céptico e aceito pelos que fazem uso da sua própria razão. Aproveitando a deixa, Vallee não acredita que os seres vistos pelos contactados, com as características fisiológicas deste comedor de sorvete de morango, descrito como "gray" na maioria dos contactos ditos extraterrestres, possam estar entre nós, nos visitando ou aqui ficando.

Cientificamente, eles não aguentariam uma viagem interestelar, a menos que fossem outra espécie de "coisa" tecnológica, ainda além da nossa imaginação.

Metodologia do "Cover Up"

Descascando as camadas da cebola

1ª camada: compreender que a "Intelligentzia" age em estruturas semelhantes às cascas contidas em uma cebola. A primeira destas cascas está na primeira camada: a afirmação oficial de que os Ufos não existem. Este é o nível dos cépticos e dos cientistas que negam o fenómeno. Na opinião de Vallee, o fenómeno existe, mas é necessária uma pesquisa séria, honesta e produtiva, para prová-lo.

2ª camada: o MJ-12. No seu simbolismo, apesar de tudo, este caso é demonstrativo de que existe uma grande conspiração para se esconderem dados. Mas o governo se mantém insensível. Washington deve, forçosamente, estar tentando decifrá-los, mas este esforço não se constitui em uma VERDADE SECRETA: dados, não são informação. Temos DATA (dados) sobre o cancro, mas as mortes causadas por ele continuam acontecendo.

3ª camada: são as informações devidas às cortesias de John Lear e Bill Cooper:
"Os alienígenas estão aqui, governam o mundo e... são canibais!"

Valle acha que, talvez, esta camada possa parecer um tanto ridícula, mas que tem funcionado às mil maravilhas. Este tipo de cortesia teve o dom de desestabilizar a credibilidade de toda a pesquisa ufológica americana como sendo a mais pura ciência ficção!

Chega-se à uma verdade que passa despercebida, ainda. Esta verdade diz respeito aos que clamam, em público, pela liberação dos segredos encobertos pelo governo e as suas agências e departamentos: o Cover Up.

"O Cover Up, muitas vezes, é composto pelos que clamam contra ele, sem o saberem, talvez, eles encarnam o próprio Cover Up". J. Vallee.

"Para descobrirem a verdade, é assim que eu procedo, devemos continuar, pacientemente a pelar esta cebola até às suas camadas as mais profundas. Mesmo – QUE ESTE PROCESSO, OCASIONALMENTE, TRAGA LÁGRIMAS NOS NOSSOS OLHOS".

J. Vallee.

Os Motivos da Desinformação

Qual seria a motivação do governo americano nas suas campanhas de desinformação, que, realmente existem visando a outros fins? A ideia de J. Vallee a respeito é a de que "alguém, na estrutura governamental, está usando de histórias a respeito de quedas das naves extraterrestres para esconder alguma coisa. É facto que o Pentágono possui a maior colecção de fotografias de UFOS e de filmes, gravações electromagnéticas e registos de radar. Mas "documentos" não é "informação".

Uma das funções dos "relações públicas" da Força Aérea é, exactamente, a de lançar rumores, confusão e desinformação na área da ufologia. Um dos seus motivos é o de "pescar" as ricas informações que alguns grupos de pesquisa séria lhes trarão, incentivados pelos rumores. Lançam a linha e o peixe vem. É certo que o DAVA e a Norton AFB, agências de relações públicas, são as campeãs deste mister e fazem mais, o "pato" é pago pelos pesquisadores amadores que avalizaram as diversas farsas que eles compõem. Assim, vão se safando com elegância, de todas as

consequências que eles próprios já previam. O "mico salta em ombros alheios". "Quando Allen Hynek e eu nos recusamos a participar do engodo, exigindo evidência científica de peso, eles recrutaram pessoas que não estavam tão preocupadas com provas. Usaram os trunfos que possuíam em Hollywood e no mundo editorial, para iniciar o rumor de que os Estados Unidos haviam recolhido discos voadores que se espatifaram no solo." Explica Vallee.

Muitos ufólogos experientes e amigos de Jacques Vallee despertaram para o facto de que as histórias contadas a respeito do MJ-12 e dos alienígenas haviam sido espalhadas e originadas pelo Pentágono e no Pentágono. Eles haviam tido o cuidado de "plantá-las" e de "regá-las" com todo o carinho: por isto vicejaram e deram bons frutos... Para eles.

Só se pode especular a respeito desta motivação pelo absurdo, entretanto, já que não é pecado especular, uma ideiazinha incómoda grita por ser atendida: a desinformação REAL, as FARSAS, MANIPULAÇÕES e outros etcéteras podem servir ao desejo de afastar os entulhos dos caminhos, ou seja, os ufólogos, no sentido de que os pesquisadores governamentais se vejam desimpedidos, para empreenderem uma pesquisa séria, livres das amolações provocadas pelos cientistas intrometidos e pelos ufólogos amadores insistentes. Pode ser, também, que haja nestes locais específicos, fanáticos pertencentes à área política ou religiosa, promovendo todos os distúrbios possíveis, mas bem-vindos para os grupos da desinformação. Segundo Vallee, "esta hipótese pode parecer ingénua, para uma grande maioria de pessoas, entretanto, nas últimas décadas os investigadores federais têm descoberto e perseguido grupos infiltrados e ligados a vários cultos: o do Rev. Moon, cientologia ou organização La Rouche. De qualquer maneira, compreendemos que os que reclamam a exposição do que está encoberto poderão tornar-se nos instrumentos usados para encobrir "verdades que não podem ser ditas" e devemos procurar por estas verdades olhando noutra direcção". - J. Vallee – Revelations – pág. 92 – Ed. Ballatine Book.

As Armadilhas

"As agências de inteligência" se esquecem de que antes de poderem classificar ou censurar informação, ela deve existir como sendo um pensamento consciente dentro da cabeça de alguém. Isto é especificamente verdadeiro nos processamentos de dados a respeito dos Ufos. Eles podem ser investigados, pois deixam rastros que são verificados por alguém capaz de possuir pensamento independente. Mas a chave pivotal aqui é: INDEPENDENTE. A ausência total de preconceitos na investigação implica no reconhecimento cuidadoso de se evitar cair em alguns "becos sem saída". J. Vallee – Revelations – pág. 84 – Ballantine Book.

As armadilhas, se reconhecidas em tempo, podem evitar que o nosso racional "descarrile" dos trilhos correctos. São sete armadilhas, as indicadas por J. Vallee.

Entretanto, é preciso nos lembrarmos da "chave-mestra": pensamento independente, que não se deixa toldar por quaisquer tutelas, mesmo que, de princípio, nos pareçam sábias. A mente livre de tutelas é imparcial e pode compor os factos com clareza, enxergar contradições, descobrir deficiências, enfim, só ela é capaz de se encontrar com a verdade.

Seleccionamos as "armadilhas" encontradas por Vallee, o leitor que as julgue ou... Que faça um auto conhecimento!

Armadilha 1

Defrontamos com uma declaração sumamente estranha. Ex.: "Estou em contacto com uma civilização estranha e eles me conferiram poderes e ensinamentos". Prove: dizemos nós. Quem o afirmou executa um acto paranormal ou nos exhibe elementos de um saber superior e avançado (para nós)! Você sai correndo e inicia um processo de "marketing" conhecido como: "boca a boca", antiquíssimo, mas que funciona às mil maravilhas. A mente livre, ao contrário, investiga:

- a) O que foi feito;
- b) Ou ensinado.

No primeiro caso, descobrirá que a pessoa é um paranormal ou um mágico, prestidigitador ou farsante, todavia, não apresentou a prova do que afirmou. Mas a mente humana gosta de oferecer conclusões apressadas e faz logo o que Vallee chama de TRANSIÇÃO – B é verdadeiro por estar condicionado ao A, se o A é verdadeiro B também o é. O que é inteiramente injustificável. Portanto, o que foi feito ou ensinado provém de um dom ou sabedoria alienígena e não do que se estudou talvez secretamente, ou dos dons recebidos "de graça".

Armadilha nº 2

Descoberta por um céptico. Dizia ele que os investigadores do paranormal jamais retornam às suas bases de crença normais, desde que estejam convictos a respeito de um factor estranho, mesmo que depois este factor ou facto seja reconhecidamente falso e ele tenha tido notícias disto. O exemplo perfeito foi vivenciado pelo próprio Vallee: o evento enganador e tendencioso de que humanóides vivos eram ou são custodiados pela Força Aérea e que vivem (e fizeram um contrato, com os humanos), nos subterrâneos de um local denominado Área 51. Vallee trabalhou por meses a fio, para encontrar o homem que espalhou esta notícia. Ele negou ter visto os humanóides. Até hoje, as pessoas e alguns ufólogos independentes ainda crêem nesta falácia e se organizam com palavras de ordem exigindo confirmações, "dicas", qualquer coisa que os satisfaça. A verdade é que esta crença tornou-se no seu ícone de adoração e não conseguem questioná-la de forma alguma – estão aprisionados por esta imagem – apesar das evidências. O viciado em casas lotéricas e loterias, que espera enriquecer-se, facilmente, algum dia, é um outro bom exemplo.

Armadilha nº 3

Este "engano" fala às nossas emoções e é mais devastador do que as armadilhas precedentes.

Porquê? Porque uma vez enganados, os pesquisadores do fenómeno continuam ávidos por novas "revelações", mesmo sabendo que serão

farsas. Funciona assim: uma personagem misteriosa faz qualquer tipo de contacto com o pesquisador, revelando factos ditos 'confidenciais'. Ele revela, um dia, que uma nave irá descer em determinado local e convida o pesquisador para comparecer, pode lhe fornecer, inclusive, "provas de que diz a verdade. Se o pesquisador ficou convencido de que o informante é de boa lavra e de que ele próprio pode arcar com as despesas de viagem até o local da aterragem, ele lá estará no dia e hora aprazados. Nada acontece!

Mas ele irá continuar acreditando no informante... Isto gratifica o seu ego – um informante de notícias confidenciais – uma forma de controlar certos eventos misteriosos e suas fontes, mesmo que sejam espúrias. Não importa mais se o estranho misterioso mente, ele lhe traz notícias que preenchem as suas próprias expectativas.

Armadilha nº 4

Vallee constatou que luminares da parapsicologia, da filosofia e da ufologia, "navegavam na maionese" se deliciando com os videotapes produzidos por gente como Falcon e Condor. Ele assistiu a uma palestra, em São Francisco, lotada pela "crème de la crème" dos luminares da parapsicologia californiana. O palestrante era, nada mais nada menos, do que Arthur Young, o inventor do rotor usado nos helicópteros da Bell. Young usava as revelações gravadas em videotapes, sobre os alienígenas vivendo em bases secretas. Um dos parapsicólogos, enlevado, disse a Vallee: "Finalmente, temos algo de tangível".

O "tangível" resumia-se nos videotapes mostrando estrangeiros agradáveis à vista, fazendo reclamações selvagens. Vallee espantou-se com o facto de que cientistas, dedicados aos delicados meandros que a parapsicologia oferece, comprovavam material já taxado de falso. Como não conseguiram usar da mesma crítica e do mesmo gabarito que empregavam para estudar e julgar os "efeitos" paranormais, naquela instância?

A única resposta plausível, nestas circunstâncias, é a de que o fenómeno UFO preenche um ideal e é um antídoto contra as frustrações que a vida traz para o nosso dia-a-dia e dentro das nossas carreiras e profissões. Ele nos eleva ao mundo dos sonhos. Vallee considerou uma ironia, observar

tantos luminares caindo nas falácias comprovadas do Aviário de Moore e dizendo, depois, com um sorriso nos lábios – "Pelo menos temos alguma coisa tangível, alguma coisa física".

Armadilha nº 5

Vamos que o Presidente dos Estados Unidos anuncie que os alienígenas aterraram e estão sob controlo nos subterrâneos de uma base do Novo México. Como a comunidade científica irá constatar se é verdade ou não?

Se existe um mistério, isto não implica que possa ser detectado sob os instrumentos das ciências e dos cientistas e, portanto, este mistério não poderia também ser falsificado por outros cientistas, possivelmente, mais bem equipados e com instrumentos ainda mais avançados? Onde estarão os limites do que pode ser falsificado?

Armadilha nº 6

Quando dois eventos: A e B acontecem em tempos quase instantâneos e em espaços próximos, a mente humana tende a unificá-los como sendo um só evento. E comete um engano. Os objectos estranhos voando em Groom Lake não provam a tese de Lear sobre hangares com naves espaciais na Base de Nellis. E mesmo que sejam discos, quem prova que sejam alienígenas? O Dr. Benewitz?

Armadilha nº 7

Esta armadilha diz respeito aos super-heróis do fenómeno ufológico e o que provocam os seus feitos e glórias, na mente do público. O público os adora, como a divindades, o seu prestígio é enorme, principalmente quando com um calhamaço nas mãos, acenam indignados pedindo o fim do SEGREDO. Na realidade, os mais justificáveis segredos têm que ser resguardados quando dizem respeito à protecção de novas capacidades tecnológicas e os injustificáveis à estupidez burocrática.

Quando uma destas cortinas se abre, é isto o que encontramos. Mesmo as que resguardam as autênticas "verdades horríveis", já foram abertas e julgadas, como o que foi descoberto nos anos 60 e 70. Nada fica escondido para sempre. Ao contrário do que pensam alguns ufólogos, os

interrogatórios feitos aos possíveis testemunhos autênticos da ufologia, não demonstram que as autoridades conheçam por dentro o fenómeno UFO, ao contrário, os testes de laboratório feitos pelas testemunhas e outros "que fazeres", demonstram que nem eles e nem ninguém sabe a realidade do fenómeno e que eles estão "pescando" informações. O que se conclui é que este fenómeno está sendo explorado e com muito sucesso, por vários grupos e para os seus próprios propósitos. Jacques Vallee faz um aviso aos que brincam de controlar o fenómeno UFO usando-o ao seu bel-prazer ou para se locupletar através dele – "Hipótese: se o "sistema de controlo" que comanda os UFOS se projectar, se um sinal seu nos for enviado sob a forma de consciência, o que pode, talvez, ser a forma de governo do fenómeno UFO, a fórmula para compreendê-lo só poderá ser encontrada neste nível. A "inteligência comunitária" não controla esta capacidade. Uma vez que os defeitos da razão humana ainda não foram compreendidos, desafiar o "sistema de controlo" dos UFOS é um jogo que ninguém pode jogar e sempre ganhar". - J. Vallee.

OS EFEITOS ESPECIAIS VÊM DE LONGE.



A teoria da Dissimulação.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães usaram de um efeito especial, construído com fumaça artificial e nele projectaram uma imagem da Virgem Maria, os braços abertos pedindo paz. O fito: confundir os franceses e cristãos, era como se a Virgem lhes pedisse – não matem os alemães, são também filhos queridos. Obtiveram algum sucesso. Aprendida a lição, na 2ª Guerra Mundial, os americanos usavam "inocentemente" estrelas de cinco pontas nos seus aviões e textos esotéricos atirados dos céus atingindo as crendices supersticiosas dos alemães e os atemorizando a ponto de acontecerem actos de covardia, segundo os pesquisadores Louis Pawells e Jacques Bergier, que viveram

esta guerra (Bergier esteve preso em um campo de concentração alemão, em território francês).

O grande problema, inicialmente, com este tipo de Mensageiros da Dissimulação (título de um livro de Jacques Vallee), era o de que as imagens apareciam "chapadas". Hoje, surgem perfeitas e às vezes são hologramas como o da Princesa Léia em Guerra nas Estrelas, pairando nos ares como um beija-flor. Todas estas aparições surgem envoltas em luzes e fumaça, que cegam os videntes e os impedem de enxergar de onde vêm as aparições, ou seja: do PROJECTOR DE IMAGENS.

Jacques Vallee propõe uma questão: "Suponha que você é um guarda destacado para a segurança de parte do perímetro de uma Base de Mísseis. Você está preparado para receber um inimigo que poderá roubar coisas importantes, segredos de guerra, material nuclear, ou, simplesmente testar as defesas. De repente, surge um helicóptero sem iluminação, voando baixo, vem na sua direção. O que você faz?"

A resposta é lógica: você responderá automática e instintivamente: Eu atiro nele! E se você for católico e vir, ao invés de um helicóptero, a Virgem Maria lhe atirando pétalas de rosa, Você atiraria nela? "E se", diz Vallee, "sendo mais profundos ainda, vir um disco voador, talvez até pilotado por um alienígena?" Você teria a coragem de atirar, mesmo não pensando em momento algum que poderia iniciar uma guerra interplanetária? Pois saiba que estes exercícios-teste têm sido feitos, com certa frequência e de que estes testes podem explicar muitos dos avistamentos perto dos silos de mísseis que têm causado revolução nos grupos de ufólogos amadores. As bases se mantêm silenciosas, revelar estes segredos tiraria a sua eficácia.

A Teoria da Dissimulação

Vallee aponta duas questões para explicar a Teoria da Dissimulação, relativa a certos casos ufológicos e nesta explicação surgem outras relações e aspectos surpreendentes acerca deste fenómeno.

1. Como pode uma unidade militar tão pequena, simular eventos ufológicos tão complexos? Tendo-se em vista o Caso Pontoise, Ummo e o acontecido em Bentwaters?

2. Porque resolveram realizá-los?

Há dificuldade de explicação para a primeira questão: "Uma combinação de aparelhos tecnológicos usados, em tal sequência e em tal contexto psicológico, como o de levar os observadores e, se necessário, o público, a uma irrevogável conclusão de que um Ufo esteve realmente, presente". J. Vallee.



Não se explicam com isto todos os avistamentos de Ufo até agora, pois, evidentemente, este tipo de veículos de controlo remoto era difícil de ser produzido nos anos cinquenta. Eles foram construídos a partir da Guerra do Vietname e cobrem o período dos três eventos citados por Jacques Vallee: Pontoise, Ummo e Bentwaters são, aparentemente, perfeitos na sua aparência de naves alienígenas e possuem alta tecnologia. O inventor destes aparelhos os explicou para Jacques Vallee, com detalhes minuciosos: podem manobrar por debaixo ou no topo das árvores e têm condições de voar dentro de uma "sala de encontros" e em janelas. Nele existem câmaras de televisão para reconhecimento dos ambientes e para transmiti-los, são munidos com microprocessadores, não produzem ruído algum e outras tecnologias mais. O seu inventor os construiu, primeiramente, para as agências de inteligência do governo dos Estados Unidos. Os mais modernos aparelhos, do tipo foram desenvolvidos pelo Dr. Moller, perto de Sacramento, Califórnia. Os inventos do Dr. Moller são altamente manobráveis e carregam um piloto, se assim se desejar. Foram criados para inspecionarem terrenos hostis. São equipados com luzes e indistinguíveis dos discos voadores actuais e reais.

Como foi Vallee quem sugeriu os eventos do filme Contactos Imediatos do 3º Grau, de Spielberg, ele deixou a sugestão destas possíveis farsas (e uma alusão ao Caso Benewitz - origem da Área 51) nos enganos da multidão que pensava testemunhar avistamentos, onde naves se transformavam, de repente, em helicópteros profusamente iluminados. Depois de nos inteirarmos das conclusões de Jacques Vallee, percebemos a quantidade de dicas que ele nos deixou no filme onde serviu de MODELO par o personagem do cientista francês, encarnado pelo actor François Truffaut.

Vallee afirma ter a confirmação deste tipo de teste, nas confissões feitas a ele por homens treinados na penetração de fábricas nucleares e bases de mísseis. As Bases jamais falaram a respeito destes testes e, espantosamente, guardam os seus segredos enquanto os ufólogos amadores se descabelam na mídia contra outros tipos de encobrimento. Com estes testes psicológicos, os militares calibram o julgamento imediato dos seus observadores: numa situação real, como eles reagiriam? Sejam eles guardas, oficiais da inteligência, pilotos, policiais, etc. Há uma outra razão também, esta, sub-reptícia: e os cientistas? Seriam eles capazes de distinguir o que é real do que é irreal? "Apesar de todo este trabalho de verdadeiro encobrimento, há uma realidade absoluta: os ufos existem! As únicas pessoas que podem provar esta realidade com documentação são os ufólogos. Eles podem apresentar provas e denunciar as discrepâncias entre o fenómeno UFO REAL e a sua simulação manufacturada". J. Vallee.

Os Problemas dos Ufólogos

Desde os anos cinquenta a Força Aérea e o governo têm estudado, despistadamente, este fenómeno. Sob este ponto de vista, os que acusam estas agências, corporações e o governo de encobri-los, estão cobertos de razões. Estes órgãos têm ridicularizado e desmentido as testemunhas, desmoralizado e mentido a respeito de pessoas sinceras que narram os eventos que lhes aconteceram. Quando um facto qualquer não tem jeito de ser negado, as autoridades arranjam sempre

os seus próprios oficiais que os relataram ao congresso, muito antes das testemunhas e as glórias são para os ilustres desconhecidos militares. Os que reclamam e gritam sobre o encobrimento, em primeiro lugar, seguidos pelos protestos dos ufólogos, os cabeças, estranhamente estão ligados aos militares ou às agências de inteligência, portanto, é lógico que não estão expondo as suas queixas quanto ao Cover Up real e se divulgam algum segredo, não é este o segredo real. Como aconteceu com John Lear, um piloto da CIA – control/airline. Bill Cooper da Inteligência Naval, Bill English analista de informações em Londres, Bill Moore, já havia admitido ter sido um informante da Força Aérea e já havia confessado a verdade horrível da sua actuação no Caso Benewitz e encabeçando o seu Aviário. O Falcon do Aviário, Richard Doty, foi treinado em desinformação e na área psicológica, além de ter sido descoberto como sendo um falsificador em várias outras ocasiões e por testemunhas.

Qual seria a magia feita por estes personagens para convencer os ufólogos sobre farsas como: Hangar 189, MJ-12, Área 51 e outros? "A resposta é tristemente simples", diz Vallee. Muitos dos ufólogos são inacreditavelmente ingénuos a respeito da metodologia usada pela Intelligentzia. Mesmo os cientistas, dentre eles, nunca se deram ao trabalho de aprender as regras com as quais se regulam e controlam as informações classificadas, as usadas e as liberadas. E quando um "exposé" real vem à luz, recusam-se em aceitá-lo, a menos que isto aconteça preenchendo as suas próprias pré concepções". J. Vallee (Revelations pág. 181 - Ballantine Book).

No seu livro Mensageiros da Dissimulação, Vallee apontou todos os verdadeiros "exposés" (casos reais expostos). Falou sobre o Major Keyhoe, fundador de Nicap e grande ufólogo. Após escrever vários livros e de lutar contra o Grupo do Silêncio, o Major Keyhoe, grande amigo de Vallee, foi vigiado pela "inteligência" comunitária, o que também aconteceu com alguns outros grupos de pesquisas do fenómeno. Keyhoe, mais ou menos (para alguns), e directamente (para outros), descreveu esta situação, principalmente no seu livro The Flying Saucer Conspiracy, o livro foi rapidamente rejeitado por todos os crentes. Foram

precisos outros dez anos para que as suas declarações fossem justificadas". J. Vallee. (idem).

Vallee informa algo mais a respeito, em 1953, a Força Aérea liberou um texto completo, onde o nome de Luiz Álvares reunia-se aos de outros luminares das ciências, a CIA havia sido responsabilizada pela contenção de Keyhoe e havia uma recomendação secreta, esta, relativa à infiltração dos grupos ufológicos em assuntos que deveriam permanecer nas sombras. Os documentos que vieram à luz nos anos oitenta eram velhos conhecidos de Vallee desde os anos sessenta, quando Hynek vivia e era associado com o astrofísico. Eles foram libertados tardiamente, devido à pressão dos ufólogos invocando a liberdade de informação.

A crença na farsa do MJ-12, é um outro caso que entristece Vallee. Apesar de ter sido plantada por um rematado falsificador, Falcon (Doty), até hoje levanta celeumas. Ele avisa aos crentes ingênuos, que passaram a especular sobre a anatomia dos alienígenas estudados pelos sábios: alguns dos detalhes anatómicos de alguns retratos dos extraterrestres, foram, simplesmente, construídos por um computador em Hollywood para o filme documentário de Seligman (já citado): "Cover Up", mais especificamente conhecido sob o apelido de O Show do Sorvete de Morango (The Strawberry Ice Cream Show) como foi glosado por um céptico e aceito pelos que fazem uso da sua própria razão. Aproveitando a deixa, Vallee não acredita que os seres vistos pelos contactados, com as características fisiológicas deste comedor de sorvete de morango, descrito como "gray" na maioria dos contactos ditos extraterrestres, possam estar entre nós, nos visitando ou aqui ficando. Cientificamente, eles não aguentariam uma viagem interestelar, a menos que fossem outra espécie de "coisa" tecnológica, ainda além da nossa imaginação.

Metodologia do "Cover Up"

Descascando as camadas da cebola

1ª camada: compreender que a "Intelligentzia" age em estruturas semelhantes às cascas contidas em uma cebola. A primeira destas cascas

está na primeira camada: a afirmação oficial de que os Ufos não existem. Este é o nível dos cépticos e dos cientistas que negam o fenómeno. Na opinião de Vallee, o fenómeno existe, mas é necessária uma pesquisa séria, honesta e produtiva, para prová-lo.

2ª camada: o MJ-12. No seu simbolismo, apesar de tudo, este caso é demonstrativo de que existe uma grande conspiração para se esconderem dados. Mas o governo se mantém insensível. Washington deve, forçosamente, estar tentando decifrá-los, mas este esforço não se constitui em uma VERDADE SECRETA: dados, não são informação. Temos DATA (dados) sobre o cancro, mas as mortes causadas por ele continuam acontecendo.

3ª camada: são as informações devidas às cortesias de John Lear e Bill Cooper:

"Os alienígenas estão aqui, governam o mundo e... são canibais"! Valle acha que, talvez, esta camada possa parecer um tanto ridícula, mas que tem funcionado às mil maravilhas. Este tipo de cortesia teve o dom de desestabilizar a credibilidade de toda a pesquisa ufológica americana como sendo a mais pura ciência ficção!

Chega-se à uma verdade que passa desapercibida, ainda. Esta verdade diz respeito aos que clamam, em público, pela liberação dos segredos encobertos pelo governo e as suas agências e departamentos: o Cover Up.

"O Cover Up, muitas vezes, é composto pelos que clamam contra ele, sem o saberem, talvez, eles encarnam o próprio Cover Up". J. Vallee.

"Para descobrirem a verdade, é assim que eu procedo, devemos continuar, pacientemente a pelar esta cebola até às suas camadas as mais profundas. Mesmo – QUE ESTE PROCESSO, OCASIONALMENTE, TRAGA LÁGRIMAS NOS NOSSOS OLHOS". J. Vallee.

A Teia de Aranha

"A ufologia é um negócio verdadeiramente cómico". Ivan Luderson,

naturalista e escritor.

Ivan Luderson se referia à maneira através da qual a ufologia é pesquisada por um certo número de pessoas que se intitulam de ufólogos.

E ele está coberto de razões, pensa Vallee. Vejamos: em 1974 a Força Aérea "balançou uma cenoura" no nariz de Emenneger, sob a forma de prova extraterrestre. A mesma cenoura foi apresentada à repórter Linda Howe, estranhamente, quem era o proprietário da cenoura ofereceu-lhe um trabalho no mesmo ramo da Força Aérea, que estava intimamente ligado a Bill Moore. Moore era ufólogo recrutado como informante da Força Aérea. O mesmo jogo foi jogado com Hynek e Vallee, em 1985, os dois aceitaram a oferta.

Mas Linda Howe, ingenuamente, comeu a cenoura e... foi desacreditada para sempre, o seu documentário naufragou e o seu trabalho sobre o gado mutilado, considerado por J. Vallee, muito sério, honesto e bem documentado, também soçobrou. O deão dos ufólogos considera este facto uma injustiça clamorosa!

A prova incontestável de Doty – o Falcon: o Majestic 12, intitulado por ele de REVELAÇÃO, foi servido aos ufólogos que, credulamente nela confiaram devido à fama de Bill Moore, já conhecido através do livro sobre o Caso Roswell, escrito em co-autoria com Charles Berlitz, citado como prova de um intervenção extraterrestre.

Na Inglaterra aconteciam factos semelhantes, nesta época. Jenny Randles, uma das pesquisadoras do Caso Bentwaters, relatou a Jacques Vallee que foi procurada discretamente, e recebeu ofertas de informações secretas relativas à presença de extraterrestres na terra. Como já haviam procedido, Vallee e Allen Hynek, ela se recusou a cooperar, a menos que fosse jogado um jogo limpo e ela pudesse checar as provas e conhecer as fontes.

Como castigo, Jenny Randles foi posta de lado e substituída por um outro canal, Timothy Good, que publicou, rapidamente, um livro "Above Top Secret", escorando a farsa decepcionante representada pelo MJ-12,

não revelando a mínima das descobertas já feitas a respeito deste caso e sem criticar o mesmo. Timothy Good, ao contrário, afirmava a cooperação dos extraterrestres com os governos mundiais e todo o resto da lenda.

Outro passo no caminho trilhado para confundir o público e desestabilizar a pesquisa ufológica, foi dado por John Lear e a sua actuação no Caso Benewitz. Bill Moore, de público, revelou a ignomínia que ajudou a fazer, a mando da Air Force Office of Special Investigations, contra um físico respeitável (vide o Caso Benewitz). Dois outros coadjuvantes desta farsa indigna e que gerou a farsa da Área 51, apresentaram-se em seguida, para apoiarem esta mentira: Bill Cooper e Bill English. Paul Benewitz conversou longamente com Vallee.

Jacques Vallee arrazoa que não questiona a boa fé destes cidadãos, eles podem ter acreditado piamente em documentos falsificados, coisa muito comum na arte da desinformação, como testes preparados para julgarem as habilidades discriminativas e analíticas e o grau de sagacidade dos testados. Saber se são dignos de confiança e dos cargos que ocupam e onde exercem funções de uma certa importância e responsabilidade. Vallee finaliza dizendo que eles não devem ter passado nos testes: Bill English foi dispensado do seu cargo logo em seguida ao incidente e aproveitou a deixa para dizer aos seus crédulos seguidores, que a sua demissão era uma prova de que as suas informações seriam genuínas. E Bill Cooper tornou-se em conferencista.

Esta teia de aranha se aproveita da loucura humana e é uma teia que prende as mentes de vários estudantes do misterioso fenómeno, uma teia que prende e cola, tecida por milhares de "aranhas" que exploram a credulidade da maioria.

"...Frívola ou importante, como pode se apresentar, deve haver uma motivação por detrás destas farsas e simulações que tentei expor neste livro". J. Vallee (Revelations - pág. 195 a 197 - Ballantine Book).

Kaleidoscópio

Alguns dos informantes de Jacques Vallee lhe disseram que os cientistas

militares conseguiram manufacturar discos como plataformas de operações de reconhecimento, contra terrorismo, etc. Estes discos em tamanhos variados, e são equipados com alta tecnologia quanto a lasers, aparelhagem usada para efeitos psicológicos especiais (fazer dormir, induzir paralisia ou alucinações nas tropas inimigas). Estes aparelhos existem e são testados em todos os Estados Unidos, e foram desenhados em Silicon Valley e Washington. Estão sendo empregados em acções de anti-terrorismo ao redor do mundo. É bom lembrar que pessoas, no mundo inteiro, te observado este tipo de aparelhos que nada têm de extraterrestres. Fazer com que as pessoas pensem que estão testemunhando um avistamento é um ardiloso estratagemma"!

A grande "bronca".

Em Junho de 1989, Jacques Vallee recebeu um telefonema de Bill Cooper que lhe perguntou se ele iria realizar um "ENCONTRO", para falar dos casos de "mutilação humana", pesquisa que Vallee fora empreender no Brasil. Vallee caiu na gargalhada. O seu "curriculum" era cheio de boatos hilários, a respeito do que dissera ou experienciara. No grupo MUFON, por exemplo, explodira o boato de que Vallee havia sido teleportado, misteriosamente, no carro dirigido pelo pesquisador psíquico Ray Stanford. Um jornal mexicano noticiara que Vallee havia afirmado que havia UFOS ao redor da explosão da nave Challenger. Coisas deste tipo. Agora, vinha Bill Cooper que se arvorava ser um pesquisador sério, paladino da exposição mundial da maior conspiração da história, tomando o lixo como sendo coisa séria.

Vallee refutou o boato e forneceu a explicação de que iria falar sobre as suas pesquisas feitas no Brasil, mas sobre "os ferimentos" provocados pelos OVNI nos seres humanos e não sobre "mutilações feitas em humanos". Os tablóides haviam anunciado, com razão, que ele encontrara e investigara testemunhas que viram corpos humanos de onde o sangue havia sido inteiramente removido, mas ele não havia encontrado nenhuma evidência nestes casos.

Irritado, Bill Cooper perguntou ao pesquisador se ele estava procurando a verdade ou tratando de escondê-la. A resposta de Vallee foi a seguinte: -"Não teria ido ao Brasil, às minhas próprias expensas, se não estivesse

buscando a verdade".

Vallee confessa que a sua pele, sob o colarinho, esquentou um pouco: - "afinal de contas, fora ao Brasil e Bill não. Deixa que ele pague uma viagem para Manaus, se quer checar o meu trabalho", pensou Vallee. Cooper deu-lhe uma verdadeira chicotada: - "Pensamos que você não despendeu o seu dinheiro, sabemos para quem você trabalha..." Pela primeira vez na sua vida, confessa Jacques Vallee, ele desligou o telefone "na cara" do seu interlocutor!

Era deprimente pensou ele, um pesquisador honesto e sério, há anos na pesquisa ufológica e trabalhando para que ela progredisse, evoluísse sempre, fosse tomado como sendo o participante de uma conspiração como contribuinte da "verdade horrível". Já haviam feito coisa semelhante com o seu grande amigo e sócio o íntegro Dr. Allen Hynek com a farsa do Report 13.

Considerações de Jacques Vallee

"É assim que age e trabalha a máquina do MITO e da fantasia?"

Perguntou-se, enquanto sentia o seu peito oprimido. As lendas sobre o MJ-12 e Área 51, teriam desequilibrado pessoas, como Bill Cooper, a ponto de torná-las suspeitosas de cada palavra, cada acção, cada sombra, tomando-as como fora do contexto? Quais seriam as injúrias provocadas por sabe quais eventos, que levariam gente, como Cooper, a tal desespero? Vallee resolveu não pensar mais sobre esta falsa acusação, telefonou para John Lear, a quem ele respeitava muito e lhe disse que nunca mais ele falaria com o seu amigo Bill Cooper.

Notas Importantes.

"John Lear e Bill Cooper estão certos, quando afirmam que a verdade é mais horrível do que quaisquer coisas que possamos imaginar, mesmo que eles estejam tragicamente errados sobre os verdadeiros factos e os verdadeiros motivos do que afirmam".

A história relatada por Lear é originada directamente do "Caso Benewitz", baseado na hipnose questionável feita por Sprinkle, que de

um simples episódio, foi amplificada e ajudada pelos esforços desinformativos de Bill Moore. Bill Cooper continua, nos seus ENCONTROS a desinformar, dizendo que a lua tem um "lado escuro". Jacques Vallee.

"Não há nada escrito e assinado pelo cientista alienígena Krill ou Crill. Nesta pesquisa, fui ajudado pelos meus associados: nestes últimos vinte anos, nada foi publicado com esta assinatura em revistas científicas, jornais, etc, nos campos da física teórica, biologia e química".

Bill English, o que tem medo de ser assassinado, faz conferências em Las Vegas, para milhares de pessoas. Relaxado, simpático, bem-falante na companhia do "arquicéptico" Philip Kass. Ele narra a sua história, dizendo ter servido em um nível inferior de "intelligentzia", onde foi consultado para avaliar se certas notícias eram verdadeiras. Foi neste contexto que ele afirmou a Bill Cooper ter visto o tal Report 13 que Cooper foi chamado para analisar depois.

Vallee conversou com Bill English em Las Vegas e chegou à seguinte conclusão: - "Ele e Bill Cooper podem ter visto, realmente, documentos falsos. Não estão mentindo, portanto. Isto aconteceu simplesmente, como teste de julgamento das suas capacidades como "analistas da intelligentzia". É assim que agem e disto existem evidências conclusivas: vide o "Caso Pontoise" e outros.

Sobre o REPORT 13

"Este Report 13 é o mesmo "documento" onde está citado o nome de Hynek associado a autópsias, fotos, etc., e nele é mencionado o termo "close encounters", cunhado por Hynek, em relação às aterrissagens alienígenas. Co-autor: Coronel Friend. "O Report 13 é uma desprezível fabricação". - Jacques Vallee.

Como associado directo de Hynek, Vallee assegura ao leitor do seu livro "Revelations", que "Hynek era altamente céptico a respeito da existência de UFOS espatifados e mais ainda, a respeito dos supostos alienígenas. Ele se encontrava muito com Leonard Stringfield, que dizia possuir muitas fontes de informação, mas quem sempre declinou identificá-las ou de deixar que se encontrassem com Hynek privadamente. Ele sempre

voltava frustrado destas visitas.

"Meu amigo Fred Beckman, quem também conheceu Hynek profundamente, lembrou-se de que este mestre não havia cunhado o termo "close encounters" desde os anos setenta, como Cooper afirmou ter visto no tal Report 13. O Report 13 é uma desprezível FARSA. Com relação ao Coronel Friend, ele era apenas um major quando encabeçou o Projeto Blue Book" – Jacques Vallee. Revelations – J. Vallee – pág. 82 – Ed. Ballantine Book.

"Existiria uma força sinistra trabalhando, usando estes pesquisadores frustrados propositadamente, para disseminarem tais informações espúrias que servem aos seus propósitos?" – J. Vallee.

Agências Secretas e Armadilhas levam à "Dreamland"

Porque a perseguição destas corporações contra os pesquisadores da Ufologia, sempre colocando armadilhas e desinformações nos seus caminhos? Pergunta Vallee.

Como exemplo: os misteriosos acontecimentos que se desenrolam e são filmados e fotografados em Groom Lake e adjacências? Seriam ARMADILHAS para os incautos, porém curiosos investigadores destes fenómenos estranhos?

Esta armadilha tem uma causa palpável e polpuda! Basta dar uma "checada" na análise financeira da "Lockhead Corporation" publicada no dia 06/02/1990 pela "Corretora Bateman, Eicher, Hill, Richards" que pode nos dizer algo a respeito de certa actividade denominada por Vallee de "skunk works":

"Os saldos permaneceram relativamente robustos, a despeito da transferência do SR-71 (avião espião) de serviço da Força Aérea e da conclusão pendente da produção de uma parte do F-117 A Stealth Fighter Program... Especulamos que muito do declínio tem sido absorvido peloAURORA".

Vallee explica: "O fundo em questão subiu de \$25 milhões em 1987 para \$150 milhões em 1988, \$325 milhões em 1989 e meio bilhão de dólares em 1990, o que indica um grande esforço tecnológico."

E, o que indicaria este nome Aurora? Logicamente, não seria a "Princesa Aurora" do conto "A Bela Adormecida"! Um elemento da sua identidade pode ser encontrado no mês de Fevereiro de 1990, expedido por INTERAVIA. O expert Bill Sweetman reportou que "uma aeronave, radicalmente nova, possivelmente não dirigível por piloto, está sendo testada em Groom Lake. Sweetman faz uma especulação sobre a velocidade de cruzeiro da tal aeronave: Mach 6 e movida por "ramjet propulsion".

Vallee, astuciosamente, propõe: "Será que os rumores acerca dos discos voadores na Área 51 foram plantados deliberadamente pelos militares, no esforço de desacreditarem os relatos feitos por qualquer um que observasse as estranhas manobras desta nave avançada, que não podiam esconder da vizinhança próxima?"

"Moore, Condor, Falcon, Lear e "Dennis" (Robert Lazar), que se dizem os delatores do Cover Up (encobrimento) governamental, talvez estivessem bancando os otários, sem o saberem. Faziam parte da operação do verdadeiro encobrimento como inocentes úteis. Qual a motivação?" – Jacques Vallee.

Se o leitor ainda não concluiu: a protecção de um investimento de meio bilião de dólares ao ano. Esta formidável operação não tem nada a ver com o fenómeno UFO.

Os Motivos da Desinformação

Qual seria a motivação do governo americano nas suas campanhas de desinformação, que, realmente existem visando a outros fins? A ideia de J. Vallee a respeito é a de que "alguém, na estrutura governamental, está usando de histórias a respeito de quedas das naves extraterrestres para esconder alguma coisa. É fato que o Pentágono possui a maior colecção de fotografias de UFOS e de filmes, gravações electromagnéticas e registos de radar. Mas "documentos" não é "informação".

Uma das funções dos "relações públicas" da Força Aérea é, exactamente,

a de lançar rumores, confusão e desinformação na área da ufologia. Um dos seus motivos é o de "pescar" as ricas informações que alguns grupos de pesquisa séria lhes trarão, incentivados pelos rumores. Lançam a linha e o peixe vem. É certo que o DAVA e a Norton AFB, agências de relações públicas, são as campeãs deste mister e fazem mais, o "pato" é pago pelos pesquisadores amadores que avalizaram as diversas farsas que eles compõem. Assim, vão se safando com elegância, de todas as consequências que eles próprios já previam. O "mico salta em ombros alheios". "Quando Allen Hynek e eu nos recusamos a participar do engodo, exigindo evidência científica de peso, eles recrutaram pessoas que não estavam tão preocupadas com provas. Usaram os trunfos que possuíam em Hollywood e no mundo editorial, para iniciar o rumor de que os Estados Unidos haviam recolhido discos voadores que se espatifaram no solo." Explica Vallee.

Muitos ufólogos experientes e amigos de Jacques Vallee despertaram para o facto de que as histórias contadas a respeito do MJ-12 e dos alienígenas haviam sido espalhadas e originadas pelo Pentágono e no Pentágono. Eles haviam tido o cuidado de "plantá-las" e de "regá-las" com todo o carinho: por isto vicejaram e deram bons frutos... Para eles. Só se pode especular a respeito desta motivação pelo absurdo, entretanto, já que não é pecado especular, uma ideiazinha incómoda grita por ser atendida: a desinformação REAL, as FARSAS, MANIPULAÇÕES e outros etcéteras podem servir ao desejo de afastar os entulhos dos caminhos, ou seja, os ufólogos, no sentido de que os pesquisadores governamentais se vejam desimpedidos, para empreenderem uma pesquisa séria, livres das amolações provocadas pelos cientistas intrometidos e pelos ufólogos amadores insistentes. Pode ser, também, que haja nestes locais específicos, fanáticos pertencentes à área política ou religiosa, promovendo todos os distúrbios possíveis, mas bem-vindos para os grupos da desinformação. Segundo Vallee, "esta hipótese pode parecer ingénua, para uma grande maioria de pessoas, entretanto, nas últimas décadas os investigadores federais têm descoberto e perseguido grupos infiltrados e ligados a vários cultos: o do Rev. Moon, cientologia ou organização La Rouche. De qualquer maneira, realizamos que os que reclamam a exposição do que

está encoberto poderão tornar-se nos instrumentos usados para encobrir "verdades que não podem ser ditas" e devemos procurar por estas verdades olhando noutra direcção". - J. Vallee – Revelations – pág. 92 – Ed. Ballantine Book.

As Armadilhas

"As agências de intelligentzia" se esquecem de que antes de poderem classificar ou censurar informação, ela deve existir como sendo um pensamento consciente dentro da cabeça de alguém. Isto é especificamente verdadeiro nos processamentos de dados a respeito dos Ufos. Eles podem ser investigados, pois deixam rastros que são verificados por alguém capaz de possuir pensamento independente. Mas a chave pivotal aqui é: INDEPENDENTE. A ausência total de preconceitos na investigação implica no reconhecimento cuidadoso de se evitar cair em alguns "becos sem saída". J. Vallee – Revelations – pág. 84 – Ballantine Book.

As armadilhas, se reconhecidas em tempo, podem evitar que o nosso racional "descarrile" dos trilhos correctos. São sete armadilhas, as indicadas por J. Vallee. Entretanto, é preciso nos lembrarmos da "chave-mestra": pensamento independente, que não se deixa toldar por quaisquer tutelas, mesmo que, de princípio, nos pareçam sábias. A mente livre de tutelas é imparcial e pode compor os factos com clareza, enxergar contradições, descobrir deficiências, enfim, só ela é capaz de se encontrar com a verdade.

Seleccionamos as "armadilhas" encontradas por Vallee, o leitor que as julgue ou... Que faça um auto conhecimento!

Armadilha 1

Defrontamos com uma declaração sumamente estranha. Ex.: "Estou em contacto com uma civilização estranha e eles me conferiram poderes e ensinamentos". Prove: dizemos nós. Quem o afirmou executa um acto

paranormal ou nos exhibe elementos de um saber superior e avançado (para nós)! Você sai correndo e inicia um processo de "marketing" conhecido como: "boca a boca", antiquíssimo, mas que funciona às mil maravilhas. A mente livre, ao contrário, investiga:

- a) O que foi feito;
- b) Ou ensinado.

No primeiro caso, descobrirá que a pessoa é um paranormal ou um mágico, prestidigitador ou farsante, todavia, não apresentou a prova do que afirmou. Mas a mente humana gosta de oferecer conclusões apressadas e faz logo o que Vallee chama de TRANSIÇÃO – B é verdadeiro por estar condicionado ao A, se o A é verdadeiro B também o é. O que é inteiramente injustificável. Portanto, o que foi feito ou ensinado provém de um dom ou sabedoria alienígena e não do que se estudou talvez secretamente, ou dos dons recebidos "de graça".

Armadilha nº 2

Descoberta por um céptico. Dizia ele que os investigadores do paranormal jamais retornam à suas bases de crença normais, desde que estejam convictos a respeito de um factor estranho, mesmo que depois este factor ou facto seja reconhecidamente falso e ele tenha tido notícias disto. O exemplo perfeito foi vivenciado pelo próprio Vallee: o evento enganador e tendencioso de que humanóides vivos eram ou são custodiados pela Força Aérea e que vivem (e fizeram um contrato, com os humanos), nos subterrâneos de um local denominado Área 51. Vallee trabalhou por meses a fio, para encontrar o homem que espalhou esta notícia. Ele negou ter visto os humanóides. Até hoje, as pessoas e alguns ufólogos independentes ainda crêem nesta falácia e se organizam com palavras de ordem exigindo confirmações, "dicas", qualquer coisa que os satisfaça. A verdade é que esta crença tornou-se no seu ícone de adoração e não conseguem questioná-la de forma alguma – estão aprisionados por esta imagem – apesar das evidências. O viciado em casas lotéricas e loterias, que espera enriquecer-se, facilmente, algum dia, é um outro bom exemplo.

Armadilha nº 3

Este "engano" fala às nossas emoções e é mais devastador do que as armadilhas precedentes.

Porquê? Porque uma vez enganados, os pesquisadores do fenómeno continuam ávidos por novas "revelações", mesmo sabendo que serão farsas. Funciona assim: uma personagem misteriosa faz qualquer tipo de contacto com o pesquisador, revelando factos ditos 'confidenciais'. Ele revela, um dia, que uma nave irá descer em determinado local e convida o pesquisador para comparecer, pode lhe fornecer, inclusive, "provas de que diz a verdade. Se o pesquisador ficou convencido de que o informante é de boa lavra e de que ele próprio pode arcar com as despesas de viagem até o local da aterragem, ele lá estará no dia e hora aprazados. Nada acontece!

Mas ele irá continuar acreditando no informante... Isto gratifica o seu ego – um informante de notícias confidenciais – uma forma de controlar certos eventos misteriosos e suas fontes, mesmo que sejam espúrias. Não importa mais se o estranho misterioso mente, ele lhe traz notícias que preenchem as suas próprias expectativas.

Armadilha nº 4

Vallee constatou que luminares da parapsicologia, da filosofia e da ufologia, "navegavam na maionese" se deliciando com os videotapes produzidos por gente como Falcon e Condor. Ele assistiu a uma palestra, em São Francisco, lotada pela "crème de la crème" dos luminares da parapsicologia californiana. O palestrista era, nada mais nada menos, do que Arthur Young, o inventor do rotor usado nos helicópteros da Bell. Young usava as revelações gravadas em videotapes, sobre os alienígenas vivendo em bases secretas. Um dos parapsicólogos, enlevado, disse a Vallee: "Finalmente, temos algo de tangível".

O "tangível" resumia-se nos videotapes mostrando estrangeiros agradáveis à vista, fazendo reclamações selvagens. Vallee espantou-se com o facto de que cientistas, dedicados aos delicados meandros que a parapsicologia oferece, comprovavam material já taxado de falso. Como

não conseguiram usar da mesma crítica e do mesmo gabarito que empregavam para estudar e julgar os "efeitos" paranormais, naquela instância?

A única resposta plausível, nestas circunstâncias, é a de que o fenómeno UFO preenche um ideal e é um antídoto contra as frustrações que a vida traz para o nosso dia a dia e dentro das nossas carreiras e profissões. Ele nos eleva ao mundo dos sonhos. Vallee considerou uma ironia, observar tantos luminares caindo nas falácias comprovadas do Aviário de Moore e dizendo, depois, com um sorriso nos lábios – "Pelo menos temos alguma coisa tangível, alguma coisa física".

Armadilha nº 5

Vamos que o Presidente dos Estados Unidos anuncie que os alienígenas aterraram e estão sob controlo nos subterrâneos de uma base do Novo México. Como a comunidade científica irá constatar se é verdade ou não?

Se existe um mistério, isto não implica que possa ser detectado sob os instrumentos das ciências e dos cientistas e, portanto, este mistério não poderia também ser falsificado por outros cientistas, possivelmente, mais bem equipados e com instrumentos ainda mais avançados? Onde estarão os limites do que pode ser falsificado?

Armadilha nº 6

Quando dois eventos: A e B acontecem em tempos quase instantâneos e em espaços próximos, a mente humana tende a unificá-los como sendo um só evento. E comete um engano. Os objectos estranhos voando em Groom Lake não provam a tese de Lear sobre hangares com naves espaciais na Base de Nellis. E mesmo que sejam discos, quem prova que sejam alienígenas? O Dr. Benewitz?

Armadilha nº 7

Esta armadilha diz respeito aos super-heróis do fenómeno ufológico e o

que provocam os seus feitos e glórias, na mente do público. O público os adora, como a divindades, o seu prestígio é enorme, principalmente quando com um calhamaço nas mãos, acenam indignados pedindo o fim do SEGREDO. Na realidade, os mais justificáveis segredos têm que ser resguardados quando dizem respeito à protecção de novas capacidades tecnológicas e osinjustificáveis à estupidez burocrática.

Quando uma destas cortinas se abre, é isto o que encontramos. Mesmo as que resguardam as autênticas "verdades horríveis", já foram abertas e julgadas, como o que foi descoberto nos anos 60 e 70. Nada fica escondido para sempre. Ao contrário do que pensam alguns ufólogos, os interrogatórios feitos aos possíveis testemunhos autênticos da ufologia, não demonstram que as autoridades conheçam por dentro o fenómeno UFO, ao contrário, os testes de laboratório feitos pelas testemunhas e outros "que fazeres", demonstram que nem eles e nem ninguém sabe a realidade do fenómeno e que eles estão "pescando" informações.

O que se conclui é que este fenómeno está sendo explorado e com muito sucesso, por vários grupos e para os seus próprios propósitos.

Jacques Vallee faz um aviso aos que brincam de controlar o fenómeno UFO usando-o ao seu bel-prazer ou para se locupletar através dele – "Hipótese: se o "sistema de controlo" que comanda os UFOS se projectar, se um sinal seu nos for enviado sob a forma de consciência, o que pode, talvez, ser a forma de governo do fenómeno UFO, a fórmula para compreendê-lo só poderá ser encontrada neste nível. A "inteligência comunitária" não controla esta capacidade. Uma vez que os defeitos da razão humana ainda não foram compreendidos, desafiar o "sistema de controlo" dos UFOS é um jogo que ninguém pode jogar e sempre ganhar". - J. Vallee.

O Sumário de Bill Cooper.

O encontro realizou-se aos 29/03/1989 no Queen Mary, às 19:00 horas. Cooper compareceu com a sua namorada Annie. O grupo se dirigiu ao "Chelsea" para jantar. O "Chelsea" é um restaurante situado a bordo do navio Queen Mary.

A conversa logo fluiu e não foi gravada. Vallee esclarece que o diálogo

ficou gravado na sua memória e, segundo Cooper, difere um pouco do que ele próprio recorda. Vallee, civilizadamente, pede desculpas pelo facto... Cooper iniciou a entrevista dizendo não saber o porquê daquele encontro, já que tomara conhecimento através do Jornal Mufon, de que Jacques Vallee não acreditava no projecto Majestic-12.

Foi cientificado de que esta entrevista dada ao Mufon fora anterior ao encontro do astrofísico com John Lear, apesar de que, esclareceu Vallee, o seu juízo não havia mudado a respeito do projecto MJ-12 e acrescentou: - "Eu acredito que existe o fenómeno UFO que é físico, no senso comum, mas que pode manipular o tempo e o espaço de certa forma que nós, certamente, não compreendemos. Talvez, haja pessoas no mundo que compreendem..."

– "Eles compreendem", Cooper assentiu pedindo que Vallee prosseguisse.

O astrofísico dissertou sobre as suas dúvidas dizendo que acreditava que o governo tivesse dedicado o seu tempo, em profundidade, para estudar tal fenómeno apesar de que este factor não indicaria que ele, Vallee, acreditasse que o projecto MJ-12 fosse real.

Vallee e Cooper entraram em um diálogo longo e esclarecedor, resumido aqui, observadas as suas partes mais importantes:

Resumo do Diálogo

Bill Cooper após fornecer as suas credenciais de ex-combatente, disse que se envolveu com o fenómeno UFO em 1971-72, quando trabalhava na "Intelligentzia" da Marinha. Foi posto a par de documentos secretos a respeito da queda de UFOS e dos encontros entre os seus ocupantes e os cientistas. Havia sido feito um tratado entre os alienígenas e os terráqueos.

A documentação estava classificada como TOP SECRET S.I. Mas ele não tinha dúvidas de que naquela actualidade, possivelmente, o seu código já estaria substituído por outro. A uma pergunta de Vallee, Cooper forneceu o código dos documentos: MAJIC. Vários sumários compunham esta documentação e haviam sido formulados nos "Headquarter" das operações no Pacífico, no Havai, de onde se tinha a vista de Pearl Harbor. Ele mencionou nomes: Admiral Clarey, Admiral Weisner e Admiral John

Mc Cain. Como estava situado um posto abaixo do Admiral Clarey, ouvira relatos orais destas três personagens. Eles tinham que saber do caso, devido aos seus postos defensivos e porque já haviam sido abatidos dois UFOS, confundidos como sendo artefactos russos.

Quanto a factos contrários, como ataques provenientes dos UFOS, estas naves haviam abatido um B-52 na Guerra do Vietname e foram confundidos como sendo helicópteros russos, já que a Rússia tomara o partido do Vietname do Norte.

Ele, Cooper, era a testemunha de um "incidente" na ocasião da destruição de um submarino, supostamente russo, mas ele tinha a plena certeza de que era uma outra coisa.

Perguntado se já vira um alienígena, respondeu que não. Nunca havia visto um UFO abatido, sabia disto através de conversas ouvidas.

Presenciara, em 1966, um "avistamento" quando se encontrava a bordo do submarino USS Tiru, SS-416. Respondendo a Vallee, afirmou que o UFO não provocara distúrbio algum nas águas do mar.

- "Os sumários foram entregues nos "altos escalões" antes de 1971?", perguntou Vallee.

- "Devem ter sido entregues. Os textos estratificavam que o primeiro projecto secreto foi estabelecido no governo Eisenhower, sob as suas ordens, em 1953. Ike pediu a Rockefeller para ajudá-lo a fundar uma organização, que poderia empreender estudos sem que as diversas agências e o congresso tomassem conhecimento da situação. Rockefeller compôs esta organização sob os Jasons, um grupo da elite intelectual. A "Força de Tarefa", composta por doze homens, incluía: Kissinger, Dulles, Brzesinsky, George Bush e mais oito, o que se transformou no Projecto Majestic-12 sob Operação Majoritária".

"Eles se encontravam no local chamado Country Club (respondendo a uma pergunta de Vallee), porque ali podiam conversar sem levantarem suspeita alguma. O local foi doado aos Jason por Rockefeller e está situado na ilha de Maryland.

Vallee perguntou sobre os "assuntos-chave" destas reuniões e obteve a resposta de que seriam: UFOS e alienígenas.

Os Quatro Tipos de Alienígenas

"Há quatro tipos de alienígenas", disse Cooper. "Dois tipos de "grays", incluindo uma raça incomum, possuidora de longos narizes. Há os do tipo nórdico, arianos altos e louros, finalmente, os orange".

"Provenientes de onde?", perguntou Vallee.

"Lembro-me dos vários pontos de origem mencionados: de Orion, Plêiades, Betelgeuse, Barnard (estrela) e Zeta Reticuli".

"Você mencionou um tratado feito com eles?"

"Desde 1964".

"Porque buscariam problemas, entrando neste tratado feito connosco, desde que a sua tecnologia é muito mais avançada? John Lear mencionou um bilião de anos".

"Eles necessitam do governo para lhes manter as identidades secretas. Lembre-se de que tivemos um alienígena sob a nossa custódia. Nosso radar afectou o seu sistema de navegação e colocou a sua nave fora do equilíbrio". Bill Cooper. Revelations – J. Vallee – pág. 66/67 – Ed. Ballantine Book.

Vallee havia feito uma pesquisa minuciosa sobre "advanced microwaves" em uma companhia de electrónica, em Orange County. Esta companhia construiu um simulador de radar, dentre outros produtos militares. -"A ideia de que os nossos radares primitivos de 1949 haviam, repetidamente, tirado naves alienígenas dos céus tornava-se profundamente ridícula". J. Vallee.

Há também uma adenda a ser feita:

-"Os nossos aviões são equipados com o DARFUM (digital radio frequency modulator) pouco maior do que uma caixa de sapato, e que possui a capacidade de apreender, instantaneamente, todas as características das fontes electromagnéticas que estão operando nas suas vizinhanças, para reagir contra elas e até para produzir informações falsas, se necessário, numa fracção de segundos. É duro de se acreditar que uma nave com um avanço de "um bilião de anos" não possuísse algo similar ou de capacidade superior à nossa". Revelations – J. Vallee – pág. 67 – Ed. Ballantine Book.

Vallee aprendeu, ouvindo Bill Cooper, que as naves são propulsionadas por um pequeno reactor nuclear, do tamanho de uma bola de futebol (futebol americano). E os ETs usam uma dobra do espaço-tempo. Cooper confessou não entender mais desta questão, pois não é um físico. Têm, aparentemente, o poder da invisibilidade e de que, antigamente, o metal com o qual as naves eram construídas, seria magnésio puro, que nós não podíamos duplicar no espaço, naqueles tempos. Esta seria a causa do interesse em se criar cristais, quando em órbita. Os alienígenas usam ligas que são inacessíveis para nós, devido às suas estruturas flexíveis. Vallee, repentinamente, interrompeu este sumário, perguntando se Bill Cooper conhecia algum astronauta. Forneceu-lhe o nome de alguns deles. Cooper não conhecia e pediu-lhe que perguntasse a eles sobre o "lado escuro" da Lua. Vallee eximiu-se, por cansaço, de ensiná-lo a respeito de que a Lua não possui um "lado escuro" (Vallee é astrofísico).

Cooper prossegue:

Com a morte do alienígena capturado vivo, em 1952, o governo americano, após insistentes "chamadas" dirigidas ao espaço estelar para que viessem ajudá-lo a curar o companheiro que sofria de uma doença desconhecida, recebeu do espaço um substituto para o alienígena que falecera após um ano de sofrimentos. Isto aconteceu na "aterragem" feita na Base Aérea de Holloman" em 25/04/1964.

Nesta época firmaram o tal contrato e os alienígenas receberam a permissão de abduzirem seres humanos, com finalidade de pesquisas médicas. Dizia-se que os alienígenas forneceram listas com os nomes de todos os abduzidos, mas foi descoberto depois, que eles mentiam.

Groom Lake – Nellis

"Groom Lake e Nellis são sinónimos, explicou Bill Cooper a Jacques Vallee. Lá existe o "Grupo Técnico Alienígena – prosseguiu Bill Cooper, dando sequência às suas explicações.

Vallee ficou sabendo que no Novo México, perto de Dulce (uma reserva indígena), há um outro grupo de extraterrestres, e de que existia documentação a respeito. Se o radar fosse usado ali, para detectar o que

há nos subterrâneos, encontraria uma verdadeira COLMEIA. Uma documentação secreta indica as entradas e as saídas desta colmeia. Não há vigilância, para não atrair olhares indiscretos, mas se alguém penetrar nestes subterrâneos jamais sairá dali vivo.

Jacques Vallee recebeu, na hora, um convite para visitar a colmeia, apesar dos pesares e Cooper glosou a situação: -"Nossa alimentação está chegando..."

O Grudge/Blue Book

Ignorando a brincadeira, Vallee perguntou qual seria a documentação geradora dos "SUMÁRIOS". Um livro grosso chamado GRUDGE/BLEU BOOK REPORT NUMBER 13. O Blue Book não pertencia à aeronáutica, estava incluído no GRUDGE. A Força Aérea apenas, estava encarregada de fazer andar o programa que se relacionava com as abduções e os implantes. Havia um outro documento, outro sumário, "Operation Majority", que respaldava o Projecto Blue Book, explicou Bill Cooper e continuou a falar:

Um indivíduo, Bill English, que se conservava incógnito perto de Albuquerque, tomara conhecimento desta documentação, assim como acontecera com o próprio Cooper. English passou a temer pela sua segurança e pela sua vida, foi ameaçado duas vezes. Isto não podia acontecer em relação a ele, Bill Cooper, pois ele divulgava rapidinho, as suas informações. Cooper acrescentou que se calara por um longo tempo, até descobrir que os alienígenas seriam traidores contumazes e era forçoso para os terrestres tomarem conhecimento de tudo e em detalhes.

- " Vivemos, agora, sob um grande perigo". - Bill Cooper – Revelations – J. Vallee – pág. 69 – Ballantine Book.

Vallee, atento, queria saber como Bill English teve acesso a esta documentação TOP SECRET, que já havia sido a causa de tantas mortes e de tantos erros, segundo o próprio Bill Cooper. A resposta:

Bill English era um capitão da "U.S. Army Air Forces". Estivera lotado como analista de informação em uma base, na Inglaterra. Os

documentos haviam chegado sem recomendação e ele os viu (o que não estava programado suceder), devido a um erro das próprias fontes desta documentação. Mandaram-no embora e surgiram atentados contra a sua vida, foi ridicularizado e até desmoralizado como usuário do LSD.

"O que pensa sobre o documentário COVER UP de Seligman?"

Perguntou-lhe Vallee.

Cooper, mostrando-se aborrecido, disse que este documentário glosado como "STRAWBERRY ICE CREAM SHOW", por John Keel (o alienígena capturado, segundo o Cover Up adorava tomar sorvete de morango e era alimentado com esta guloseima) fazia parte de um plano engendrado pelo governo para confundir a população. Cooper sentia-se forçado a dizer que muitos dos participantes do documentário, eram informantes do governo. O propósito oculto seria o de manter o público longe da verdade, Os documentos do Majestic-12, apresentados por Moore, eram farsas óbvias e visavam o descrédito de todas as pesquisas sérias. Todas as informações apresentadas eram a mais pura campanha de desinformação, a exemplo do nome de Truman, quem jamais fez parte do MJ-12 verdadeiro.

'A verdade é tão inacreditável"... suspirou Bill Cooper e criou uma parábola para melhor explicação. Citou o magnífico "Queen Mary" (onde se encontravam ele e Vallee) em um cruzeiro que passasse perto de uma ilha cujos habitantes ainda vivessem na Idade da Pedra. -"O que eles diriam a respeito disto?"

"Esta é a nossa situação diante das naves alienígenas", ele mesmo concluiu. Vallee não perdeu a "dica" e completou a imagem –

"Precisamente, o Queen Mary não se preocuparia em fazer um contrato com o rei de qualquer umas destas ilhas. Bill, me permita, mas não consigo compreender a razão de porque os alienígenas necessitariam fazer um contrato formal connosco, se eles são tão avançados. Eles, simplesmente, nos ignorariam completamente".

A resposta de Cooper para esta assertiva não a explicou – "Eles necessitam da certeza de que o nosso governo os conservaria ocultos

do público".

Vallee encontrou nesta explicação fajuta, mais uma contradição clamorosa. Ocultados do público? Ora vejam só, e os avistamentos, abduções, mutilação do gado e outros "encontros" de 2º e 3º graus? Isto tudo ocorrendo e sendo registrado no mundo inteiro? Estas não seriam as providências mais inteligentes, sagazes e discretas tomadas por um povo "um bilião de anos" mais adiantado do que nós, se desejasse se manter incógnito.

Tomaram o caminho errado, logicamente!

O Nome de Hynek é Usado Indevidamente

Vallee mudou o rumo da conversa para uma outra direcção. Desde o seu encontro com John Lear, algo o aborrecia e até mesmo o irritava.

Campeão dos boatos que falsificavam (ou inventavam) as suas palavras, viagens, acções e declarações, Vallee via o mesmo acontecer naquelas instâncias com o seu grande amigo, companheiro e SÓCIO, Dr. J. Allen Hynek, já falecido.

"Ouvi, de John Lear e de Linda Howe, alguma coisa referente ao nome de Allen Hynek, que ele era mencionado no Report 13?" A reacção de Cooper foi espantosa – "Ele não foi só mencionado, ele foi o co-autor desta coisa danada! (sic)".

Seguro de si, Cooper afirmou que Hynek estava mergulhado na questão até a cabeça: no estudo das abduções e dos implantes. Segundo ele, Hynek havia declarado que uma pessoa em quarenta já havia sido abduzida e de que recebera um implante. Cooper chegou ao extremo de dizer que todos os participantes do governo haviam sido "implantados".

Vallee, calorosamente, cientificou a Cooper de que conhecia Hynek profundamente e que afirmações semelhantes às que ele, Cooper, fizera, seriam rechaçadas por todos os que como ele, Vallee, conheciam o carácter ímpoluto do cientista Dr. J. Allen Hynek.

Atrevidamente, Bill Cooper respondeu a Vallee: - "E tudo o que eu tenho a lhe dizer, é o que está escrito no documento" – acrescentou secamente.

Segundo ele, o nome do ilustre ufólogo e cientista estava na capa e dentro do sumário fotos de avistamentos e aterragem de UFOs, como a aterragem de Holloman, retratos de alienígenas, mesas de autópsias, detalhes do Projecto Redlight e Snowbird e outros absurdos mais. "Há uma contradição aqui. O Blue Book foi apenas um projecto de relações públicas, ao que sei. Não havia sequências de factos e Hynek reclamou a respeito disso", debateu J. Valle.

Vallee perguntou sobre o propósito dos implantes, decidira não escutar mais lorotas a respeito da pessoa com a qual fora associado e que, morto, não podia mais se defender de tal calúnia: não valia a pena, um "cabeça dura" é difícil de ser convencido. Vallee cientificou-se então, de que o propósito dos implantes era desconhecido e se os mesmos fossem retirados, a pessoa morreria. Porque então, desde 1953, os cientistas não haviam retirado os implantes dos mortos para serem estudados? "É lógico esperar-se de um patologista que faz uma autópsia, notar coisas como estas e desejar que sejam submetidas a exame científico". Bill Cooper, encarando Vallee, engasgou e passou por cima da questão proposta, ignorando-a.

Vallee comunicou a Bill Cooper que se tudo o que ele estava dizendo fosse verídico e bem comprovado, ele não hesitaria em reconsiderar todas as suas convicções a respeito do problema. Assegurou-lhe, também, de que tinha a certeza de que ele não mentia, pois confiava no que havia lido no tal Report 13. Porém... o facto decisivo para ele, Vallee, era o de que "todo este imbróglio não passava de uma fabricação" (sic), provada esta questão, pelo envolvimento do nome de Hynek. Hynek jamais seria conivente.

A conversa prosseguiu, enquanto Cooper bebericava, passo a passo, as suas três doses de Chivas e, volta e meia, acendia um cigarro. Falavam agora sobre o futuro. Cooper prosseguiu: as notícias tinham que ser disseminadas dentre um público cada vez maior. O Presidente Bush (o pai) pertencia ao MJ-12, ele devia jogar superficialmente, como que por acaso, este assunto na imprensa embora soubessem de antemão que Bush não esclareceria nada. Reagan já classificara os factos referentes

aos Ufos. Se as informações fossem liberadas, a "intelligentzia" comunitária entraria em colapso. Não se podia confiar nesta gente. Ninguém, trabalhando com o governo poderia falar sobre este assunto, mesmo que lidasse com tarefas não classificadas.

Vallee, irritado com esta suposta interdição, reagiu contra ela taxando-a como violação da 1ª Emenda e concluindo que ninguém poderia obedecer a esta directiva. O governo não definira ainda, nem o que seria o fenómeno UFO. Vallee terminou dizendo a Cooper que seria o mesmo do que proibi-lo de contar o que comeram naquela noite e sobre o que conversaram, já que não haviam combinado coisa alguma de antemão. Bill Cooper sacudiu a cabeça e, monotonamente repetiu – "Reagan ordenou que ninguém, exercendo trabalhos com o governo dos Estados Unidos, pode discutir sobre os UFOS".

Porque os Alienígenas nos Escolheram? O Projecto Aquarius

"Porque os alienígenas vieram para cá?", indagou Vallee.

"Existe um documento sobre O Projecto Aquarius, que diz respeito à História dos alienígenas e da sua inteiração com o Homo Sapiens ao longo dos últimos 25.000 anos. Esta inteiração culminou na cultura Basca e nos Assírios. Este projecto, entretanto, já foi encerrado".

"Tive a impressão de que estava escutando uma história de ciência-ficção de terceira classe, mas que o homem sentado diante de mim nela acreditava, piamente. Eu, de minha parte, já havia visto este filme mil vezes".

"O seu planeta tornou-se em um deserto, após uma guerra que empreenderam contra uma outra raça. Foram devastados e estão em declínio evolucionário, o seu aparelho digestivo é atrofiado. Vieram para cá em busca de material genético novo".

"Isto não faz sentido", repliquei.

"O governo acredita nisto".

Qual é a duração das suas vidas?"

"Nos disseram que vivem quatro mil e cinquenta anos. O alienígena vivo,

quem foi deixado na terra em Holloman, chama-se Krill. Forneceu um mundo de informações e informes científicos, alguns dos quais foram publicados pela literatura científica aberta, sob o nome de ^o H. Krill. Um material avançadíssimo. Krill ainda vive"

Vallee jamais encontrou esta literatura científica, apesar de ter procurado por ela exaustivamente. - Revelations – J. Vallee – pág. 73/74 – Ed. Ballantine Book.

Jacques Vallee reagiu a estas informações com cepticismo, ele não conseguia aceitar o facto de que alienígenas oriundos de uma estrela se pudessem connosco e tivessem os mesmos órgãos, uma anatomia e uma cultura tão semelhantes à nossa. Bill Cooper continuou afirmando, após uma sacudidela de ombros:

"A sua biologia está bem compreendida, são seres que respiram o ar como nós, embora o seu coração esteja conectado com os seus pulmões perfazendo um único órgão. O sistema digestivo é atrofiado. Eles são baseados no sistema clorofila – como as plantas, se desejar saber mais. Absorvem os seus alimentos através da pele e os excretam pela pele, também."

"Bem, você pode examinar qualquer livro sobre a fisiologia humana que encontrará PELE listada sob: "órgãos excretadores". Não há nada de novo aqui. E o que diz sobre os seus cérebros"?

"Possuem dois cérebros, separados por uma parte óssea caminhando para dentro do mesmo cordão espinhal."

"Você conhece algum dos médicos que já tivesse autopsiado ou atendido a um alienígena?"

"Dr. Guillermo Mendoza – respondeu Bill, hesitando."Ele alimentou o alienígena que morreu. É um biólogo, mas não possui M.D. Era ele quem alimentava o alienígena com sorvete de morango, que ele comia em pequenas porções a través da membrana dentro da sua boca. Realmente, ele adorava morangos e tinha predilecção pela música tibetana. Esta parte, constante do COVER-UP de Seligman é autêntica".

"Como se comunicam?"

"Telepaticamente entre eles e com um aparelho de tradução, quanto a nós. Nos primeiros encontros, comunicavam-se com os cientistas através do código binário". Revelations – J. Valle – pág. 74 – Ed Ballantine Book.

Jacques Valle guardou para si mesmo as contradições contidas neste diálogo com Cooper pois eram muitas. Havia ainda perguntas a serem feitas e a garçonete já lhes trouxera o café. Cooper tornou-se confidencial.

"Saiba, não sou um homem religioso. Mas, se você lê a Bíblia... Os anjos poderiam encarnar os tipos nórdicos e os "grays" podiam bem ser os demónios. Afinal, a Bíblia nos fala de um pacto feito com o demónio nos últimos dias, depois que Israel foi reinstalado. Levando ao Armagedon".

À pergunta de Vallee, sobre o que os alienígenas pensavam a respeito da religião, Cooper respondeu que eles nada haviam divulgado, a não ser, informações científicas. Mas falavam muitas coisas sobre o "lado oculto", dizendo que elas se relacionavam muito com a nossa religião. Eles falavam sobre bruxas e outros cultos terrestres.

Tendo se aposentando, Bill Cooper anunciou a Vallee que iria tornar-se um conferencista, frequentaria simpósios (havia um já em organização em Anaheim) e o que ele recebesse por conta, seria colocado em um fundo dedicado aos que quisessem procurá-lo para revelar o que sabiam. O edifício que abrigaria o fundo já estava sendo construído. Mais uma vez, Bill Cooper convidou J. Vallee para visitar Dulce e para entrar na caverna Colmeia dos alienígenas. Vallee recusou o convite e Bill começou a sorrir zombeteiramente e acabou dando uma gargalhada nervosa. -"Veja, este é o problema com vocês, cientistas. As pessoas querem saber tudo a respeito e quando fornecemos a vocês a oportunidade de checar tudo, vocês não aceitam".

"Eu posso ser um cientista estúpido", afirmou Vallee, "mas, se você me pedir que salte do topo do Empire State Building sem medo, porque você

vai enviar um disco voador para me salvar no último momento com o seu raio antigravidade, eu também não aceitaria, Bill. Quem sabe o que escondem as cavernas de Dulce? Tudo o que sabemos é que são os refúgios de todo o material radioactivo federal que nos cozinhará vivos em cinco minutos".

Revelations – J. Valle – pág. 75 – Ed Ballantine Book.

Bill retirou-se meio decepcionado, desapontado com Vallee, por não tê-lo convencido e também pelo cientista não haver demonstrado um absoluto e incondicional entusiasmo que ele, obviamente, esperava.

Kaleidoscópio

Na operação "Deserto Um" (Abril de 1980) sob o governo Carter, para a recuperação de americanos do Teerão, algumas testemunhas disseram ter avistado UFOS. Foi dito que eram plataformas de armas não letais, que paralisavam ou desarmavam os guardas iranianos. O código de parte desta operação, planejada por Richard Secord e Oliver North era, nada mais, nada menos, que: SNOWBIRD, o nome código que Bill Cooper anunciava como sendo o de um PROJECTO SECRETO para testar os discos voadores capturados dos alienígenas...

"Mais uma vez, necessitamos perguntar qual é a "cobertura" e qual é o projecto genuíno"? Jacques Vallee.

O caso Bentwaters

Dezembro de 1980: Um objecto estranho foi detectado no solo por um grupo da segurança policial, na junção da Base da Royal Air Force/U.S. Air Force Base na Inglaterra chamada Woodbridge. O mapa mostra a região, a poucas milhas de Bentwaters e suas bases gémeas. Entre as bases, há uma floresta denominada Rendlesham Forest.

Larry Warren, um americano, estava de plantão como guarda da Base Woodbridge, quando deparou com um Ufo pousado na floresta. Dúzias de militares e alguns civis, também observaram o espectáculo sui

generis. Poucos momentos depois, o oficial comandante dirigiu-se para junto da nave e "manteve uma entrevista com os três ocupantes da nave". (grifo de Vallee).

Não há dúvidas contra este espantoso evento, ele está documentado por investigação intensiva, conduzida por Jenny Randles, Dot Street e Brenda Butler e publicada no seu livro – Sky Crash – (London: Neville Spearman - 1984).

Este não foi um caso verdadeiro de Ufo e sim, mais um outro passo no caminho dos **"Mensageiros da Decepção (dissimulação)"!**

A área onde ocorreu este evento, tem como tradição a pesquisa militar avançada. Foi neste local que na Segunda Guerra Mundial, foi lançado o radar. As construções que se vêem por lá foram rebaixadas pela rede de abrigos e áreas de estocamento enterradas debaixo da "East-Anglia" rural. As duas bases pertencem à Inglaterra, mas existe um "leasing" feito com os Estados Unidos sob os termos de um acordo com a NATO.

A American 81st Tactical Fighter Wing possui ali quatro esquadrões de voo de A-10 anti tanques de Bentwaters, e outros dois de Woodbridge. "De acordo com a pesquisadora Jenny Randles e as co-autoras do livro já citado, a última base das duas mencionadas, também hospeda a elite da "78th Aerospace Rescue and Recovery Squadron" especializada em intervenções de emergência e que pode ser recrutada, em qualquer lugar do mundo onde descer o grupo de astronautas americanos, em estado de regime de emergência". J. Vallee.

Na época deste evento, comandavam as bases o "Wing Commander" Gordon Williams quem era o oficial executivo e o "Lieutenant" coronel Charles Halt, quem oficiava como "Deputy Base Commander". Brenda Butler é pesquisadora de fenómenos estranhos, vive em Suffolk e soube deste evento através de um americano pertencente à Força Aérea. De pronto, percebeu que este era um caso confuso, a começar da sua data exacta. Casos desenhados povoavam os relatos: helicópteros sobrevoando a floresta e se espatifando no solo, o mesmo se contava

sobre outras classes de aparelhos aéreos. Uma testemunha indicou a Brenda que a Base fervilhava em actividades desde o dia 27 de Dezembro, caminhões em comboios, adentravam a floresta sob escolta. Então, ele ficara sabendo, através de um superior, que um Ufo caíra na floresta! Vallee confessa que este pormenor o deixou em estado de alerta, pois naquela actualidade, a atitude militar era a de pura negação do fenómeno. Sempre a Força Aérea admitira, com muito custo, a palavra "objecto voador não identificado" e ali estava acontecendo o inverso.

A noção de que um Ufo caíra nas imediações, estava sendo plantada nas mentes das testemunhas desde o início do suposto evento.

Um trabalhador florestal possuía, também, a sua versão dos factos. Ele encontrara árvores partidas e outras queimadas, mas ninguém fizera caso das suas notícias.

Um electricista surgira, de pronto, para consertar as luzes-guias dos postes altos situados no final da pista e supôs que eles haviam sido destruídos por uma aeronave em descida de emergência. O que mais espantou a este homem foi a forte segurança que o escoltou enquanto trabalhava. Os acontecimentos pareciam levar à ideia de um estranho encontro entre a Força Aérea Americana e uma nave alienígena em uma floresta inglesa.

As Investigações

Durante os anos de 1981 a 84, as investigações feitas pelas três pesquisadoras inglesas não esmaeceram. Uma das suas testemunhas mais importantes foi um operador civil de radar de Watton-Norfolk. Este homem relatou às pesquisadoras, que aos 27/12/80, um objecto estranho fora rastreado vindo da costa e se perdera, cerca Rendlesham Forest. O mais esquisito é que dois oficiais da Intelligenza da Força Aérea Americana - "possivelmente a agora chamada OSI que empregou Doty no Novo México" (diz Vallee) - foi visitar esta estação de radar inglesa, dois dias depois do rastreamento e pediu as fotos das gravações para estudá-las. O homem do radar demonstrou o seu espanto diante

daquele pedido e obteve o esclarecimento de que ele havia rastreado um Ufo!

Este "marketing" também não combinava com o comportamento habitual da Força Aérea. Ainda por cima, os militares narraram ao espantado "homem do radar" toda a história, inclusive a reportagem feita com os alienígenas, por seu comandante!

Embora refutadas pelo "Ministro da Defesa" da Inglaterra, as pesquisadoras se encontraram com uma mulher encarregada de as receber e que lhes respondeu que nunca houve um "Encontro Imediato" e de que "jamais" havia ouvido um relatório sobre Ufos no seu escritório (grifos de Vallee). Mas houve um facto de monta: um documento encoberto pelo "Official Secrets Act", da Inglaterra, foi liberado pela Força Aérea Americana do outro lado do Atlântico, sob a protecção da "Freedom of Information Act".

O documento chave era o memorandum do Lieutenant Coronel Charles Halt. Ele autenticava os factos. As pesquisadoras de posse deste documento retornaram à base. Foram entrevistar Halt e outros oficiais e puderam abrir muitas lacunas nas suas gravações dos relatos.

Art Wallace (pseudónimo usado no livro), cujo nome real é Larry Warren, um dos que haviam observado o objecto, foi rastreado nos Estados Unidos para onde a Força Aérea o levou após o incidente. Ele forneceu muitos detalhes às pesquisadoras e elas colheram depoimentos mais importantes ainda, das testemunhas oculares do evento. As descobertas feitas não resolveram as contradições contidas nesta história, dentro delas, haviam várias contradições. Pior exemplo:

"Quem estava, realmente, no comando naquela noite? O Lieutenant Coronel Halt ou o Wing Commander Gordon Williams? Haviam alienígenas no evento ou somente luzes?" Ninguém conseguiu esclarecer estes e outros factos circunstanciais.

"Isto torna o Caso Bentwaters mais interessante, porque nos ensina sobre a natureza e a estrutura de tais observações ao redor das bases militares". J. Vallee.

A Opinião de Jacques Vallee

As investigações inglesas consideram as explicações dadas ao público, "puro lixo" (sic).

Há alternativas intrigantes para se situar este caso. Para Vallee a teoria mais plausível, diante das provas e circunstâncias, é a de que os militares americanos arregimentaram aparelhos ou uma colecção deles e que se pareciam com discos voadores, destinados a testes psicológicos da arte da guerra. Segundo Vallee, eles estariam sendo activamente empregados para testar militares. A especialização é tanta, na sua opinião, que se pode controlar as experiências e conter as suas repercussões se há uma extrapolação da história. O OSI pode ter sido usado:

- a) Para calibrar as testemunhas (a visita dos oficiais ao "homem do radar");
- b) Para encobertar o exercício levado a efeito.

Jacques Vallee fornece um detalhamento extremo corroborando as suas hipóteses, cuja conclusão é uma só: FARSA.

Fala uma testemunha ocular

A televisão fez um documentário sobre este evento: "Dimensions in Parapsychology" (Dimensões na Parapsicologia), onde compareceu a testemunha Larry Warren. Calmo, tranquilo, muito relaxadamente, Warren memorou as suas vivências em Bentwaters. Ele estava no cargo de segurança policial. Eis a sucessão dos eventos narrados por ele: Warren foi mandado acender as luzes do equipamento. Não soube o porque. Seguindo as ordens, ele dirigiu o seu "motor pool" para perto da floresta onde os veículos estavam estacionados. Recebera ordens de não levar as suas armas e caminhou para dentro da floresta com outros companheiros pertencentes ao pessoal da base. Eles pararam para descansar perto de uma paredzinha de pedra. Deste local, observaram muito fogo no chão ou uma neblina iluminada. Não vira um Ufo em lugar algum, provavelmente, diz Vallee, a cena estava sendo preparada. Todo o

peçoal da base havia sido convocado desarmado, na área encoberta pelo "fog" misterioso que envolvia o local (lembrem-se do Caso Pontoise). Não parece ao leitor que as cortinas de um palco aguardavam o terceiro sinal para se abrirem? Eram quarenta, os "espectadores" já reunidos na floresta. Todos estavam munidos de câmaras, video-câmaras e câmaras cinematográficas. Larry Warren cismava o porque de toda esta parafernália, seria só para registrar aquele "foguetezinho" iluminado? Pelo rádio ouviu uma pergunta: "Porque estamos aqui"? Uma voz disse logo após: "Ele está chegando" e um Ufo sobrevoou, vindo do norte.

Uma luzinha vermelha que se movia, rapidamente, vinda do norte, da costa norte do oceano. Ia voando tão ligeira que em breve assomou o local onde Warren e os outros se encontravam. Todos estavam perplexos. E a luz pousou, com uma explosão controlada e no seu lugar surgiu um disco voador.

Os militares entraram em acção, dois policiais fotografaram a cena e, imediatamente, as suas câmaras foram confiscadas. O grupo dos desastres anunciava fortes radiações. E foi quando o Coronel Gordon Williams se apresentou às três "formas de vida" que saltaram de uma luz brilhante. Seriam alienígenas? "Ou seriam parte do experimento teatralizado"? Pergunta Vallee.

É lógico que tudo aquilo seguiu uma "pontuação" teatral, tudo se desenrolou em sequência perfeita. Havia uma série de convidados para observarem a cena armada, aquele "encontro" engendrado com tanto carinho. Todos eles foram desarmados a priori.

"Não é isto que costuma suceder quando um Ufo real aterr. Mas é, exactamente, a sequência de acções que alguém pode esperar quanto às reacções dos homens quando um estímulo pré-arranjado está sendo testado". J. Vallee.

.

Revelações.

Numa trilogia: "Dimensions, Confrontations e Revelations" (sem tradução) o cientista e ufólogo Jacques Vallee relata (e adverte) à

Humanidade realidades que ela desconhece e que estão contidas da pesquisa ufológica. Jacques Vallee é astrofísico e Ph.D em "computer sciences" pela Northwestern University (1967).

Vallee era associado com o Dr. J. Allen Hynek, já falecido, ilustre e famoso pesquisador científico, figura de proa na pesquisa ufológica internacional. Vallee foi o "MODELO" do cientista francês encarnado pelo actor François Truffaut no filme "Contactos Imediatos do Terceiro Grau" – produzido por Steven Spielberg. Jacques Vallee é francês.

"Eu vi os óvnis. Não somente os vi, mas também os observei enquanto trabalhava com o teodolito durante o meu trabalho astronómico. Um certo número de colegas meus também os observou. Estas observações realizadas ao longo de quinze anos conduziram-nos a uma pesquisa profunda e ela nos revelou um grande número de casos observados por cientistas profissionais ao redor do mundo inteiro". - Jacques Vallee.

Seriam estes cientistas seus companheiros os componentes do "Colegiado Invisível" (título cunhado pelo Dr. Allen Hynek) que se comunica secretamente, debate e estuda o fenómeno ufológico, como relatado por Vallee num outro livro de sua autoria: "Le Collège Invisible"?

Infelizmente, Jacques Vallee não é muito divulgado e até mesmo apreciado por um grande número de estudiosos brasileiros, país onde também realizou "pesquisas de campo" e se entrosou com os grupos sérios de pesquisa ufológica a exemplo da CICOANI – MG, fundada e encabeçada pelo psicólogo e professor universitário, Dr. Hulvio Brant Aleixo.

Porque um grande número de ufólogos brasileiros despreza o cabedal de conhecimentos adquiridos por Jacques Vallee?

Porque Jacques Vallee, apesar de acreditar no fenómeno UFO e de testemunhá-lo, pesquisá-lo séria, honesta e cientificamente, DESMISTIFICA TODOS OS SENSACIONALISMOS decorrentes dele: certas deduções, os monstros sagrados criados, certos casos ditos irrefutáveis, os cultos, a mitologia e o folclore, que envolvem este fenómeno autêntico, mas ainda inexplicado, incompreendido e tão antigo quanto a

humanidade.

Corajoso, Vallee coloca o dedo nas chagas abertas pelos exploradores e os charlatões do fenómeno que se aproveitam dos eventos que ele provoca. Vallee denuncia as experiências indignas que são feitas usando-se a exploração da credulidade do público, tratado como "cobaia de laboratório" para pesquisas inescrupulosas e inacreditáveis em experiências "ditas" científicas e, até mesmo, com vistas ao "controle" do PODER e do governo mundial por detrás das cortinas!

"Como demonstrei nos livros "Dimensions e Confrontations" o fenómeno UFO existe, ele é genuíno e se constitui em um dos muitos mistérios que a natureza nos oferece. No meu ponto de vista ele representa uma oportunidade de praticar-se boa ciência e tornar-se cômico de estágios de consciência desconhecidos, até agora, por nós" – Jacques Vallee.

Vallee, no decorrer das suas pesquisas, sofreu decepções terríveis e quase "entregou os pontos" quando acusado de ter sido PAGO (pelo governo, presumivelmente? pergunta ele) para não revelar ao seu público uma "verdade terrível" que não podia ser veiculada! Esta "verdade", na verdade, constituía-se de uma mentira espalhada por fontes desconhecidas e dizia respeito a um certo "serviço de desinformação calculada" dos governos, órgãos de inteligência, de segurança nacional e dos celeberrimos "homens de negro". Se bem que este tipo de desinformação exista, a sua existência é calcada em outros segredos e outros tipos de desinformações, como verão no decorrer desta série, mas que não possuem o aval da parte dos ETS, dos seus veículos admiráveis e do verdadeiro fenómeno que provocam... e muitos menos o aval de Jacques Vallee que os desmistifica e denuncia!

O Fenómeno Ufo Segundo Jacques Vallee

Pergunta-se: de onde provêm os seres que nos visitam? Os testemunhos dos que se dizem contactados, em todos os graus estabelecidos por J. Allen Hynek, indicam procedências – de Vénus, Clarion, Hoova, Zeta Reticuli, UMMO, Plêiades, etc, etc!!!

Foram criadas "organizações" e "comunidades" ao redor do mundo, providas por fontes misteriosas, os contados são hipnotizados e existem seminários e conferências a respeito dos eventos onde comparecem centenas de aficionados para debaterem os fenómenos. Editam-se livros (muitos deles caríssimos), videotapes, jornais, revistas, dedicados ao misterioso fenómeno e a todos os seus heróis terrestres e alienígenas. Na verdade, toda esta actividade obscurece e complica o estudo científico da natureza real do fenómeno ufológico. Além do mais, são factores que concorrem para a confusão na mente dos verdadeiros contactados que esperam pela compreensão do que lhes ocorreu e pela mão amiga que lhes trará o apoio, a segurança e o equilíbrio. Se fossem apenas os lunáticos complicando os factos eles não seriam tão difíceis de serem resolvidos: cada campo tem os seus fanáticos que explicam os eventos usando a medicina, a física e a astronomia (com a proliferação dos charlatães) e os aplausos dos basbaques de plantão. Mas, ainda há o pior: "Alguns dos avistamentos mais memoráveis são, na verdade, farsas as mais complexas cuidadosamente engendradas". - J. Vallee. E Valle conclui que – "As testemunhas tornam-se em meras vítimas e os instrumentos, até certo ponto, dos autores destas farsas".

Quem são os farsantes e quais as suas metas?

Infelizmente, as respostas para estas questões raíam às fantasias que a mente humana produz através de caminhos tortuosos e dos milhões que as agências militares e civis podem despender conduzindo experiências psicológicas secretas – a exemplo dos projectos de "controlo da mente" dos anos sessenta e setenta já demonstrados com abundância de detalhes. Jacques Vallee pesquisou estes caminhos tortuosos e se assombrou com as suas descobertas inusitadas envolvendo grupos privados. Vallee se desiluiu por várias vezes, constatando a compulsão insana de certas fontes em espalhar mentiras e elucubrações sinistras ao seu redor, sempre visando ampliar com elas cada vez mais, um maior contingente de público fielmente crente nas farsas que armaram. Agentes governamentais engendraram exercícios psicológicos cobertos

por um véu de "inteligência classificada" – "alguns avistamentos são experiências de manipulação dos sistemas de crença do público" – Jacques Vallee.

Incluem-se nesta premissa: casos de OVNI's acidentados e de alienígenas queimados que jamais encarnaram realidades! Eles simplesmente foram cuidadosamente "plantados" nas mentes dos crédulos para o encobrimento de realidades escusas que os cientistas e o público não "necessitavam saber"!

Criou-se uma MITOLOGIA e "fez-se um folclore" semelhante ao dos contactos angélicos e demoníacos das primeiras idades da história da humanidade onde os alienígenas roubaram os papéis desempenhados pelos anjos e demónios do passado.

Hoje em dia este folclore foi mais além, ele agora fala de acidentes com UFOS de onde foram retirados os corpos de alienígenas submetidos, depois, a autópsias.

Jacques Vallee resume a sua pesquisa dos "casos" que ouviu de gente altamente gabaritada: agentes da Força Aérea Americana, um ex-piloto da CIA, um oficial da Inteligência Naval e outros vultos mais, que afirmaram categoricamente o seu próprio e espantoso testemunho em eventos extraordinários (ou trabalhados secretamente pelo governo americano), envolvendo alienígenas com os quais havia sido feito um perigoso e infame contrato.

Este tornou-se no "LADO NEGRO" da ufologia! Jacques Vallee arrazoa que ao contrário do que muitos poderiam lhe sugerir: - Deixe que os basbaques acreditem no que quiserem acreditar, até conhecerem o sabor amargo da decepção – ele forma com os que aconselham: - "Temos que eliminar estes rumores espúrios, se desejamos identificar o fenómeno UFO real para, talvez, um dia, nos encontrarmos com os alienígenas genuínos". - Jacques Vallee.

A Convite de J. Allen Hynek

Em Maio de 1974 Jacques Vallee, a convite de J. Allen Hynek foi a Los Angeles onde estava sendo rodado um documentário no qual Hynek colaborava, produzido por Alan Sandler e Robert Emenecker. Este

documentário era parte de uma série patrocinada pelo Departamento de Defesa visando melhorar a sua imagem. A ideia central baseava-se no fenómeno UFO, fascinador da opinião pública e de como a Força Aérea esforçava-se na sua abertura em relação a este fenómeno excitante e controverso, disposta a facilitar todo o acesso ao seu acervo de conhecimentos a respeito desta área.

Coisas estranhas começaram a suceder...

A NASA esquivou-se de colaborar com o projecto porque dizia não possuir material relevante. Entretanto, o seu contacto em Washington, accionado por Sandler afogou os produtores com um farto material composto por uma lista de avistamentos misteriosos, encontros, "frame numbers" de filmes feitos por astronautas, etc. Sandler, então, forçou a NASA a colaborar, embora a autenticidade do material já recebido ser questionável. Outro facto que causou estranheza foi produzido pela "Holloman Air Force Base" um filme – Contacto com Alienígenas – prefaciado por uma observação enigmática.

- "Um contacto real que poderá ocorrer no futuro ou que talvez já possa ter acontecido, entre alienígenas e militares americanos". -

Onde? Perguntou-se. Em uma grande base, algures, no deserto, em um local parecido com o da "Holloman Air Force Base" no Novo México. Emenegger recebeu um reforço desta informação a respeito deste filme e desta notícia estranha, proveniente de um tal Paul Shartle, funcionário graduado da "Norton Air Force Base": ele vira o filme do contacto entre os alienígenas e os militares, filmado cerca de 1970.

Estes factos e o material do filme foram descritos por Robert Emenegger no seu livro – UFOS: Passado, Presente e Futuro (Ballantine 1974/New York).

Apesar dos testemunhos de Sandler e Emenegger de que este filme existe e que pode ser visto, há a questão de que o coronel Coleman jamais respondeu a uma indagação óbvia que lhe foi apresentada: se existe este material, ele seria um filme de treino ou uma simulação feita para avaliação psicológica, ou é mesmo autêntico?

Jacques Vallee foi chamado a colaborar com a parte histórica deste documentário através dos textos de dois dos seus livros: "Anatomy of a Phenomenon" e "Passport to Magonia", entretanto, a sua colaboração e autoridade no projecto se restringia somente a este ponto: os seus textos.

Hynek e outros mais que participavam do documentário com maiores penetrações na produção do mesmo, estavam pasmos com a forma pela qual Sandler e a sua equipa haviam conseguido a ordem de filmarem "tomadas" em Holloman. A um primeiro pedido de licença, a base respondeu com displicência. Bastou que Sandler contactasse Washington para que tudo se resolvesse em um átimo. Entretanto, o material que Sandler requisitou jamais lhe chegou às mãos e ele teve que improvisar mostrando cenas sobre a base de Holloman, desenhos de alienígenas, e outras perfumarias.

Em 1988 Paul Shartle declarou novamente, ter visto o filme verdadeiro do encontro entre alienígenas e militares, mas os seus superiores o avisaram de que o filme era nada mais nada menos do que "material teatral" comprado pela Força Aérea.

A Norton, entretanto, não possuía a referência deste filme nos seus arquivos (Norton Air Force onde Shartle trabalhava). Hynek, Emenegger e Sandler estavam irritados com o estado das coisas: ofereciam-lhes declarações e materiais sensacionais e, na última hora, tudo lhes era negado pela Força Aérea, o que os três julgavam ser, claramente, a mais deslavada das formas de manipulação. Por exemplo: o tal encontro já havia ocorrido ou ele ocorreria no futuro? E o que dizer de um filme onde este encontro, supostamente, já fora registrado?

Jacques Vallee esclarece o ponto de que este não era um caso onde um grupo desejava entregar o material e o outro grupo negava a permissão. Ele diz que, posteriormente, tomou conhecimento de que este material (o filme) existe, mas de que não está classificado em qualquer local. Vallee arrazoia: "Ao que parece, há o temor de severas sanções se este material for julgado como sendo apenas um simples "material teatral". Claramente – diz ele – este é um caso onde a Força Aérea está fazendo

um jogo".

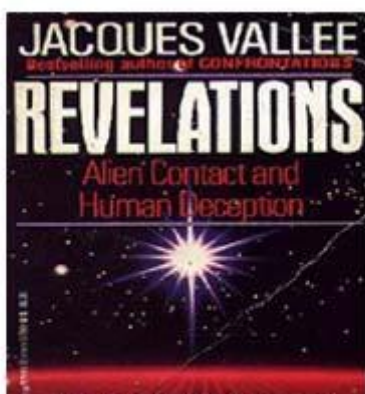
A Seligman Productions lançou, em 1989, um documentário intitulado COVER-UP.

Neste documentário a denúncia de que o governo esconde a infiltração extraterrestre na terra e guarda secretamente um disco que caiu e os corpos dos pilotos alienígenas. Estas alegações já haviam sido explanadas por grupos de ocultistas que se transformaram, rapidamente, num subcultura muito influente que edita as suas revistas, organiza congressos e peregrinações. Esta subcultura explora as experiências, de acordo com as fantasias que povoam as suas próprias mentes.

A humanidade está decepcionada com as suas realizações, seus governos (ou desgovernos) e se apega, sem raciocinar, as mínimas esperanças por dias melhores, pela paz, pela prosperidade, fraternidade, enfim, tudo o que está faltando para que ela possa se sentir em segurança e tranquilidade. O certo é que podemos estar assistindo ao nascimento de uma nova religião promulgada e pregada por esta subcultura que vem se ampliando sob a égide do fenómeno ufológico. De uma certa forma ela está preenchendo as necessidades espirituais e sociais de milhões de pessoas. Comenta J. Vallee.

"A exemplo de qualquer movimento emergente, este também tem os seus templos. Os exemplos incluem a "Kirtland Air Force Base", com as suas criptas e mistérios e "Dulce", Novo México, com os seus grandes templos e energia espiritual que pode ser direccionada pelos crentes. Porque este é um movimento tecnocrata, as suas capitais não são São Pedro, Meca, Jerusalém ou Salt Lake City. Seus nomes são códigos, palavras de poder: Hangar 18, Majestic 12 e Área 51". - Jacques Vallee.

E Vallee nos convida à peregrinação nestes sítios, ou seja, à leitura das suas "Revelações".



Entrevista com Jacques Vallee.

JACQUES VALLEE NA ATUALIDADE.
UMA ENTREVISTA.

Aos 15/04/1995, James Mosely publicou "Sauce Smear" uma carta de Jacques Vallee que dizia, entre outras coisas: -"Minha decisão de deixar o campo ufológico é consistente com a observação de que o trabalho científico construtivo e sério, é impossível nas condições presentes. Nos últimos anos a ufologia malbaratou perto de um milhão de dólares... em trabalhos absurdos e não científicos centrados na "pesquisa" de abduções, no fiasco de Roswell... e em várias investigações do tipo Roswell e Gulf Breeze. Não posso permanecer associado a nada disto, portanto, é o tempo de me retirar silenciosamente." - Jacques Vallee. A explicação dada pelo seu editor é a de que Vallee, somente, deseja colocar distância entre ele e o sensacionalismo que invadiu e não quer deixar esta área. Agora, ano de 2002, ainda presenciamos os mesmos espectáculos que desgostaram Jacques Vallee. Os casos que continuam em pauta já foram explicados muitas vezes, pelos seus próprios promulgadores, os falsificadores foram desmascarados, alguns deles em público, como Bill Moore o fez com prejuízo próprio... mas ninguém abandonou a arena, tudo tinha e tem que ser da forma como acreditam e querem que seja. O marasmo tomou conta da ufologia!



"Vallee não deseja associar-se com estes chamados questionários sobre as abduções alienígenas e mutilações do gado", diz Richard Grossing em 30/04/1997.

"Tendo sido responsável, através da sua obra, por elevar o nível da ufologia como digno de um sério estudo científico, será muito desanimador se a comunidade séria dos investigadores de UFOS ficar privada, não só de uma das poucas vozes remanescentes da razão nesta área, mas também do deão dos ufólogos." J. R.

Actualmente – (Entrevista):

"As pessoas julgaram que eu tenha me retirado, para subir ao topo de uma montanha e filosofar. A razão pela qual abandonei a cena da ufologia, é a de que eu queria trabalhar na investigação de UFOS e estava cansado de comparecer a congressos e encontros onde só se falavam nas mesmas coisas. O que acontecia era somente, muita conversa. Penso que o caminho do conhecimento nesta área, não é o de se dialogar uns com os outros e sim o de dialogar com as testemunhas. Isto é o que eu quero fazer e o farei em primeiro lugar. Eu desejo ser capaz de ir ao local, encontrar-me com as testemunhas e monitorar o que aconteceu dentro de um certo período de tempo. Portanto, a minha maior prioridade é os casos de primeira-mão que não foram publicados ou comunicados aos grupos ufológicos, porque, no momento o qual eles se tornam parte de muita discussão, ficam polarizados. Quero produzir pesquisas a longo tempo. Em dez anos, acumulei cerca de 200 destes casos. Meu livro (Confrontations) é realmente um sumário dos casos mais interessantes."

Como você contactou estes casos?

"Através de pessoas que me escreveram, presentes às minhas palestras, ou leitores dos meus livros. Recebo várias cartas, diariamente, desde que DIMENSIONS foi publicado, há um ano. Pego as mais interessantes, constantemente, são mandadas por pessoas que ocupam posições importantes, como a de um vice-presidente da IBM. A última coisa que ele deseja fazer é encaminhar-se a uma organização ufológica. Não quer a mínima das publicidades. Não deseja ver seu nome em nenhum livro, mas teve um "avistamento" que é muito válido."

A quais conclusões a sua pesquisa o levou?

"Sinto que posso comparecer a um comité de cientistas e convencê-los de que existe uma evidência avassaladora de que o fenómeno UFO existe e é um irreconhecido e inexplicado fenómeno para a ciência, mas o que sinto posso provar.

Minha convicção pessoal é a de que este fenómeno resulta de uma

inteligência e que esta inteligência é capaz de manipular o "espaço-tempo" de um modo incompreensível para nós. Posso convencer um comité, das minhas observações atentas de que o fenómeno é real, é físico e que não o compreendemos. Só não posso convencê-los de que as minhas especulações são correctas, talvez existam outras especulações. A conclusão essencial: minha tendência é a de que a origem do fenómeno e da inteligência não são, necessariamente, extraterrestres.

Você diz que encara uma interpretação multidimensional que não especifica a existência de humanóides de outros planetas aterrando aqui fisicamente? Parece-nos que, algumas vezes, você fala sobre o fenómeno como sendo um tipo de sentimento religioso jorrando do espírito humano. Outras vezes, fala como se houvesse uma força potencialmente maléfica que é imposta de fora como um sistema de controlo.

"Penso que é uma oportunidade de se aprender alguma coisa muito fundamental sobre o universo, porque, não existe apenas o fenómeno ou tecnologia capazes de manipular o espaço-tempo de formas que não entendemos, esta força está manipulando a ambientação psíquica da testemunha. Tentei introduzir esta ideia quando escrevi "Le College Invisible". Nesta época, a comunidade ufológica não estava madura para isto. A New Age e a parapsicologia e suas comunidades, interpretaram as minhas conclusões crendo que eu me referia aos DEVAS do mundo dos sonhos, que não são físicos, ou de que o aspecto físico não era importante, Na verdade, penso que estamos lidando com algo que é ao mesmo tempo, tecnológico e psíquico, e parece possuir a capacidade de manipular outras dimensões."

"O que eu disse não é pensamento irreal nem especulação pessoal, da minha parte. É a conclusão de entrevistas feitas com testemunhas muito críticas, escutando o que elas tinham a me dizer. E o que tinham a dizer não era que haviam visto uma nave espacial descendo dos céus e depois retornando a ele. Na maioria das vezes reportavam que haviam visto algo aparecer instantaneamente, tomar uma forma física, às vezes

trocando a forma e desaparecer, algumas vezes mais depressa do que num piscar de olhos. Em uma ocasião, este algo desapareceu num local fechado, começando a ficar transparente e depois desvanecendo ou se concentrando apenas em um ponto. Um exemplo comum quando me relatam estes fatos é o efeito de quem desliga a TV e a imagem dá um "zoom" transformando-se num simples ponto."

"Não tenho uma resposta plausível para a questão de porque a tecnologia parece acontecer e usar a forma de imagens que se encontram no nosso próprio inconsciente. Estaria brincando se dissesse que compreendo. Há casos de observações repetidas onde o fenómeno se inicia amorfo e depois começa a preencher as expectativas das testemunhas. Há duas maneiras de se interagir intelectualmente com isto. Uma delas é dizer que este é um fenómeno cerebral, é muito bom reconhecer imagens em coisas amorfas como nuvens e manchas de tinta. Portanto, as testemunhas talvez, estejam sendo usadas por este fenómeno e estão começando a ler coisas dentro dele. Esta não é a explicação. Pode ser que o fenómeno esteja usando as nossas reacções a ele, de forma a se tornar em alguma coisa esperada ou compreendida por nós. Nós podemos estar carregando a matriz das imagens e algo as retira de nós. Um bom exemplo é o de Fátima. As aparições testemunhadas em Fátima não se iniciaram em 1917. Começaram a surgir dois anos antes. Algumas daquelas crianças envolvidas no evento de Fátima, pois havia outras crianças, de início viram um globo de luz com um tipo de ser dentro. Então, começaram a chamar o ser de Anjo, e o Anjo dialogou com elas e lhes forneceu uma prece. O caso se desenvolveu em estágios e culminou em 1917, mas até mesmo a Virgem Maria não foi vista por nenhum dos presentes ao evento."

"Nos casos contemporâneos de UFOS, você tem também objectos que são vistos por parte da multidão, mas a outra parte não os percebe. Estava em um programa de rádio, cerca de um ano atrás, e alguém me telefonou de Sacramento e me forneceu, exactamente, este tipo de reportagem. A pessoa estava à beira de um lago com a sua família e testemunhou um objecto que se dirigia para o lago e as pessoas que estavam com ela também o viram. Havia pessoas junto ao lago

também, mas estas pessoas não viram coisa alguma. O que estaria lidando com este evento é um fenómeno interessante que possui dois aspectos: um psíquico e um físico."

O que é interessante é que as pessoas observaram o objecto, viram o mesmo objecto ou não viram? Ou isto pode variar?

"Usualmente, há um consenso nos aspectos maiores dos parâmetros físicos do fenómeno, mas as pessoas podem discordar, por exemplo, quando há inteiração com as entidades. Pessoas podem percebê-las de formas diferentes."

Depois que você vê alguma coisa como esta você imagina o consenso de processo interactivo, Você começa a combinar os fatos entre si.

"Mas há um aspecto social e muito lógico nisto também, que pode ser muito mágico ou enganoso. Penso que é importante explicá-lo para que as pessoas estejam alertas quanto a isto, especialmente, desde a publicação de *Communion*. Há um grande marketing detrás de *Communion*, que fez muito sucesso. Verdade, é um livro poderoso, mas *Communion* também tocou as pessoas que jamais o leram, porque o livro tem uma capa poderosa. O rosto da capa tornou-se no modelo da nossa sociedade de como os alienígenas deveriam ser. Este modelo atingiu um tal ponto que, quando uma testemunha não descreve algo de semelhante, algo que, pelo menos, lembre o rosto que está estampado na capa de *Communion*, ela é rejeitada como farsante. Os ufólogos não aceitam as pessoas que descrevem visões que se afastam deste modelo. Então, estes casos são postos de lado e não fazem parte das datas bases. Assim, a análise científica tende a recuperar mais e mais padrões que correspondem a estes padrões que esperamos, em primeira instância. Há uma profecia envolvida, o que é muito mágico e enganador."

Você encontrou nos casos que estudou desde que *Communion* foi impresso, de que uma grande maioria de pessoas está encontrando este tipo de ser?

"Sim, mas recentemente estive estudando outros casos nos quais os seres são radicalmente diferentes. Novamente, uso a palavra "seres" como citação, na verdade, não sei o que eles são.

Com a chegada do milénio, espero ver o fenómeno noticiado de uma forma que exceda tudo o que já vivemos até agora, pela razão de que o povo espera por mudanças e esta expectativa, por si própria, é o campo fértil para que estas mudanças ocorram.

"Penso que o modo de estudarmos os UFOS nos acarretou problemas, nós misturamos todos os níveis envolvidos no fenómeno. Misturamos o nível físico, o psicológico e o mitológico ou social. Desejo identificar, claramente, estes três níveis porque necessitamos de um tipo de mitologia diferente, para lidarmos com cada nível e com cada grupo de eventos. No nível físico tudo o que sabemos, é de que há objectos físicos, materiais, pelo menos uma parte do tempo. Deixam rastros; interagem com o ambiente, expelem fumaça e acendem luzes e, provavelmente, pulsam, microondas de maneiras muito importantes. Eles contêm uma grande potência energética. Coloquei alguns cálculos de energia no livro CONFRONTATIONS."



"Penso que fiz um grande progresso nos últimos anos, na compreensão dos níveis psicológicos e fisiológicos. Há alguns padrões, muito claros, que variam de queimaduras a conjuntivites. Às vezes ocorre a cegueira temporária. Outras vezes as testemunhas reportam uma forma de paralisia, onde perdem o controle dos seus músculos durante o tempo o qual o objecto esteve presente. Penso que nisto há implicações médicas muito interessantes. As testemunhas, na sua maioria, se desorientam. Em CONFRONTATION, cito um caso que investiguei, onde as pessoas pensavam estarem dirigindo na direcção norte quando estavam dirigindo para o sul. Esta confusão do espaço-tempo, na maioria das vezes,

contribui para que os cientistas avaliem que estas pessoas não são dignas de atenção e não são confiáveis. Não sabemos muito a respeito do efeito da pulsação do microondas no cérebro humano. Um destes efeitos pode ser o de alucinações. Você pode, finalmente, encontrar testemunhas contando-lhe histórias inacreditáveis, porque submetidas a estranhos efeitos psicológicos colaterais de algo que, realmente, estava ali. Não penso que a maioria da comunidade ufológica está apta para lidar com isto, Também não penso que a comunidade científica também possa. Entretanto, há o terceiro nível, o mitológico e o sociológico. Neste nível, a realidade física do UFO verdadeiro, é totalmente irrelevante. Provar que Jesus Cristo jamais existiu, jamais ocasionará um mínimo efeito na nossa sociedade em termos de sistema de crenças; neste ponto, a influência de Jesus permanecerá, mesmo sem o Jesus histórico."

Porque você decidiu concentrar-se no estudo de tantos casos? Temos milhares de estudos de casos. Qual a vantagem de se acrescentar a eles um milhão a mais?

"Penso que esta é uma pergunta justificável. Número um, eu não publiquei todos os estudos dos casos. Só publiquei os seleccionados, os que ilustram certos pontos. O que desejo fazer é iniciar, gradualmente, desde o lado físico, focando os casos que envolvem rastros físicos. O que desejo fazer é voltar aos básicos, processá-los passo a passo, e descobrir o que sabemos sobre o fenómeno. Para realizar isto, concentrei-me nos casos que todo o cientista refuta. O primeiro deles, no corpo do livro, é o caso no qual existiam dois submarinos franceses ancorados na baía da Martinica. Um dos submarinos e todos os seus marinheiros e oficiais, viram um objecto que se colocou sobre a baía e executou três grandes acrobacias, desvaneceu-se e reapareceu cinco minutos depois. E repetiu a mesma coisa. Havia cerca de duzentas e cinquenta testemunhas. Mantive muitas conversas em particular com uma delas, o homem do leme do submarino francês, o mais veloz do Mediterrâneo. Ele era alguém que possuía um golpe de vista muito bom e era, também, óptimo observador. Não somente ele viu o objecto, quanto teve o tempo necessário para ir à torre e voltar com seis pares de binóculos, que deu

aos seus amigos oficiais. Todos eles observaram a coisa através dos binóculos. Havia também, um observatório meteorológico no morro que se sobrepõe a baía, e todos os que estavam no observatório viram o evento. Você não pode afirmar que não aconteceu. Você não pode afirmar que era um meteoro ou um cometa ou qualquer coisa no género. Estou tentando usar casos, como este, para estabelecer a realidade física do fenómeno e partir dali."

"Também seleccionei casos onde fui ao local, esperando encontrar algo que seria fácil rejeitar, apenas, para encontrar um jogo de circunstâncias completo que hoje, levaram-me à conclusão de que os eventos foram realmente ufológicos. Incluí, também, os casos nos quais esperava por evidências apontando para um UFO real e encontrei, ao invés disto, uma explicação trivial. Finalmente, há casos que, francamente, não compreendo o que aconteceu."

Parece-me que você está criando sua própria maneira de filtrar o mecanismo – seleccionando estes casos para estudar, porque seguem padrões, enquanto descarta os que merecem análise irrelevante.

"Deixe-me explicar o que fiz. Os casos seleccionados foram escolhidos, não porque dizem alguma coisa sobre UFOS, mas porque dizem algo específico a respeito de metodologia. A questão que estava tentando responder era: Como poderemos investigar estas coisas, fornecendo as únicas características do fenómeno? Propositadamente, seleccionei casos de um tipo e de outro para ilustrar a complexidade desta espécie de pesquisa. Penso que a mensagem principal que persigo é esta, mesmo que você despenda, cinco ou dez mil dólares investigando um caso, não saberá coisa alguma a mais do que já sabia, de princípio. Creio que é muito importante que todos realizem isto."

Você já viu algum disco voador?

"Vi coisas que não deveriam estar lá, quando rastreava satélites no observatório de Paris. Eu as percebi visualmente, como parte de uma equipa, e, realmente, foi aí que se iniciou a minha pesquisa. Obviamente, sabia a respeito de UFOS antes disto, mas sempre pensei que se eles

estivessem lá e se fossem reais, os astrónomos os veriam e nos relatariam o que haviam visto. O meu primeiro emprego como astrónomo, deixou-me decepcionado. Era parte de uma equipa que rastreava satélites para o "Comité Espacial Francês". Nos encontrávamos rastreando objectos que não eram satélites, nem nada reconhecível. Uma noite, nós pegamos onze pontos de dados sobre um destes objectos em um tape magnético, e desejávamos rodar o tape em um computador para completarmos uma órbita para observá-lo outra vez. Não posso lhe dizer se aquilo era uma peça de tecnologia e se alguém a possuía. Podia ser uma peça muito estranha, mas pertencente à tecnologia humana. O que me intrigou foi que o homem encarregado do projecto confiscou o tape e o apagou. Isto me decidiu a começar, apercebi-me, subitamente, que os astrónomos vêem coisas que eles não reportam.

Na realidade, a parte importante de Confrontations, está nos últimos capítulos e se relaciona com as investigações que Jeanine e eu fizemos no Brasil. Fomos ao Brasil, especificamente, para verificar histórias de pessoas que haviam sido feridas pela exposição às luzes dos UFOS. Ficamos por lá, cerca de duas semanas, indo de uma cidadezinha a outra e conversando com o povo. Não atingimos nada mais do que a superfície, mas em dez dias, falamos com umas cinquenta pessoas que foram feridas por estes raios e algumas delas haviam visto estes objectos, apenas, uma semana antes de nossa chegada".

Eles viram a mesma classe de aparelho tecnológico?

"Muito semelhante. Havia uma variedade de objectos, mas os que emitem estes raios são clássicos, em termos de modelo. São objectos semelhantes a uma caixa rectangular que não fazem barulho ou apenas um "hum", como o barulho de um refrigerador. Eles chegam à noite e o raio é uma luz que não só queima como alfineta. Quando perguntávamos aos brasileiros sobre o fenómeno, descobríamos que eles não o vêem como uma coisa de um outro planeta, mas algo que vem de um plano espiritual. Esta é a sua colocação, mas não oferecem maiores e mais profundas explicações. Havia um rapaz, um amigo, que era cego e havia desenvolvido poderes paranormais, tentei fazê-lo falar. Perguntei-lhe

qual a espécie de espíritos que ele havia encontrado, mas ele era muito humilde e franco. Disse-me que ele podia invocar os deuses da sua tradição, mas aquelas coisas eram alguma outra coisa. Algo semelhante a: -"Sim, estas coisas existem, mas estão além do meu alcance."

Na sua cultura, esta explanação poderia ser olhada como algo de mais absurdo do que actividades extraterrestres.

"É o absurdo, a mesma coisa que ouvi de pessoas da nossa cultura: o absurdo. Mas o absurdo não significa falta de sentido. O absurdo é um sinal que possui a propriedade de tirá-lo da sua maneira habitual de pensar, para introduzi-lo em uma outra forma de pensamento que você não sabe que existe. O absurdo força você a perceber a realidade de um outro nível. Os Koans do Zen Budismo, por exemplo, são absurdos, mas a sua intenção, em serem absurdos, é a de parar com o seu processo habitual de pensar. Eles fazem você ficar consciente do seu processo mental, parando este processo."

E qual o tipo de estado mental foi criado nestes aldeões?

"O "dia seguinte" a um encontro, as testemunhas estavam extremamente fracas e mal podiam andar. Foram levadas a um médico, se havia algum por perto. Falei com alguns destes médicos, um deles havia tratado de trinta e cinco pessoas, na boca do Amazonas."

O que você pensa disto? Tal concentração de actividade em uma área?

"Você encontrava a mesma coisa na União soviética, mas ninguém comentava isto".

Existem pessoas queimadas por raios na União Soviética?

"Sim, mas não ouvi casos de verdadeiras injúrias na Rússia embora tenha escutado a respeito de raios derretendo o asfalto. Passei uma semana

com uma jornalista francesa na União Soviética".

"Penso que a penetração básica para mim, é a de entender que o fenómeno UFO não é um sistema. Se fosse um sistema poderíamos, provavelmente, entendê-lo. Somos muito bons em analisar sistemas quando estes sistemas são sociais, sistemas de "hardware" ou sistemas físicos. Penso que não chegamos ainda a lugar algum, porque necessitamos investigar o fenómeno, não como a um sistema, mas como sendo um meta-sistema. Em outras palavras, é um sistema gerador de sistemas. Para lhe oferecer uma analogia simples, suponhamos que iremos estudar uma civilização sobre a qual sabemos muito pouco. Assim, vemos, Sábado à noite, que uma multidão se dirige a um certo edifício. Perguntamos? "Porque vocês estão indo para lá?" E eles respondem: "Oh, foi sensacional, assistimos a Bambi." Anotamos a experiência muito consistente, pois basicamente, todos dizem a mesma coisa. Atravessamos a rua e fazemos pergunta idêntica a uma outra multidão, que está indo para outro edifício, e as pessoas respondem: "Fomos assistir o Rambo."

Uma informação, também consistente, mas diferente da outra. O próximo passo é nos encaminharmos aos edifícios para verificarmos as coisas por nós mesmos. Tudo o que vemos é uma tela branca e uma série de cadeiras defronte da tela. A teoria óbvia é psicológica – estas pessoas gostam de se encontrar aqui e suas consciências criam mitos das suas próprias fantasias. Umas amam Bambi e as outras, Rambo. Assumimos que não há realidade física alguma. Podemos estar errados nesta assumpção, mas é uma teoria a ser desenvolvida."

"As pessoas fazem o mesmo em relação aos UFOS. Dizem: "É mitologia, vem do inconsciente em um certo tempo. Às vezes gosta de se assemelhar à Virgem Maria, em outras vezes se parecem com as fadas, e em certos tempos, gostam de se assemelhar a naves espaciais."

"Bem, se você for ao cinema enquanto o filme está sendo rodado será totalmente diferente, porque agora, estará acontecendo uma experiência sensória – você vê, você reage ao que vê!"

"O que vê acelera o seu coração e causa muitos factores fisiológicos em você. Mas isto significa que Bambi existe? É lógico que não. Há uma falha

básica neste nível de análise, e creio que é uma armadilha na qual toda a ufologia, e em especial a americana, caiu nela. Há, apenas, uma leitura superficial. Penso que é o que está acontecendo com a pesquisa da abdução actualmente. Quando eles hipnotizam testemunhas e elas regridem à experiência, o que elas conseguiriam de facto, seria somente uma tela branca. Não acredito que possam atingir uma realidade".

"Ao invés de olhar para a tela, o que desejo é dar meia volta e olhar em outra direcção. Se fizer isto, verei um buraco no topo da parede com uma luz vinda de lá. É nisto que desejo embarcar. Desejo roubar a chave da cabine do projeccionista e depois voltar lá quando todos se forem. E o que eu encontrar lá será um meta-sistema. É um sistema de rodas que pode gerar o que você quiser – Bambi, Rambo, Encontros Imediatos... Este é o meu próximo projecto: interferir com o próprio fenómeno e de brincar com o projector. Penso que se assim nós o fizermos o forcemos a reagir".

Como fazer este tipo de coisa? Como você pode saber o tempo onde isto irá acontecer para que você possa interferir com ele?

"Não sei, mas talvez haja um modo de saber. Se isto é um sistema de controlo, então há um ponto de "feedback" em algum local. Uma vez que você o encontre, poderá atarraxá-lo em volta dele mesmo."

Você possui algum tipo de conhecimento de que haja algum tipo de tecnologia avançada possuída por seres humanos neste planeta, que poderia ser responsável por tal fenómeno?

"A tecnologia existente pode assumir muitas coisas relatadas pelas pessoas. Pense no avião Stealth, por exemplo. Estou convencido de que algumas das quedas de naves comentadas, falam dos princípios das experiências com o avião Stealth. Duas coisas apontam nesta direcção: as formas e métodos através das quais foi resgatada e os locais onde se originaram os relatos. Penso que as testemunhas estavam, de boa fé, relatando algo que foi uma experiência militar. Outra coisa, deveria ser

óbvia se pensar nisto, é que as pessoas que estão no comando para preservarem a segurança do local da "queda" ficariam deliciadas se as testemunhas acreditassem que viram um disco voador. Em alguns casos, penso que a história da do local da "queda", foi plantada para assegurar que a testemunha poderia ser desacreditada se descrevesse alguma coisa muito estranha caindo do céu e sendo descartada pelos militares. Penso que foi exactamente o que aconteceu. Eles ficariam encantados em usarem a narrativa acerca do UFO. para encobrir a verdadeira história. Se dez anos depois, você preencher uma "requisição de informação", você encontrará a história encoberta, como sendo uma história contrária ao relato real do facto. Como resultado, você pode passar anos tentando compreender este facto, porque ele jamais irá levá-lo ao que seria a tecnologia real. Agora que conhecemos um pouquinho mais sobre estas experiências, penso que podemos colocar dois mais dois juntos. Em decorrência, isto não explica o que sucedeu em 1947, ou 1964, porque nesta época nós não tínhamos nada parecido com o Stealth."

Você já chegou ou tem quaisquer provas, na sua mente, de que o governo tem a guarda de alienígenas? Muita coisa está vindo à tona agora, na mídia. É muito interessante.

"Sim, é muito interessante em um nível sociológico, porque, quando você começa a observar uma aceitação crescente desta hipótese, compreende que as pessoas podem estar, talvez, mais interessadas em satisfazer a lógica do que à verdade. A reacção típica é esta: "esta classe de informação somente poderia ser dada por alguém, do lado de dentro, e que tem acesso a ela. Portanto, a história é real e verdadeira."Tudo o que isto realmente significa é que alguém, do lado de dentro, possui alguma razão para liberar a história. Mas isto não significa que ela seja verdadeira".

Porque alguém gostaria de plantar este tipo de histórias?

"Bem, podem existir várias razões. Escrevi uma novela, "Arlental", de muito sucesso. Na novela existe uma agência chamada "A Agência da Inteligência Alienígena". Uma das coisas que esta agência faz é usar a

crença, ou expectativa sobre os UFOS na população, como suporte para a sua própria propaganda. É uma explicação."

Qual é a proposta a que serve este tipo de propaganda?

"Há várias propostas. Uma delas é o exercício psicológico da arte da guerra. Em Arlental, as pessoas encaravam a história clinicamente. A Primeira Guerra Mundial foi uma guerra de camponeses – a massa contra ela mesma. A Segunda Guerra foi diferente. Foi uma guerra dos poderes económicos e industriais onde o que determinou a vitória tinha muito pouco a ver com números. Tinha a ver com a maior capacidade de produção de mais tanques, aeroplanos e armas, por dia, do que a do seu antagonista. Os mesmos cínicos decidem que a Terceira Guerra Mundial será uma guerra de sistemas de informação, que tem a ver com o controlo dos sistemas de crenças das massas por pequenos grupos de pessoas, que vivem em ambientes secretos, com meios muito sofisticados de comunicação: computadores, satélites e coisas assim. A sua assunção, na novela, é a de que a chave de controlo do mundo, hoje, é o controlo dos sistemas de crença nas massas. Não são as armas nucleares na verdade, sabemos que não poderemos usá-las. De facto, é isto que está acontecendo no mundo actual. Vejam qual é a influência maior actualmente. O capitalismo é a predominância no desenvolvimento da Polónia. A força das crenças islâmicas está influenciando, predominantemente, as polícias russas. O controlo de crenças é um ponto de culminante importância. Dentro deste contexto os UFOS são muito importantes, porque, se você pode fazer o povo acreditar em que os extraterrestres estão chegando, então poderia usar a força deste medo para realizar o que quiser."

- Parte de uma entrevista de Jacques Vallee feita com J. R. nos inícios da década de 1990: aos 14/11/1990.

Chamando a si mesmo de "o herético entre os heréticos" Vallee, mais recentemente, foi entrevistado por Jonathan Vankin e permanece alimentando as mesmas ideias.

O Jornal Infinito finaliza esta entrevista com o depoimento de Jacques

Vallee, directamente extraído do seu penúltimo livro: REVELATIONS.

"O fenómeno UFO genuíno, é associado com uma forma de consciência inumana que manipula o "espaço-tempo" de uma forma que não compreendemos... Esta é a verdade mais simples: se existe uma forma de vida e consciência que opera as propriedades do "espaço-tempo", nós ainda não a descobrimos e ela não deve ser, necessariamente, extraterrestre. Pode ser proveniente de qualquer lugar ou tempo, até mesmo do nosso próprio ambiente. Certamente, pode também ser proveniente de um outro sistema solar na nossa galáxia, ou de outra galáxia. Pode também, coexistir connosco e nós não a percebemos. As entidades podem ser multidimensionais além do próprio espaço-tempo. Elas podem mesmo ser uma espécie de seres fraccionados. A terra pode ser o seu lugar de origem." (grifo do autor: Revelations - J. Vallee - pág. 259 - Ed. Ballantine Book).

Nota:

O Jornal Infinito fez uma minuciosa pesquisa na Internet e em outras publicações, sobre o trabalho e a metodologia de Jacques Vallee considerado o "deão dos ufólogos", para encontrar críticas feitas a ele. Não encontramos nada neste aspecto. A única crítica feita a ele, diz respeito ao que Vallee denominou de "Documento do Pentágono" encontrado por ele, entre os papéis do Dr. Allen Hynek (com quem foi associado), após a morte deste notável pesquisador e cientista.

A CUFOS, fundada por Hynek, não concorda com a forma pela qual Vallee interpretou este documento, tachando-a "inquietante" em demasia. Não concorda, também, com a quantia despendida e mencionada por Jacques Vallee, no estudo dos projectos "Bear" e "Stork". A Cufos teve, porém, o cuidado de mencionar: -"Foi Hynek, sem dúvida, quem induziu Vallee no erro, porque ele ignorava a missão principal do "Projeto Stork: Hynek acreditava que este projecto era dedicado, apenas, aos OVNI's" (sic) – Cufos.

Vallee, quando publicou o que chamou de "Documento do Pentágono", enojado, voltou à França, o seu país natal, para uma longa temporada de dessensibilização.

"Este argumentos não se constituem em uma refutação completa dos ETês. Até que a natureza e a origem dos Ufos tenham sido firmemente estabelecidas, será possível a hipótese dos factores extraterrestres, incluindo formas ainda desconhecidas de consciências jogando connosco em suas manifestações. A ideia da intervenção extraterrestre, no mínimo, poderia ser adaptada e incluindo as especulações teóricas correntes, sobre "buracos de minhoca" e outros modelos do universo físico".

J. Vallee.

Fontes:

- Entrevistas de Jacques Vallee - Internet
- L'Ê College Invisible - J. Vallee - Editions J'ai Lu - Ed. Albin Michel - Paris
- Revelations - J. Vallee - Ballantine Book - New York
- Vários depoimentos a respeito de Jacques Vallee inclui: Aimée Michel.

Desinformação:

As contra-provas da Ufologia

O bom despistamento de factos incrivelmente reais acaba tornando-os ridículos.

Por Pepe CHAVES*

'Todas as contra-provas ufológicas não deixam de gerar uma grande confusão acerca dos fatos em questão. A política de desinformação imposta por alguns países de primeiro mundo, aliada à humana vontade de enganar o alheio, vem para desacreditar e encobrir uma verdade clara

que pertence não somente a quem a estuda, mas a todos os seres humanos'.

A UFOLOGIA MODERNA - Quem estuda Ufologia nos dias de hoje, mesmo que da forma mais singela sabe que, a regra número um é não acreditar em nada, a princípio! O bom ufólogo precisa ser antes de tudo, um céptico, um São Tomé. Com a grande difusão da Ufologia nas últimas décadas, surgiu atrás dela um monte de lendas, delírios e vários canastrões; estes, sempre prontos a se tornarem o “novo mestre da nova era”.

Na verdade, nem tanto de novo foi visto na Ufologia Moderna, como é chamada, por alguns esta para-ciência. A Ufologia Moderna surgiu exactamente após o casual evento de 24 de Junho de 1949, nos EUA, quando o piloto da aviação civil Kenneth Arnold avistou uma formação nove UFOs próximos a Washington. Ele pôde constatar que cada objecto possuía cerca de 35m e se deslocava numa velocidade de 2.000 km/h. A partir deste registo, tornado público à época, o mundo voltou seus olhares para o céu de uma outra forma.

CONSTATAÇÕES - Quando avistamos algo de estranho no céu é um fato, outro fato é quando algum profissional da área “dos céus” o avista. São milhares os avistamentos registados a partir de 1948 por pilotos de aviões de todo o mundo, sejam militares ou civis. São vários os departamentos e projectos secretos montados no seio de praticamente todas as nações desenvolvidas para se estudar e investigar a casuística dos UFOs em nosso planeta.

Discos voadores não são mais uma questão de crença. “Eu creio, e você?”. Isso já não mais existe num mundo de pessoas esclarecidas e abertas às novidades vindas através dos tempos. O homem actual sabe que há pelo menos uma inteligência superior a nos espreitar. Mesmo os que não “viram” esta tal inteligência de alguma forma, muitos, já puderam senti-la, o mínimo para se ter certeza de sua existência. Seriam nossos criadores? Seriam cientistas de planetas próximos? Ou distantes? Estariam interessados em algum tipo de material de nosso planeta? Estariam interessados em material biológico humano, como afirmam

alguns? Ou, desejam nos escravizar e fazer connosco o que os europeus fizeram com os índios das Américas? Seriam os anjos e os santos anunciados por nossos antepassados nos livros sagrados e viriam para trazer a eterna paz? Para sabermos é preciso pesquisar e esta é a parte mais árdua e que mais custa esforços à nossa consciência.

CRER EM QUÊ? – Nesta já longa caminhada que desempenhamos na pesquisa ufológica pudemos ver documentos, fotografias, filmagens e factos inusitados, alguns dos quais no mínimo, sem nenhuma explicação científica. Sempre em locais e testemunhas não determinadas, testemunhas essas, das mais variadas crenças, faixas etárias; convicções e posições socioeconómicas. Pudemos constatar filmagens incríveis vindas de vários cantos do mundo, algumas impressionantes, se constatadas autênticas, ou seja, reais. Ouvimos relatos de factos no mínimo assombrosos, onde os ufonautas mostram sua “cara de mal”. Vimos também factos onde os ufonautas desempenham o papel de anjos ou santos, inclusive curando pessoas.

CIÊNCIA E MISTICISMO - Como vemos, o terreno da ufologia é vasto e com isso veio logo uma ramificação criando dois blocos: a Ufologia Mística e a Científica.

A Ufologia Mística é aquela sempre associada à uma espécie de ligação religiosa entre humanos e ETs; as canalizações de mensagens enviadas por seres iluminados, inclusive de Ashtar Sheran, comandante da frota da Grande Fraternidade Branca Universal que estaria orbitando a Terra há vários anos; aos rituais e crenças de antigos povos aborígenes de vários continentes, os quais descrevem os ETs como “deuses”, atribuindo-lhes o ensinamento de variadas técnicas mecânicas e como também a implantação de uma nova consciência espiritual planetária. A Ufologia Mística deixa gancho para que falsos gurus e líderes de seitas delirantes e sem nexos passem a reinar e a lutar contra as religiões tradicionais em busca de seus adeptos.

Já a Ufologia Científica que é voltada para as provas, para o estudo dos factos, sob todos os prismas possíveis reúne arquivos incríveis, próximos a filmes de ficção! São imagens secretas e raras, jamais vistas, a

maioria confiscada de civis ou militares por governos de várias nações terrestres. São filmes, fotografias e documentos que atestam puramente a presença extraterrestre em nosso meio. Raramente alguma imagem ou fotografia vaza para o público e quando isso acontece é colocado em prática uma política de confusão acerca daquele fato, na verdade, tentando transformá-lo em chacota, e com isso, ganhar o descrédito da opinião pública.

A DESINFORMAÇÃO - Possivelmente, algum governo nacional já plantou na mídia “verdadeiras mentiras” ufológicas, com intuito, na verdade, de ridicularizar, de difundir e de fazer o público crer que disco voador é a mesma coisa que elefante cor-de-rosa voando. Dentro dessa política vimos as - a princípio supostas -, autópsias em ETs; fotografias de ETs e UFOs adulteradas por montagens feitas em simples programas de computador; várias filmagens de objectos com sobreposição imagens. Mas também os civis, por vontade própria, talvez apenas por desejarem “aparecer na mídia” produzem filmes e fotografias falsas sobre ETs e UFOs. Algumas, usando recursos simples de computador, outras contam com tecnologia de ponta, os quais nos deixa completamente em dúvida quanto à sua autenticidade. Infelizmente, tais fatos são um atraso para o estudo sério da Ufologia e todos os fenómenos de natureza exobiológica.

Todas as contra-provas ufológicas não deixam de gerar uma grande confusão acerca dos fatos em questão. A política de desinformação imposta por alguns países de primeiro mundo, aliada à humana vontade de enganar o alheio, vem para desacreditar e encobrir uma verdade clara que pertence não somente a quem a estuda, mas a todos os seres humanos.

O estudo dos extraterrestres e dos discos voadores é feito em todo o mundo sem o menor reconhecimento. Não há, por exemplo, nenhum ufólogo profissional, ou seja, pessoa que receba algum salário por simplesmente ser ufólogo (salvo raras exceções isoladas). Não há como se ganhar a vida com ufologia, excepto para gurus e canastrões que exploram religiosamente – e não cientificamente – a área. Tudo isso dificulta o desenvolvimento desta ciência que volta seu olhar para a vida que está no céu.

Infelizmente, talvez ainda demore séculos para existir a primeira Faculdade de Ufologia neste planeta...

* Pepe Chaves é editor de Via Fanzine e UFOVIA.

AS SEIS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS (da OVNILOGIA)

Jacques Vallée¹

Tradução de Alberto Francisco do Carmo

Este texto é parte do capítulo “Teorias de Estratagemas” do livro “Messengers of Deception” (Mensageiros do Engodo, Dissimulação). Isto vem após 26 páginas tão instigantes quanto divagantes às vezes Vallée, pessoa cultíssima, é uma mente inquieta e como toda mente muito inquieta, irregular. Mas de repente efectua fantásticas sínteses (próximas do conceito de *aufheben* hegeliano) que ainda não foram suficientemente exploradas pela Ufologia.

Tenho permissão, por escrito, de Jacques Vallee para utilizar este texto, o que o fiz, parcialmente (por falta de espaço) em meu artigo “Ufologia Protociência, Pseudociência ou Ciência” 2 de 1984/1985. Portanto, estando tais textos protegido por *copyright*, favor não transcreve-los em qualquer publicação com fins lucrativos ou sem citá-los convenientemente.

Honestamente, ao traduzir este texto, depois de lê-lo há bastante tempo, agora – portanto - pesando cada palavra com cuidado, por várias vezes me arrepiei com o que foi saindo do meu teclado para a tela. Pelos comentários complementares, todos saberão o porquê.

Nota Introdutória do tradutor:

Resta-nos resumir os efeitos sociais que a crença em UFOs certamente vai criar, sejam objectos físicos ou não. Temos visto seis efeitos mais importantes durante esta investigação. Eles se reflectiram em entrevistas

peçoais, em citações de livros e panfletos de organizações de contactados.

A crença nos UFOs alarga a distância entre o público e as instituições científicas.

Algum dia nossa sociedade pagará o preço pela falta de atenção científica quanto ao fenómeno UFO. Enquanto mais e mais testemunhas sinceras se apresentarem com suas histórias, somente para serem sumariamente rejeitadas por instituições militares e académicas, nas quais tais pessoas pensaram que podiam confiar, uma distância crescente será criada. O público não só poderá dar as costas à Ciência sob qualquer forma (e se tornar céptico quanto ao valor de seu investimento em pesquisas de energia e tecnologia espacial) mas pode também procurar um substituto em novas filosofias de consumo e pseudociências. Este movimento rumo à superstição por sua vez antagonizará os cientistas, que o citarão como evidência de que o fenómeno UFO não deveria ser estudado seriamente e o círculo vicioso continuará. ”

A propaganda ideológica dos contactados mina a imagem dos seres humanos como senhores do seu próprio destino.

A começar pela ideia da Atlântida e dos “deuses astronautas” e interpretações de Javé (Jeová) como extraterrestre, a literatura dos contactados está repleta de sugestões que as grandes realizações da humanidade teriam sido impossíveis sem intervenção celestial. Deveríamos agradecer aos visitantes extraterrestres a agricultura, o domínio do fogo, a roda e a maioria de nossas tradições religiosas? A qualquer um que tenha estudado a História da Ciência, tais ideias (romanticamente atraentes como o são) parecem infundadas. 4 O melhor e o pior dos seres humanos tem sido demonstrado em todas as culturas que conhecemos. As primeiras culturas foram tão dotadas para criar pirâmides e construir canais como para exterminar seus inimigos. Três mil anos depois, estamos engajados no mesmo comportamento, embora construamos canais e exterminemos inimigos “cientificamente”.

A atenção crescente dada à actividade dos UFOs promove o conceito de unificação do planeta.

Este é talvez o tema mais comum e recorrente no meu inteiro estudo desses grupos. Através da crença nos discos-voadores uma tremenda ânsia por uma paz global se expressa por ela própria (NT: a ânsia). De um modo que foi captado por romancistas como Koestler e Newman, o UFO está focalizando a atenção para fora da Terra. Se isto vai se tornar um factor para mudança social positiva ou negativa dependerá da maneira com que esta atenção focalizada for canalizada.⁵

As organizações de contactados podem se tornar a base de uma nova religião de alto consumo (tradução aproximada: no original “high demand religion”- NT)

O actual jogo morto conservador contra a moral “decadente” e o liberalismo social levou muitos a reconsiderarem sua orientação espiritual. A Igreja Católica está num ponto crítico de sua história, e muitas religiões estão com problemas. As novas religiões enfatizam altos padrões e disciplina estrita. ⁶ Os credos das organizações ufológicas frequentemente enfatizam temas como a repressão sexual, segregação racial e valores conservadores que as colocam (NT: as organizações ufológicas) numa posição de capitalizar o crescimento de tais movimentos (conservadores, NT). Especialmente visível a tal respeito é a atenção recebida pelo “The Two” (que resultaria 20 anos depois na tragédia do Heaven’s Gate - NT)⁷ e o sucesso cada vez maior dos grupos Melchizedek (actualmente “raelianos”-NT)⁸. Inerente em tal actividade sectária é a semente de movimentos religiosos revolucionários com potencial quase ilimitado.⁹

Motivações irracionais baseadas na fé estão sendo espalhadas de mão em mão com a crença na intervenção extraterrestre.

Enquanto o fenómeno UFO permanece não verificado com nenhuma expectativa de que uma pesquisa quanto à sua natureza será honestamente tentada, uma fracção crescente do público está se tornando convencida de que muitos fenómenos estão além do alcance

da Ciência e que são impossíveis de se desvendar por processos racionais. Se tal fracção se tornar maioria, ela poderá pôr fim ao apoio inquestionável da sociedade à Ciência racional. Ao invés disto poderemos ver em breve um sistema intermediário de crenças, no qual uma quase mística fé em “contactos” se funde com tecnologia avançada de modo muito estranho. Entre os contactados, a ideia de que todas as tentativas de controlo científico devem ser postas de lado em favor da fé cega já é prevalente. 10

As filosofias dos contactados frequentemente incluem crença em raças superiores e em sistemas totalitários que eliminariam a democracia.

Da afirmação de que os UFOs nos visitaram no passado, é só um pequeno passo para dizer que seus tripulantes “conheceram” as Filhas do Homem “e as acharam belas”. Então, alguns de nós podem ter sangue celestial em suas veias, o que os faria “superiores” aos outros. A ideia de “povo eleito” é velha e perdeu seu apelo em décadas recentes. Uma crença forte em intervenção extraterrestre poderia reviver este conceito primitivo, com grupos particulares reivindicando privilégios peculiares a aqueles que descendem de exploradores estelares. 11

Já vimos que quando a suposta comunicação com tripulantes de UFOs toca em aspectos políticos, tende a enfatizar imagens totalitárias. Vorilhon (N.T. actual Rael), por exemplo, reporta que lhe disseram que a democracia era obsoleta. Raymond Bernard foi instruído para esperar uma “reversão de velhos valores”.

Estes seis efeitos da crença em intervenção extraterrestre indicam que um aumento crescente no condicionamento social correlacionado com o fenómeno UFO pode levar a mudanças complexas. Se os Manipuladores realmente existem eu certamente saúdo sua tenacidade, mas estou curioso quanto a seus objectivos.

Qualquer pessoa esperta o suficiente para explorar a expectativa do público quando a aterragens de UFOs, ou para simular invasão vinda do

espaço, presumivelmente percebem quão vulneráveis são as instituições humanas para mudanças da imagem de nós mesmos.

Não é somente o contactado individual que é manipulado, mas a imagem global no inconsciente colectivo da Humanidade.

Gostar-se-ia de saber mais sobre que imagem da humanidade tais manipuladores ancoram suas próprias mentes - e seus corações. Supondo, é claro, que eles tenham corações.

Referências Bibliográficas e Comentários do Tradutor

1. Vallée, Jacques- Messengers of Deception- 1979-Berkeley-And/Or Press-p.217-220
2. Carmo, Alberto Francisco- Jornal Ufológico –nºs 2,3,4,5 –1984/1985-Belo Horizonte.
3. Japiassu, Hilton- A Crise da Razão e do Saber Objetivo-As Ondas do Irracional- 1996- São Paulo- Letras e Letras – Nota: Japiassu, filósofo, autor de vários livros famosos (O Mito da Neutralidade Científica, Interdisciplinaridade e Patologia do Saber) não é ufólogo, e nem sabe de Jacques Vallée, mas seus livros mais recentes são sintomáticos quanto às previsões de Vallée...em 1979.
4. Boyer, Carl B, História da Matemática, 1974- São Paulo- Editora Edgard Blücher/Editora USP- tradução Elza F.Gomide (Ed.original – A History of Mathematics- 1968- NY- John Wiley & Sons, Inc.)

Também recomendaríamos TODA a colecção LIFE (Editora José Olympio) sobre civilizações antigas.

Alienação e massificação.

Não, massificar não significa produzir algo em grande número. Sob o ponto de vista sociológico massificar é causar a perda da protecção dos meios sociais intermediários, que protegem um indivíduo e sua cultura. Quais são: família, bairro, etnia, nação, etc. Um indício disto é que muitos ufo-cultos pregam abertamente a ruptura com tudo e adesão cega a comandos distantes do espaço. Vide depoimento do personagem que aderiu ao ufo-culto dos Guardiões: afastou-se de tudo “queimou todas as pontes”. Num caso de uma contactada de Brasília, isto era

maciçamente enfatizado: largar família, religião, convicção política...e até o filho. Sem comentários.

Observe-se que a Igreja Católica enfrenta crise de identidade desde o fim do papado de Pio XII. Mas ao menos tem tentado ser mais moderna que suas similares cristãs ou não, nos papados desde João XXIII. Também aqui o problema da “disciplina estrita” simplesmente mostra que Vallée também percebeu a sombra do fantasma autoritário, que ronda as alegadas ou supostas relações alienígenas X terrestres. Segregação significa, etnocentrismo, portanto, fascismo.

O tema “raça” (e racismo) tem aparecido por exemplo em casos como o de Eduard Méier, no caso Hermínio e Bianca e também numa “contactada silenciosa” cujo relato me foi cedido por Dona Irene Granchi. Nos três casos, os alienígenas contactadores, afirmaram com ligeiras diferenças de estilo, que a mistura racial degenerou a humanidade. E quanto à repressão sexual, um dos últimos boletins do caso Eduard Méier que me chegou às mãos (via Dr. Walter Bühler, infelizmente um pouco seduzido pelo caso em seus últimos anos) alertava-se para a explosão populacional e “sugeria-se” que a Terra toda impedisse o nascimento de pessoas por sete anos. E quem violasse a lei? Seria castrado! Curiosamente, um inflexível sistema de controlo populacional seria adoptado em Klermer, o mundo de Karran. Como prolongavam muito suas vidas, a ponto de “trocar de matéria” novos nascimentos só eram permitidos se alguém morresse numa catástrofe ou desastre.

Orwell e Huxley não imaginariam solução melhor...

No caso do Heaven’s Gate, considero que foi um crime de omissão não se prestar atenção ao “desenvolvimento” do grupo. Pretendiam “emigrar” para outro mundo e o slogan era: *“it only costs your life”* e ISTO JÁ ESTÁ NO LIVRO DE VALLÉE.

Em suma: já se preparava a mente de todos para o suicídio colectivo, precedido pela auto-castração de todos, para libertação do sexo.

Felizmente, apesar de algum comprometimento de quem adere a tais movimentos, eles nunca passaram de minorias.

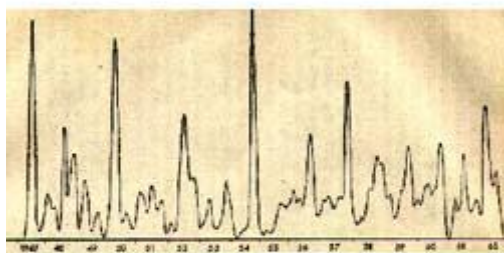
A saída do assunto Ufo da grande mídia, dificultou a difusão da ideologia e o proselitismo dessas seitas, ufológicas ou não.

Pelo menos isto foi uma vantagem, porque desarticulada como sempre foi e é, a Ufologia não teria fôlego para aguentar o tranco desses movimentos de fanatização, se continuassem obtendo certa publicidade, como em décadas passadas.

Aqui Vallée cutuca de leve a onça, embora com a vara curta. Observe-se o etnocentrismo judaico, cristão e islâmico.

E todos os problemas que isto vem causando.

O COLÉGIO INVISÍVEL NAS PALAVRAS DE UM DECANO.



Variações da atividade dos OVNIS de 1947 a 1962. Seria um "Programa de Reforço"?

"Creio que assim que admitimos a conclusão de que os OVNIS vêm de um outro planeta, fazemos um grave erro. Examinamos o fenómeno de um nível inferior, porque não possuímos, diante de nós, uma simples série de eventos resultantes de um desembarque de

exploradores espaciais.

Nós temos, diante de nós, um "sistema de controlo". Para o compreendermos em sua amplitude, é preciso representar o controlo a partir de dois princípios opostos."

"Existe um sistema de controlo para o planeta Terra. Este sistema se iniciou, progressivamente, no final da Segunda Guerra Mundial, quando os mitos antigos não nos serviam mais. (Vallee, entretanto, acredita que o fenómeno OVNI é tão antigo quanto à humanidade. Aqui ele fala deste fenómeno na nossa Era) ".

"Este sistema é controlado por uma inteligência. Terrestre? Divina? Cósmica? Ou outra? Não tenho a resposta! É determinado pelas leis históricas e sócio-políticas? Ignoro! É explicável pela genética, a evolução natural? É artificial? Não posso apresentar respostas de aprovação ou de negativa!"

"O que posso dizer é que: tendo em vista tudo o que já estudei e pesquisei em detalhes, o fenómeno contém uma parte racional e uma parte absurda, metade bem, metade mal. Metade amigável e metade hostil. Seja qual for a minha hipótese posso explicá-la pela metade dos factos e jamais por antecipação".

"Estamos situados no nível pior, o mais baixo, se imaginamos visitantes espaciais. Todos os que desenvolvem esta crença, incluindo os cépticos que acreditam nas suas explicações racionais muito mais seriamente do que o astrólogo que crê em suas Amazonas ultrajupiterianas (alusão a um determinado facto acontecido). Todos estão enganados: Puharish e as suas bandas magnéticas, Uri Geller transformando" fisicamente" as horas de um relógio e os que nele vêem uma força cósmica, como se ela não fosse um ser vivo, esta força está dentro de cada ser humano vivo!"

"Dentro de cada sistema de controlo que eu conheço, existe um modo de ascender a um nível de referência: dizemos, um direito de poder se dirigir ao condutor.

Podemos e temos o direito de fazer a mesma coisa com os OVNI's, é o bastante correremos o risco de certas coisas: um curto-circuito, um chute, ou uma aceitação paternal."

A Aprendizagem Invisível

"Reparem na figura 1. Ela mostra o desenvolvimento das "vagas" de Ovnis entre 1947 e 1962.

Vallee faz considerações técnicas longas, muito detalhadas, e usa de exemplos demonstrativos de como chegou às suas conclusões finais.

--

Conclusões finais a respeito da figura 1

Esta figura demonstra a primeira vaga que prendeu a atenção do público e que se produziu depois da primeira explosão atômica. Outra vaga se seguiu após o lançamento do Sputnik I em 1957, e consistiu nas observações de grandes objectos vistos perto do solo, que não podiam se confundir com os satélites."

"Usando Skinner e seus trabalhos: dentro de quais condições um organismo que responde a um fenómeno externo aprende um novo comportamento? Em quais condições esta aprendizagem se torna irreversível?

Pois são as condições de aprendizagem irreversível que os OVNIs estabeleceram para nós."

O Programa de Reforço

"O psicólogo B. F. Skinner estudou o comportamento por cinquenta anos, meio século, portanto. Nem todos aceitam as conclusões de seus estudos, porém Fred Beckman e o Dr. Price Williams indicaram uma relação entre os trabalhos de Skinner e a possível meta visada pelos OVNIs".

"A utilização tecnológica dos programas de reforço compreendem... As técnicas baseadas nestes programas que podem ser adaptados a um grande número de espécies:... A nível humano, a análise dos programas tem se mostrado útil ao estudo do comportamento psicótico e a preparação de técnicas de educação para os humanos normais... Outras aplicações para o problema do controle do comportamento humano oferecem promessas consideráveis, em particular em direito e nas prisões, na religião, na indústria e no comércio..."

(Programmes de Renforcement par Ferster et Skinner Appeton-Century 1957).

"Alguns reforços são mais eficazes do que os outros: o melhor programa de reforço combina a periodicidade e a imprevisibilidade".

"Se o treino for igual e monótono, o sujeito em desenvolvimento, retorna a um estado inferior. No caso da conclusão acima, a aprendizagem é lenta e contínua e IRREVERSÍVEL. As vagas de OVNIS, nos parece, constituem um Programa de Reforço.

Se esta teoria é bem fundamentada, tornaria inútil o estudo das aterragens, as estatísticas sob ordenadores, telescópios varrendo aos céus, radares e câmaras automáticas. Estes esforços, entretanto, são necessários ainda que não sejam suficientes. Um fenómeno que se esconde, que destrói sua própria evidência, jamais poderia ser administrado pela força da tecnologia brutal."

"La Roulette Psychique" é um livro citado por J. Vallee, escrito por Georges Vanderman. Vanderman, desesperado pelo fenómeno OVNI, pede ao público: "O fenómeno é real, mas nos confunde. Não vamos estudá-lo mais. Voltemo-nos para o Cristo. Ponhamos toda a nossa fé na Bíblia". G. Vanderman.

J. Vallee faz uma lista daquilo que foi esquecido por Vanderman ao fazer tais declarações: "Ele se esqueceu de que o fenómeno TEM que nos confundir para fazer evoluir o nosso comportamento. Vamos ter que estudá-lo por bem ou à força".

"Uma civilização como a nossa inteiramente voltada e orientada no sentido do progresso técnico, não pode ignorar por um longo tempo a aparição, nos céus, de objectos que desafiam as suas leis da física e as performances dos seus mais avançados aviões. Ela terá que arregimentar o seu colegiado de sábios, os seus melhores físicos, os seus meios de contra espionagem e seus melhores informantes". Preconiza Vallee e conclui.

"Vanderman se esqueceu de que a Bíblia, que ele nos pede para recorrer como antídoto contra os enganosos discos e ilusões proféticas, foi ditada aos seus profetas por seres supra humanos que viviam nos céus entre raios luminosos!"

Jacques Vallee fala sobre "profecias", lembrando a Vanderman das "aparições" entre luzes e fenómenos, de Fátima e de Lourdes, profetizando.

"Este sistema de controlo que reforça o nosso comportamento, opera

como um termóstato. Oscila, tirando a sua energia dos antagonismos que os nazis julgaram nos termos de fogo e gelo, que os marxistas apelaram como sendo contradições da história e que os simples, apenas, chamam de BEM e MAL, na vida quotidiana."

O nível do controlo

"Aprendemos sem saber o que aprendemos. Controlados, prisioneiros, livres, portanto. Toda a escola é uma gaiola até o dia que descobrimos que nada aprisiona o espírito, que o medo não existe."

O próximo nível de controlo da sociedade humana age como regulador do desenvolvimento humano. Não se sabe se é um controlo natural (se deriva do próprio sistema) ou se responde ao desejo de uma inteligência supra-humana. Só sei que este nível de controlo explica muitas coisas. Isto explica a ausência de contactos. O contacto real arruinaria a experiência (todavia, podem existir os contactos FALSOS, deliberadamente, agenciados: nesta óptica, Adamski e Ummo?). Entretanto, o verdadeiro contacto é o que irá colher os resultados de toda esta aprendizagem."

"O mecanismo de controlo explica também, as declarações dos supostos alienígenas. "Devem crer em nós, mas não muito", nos contou um habitante da América latina! Está aí um exemplo do carácter absurdo de muitos casos onde as testemunhas não conseguem explicar direito, verbalmente, nem o que viram ou ouviram.

Os OVNI's, para mim, são o maior exemplo de tecnologia: são físicos e materiais e estas formas parecem servir aos efeitos psíquicos, efeitos que não podemos e nem sabemos catalogar. Os OVNI's provocam grandes efeitos emocionais nos seus espectadores. Ao mesmo tempo, parecem violar o princípio da casualidade: não existe a indicação de que o seu modo de propulsão não é só espacial, mas também temporal? Enfim, eles manipulam, admiravelmente, o ambiente sociológico para evitar os aprofundamentos de suas propriedades."

"De tempos em tempos, na história das civilizações, surge uma mentira, uma maravilhosa inverdade, ao redor da qual se cristaliza uma energia

magnífica e acontecem grandes coisas e grandes progressos. Um tal momento é chegado... agora que não sou mais um jovem, perdi a minha fé cega na ciência... nos últimos anos, graças aos meus colegas membros do "College Invisible", tive a oportunidade de estudar os documentos que venho citando e muitos outros que os confirmaram. Que não se pense que estes sábios receberam ordens de um novo "Projecto Manhattan". Ao contrário, se encontram nestas informações as incoerências dos políticos explorando as observações dos OVNI's e dos militares tentando se desembaraçar delas. Existem certas reuniões secretas onde se discutem estes problemas a portas fechadas. Os militares e os sábios desenterram estas histórias "para ninar" (histoire à dormir), enquanto os OVNI's continuam se manifestando dentro da indiferença geral."

"A ciência, aos poucos, dará relevância aos fenómenos paranormais e o que eles oferecem como desenvolvimento das suas teorias sobre o universo. É a única chance que possuímos de redefinirmos a dignidade humana em um mundo a ser construído". V J. Vallee.

Fonte: Le College Invisible

Jacques Vallee - Editions J'Ai Lu - ed. Albin Michel – Paris

Inferências

O jornalista, filósofo, jñani yoga e escritor inglês, Paul Brunton (ex director do Times de Londres, já falecido), nos seus livros, fala sobre REALIDADE E ESTADOS DE CONSCIÊNCIA ALTERADOS. Resumindo a sua fala: fomos ensinados a VER e não a OLHAR. O "The Monroe Institute" – Faber – Virginia – celeiro de muitos dos "espiões psíquicos" das Forças Armadas Americanas, bate na mesma tecla: o que pensamos ser REALIDADES, são imagens distorcidas da REALIDADE ABSOLUTA e o seu fundador, o engenheiro e criador do aparelho "Hemispheric Synchronisation", Robert Monroe, atesta com a sua experiência na área da "consciência", a grande maioria das hipóteses de Jacques Vallee para o "fenómeno UFO" e o seu esclarecimento.

As Leis de Vallée

Jacques Vallée (1966) no primeiro estudo que apareceu sob os humanóides (F.S.R. Outubro-Novembro de 1966 reeditado e Julho de 1967), baseou-se na vaga de 1954, bem conhecida graças a Aimé Michel, para tentar definir um padrão de distribuição geográfica das aterragens de OVNI's, compreendendo aquelas no decorrer das quais as testemunhas puderam observar o que a Flying Saucer Review chama de humanóides: o que nos dará, não por extensão mas por redução, um modelo de distribuição geográfica das aparições dos humanóides.

De seu estudo, Jacques Vallée separa, com muito brio e também muito seriamente, duas leis negativas e duas outras positivas.

Primeira lei negativa de Vallée: densidade da população.

Baseando-se na conferência feita pelo Dr. Georges Heuyer, psiquiatra da academia médica de Paris, no dia 16 de Novembro de 1954 (cf Aimé Michel, op. cit. I, p gs. 230 a 233 e também Henry Durrant, op.I, p gs. 119 a 121), as aparições de discos voadores e de pequenos marcianos, deveriam se manifestar em indivíduos vítimas de um tipo de psicose, que podem facilmente ser encontrados nos centros urbanos e nos arrabaldes industriais, ou seja, geralmente, em zonas super-povoadas.

Um simples pontilhado num mapa demonstra precisamente o contrário: as zonas rurais são as mais atingidas. A região parisiense e os arredores da capital são praticamente isentos deste tipo de manifestação, tal como em outras zonas urbanas. De onde a primeira negativa:

A distribuição geográfica dos pontos de aterragem, em 1954, é inversamente proporcional à densidade da população.

Sublinhemos que foram feitos estudos semelhantes por outros pesquisadores em outros países (especialmente em Espanha) e outras épocas e que, em todos os casos, esta lei negativa de Jacques Vallée se verifica exactamente.

Segunda lei negativa de Vallée: credibilidade da testemunha.

Sempre, segundo o Dr. Heuyer, os observadores de discos voadores e pequenos homens verdes, são indivíduos instáveis, solitários ou com problemas conjugais, estudantes entusiastas ou líricos em quem, evidentemente, não podemos confiar muito nem quanto às suas narrações nem quanto aos relatos de observações por textos evangélicos.

Vemos aqui a base da pseudo "teoria explicativa" do Dr. Warren, segundo a qual as pessoas que vêem OVNI's (e ETs) estão influenciadas "por um estado social incoerente" que provoca neles "um estado psicológico marginal" tendendo a fazê-los rejeitar o sistema dos valores da sociedade actual e a deformar a informação que recebem: é a tese de "incompatibilidade pessoal ou do desequilíbrio social".

Infelizmente para o psiquiatra Heuyer e para o psicólogo Warren os relatórios de observação dão os nomes, endereços, sexo, idade, diplomas, qualificações profissionais, etc., das testemunhas: uma simples comparação destes elementos reduz a nada suas teses pseudo explicativas. Razão esta por que a segunda lei negativa de Vallée foi enunciada deste modo, sempre baseada no estudo de 1954:

Quanto às aterragens de 1954, o "espectro" das testemunhas tipicamente rural, com proporção normal de homens, de mulheres e de crianças. A maioria das testemunhas tem profissões estáveis, ocupam por vezes postos de responsabilidade social e observam um fenómeno invulgar enquanto nas suas ocupações habituais no seu ambiente normal.

Recordemos que o Dr. Joseph-Allen Hynek, conselheiro científico da U.S.A.F. durante 25 anos escreveu entre outros no Yale Scientific Magazine, volume 37, nº 7, Abril de 1963: *"O que surpreende, é o nível intelectual das pessoas que dizem ter visto OVNI's. Está seguramente acima da média e em certos casos, mesmo muito acima. A testemunha tipo é honesta e séria (. . .). É absolutamente falso dizer que os OVNI's nunca foram vistos por pessoas cientificamente capacitadas. Alguns dos*

melhores e mais coerentes testemunhos provêm exactamente de tais testemunhas..."

Primeira lei positiva de Vallée: as invariantes do fenómeno

Se supomos que os discos voadores são veículos espaciais bem materiais, estes devem ser concebidos segundo princípios exactos e executados por uma tecnologia aperfeiçoada. Se é exactamente assim deve-se poder verificar a objectividade de suas manifestações pela análise dos relatórios de observações: porque, apesar das diferenças expressas, provenientes dos respectivos vocábulos das testemunhas, deve-se poder notar certas invariantes nas características técnicas destes veículos pela análise dos textos e a indicação de detalhes.

De facto, após a análise dos relatórios, referência de detalhes, traçado de diagrama de síntese, a primeira lei positiva de Vallée se enuncia assim:

Os dados fornecidos concordam com a hipótese segundo os fenómenos relatados pelas testemunhas de aterragens de 1954 apresentam uma simetria de revolução e um diâmetro real de aproximadamente 5 metros.

Mais particularmente em relação aos Uranianos, reportar-nos-emos aos estudos da Sra. Geneviève Vanquelef sobre Os Ocupantes dos M.O.C. e seus comportamentos na L.D.L.N.: lá também as invariantes se manifestam com constância, o que permite aplicar aos Uranianos a primeira lei positiva de Vallée. Mas isso não pode admirar ninguém, os Uranianos procedem dos OVNI's.

Segunda lei positiva de Vallée: a constante do tempo.

O estudo científico do fenómeno, sempre baseado em relatórios de observações de 1954, faz também ressaltar outros parâmetros e que se manifestam segundo regras bem definidas. As aterragens produzem-se apenas em pequeno número durante o período diurno, o que não se verifica absolutamente em outros tipos de observações.

As aterragens multiplicam-se ao cair da tarde e são praticamente inexistentes no período do amanhecer. Durante a noite as aterragens diminuem grandemente em número mas, compreensível que esta baixa se deva à rarefacção de eventuais observadores no decorrer deste período de tempo. A actividade dos OVNI's, e portanto dos Uranianos, pode ser constante durante a noite mas nunca se tem observado o seu início. O que leva a enunciar a seguinte lei:

A distribuição no tempo dos locais de aterragem, em 1954, é quase nula em pleno dia, muito densa ao cair da tarde e praticamente nula ao amanhecer. Faltam dados quanto à noite.

O estudo de Jacques Vallée prossegue pela análise dos testemunhos em enxames ou grupos de aterragens e termina por observações muito interessantes sobre os operadores, pilotos dos OVNI's, ou Uranianos. Sublinha de passagem que, é muito raro que os autores de ficção científica descrevam os seus extraterrestres como tendo uma forma humanóide ou francamente humana, especialmente Herbert G. Wells que foi um precursor no género e Brian Aldiss que um contemporâneo muito conhecido; nisso estão de acordo com nossa biologia que ensina que a estrutura do corpo humano, típica do nosso planeta. De onde então a opinião geral de que os Uranianos se assemelham tanto aos terrestres, estruturalmente e sob o ponto bem frequente de que respiram o ar de nossa atmosfera?

Jacques Vallée responde a esta questão do seguinte modo:

"Um aspecto fascinante do estudo destes fenómenos, que não se pode construir nenhuma teoria sobre sua origem e natureza, sem referência às teorias sobre a origem do homem e a natureza da vida".

Extraído do livro Primeiras Investigações sobre os Humanóides Extraterrestres de Henry Durant – Editora Hemus.

••

As Simetrias

A génese deste estudo evidencia uma curiosa coincidência: foi a leitura de um artigo da série "A descoberta da natureza" (Atlas, nº 25, de Agosto de 1968) que tratava da simetria no universo que me levou a elaborar estas pequenas reflexões; o autor deste artigo não era outro senão o Sr. Aimé Michel, o grande especialista francês em OVNI's.

Há um ponto que eu quero imediatamente sublinhar: não é minha intenção das "provas" da existência dos discos-voadores. Numerosos pesquisadores, com mais elementos e sobretudo mais qualificados que eu, vêm-se esforçando desde há anos para sensibilizar o público com este problema capital. . . e parece que tudo em vão!

Os espíritos "acanhados" são, a meu ver, irrecuperáveis. Quero simplesmente que saibam que eu observei pessoalmente uma dezena de casos de discos voadores dos quais pelo menos dois eram suficientemente reais e impressionantes para que o fenómeno passe, para mim, do domínio da crença ao domínio da Realidade. Depois de fazer isto, os "bens pensantes" podem passar a considerar-me de megalómano, alucinado, psicopata ou neurótico . . . acredito no seu grande vocabulário. Detalhe interessante: a tese que vou apresentar não se baseia em nada das minhas observações pessoais. Vou agora voltar ao ponto de partida, isto é, ao artigo no qual Aimé Michel expôs algumas constatações evidentes sobre a Simetria radial e a Simetria bilateral.

A Simetria Radial organiza-se em torno de um eixo. É o caso da maioria dos vegetais (abetos, cogumelos. . .) ou dos elementos deste (flores, frutos . . .). Esta forma de vida é também nítida em certos animais primitivos (estrela-do-mar, ouriços do mar, medusas. . .). Cada parte do corpo de tais seres vivos, estruturados à base de um raio, é a perfeita reprodução da parte em volta. Se se pegar um braço qualquer de uma estrela-do-mar, ele é igual aos outros quatro; assim, o animal em questão não tem partes da frente ou de trás nem esquerda nem direita. Quando se observa uma medusa ou um cogumelo, a única referencia especial que se pode fazer é a que consiste em diferenciar a parte de cima da parte de baixo.

A Simetria Bilateral organiza-se de ambos os lados de um plano. É o que se passa com a totalidade dos animais superiores dos quais o exemplo mais perfeito é o próprio homem. Tais seres apresentam duas partes bem distintas, a direita e a esquerda, colocadas de um e do outro lado do plano de simetria. Cada um dos seus elementos existe em duplo (olhos, pulmões, braços, mãos. . .) salvo os que estão colocados no plano de simetria (coluna vertebral . . .) ; no entanto, cada elemento não é a cópia do seu duplo mas sim a imagem invertida. . . como num espelho; a mão direita não é a reprodução da esquerda.

Do estudo da simetria bilateral deriva uma série de constatações lógicas:

--- Locomoção num só sentido de onde, logicamente, frente, traseira, esquerda, direita.

--- Necessidade que o ser assim estruturado tem de agrupar na parte da frente assim definida, os órgãos de absorção (boca, garganta. . .) e dos sentidos (olhos, nariz , ouvidos, antenas . . .). Isso traduz-se pela estrutura de uma cabeça que contém o órgão essencial à interpretação das sensações recebidas e à emissão das consequentes ordens: o cérebro, sede do pensamento da inteligência.

"Esta disposição, da qual o homem representa a forma mais perfeita, estava inscrita nas fatalidades da evolução", escreveu Aimé Michel, que não se esquece de precisar: "pelo menos no planeta Terra". O homem é, portanto, um ser bilateral como a maioria dos animais, desde a mosca à baleia passando pelos dinossauros desaparecidos no secundário.

Mas, mais do que isso, pode-se afirmar que o homem organizou o mundo externo e o seu próprio pensamento baseado num processo bilateral. Frente-trás, direita-esquerda, são noções primordiais da distribuição do espaço e de sua utilização tanto para fins práticos e materiais que puramente intelectuais. Logo que entra na escola, a primeira coisa que se ensina à criança (independentemente do seu nome) é saber distinguir a direita da esquerda. Além disso, em geografia, a primeira lição de orientação é assim formulada:

"Quando nos viramos para o Norte (em frente), teremos o Leste à direita, o Sul atrás e o Oeste à esquerda."

A própria escrita, meio de conhecimento e de comunicação, só tem sentido em função da posição das letras em relação umas às outras: "eu" não é "ue" e as crianças que sofrem de dislexia (incapacidade de fazer distinção entre a direita e a esquerda) não só não conseguem aprender a ler como também têm grande dificuldade em se integrarem na sociedade. Se, no espaço, existir uma parte da frente que se opõe a uma parte de trás e uma direita que se opõe a uma esquerda, constata-se que o pensamento puro é estruturado do mesmo modo. Todos os mecanismos da inteligência se exprimem por uma escolha entre duas propostas contrárias:

Sim ou não! Verdadeiro ou falso!

Se se considerarem, agora as invenções humanas que são os veículos, quer se trate de antigos carros de bois, trenós, automóveis, barcos, aviões ou foguetes, temos obrigatoriamente que constatar que eles são o reflexo do homem que os construiu na medida em que possuem uma simetria bilateral e são munidos de uma parte dianteira facilmente perceptível. O veículo, por definição, serve para se deslocar. Os veículos humanos permitem o deslocamento apenas numa direcção: para frente. (Ocasionalmente são equipados com um sistema de marcha à ré mas por muito que se conduza um automóvel em marcha ré, será que um avião é utilizado para voar à ré?). Os veículos humanos são unidireccionais: se quiserem ir para a direita ou para a esquerda, podem fazê-lo mas com a condição de efectuarem uma rotação sobre si mesmos (o que não se passa com um ser de simetria radial como a estrela-do-mar que pode, por si mesma, se deslocar em cinco direcções diferentes sem ter necessidade de girar, tornando-se cada uma de suas direcções dianteira como o animal preferir).

Tudo o que foi dito é constituído por um conjunto de factos reais. Tenho necessidade agora de exprimir uma série de proposições que cada um será livre de aceitar ou de recusar pela simples razão de que se baseiam

numa intuição provavelmente falsa, em factos reais talvez mal interpretados e numa forma de pensamento talvez refutável para o presente caso. Mas, repito, o meu único objectivo é o de formular uma hipótese verosímil para que os "crentes" a possam desenvolver e os "cépticos" a possam anular. . . Mas nem uns nem outros, nem eu mesmo, no estado actual de nossos conhecimentos do fenómeno OVNI podemos provar: verdadeira ou falsa!

Neste estudo, reportar-me-ei às observações de aparelhos de forma lenticular denominados "discos voadores" e isto para o ano de 1954. Por que tratar unicamente dos discos voadores? Para isso há três razões:

- São eles que, em número, foram mais frequentemente observados;
- Foram eles que, em qualidade, foram melhor observados (aterragens, proximidade das testemunhas, efeitos secundários. . .);
- São eles que melhor ilustram a hipótese que eu proponho (a forma de charuto ou de granada não estando formalmente em contradição com o que irei dizer, consagrar-lhe-ei um parágrafo na parte: objecções).

Por que apenas levar em conta as observações de 1954? Há para isso duas razões:

- O ano de 1954 oferece um panorama do fenómeno muito bom e muito completo. As observações anteriores e posteriores não diferem daquelas deste ano.
- A segunda razão é mais profunda: escolhi este período para ter a certeza da autenticidade de todos os factos que utilizei. Com esse objectivo, tomei como obra de base o notável livro de Aimé Michel: *Mystériex Objets Célestes* (Arthaud) com a certeza da verdade de todos os testemunhos confirmados pelo fenómeno da Ortotenia. Uma tal verificação sobre os fenómenos de nossa época ter-me-ia sido impossível devido à falta de documentação precisa.

Como descrever um "disco voador"? Existem duas formas para o fazer:

--- O "disco" clássico em forma de disco (Vernon no dia 23 de Agosto de 1954) ou de prato invertido (Col du Chart, no dia 26 de Setembro de 1954, Fouesnant no dia 15 de Outubro de 1954). Por vezes o disco tem sobreposta uma cúpula ou uma bossa (Royan, dia 11 de Outubro de 1954) , por vezes possui no centro de sua parte inferior uma mancha escura ou uma faixa mais luminosa ou mais clara (Col du Chat);

--- O "disco-medusa" (a própria metáfora é significativa). É constituído por uma cúpula hemisférica comparável a uma meia-lua (Champigny-sur-Marne, 3 de Outubro de 1954) à parte superior de um cogumelo (Herissart, 3 de Outubro de 1954), uma pedra de moinho. . . ou uma medusa. Porquê uma medusa? Porque é comum que na parte inferior deste objecto haja uma espécie de cabos curtos (Herissart), pequenas hastes multicolores ou antenas. Pareceria, por outro lado, que os "discos-medusas" tinham a faculdade de se desdobrarem ou pelo menos soltarem um elemento. Voltarei a este fenómeno um pouco mais adiante.

Destas descrições sumárias sobressai uma constatação capital: os discos voadores possuem um eixo de simetria. Sua simetria radial não é nunca destruída seja qual for a quantidade de elementos secundários. As antenas, pequenas hastes, cúpulas, orifícios, manchas escuras ou claras, se encontram sempre situadas em cima ou em volta do eixo de simetria. Em casos bastante raros, toda a parte lateral está guarnecida de pequenas asas ou orifícios semelhantes a vigias. Nunca uma testemunha falou da parte dianteira de um disco ou de qualquer coisa situada à frente ou atrás. O disco voador é um aparelho de Simetria Radial.

Vejamos agora o modo de estes aparelhos se deslocarem. Todas as testemunhas são unânimes: o que mais admira os observadores é justamente a aberração dos deslocamentos. O disco chega, pára, descreve um largo círculo e parte novamente numa outra direcção (Rongeres, 19 de Setembro de 1954). Ora o objecto está parado, ora se desloca para a direita, para a esquerda, verticalmente, em todos os sentidos, mas com uma majestosa lentidão. . . (Ponthierry, 22 de Setembro de 1954). O aparelho começou a descer como se fosse uma

folha seca. . . (Col du Chat). A luz deixou de estar parada e per fez em uma grande velocidade uma série de movimentos em ziguezague, percorrendo assim uma linha quebrada confusa e depois se tornou imóvel. . . (Lemps, 27 de Setembro de 1954).

Em Bassing, no dia 1 de Outubro de 1954, o "disco" se deslocou de modo fantasista, em volta de um ponto; em Montbeliard, no dia 3 de Outubro de 1954, foi invisível durante vários minutos, ora imóvel ou girando, ora se deslocando em ziguezague em todos os sentidos, agitado por movimentos brownianos. . . Quando se movimenta, muitas vezes o disco oscila (Contay, 7 de Setembro de 1954) ou se balança (Poncey, 4 de Outubro de 1954). São múltiplas as observações de mudanças bruscas na direcção do voo. Impõe-se a conclusão: os discos voadores podem-se deslocar em todas as direcções.

O disco voador oscila sobre si mesmo e parte na direcção assim escolhida. Quando pretende mudar de direcção, não tem necessidade de efectuar uma curva (como um avião) nem de girar sobre si mesmo (como um helicóptero). . . Vai noutro sentido exactamente como o faz uma estrela-do-mar, exactamente como o faz qualquer criatura de simetria radial. Nunca uma testemunha declarou ter visto um disco voador avançar ou se virar. Tudo o que eu (Jean Giraud) disse até agora constitui um conjunto de factos facilmente controláveis (no livro de Aimé Michel já citado), com a condição de admitir o fenómeno disco voador como sendo verdadeiro.

Sou agora obrigado a formular uma proposição que é de facto uma intuição sem prova, a saber que um disco voador é realmente um veículo dirigido por um piloto. Esta proposição me parece pouco razoável. Eis agora a hipótese à qual me ligo por um raciocínio analógico.

Se o homem construiu os seus veículos à sua imagem, ou seja, segundo uma simetria bilateral, o "disco voador" deve ser também o reflexo de seus construtores (e pilotos), isto é, de extraterrestres de simetria radial. Que nada me diz que esta forma de vida é impossível ou impensável. . .

já que ele existe no nosso planeta (estrela-do-mar , ouriços-do-mar, medusa . . .).

Num outro mundo em que a evolução se terá feito diferentemente, não há nada que nos interdite de pensar que esta forma de vida tenha podido atingir um estágio superior de inteligência. O que não me leva a dizer que "os discos voadores " sejam construídos por medusas e dirigidos por estrelas-do-mar! Sugiro simplesmente que os construtores e os pilotos dos discos voadores podem ser criaturas inteligentes de simetria radial. Quanto a precisar sua forma exacta ou simplesmente sua aparência. . . seria necessário esperar encontrá-los. . . sob condições que isto fosse possível, do que eu tenho fortes razões para duvidar. Antes de estudar as consequências e os problemas levantados por esta hipótese, vou tentar responder a algumas objecções que imediatamente vêm a mente.

Primeira objecção: O "charuto voador". Não invalida a minha hipótese, visto que, nele, o eixo de simetria é frequentemente conservado. Que se trate de um deslocamento (o charuto de Oloron se deslocava verticalmente e, portanto, perpendicular ao seu eixo, o que não é o caso dos foguetes humanos de uma forma portanto semelhante) ou de uma manobra (quando deixa pequenos "discos", o charuto tem uma posição vertical e os "discos" o deixam pela parte inferior, o conjunto possui ainda o seu eixo de simetria radial. Vernon, 23 de Agosto de 1954).

Além disso, é de assinalar que cada vez que se produzem fenómenos de separação ou de desdobramento (Ablai-Saint-Nazaire, 3 de Outubro de 1954, Champigny-sur-Marne, também dia 3 de Outubro) acontecem sempre no sentido do eixo mantendo o conjunto sua característica de simetria radial. Nunca foi visto um disco voador se dividir em porções como uma torta.

Segunda objecção: Dezenas de testemunhas viram pequenos seres de aparência humana entrar e sair destes aparelhos. Longe de mim duvidar da boa fé destas testemunhas. De facto, nunca pretendi, ao longo deste texto, que os extraterrestres de simetria radial tal como tentei defini-los

eram os únicos a ter domínio dos deslocamentos interestelares. Convenci-me do contrário. Contudo, esta última hipótese mereceria, por si só, um estudo completo. . .

Existe uma outra razão para explicar esta aparência contraditória. Acuso os autores de obras sobre "discos voadores" de terem utilizado sem profundidade um termo de vocabulário preciso para designar uma coisa que nada tem de absoluto. Trata-se do termo piloto utilizado para qualificar o ocupante de um "disco voador"! Porque, enfim, se quisermos ser lógicos, a partir do momento em que se considera o disco voador como um veículo, o bom senso obriga a considerar o ocupante como podendo ser seu piloto ou seu passageiro. Apenas lhes recordarei o seguinte facto: um grande número de naves espaciais dos humanos estavam ocupadas por macacos, cães, ratos, insectos. Tentem imaginar as reacções de um extraterrestre interceptando um tal veículo. .. !

Uma outra série de factos me leva a pensar que "os pequenos homens verdes" poderiam não passar de passageiros. Quanto a isso, cedo a palavra ao Sr. Dewilde (acontecimento do dia 10 de Setembro de 1954 em Quarouble, contacto em MOC de Aimé Michel, na página 66), que tentava interceptar dois extraterrestres: "Eu não estava a mais de 2 metros de distância dos dois perfis quando, jorrando subitamente através de um quadrado da massa escura que eu havia inicialmente avistado sobre os trilhos, uma iluminação extremamente potente, como uma luz de magnésio, me ofuscou. Fechei os olhos e quis gritar mas estava como que paralisado. Tentei me mexer mas minhas pernas não me obedeciam mais. Terrificado, ouvi, como em um sonho, a um metro de mim, um ruído de passos sobre o lajeado de cimento existente diante da porta do meu jardim. Eram os dois seres que se dirigiam pela ferrovia. . ."

Não há necessidade de ler nas entrelinhas para concluir que um outro ser havia ficado no "disco". Foi ele mesmo que lançou o raio paralisante. Então, nada me impede de pensar que se tratava de um ser de simetria radial.

Um outro fenómeno me leva a pensar que no disco voador tenha ficado

um piloto devido à rapidez da descolagem logo que os pequenos seres precipitados chegaram a bordo.

Dadas estas duas objecções afastadas --- embora ou esteja persuadido de que o leitor poderá formular muitas outras --- passemos às consequências implícitas por esta teoria. O único verdadeiro problema que colocam os "discos voadores", é aquela do contacto entre nossa civilização e aquela civilização extraterrestre obrigatoriamente mais avançada que a nossa, já que estas criaturas resolveram o problema do deslocamento no espaço. . . Se os extraterrestres são tal como eu os suponho, convido-os a meditarem sobre a impossibilidade deste contacto.

Impossibilidade (já expressa por Aimé Michel e numerosos outros autores) devida precisamente ao seu avanço intelectual. Impossibilidade devida sobretudo ao seu próprio modo de pensar. De facto, o psiquismo destes seres não seria simplesmente baseado nos contrários sim ou não, verdadeiro ou falso, como é o nosso; seria muito possível ser "em várias direcções", a imagem de uma forma de vida de simetria radial. Como poderíamos dialogar com criaturas cujo pensamento poderia exprimir proposições: verdadeiras --- falsas --- verdadeiras ou falsas --- em vez de verdadeiras e falsas --- nem verdadeiras nem falsas. . . Nosso espírito se transvia porque a nossa inteligência não é concebida para isso. E neste caso, o mesmo problema se coloca também a estes extraterrestres que devem se perguntar como comunicar com os doentes que somos "a seus olhos e em seu espírito"! Então, por que eles vêm continuamente sobrevoar o nosso planeta e aterrar nos nossos campos?

Ousaria responder que, quando um "disco voador" aterra em pleno campo, seus ocupantes apenas o fazem para admirar a maravilha de simetria bilateral que representa uma formiga...? Será ainda necessário que se estude a possibilidade destes extraterrestres possuírem um órgão de sentido semelhante aos nossos olhos. Talvez até nem saibam o que seja visão? Numerosas outras questões podem ainda ser levantadas e talvez receber uma resposta que tem muito poucas chances de corresponder à realidade. Mas, uma atitude própria do progresso não é

justamente formular hipóteses com liberdade para logo em seguida as invalidar? Que aqueles que queiram destruir a minha hipótese ou continuá-la, o façam. Suas pesquisas, seja qual for o resultado, poderão apenas ser enriquecedoras. Talvez que o estudo dos elementos secundários sobre os "discos voadores" (antenas, manchas) ou do ângulo de viragem nos deslocamentos permitisse determinar o número de "ramos" dos meus extraterrestres. . . Proponho uma discussão...

E, para concluir, citarei uma última vez Aimé Michel, que foi meu guia no decorrer de toda esta minha meditação: "É possível levar ainda mais longe todos estes raciocínios analógicos? Sim, sem dúvida, sob condição de não esquecer os limites deste tipo de raciocínio que não pode em caso algum se fundamentar numa certeza. A exploração analógica é a mais arriscada de todas. . ."

Extraído de um texto de Jean Giraud - 1977.



Entrevista com Jacques Vallée

60GCAT: Por que os americanos são obcecados com a ideia que os pilotos dos OVNI's são alienígenas do espaço exterior?

Vallee: Eu penso que os americanos, se eles estão interessados no assunto, são muito literais. Eles querem chutar os pneus, que é o que um bom americano quer fazer. Eles querem fazer engenharia reversa no sistema de propulsão. E quando eu digo, "Olhe, talvez estas coisas não tenham um sistema de propulsão", você obtém uma estranha reacção. Exactamente, se você lembrar, em Encontros do 3 Grau, a personagem de Truffatt ficava dizendo que aquilo era um fenómeno sociológico, não exactamente físico. E ele consegue um monte de problemas com isto.

60GCAT: Neste ponto você subscreveu a teoria que os Ovnis podem ser extraterrestres na sua origem. . .

Vallee: Quando conheci Spielberg , eu argumentei que o objectivo seria mais interessante se ele não fosse extraterrestre. Se fosse real, físico, mas não extraterrestre. Então ele disse, "Você provavelmente está correcto, mas não é o que o público espera – isto é Hollywood e eu quero dar as pessoas algo próximo daquilo que elas esperam." O que é razoável.

60GCAT: Então o que temos de certo sobre o fenómeno dos Ovnis?

Vallee: Existe um fenómeno . Não sabemos de onde ele vem? Ele é caracterizado pelos seus traços físicos. Oitenta por cento dos casos tem explicações triviais. Mas eu estou falando sobre o âmago do problema. Ele parece envolver uma quantidade imensa de energia em um pequeno espaço físico, ele parece envolver microondas pulsantes, entre outras coisas. Não existe muito conhecimento sobre o efeito das microondas no cérebro, então é muito possível que algumas das histórias que você consegue das pessoas são essencialmente alucinações induzidas em testemunhas sinceras - as testemunhas não estão mentindo. Elas realmente estiveram expostas a alguma coisa genuína mas não existe meio de voltar ao que era esta coisa, baseado em suas descrições, por que o seu cérebro foi afectado pela proximidade desta energia. Tendo dito isto, eu tive um monte de colegas na ciência e na tecnologia que eu respeito que dizem-me que isto pode ser um fenómeno natural - isto pode ser uma desconhecida forma de energia na atmosfera. Nós não sabemos muito sobre o efeito de campos electromagnéticos no sistema nervoso. Nós estamos descobrindo aos poucos. Na medida que pesquisamos o assunto. Então é bem possível que seja um fenómeno como este, uma coisa bem espontânea. Ou então ele pode ser artificial. Se é artificial, o fenómeno pode vir de uma outra forma de consciência, que pode ou não ser extraterrestre. Existe um universo enorme por aí afora. Como podemos dizer de onde a coisa vem? Nós podemos apenas especular a respeito.

60GCAT: Como podemos usar a nossa tecnologia atrasada para investigar o assunto?

Vallee: Onde eu penso que esta tecnologia pode ser útil, é em pesquisar caminhos. E eu fiz tudo o que alguém pode fazer. Eu construí, com minha esposa, o primeiro banco de dados de computador de avistamento de OVNI's. Mas onde eu penso que computadores podem ser de grande ajuda é na aplicação da inteligência artificial, razão e dedução dos relatos que tem causas naturais. Eu desenvolvi um protótipo de software disto, que é chamado OVNIBASE, que eu converti para o francês CNES, presumivelmente eles estão desenvolvendo uma nova versão dele, e rodando em seus próprios banco de dados.

60GCAT: E sobre as outras tecnologias que podem nos ajudar a analisar evidências melhor do que faríamos, por exemplo, há 10 anos atrás?

Vallee: Digitalização de fotografias é muito útil. Em meu livro *Confrontos*, eu menciono a fotografia que eu trouxe da Costa Rica, que era incomum porque o objecto estava sobre o lago (Lago de Cote), então havia um fundo negro bem uniforme. Tudo é conhecido sobre o avião que tirou a foto. No instante que a foto foi tirada (em 1971), ninguém no avião tinha visto o objecto. Foi apenas quando o filme foi revelado que o objecto foi descoberto. A câmara usada estava excepcional: Ela produziu um negativo – 10 polegadas, muito detalhado. Você pode ver vacas pastando no campo. O tempo é conhecido; a latitude, longitude e altitude do avião são conhecidos. Então nós passamos um longo tempo analisando a fotografia, sem encontrar uma óbvia resposta natural para o objecto. Ele parece ser muito grande e de forma sólida. Eu obtive o negativo do governo da Costa Rica - se você não tem o negativo, a análise é uma perda de tempo. Eu também obtive o negativo da foto tirada antes e depois daquela, todas sem cortes. Eu levei os negativos a um amigo meu na França que trabalha para uma firma que analisa digitalmente fotografias de satélites. Ele digitalizou a coisa toda, e depois analisou-a da forma o mais completa possível, e não conseguiu encontrar uma explicação para o objecto.

60GCAT: É duro para os americanos conviverem com a ideia de que os OVNIs podem ser a manifestação de uma outra dimensão . . .

Vallee: Você tem que manter a sua mente sempre aberta. O que eu tento fazer é o que um policial investigador faz: eu tento ouvir a testemunha ao invés de projectar minhas próprias teorias. Teorias existem às dúzias. Elas não trazem nada de útil. São quase sempre inúteis, eu penso, simplesmente ouça o que as pessoas estão lhe dizendo, e eu tenho tentado isto não só aqui nos EUA, mas também na Europa e outros lugares que eu visitei, como o Brasil e a Argentina, e tento encontrar novos caminhos.

60GCAT: Você tem sido uma figura controvertida entre os pesquisadores de OVNIs , principalmente por que você mantém teorias mais exóticas do que aquelas que o paradigma dos UFOs provenientes do espaço exterior.

Vallee: Eu tenho criado atrito com um numero elevado de crentes em UFOs. Número um, porque eu não estou pronto para pular para qualquer conclusão que seja necessariamente extraterrestre - nós não somos suficientemente espertos para saber o que eles são neste ponto. E a pesquisa não o fez. Eu certamente relembro o suficiente do meu treino como astrónomo para lhe dizer que o universo é grande o bastante para ter outras formas de vida que não as nossas; no mínimo esperamos que assim o seja. Mas até o momento não o podemos provar. Logo nós não podemos ver como eles podem vir aqui – provavelmente eles são muito mais avançados com respeito à Física, e devem ter conseguido um meio de o fazê-lo. Mas isto não explica os OVNIs. Eu também antagonizei uma porção de pessoas porque eu penso que o modo como são manuseadas as abduções são incorrectas. Não apenas erradas cientificamente, mas erradas moralmente e eticamente. Eu tenho falado às pessoas: não deixe ninguém hipnotizá-lo se você ver uma estranha luz no céu. Eu penso que um monte destas pessoas proeminentes na mídia e no National Enquirer e nos "talk show" e por aí afora estão criando abduzidos sob hipnose. Eles estão hipnotizando todo mundo que tenha tido alguma estranha experiência e dizendo-lhes que eles foram abduzidos por mera sugestão.

E eles estão fazendo isto com boas intenções. Eles não têm noção exacta do que estão fazendo. Mas no meu modo de pensar, isto é anti-ético.

60GCAT: O que você pensa de John Mack , um psicólogo de Harvard que acredita que as abduções alienígenas são um fenómeno real? É claro, ele usa hipnose em seus pacientes para liberar "memórias reprimidas" destas abduções.

Vallee: Eu o respeito por sua coragem em tratar deste assunto , mas não concordo com os seus métodos.

Eu tive algumas testemunhas que queriam ser hipnotizadas, levei-as em apenas dois casos de 70 no total de casos de abdução que eu estudei. E usualmente os especialistas dizem-me que a hipnose não é necessariamente o melhor meio de auxiliar estas pessoas. Não é nem mesmo o melhor método de recuperar memórias. Pode ser útil em casos específicos. Mas eu nunca hipnotizei ninguém, eu não sou qualificado para fazê-lo.

60GCAT: Como você ficou inicialmente interessado em fenómenos paranormais e OVNI's?

Vallee: Eu comecei querendo fazer astronomia e arruinei uma perfeita carreira na ciência por ficar interessado em computadores. Isto foi na França nos tempos iniciais dos cursos de computação nas universidades francesas. Meu trabalho inicial foi no observatório de Paris, monitorizando satélites. E começamos seguindo objectos que não eram satélites, e então decidimos prestar atenção a estes objectos mesmo que eles não estivessem no escopo dos satélites normais. E uma noite obtivemos onze pontos de dados de um destes objectos – ele era muito brilhante. E era retrógrado. Era o tempo em que não era possível um foguete poderoso o suficiente para lançar satélites retrógrados, um satélite que vai em sentido contrário à rotação terrestre, onde você obviamente necessita compensar a gravidade terrestre dirigindo-se na outra direcção. Você tem que alcançar a velocidade de escape na direcção oposta à rotação da Terra, o que necessita um monte a mais de energia do que na direcção directa da rotação terrestre. E o homem a

cargo do projecto confiscou o tape e o apagou na manhã seguinte. Então foi isto que me deixou interessado. Porque acima deles eu pensei, cientistas não parecem interessados em OVNI's, astrónomos não reportam nada não usual nos céus, logo não é nada que tenha a haver com eles. Efectivamente, eu estava na mesma posição que muitos cientistas estão hoje em dia – você confia em seus colegas, e porque você não vê nenhum relatório de testemunhas técnicas creditáveis, você assume que aquilo não é nada. E lá estava eu com um relatório técnico – eu não sabia o que era ou foi aquilo. Não era um disco-voador – ele não pousou próximo ao observatório. Mas permanece sendo um mistério. E invés de olhar para os dados e preservá-los, nós os destruimos.

60GCAT: Por que ele o destruiu?

Vallee: Justamente por medo do ridículo. Ele pensou que os americanos iriam rir de nós, se nós o enviássemos - todos os dados de satélites estavam concentrados nos EUA. E nós estávamos trocando informações (dados) com instituições internacionais. E ele não queria que o observatório de Paris parecesse tolo por reportar algo que não conseguia identificar nos céus. Isto era 1961. Depois eu descobri que outros observatórios fizeram exactamente a mesma observação, e de facto os americanos monitorizando estações tinham fotografado a mesma coisa e não conseguiram identificá-lo também. Era um objecto de primeira magnitude: ele era tão brilhante quanto (a estrela) Sirius .

Você não conseguiria perdê-lo. Ele não reapareceu nas semanas seguinte. Aquilo era uma pequena anedota, mas para mim o facto de o destruirmos foi mais importante que o que nós vimos. E reabriu a questão fundamental para mim: O que os cientistas estão observando e não estão falando a respeito? E então eu comecei a estender uma pequena rede de cientistas, que permanece ainda activa, e descobrir que havia uma porção de dados que nunca foram publicados. De facto, os melhores dados nunca foram publicados. Eu penso que uma boa parte de mal entendidos a respeito dos OVNI's entre os cientistas é devido ao facto que eles nunca têm acesso aos melhores dados.

60GCAT: Por que os melhores dados nunca foram publicados?

Vallee: Eu falo com um monte de companhias técnicas onde os executivos são conscientes dos meus interesses , e eu tenho um monte de relatórios com o selo de confidencialidade de pessoas nas ciências e nos negócios que tem visto coisas. À cerca de um ano atrás, um vice-presidente da IBM me puxou de lado após uma conferência e disse: "Você é o mesmo Jacques Vallée que é interessado em UFOs? " e ele descreveu um perfeito clássico encontro com um OVNI que ele e a sua família tiveram no estado de Nova York. Não era nada que estaria no National Enquirer.

Eu conheci um homem que é presidente de uma companhia técnica no Silicon Valley, ele queria contar-me sobre as suas experiências. Ele tinha sido um elevado oficial da marinha no comando de um grande navio, e ele teve três experiências com UFOs, duas delas em serviço numa muito sensível posição – e uma vez quando ele era um piloto de testes. Ele nunca reportou nenhum dos encontros, mesmo quando ele era piloto. Eu disse: "Você não era obrigado a reportar tal incidente? " E ele disse: "Talvez eu fosse, mas se eles tivessem a mínima dúvida sobre o que você está vendo lá em cima, você será considerado louco – e eles não o deixarão se aproximar de um cockpit de um avião experimental nunca mais". E ele continuou: "Se você é um piloto, você quer é voar. Você não que ficar os próximos meses preenchendo formulários para um bando de psiquiatras". O que realmente iria acontecer. Eu penso que qualquer piloto lhe dirá a mesma coisa, você sabe, sobre uma cerveja. Então estes são os casos que eu estou interessado. Os casos que não foram reportados na imprensa , que não foram distorcidos no re-depoimento. Quando eu tenho tempo, eu sigo um destes casos com meus próprios recursos basicamente por curiosidade, sem ideias preconcebidas.

60GCAT: Mas os cépticos argumentam que mesmos estes podem ser casos anedóticos, visto que não existem dados científicos. . .

Vallee: Existem uma quantidade enorme de dados – e isto pode ser analisado futuramente. Mas eu não penso que isto irá gerar um propulsor para um disco voador. Eu penso que serão coisas que serão

interessantes se você encontrar o caminho para o material. Eu sou céptico sobre histórias sobre discos espatifados. Eu mantenho uma mente aberta sobre isto mas eu ouvi tantas histórias por tanto tempo e nada realmente tangível. Também sou céptico por outra razão: Nós construímos tecnologia agora que é realmente útil onde é necessária. Com que frequência o seu Winchester (disco rígido) se quebra? Eu digo, se você mantiver seu computador por 15 anos, eventualmente o disco rígido irá se quebrar. Mas você não espera que ele se quebre. Se você vai construir uma tecnologia que permite cruzar o espaço inter-estelar, ela será bastante confiável.

60GCAT: Em seus livros, você detalha a melhora de dados nos casos europeus.

Vallee: Existe uma unidade do CNES , que é o equivalente francês da NASA, que tem permissão para investigar qualquer caso de UFO. Eles começaram na metade dos anos 70 e eles tem caminhado desde então. Eles encontraram uma infinidade de casos que não pode ser explicado, e alguns casos nunca foram publicados com todos os dados. Casos onde existem traços no chão, onde existe evidencia de calor, evidencia de radiação, incluindo radiação por microondas pulsantes, e evidencias de plantas (vegetais) sendo afectadas. Novamente, isto não prova nada. Apenas prova que alguma coisa esteve lá. Não diz o que era. Mas é certamente uma evidência técnica válida. Este dado não lhe diz se o fenómeno é natural ou não, porque ele não diz o suficiente sobre as condições onde tal aconteceu. E isto é onde eu penso que uma quantidade maior de pesquisas deve ser feita. Pessoas vêm a mim dizendo: "Olhe, eu era um piloto ou uma estação de radar, e nós monitorizamos UFOs – nós gravamos os dados, e eu era o piloto e segui uma destas coisas e tirei fotos com a câmara de bordo. Quando pousei havia um sujeito esperando por mim, em blue jeans e um casaco, que disse: " Você não viu nada lá em cima". Ao mesmo tempo, um outro indivíduo com uma chave de fendasesta soltando a câmara da fuselagem. Usualmente as testemunhas não têm a mínima ideia de onde estes sujeitos aparecem. Mas alguém tem um monte de dados, e eu penso que estes dados brutos podem ser transformados em ciência,

certamente o miolo de 20 anos atrás. Eu digo, o quanto confidencial pode ele ser? Hoje, podemos conhecer se ele é um inimigo, então devemos enviá-los para a comunidade científica. Deixe os cépticos analisarem do seu ponto de vista e deixe qualquer um analisar do seu ponto de vista. Este é o modo que a ciência deve funcionar.

60GCAT: Vamos falar sobre as outras formas de evidência bruta que os cientistas podem olhar quando estudam o problema dos OVNI's . De início, pedaços de metal derretido, o chamado "liquid sky."

Vallee: Por si próprios, estes pedaços não representam evidência. Mas a existência deste material mostra que existem informações que os cientistas podem pesquisar. Quando nós recebemos de Bogotá na Colômbia, uma amostra supostamente remanescente de um líquido ejetado de um disco voador sobre a Universidade de Bogotá, nos meados dos anos 70, nós retiramos um pequeno pedaço para análise. Demonstrou-se ser a maior parte alumínio. Novamente, isto não prova nada: você pode fazer uma porção deste material no seu jardim simplesmente pondo metal líquido numa piscina de água. Metalurgicamente, a amostra de Bogotá não é incomum – excepto que ela sofreu um aquecimento violento, não até o ponto de ebulição mas além dele. Meu ponto tem sido sempre que é interessante ver que caminhos surgem das análises destas amostras. Se você ficar picando amostras como estas, elas podem direccionar a sua pesquisa num determinado rumo.

60GCAT: Uma teoria diz que este metal líquido é parte do sistema de propulsão dos OVNI's.

Vallee: Existem motores (terrestres) que usam metal líquido - usualmente mercúrio - para contacto (eléctrico) em líquido. Mas a temperatura necessária para liquefazer o alumínio e outros metais costumam ser muito elevadas.

60GCAT: E sobre as amostras de "liquid sky " que são de feitura levemente mais exótica que a escória de alumínio?

Vallee: A única que parece incomum é a que o Prof. Peter Sturrock (um físico de plasma da Universidade de Stanford) tem. Ela veio de Ubatuba no Brasil. No início do ano de 1930, um objecto explodiu sobre uma praia em Ubatuba. (Em 1957, um alegado fragmento desta explosão apareceu, sua origem é desconhecida). Uma análise para a Universidade do Colorado e Stanford confirmou que o material era óxido de magnésio, com uma quantidade mínima de impurezas. Se o metal realmente era originário de 1930, então é algo bem incomum devido ao facto que a tecnologia da época não permitiria este grau de pureza com extrema facilidade.

60GCAT: Vamos falar sobre a implicação de suas pesquisas. Se o fenómeno OVNI é real, mas não são alienígenas do espaço exterior, estamos falando sobre novos modos de pensar sobre a realidade e a cosmologia, não estamos?

Vallee: Sim. Neste sentido, o fenómeno é muito mais importante do que os visitantes de outro planeta seriam. Porque isto altera fundamentalmente a natureza da realidade. Se os UFOs são uma realidade física, eles certamente violam tudo que pensamos conhecer sobre a realidade. Existem relatos de OVNI's materiais que se tornam imateriais e desaparecem num "flash".

60GCAT: Suas teorias sobre UFOs e outros fenómenos "paranormais" envolve sua metáfora do "universo informal", onde o tempo e o espaço e talvez outras dimensões podem agir como um banco de dados de um computador cósmico. O que você pretende dizer com isto?

Vallee: Você pode conseguir uma consistente representação da realidade se você olhar para o mundo como uma colecção de eventos, ou "exemplos" (como a filosofia de Ocasionalismo o fez no século onze), muito mais do que uma colecção de objectos materiais movendo-se em um espaço tridimensional na medida que o tempo flui. Na realidade virtual, é claro, você não pode dizer a diferença. No mundo real a informação e a energia são actualmente a mesma quantidade física. Num universo visto como de "eventos informais" você deve esperar

coincidências, telepatia, realidades múltiplas e todas estas coisas que pareceriam impossíveis no universo energético de 4-D. Para mim esta é a razão porque os OVNI's são interessantes. Eu não tenho uma teoria pessoal para "explicá-los", mas eu os vejo como uma oportunidade de postar novas questões. Se é verdadeiro que a informação reside nas questões que nós fazemos, caminhar com problemas incomuns pode ser mais importante que obter as respostas, neste estágio de nosso limitado conhecimento do universo.

60GCAT: Então a realidade é como um banco de dados de computador na qual uma palavra de busca correcta (ou "encantamento") pode ocasionar que pedaços de informação - um OVNI , um fantasma ou outra anomalia - e materializem .

Vallee: Se você pensar (a realidade) como o software para o universo , tudo que alguém precisa fazer é alterar uma vírgula no programa e a cadeira em que você está sentado não será mais uma cadeira de forma alguma. O maior benefício deste modelo é que ele manuseia anomalias muito bem. Coincidências serão de uma expectativa normal . Se você endereçar um banco de dados com uma questão sobre a palavra "piscina" você obterá complementos como óculos de sol, loções de bronzeamento, bolas e um ou dois prospectos de investimento. Em parapsicologia sujeitos premiados podem estar forçando coincidências similares entre locais ou mentes separadas. Um modo de testar a teoria é criar anomalias massivas de informação e ver o que acontece quando elas entram em colapso.

60GCAT: Claro que, agora você está falando sobre a intersecção de ciência e misticismo. Você se considera uma pessoa mística?

Vallee: Eu nunca fico confortável com uma arbitrária separação do mundo entre universo físico (que é presumivelmente aquele que a ciência estuda) e o psicológico, social e psíquico lado da vida. Para mim esta separação arbitrária é a maior fraqueza do nosso sistema intelectual. A maior parte dos cientistas estudam astronomia desde uma idade prematura, como eu fiz, provavelmente motivados por algo

semelhante ao desejo místico de entender o céu noturno e abraçar o seu maior significado. Como o tempo passa, é claro, este desejo se corrompe e se torna trivial. No meu caso eu o manejei de forma a manter esta curiosidade sempre nova sobretudo porque eu não tive uma "experiência mística" no sentido religioso, eu sempre suspeitei que deve haver um outro nível de consciência e que isto sempre foi acessível para a mente humana. Eu tenho encontrado sentimentos similares entre muitos programadores da Net, que foram projectados ao trabalho de rede pela impressão de operarem, apesar dos normais limites de tempo e espaço, algo próximo aquilo que os místicos descrevem, se bem que de um modo muito mais mundano.

60GCAT: Você disse que os OVNIs representam uma forma de inteligência alienígena que esta manipulando continuamente a sociedade humana. Como e com que finalidade?

Vallee: Uma nova análise computacional de tendências históricas, compilado nos anos 70, fez-me plotar um gráfico impressionante de ondas de actividade de UFOs que podiam ser qualquer coisa mas periódicas. Fred Beckman e o Dr. Price Williams da UCLA apontaram que isto remontava uma programação de reforçamento típico de uma aprendizagem ou processo de treino: o fenómeno era mais um sistema de controlo do que mais um evento exploratório de alienígenas viajantes.

Existem muitos sistemas de controlo ao redor de nós, e alguns são parte da natureza: ecologia, clima, etc. Alguns são feitos pelos homens: o processo de educação, o termóstato na sua casa. Se o fenómeno dos UFOs representa um sistema de controlo, podemos testá-lo para determinar se ele é natural ou artificial, aberto ou fechado? Esta é uma das mais interessantes questões sobre o fenómeno que nunca foram respondidas.

60GCAT: Falando de sistema de controlo, alguns dos outros caminhos nas pesquisas de OVNIs têm permitido sugerir que, de tempos em tempos, agências governamentais, cultos e outros grupos interessados

em manipular crenças pessoais têm projectado fraudes e dissimulações de OVNI's. Agora estamos realmente sendo conspiracionistas . . .

Vallee: Eu penso que o lugar onde a ufologia - no modo que esta desenvolvida hoje - bate com os meus interesses na comunicação, e os meus interesses nos grupos de trabalho e na manipulação e na dissimulação. Eu penso que é uma área na qual as pessoas deveriam ser cautelosas. Porque eu penso que um monte de coisas que estão sendo discutidas hoje em dia, entre pessoas que acreditam em UFOs, tanto podem ser místicas como parte de alguma forma de manipulação de alguma espécie, que incluem histórias de pequenos alienígenas, híbridos e abduções e por aí em diante. Um monte que pode ter sido tanto como material que os cultos injectaram na cultura porque isto se ajusta com suas próprias fantasias sobre um final do mundo ou do milénio e com todo o resto. Ou, em um sentido mais sinistro, em alguns casos que eu investiguei, a dissimulação esconde uma experiência de controlo de mente. Qualquer um que é consciente de tecnologia hoje em dia deve saber que há mais do que um caça stealth voando por aí. Nos temos capacidades, teóricas ou práticas, para fazer qualquer tipo de coisa. Existe um desenvolvimento massivo de plataformas não letais do que aquelas que devem ser testadas em algum lugar, eles tem que ser disfarçadas como algo mais de tempos em tempos. Têm sido desenvolvidos massivamente os RPVs - remotely piloted vehicles - alguns dos quais são em forma de disco. Existe um massivo desenvolvimento de tecnologias de baixa observação que são usadas em reconhecimento e podem ser usadas para qualquer tipo de coisa. E em muitos casos, os UFOs não são simplesmente fantasias nas mentes de algumas poucas testemunhas, mas foram plantadas como parte de uma cobertura para uma bem muito terrestre tecnologia que está sendo desenvolvida.

60GCAT: O culto UMMO, que você discutiu extensamente em seus livros, Revelações e Mensageiros da Dissimulação, tem um impressionante história de uma elaborada dissimulação. Fale-nos a respeito.

Vallee: Eu penso que o mito UMMO começou com um grupo pequeno de pessoas, essencialmente cultistas. O que era intrigante sobre UMMO eram todas suas revelações pseudo-científicas (supostamente mandados aos cientistas terrestres como Vallée por parte dos UMMitas, seres que vieram de um planeta 14,6 anos luz distante do nosso Sol). Mas estas supostas revelações não estavam dentro do estado da arte. Eles não vieram com provas do teorema de Fermat ou algo parecido, eram uma perfeita ficção científica.

60GCAT: E sobre a teoria francesa que UMMO era uma experiência psicológica?

Vallee: Sim, eles pensavam que o culto foi utilizado ou manipulado pela KGB . Por causa de uma coisa, alguma de suas ideias - alguns dos dados que foram supostamente canalizados da organização UMMO nos céus era de uma cosmologia muito avançada. Uma muito avançada cosmologia sobre dois universos envolvendo alguns dados que não eram estúpidos – eles pareciam vir directo das anotações de André Sakarav, incluindo algumas notas não publicadas de Sakarav, algumas coisas que ele tinha trabalhado mas não publicado. E então algumas pessoas – e eu não sei quem estava certo – sentiram que alguém que tiveram acesso a estas notas, para inspirar estas mensagens, talvez a KGB. Isto não era exactamente ficção científica, era alguém que sabia o que os mais avançados cosmologistas estavam pensando.

60GCAT: Porque a KGB ou qualquer agência iria perpetrar um engodo como este?

Vallee: Bem , deixe-me contar uma pequena história. Cerca de quinze anos atrás havia um grupo que apareceu subitamente em São Francisco. Eles fizeram uma festa. E convidaram todos que eram alguma coisa em parapsicologia. E eles disseram:

"Nós temos todo este dinheiro de alguém que quer fazer o bem e ajudar nas pesquisas, sabemos que não existe muito dinheiro em parapsicologia, nós vamos atender propósitos de pesquisa, dê-nos suas

melhores ideias, nós as enviaremos para um painel que ira revisá-las e financiar as melhores pesquisas."

Após a festa, um monte de pessoas correram para suas casas para seus computadores e digitaram suas melhores ideias, enviando-as – mas a organização nunca existira, nunca se ouviu falar dela depois disto. Alguém estava pescando alguma coisa.

Então tendo uma cobertura como um grupo algumas vezes, um grupo completamente estranho, pode ser um modo conveniente de obter inteligência técnica. É um bom meio de estabelecer uma base tecnológica. Então alguns destes estranhos grupos podem ser utilizados para isto. Agora, isto não explica porque eles fazem isto por dez anos seguidos. Neste caso de UMMO, porque eles vão em frente? Eu penso que UMMO se tornou um alinhamento de interesses por si próprio. Ele se tornou um fim em si mesmo porque muitas pessoas se projectaram psicologicamente nele. Eles começaram escrevendo coisas sobre cada um deles e isto se tornou um mito auto-sustentado. Eles continuam me mandando material. Existe um índice, catálogos; para algumas pessoas ele se tornou a própria vida. De forma crescente, estamos vendo estas espécies de cultos aparecendo na Internet, no ciberespaço.

60GCAT: Existe algo nas comunicações on-line que ajudam a promover mitos e dissimulações?

Vallee: Porque vivemos num mundo onde com os meios de comunicação são baseados em redes digitais, um grupo pequeno de pessoas pode ter um tremendo impacto na crença das massas. E nós ainda vivemos em um mundo onde a crença das massas é uma arma estratégica. Nós temos bombas H mas não podemos utilizá-la. Nós temos bombas de neutrões, mas não podemos usá-las. Mas se acharmos um meio de influenciar crenças de massas de pessoas, isto seria de grande impacto estratégico. O grande problema no mundo são os problemas do fundamentalismo e da religião – seja islâmico ou outras formas de religião.

Estes são a grande força de desestabilização no mundo de hoje. Bem, crenças em Extraterrestres que venham aqui para salvar-nos podem induzir grandes massas de pessoas com os significados técnicos que existem hoje em dia.

O potencial de contágio de crenças absurdas é real. Nas mãos de pessoas que podem deliberadamente usar a Internet para criar uma epidemia de irracionalismo nós podemos ver a emergência de uma nova classe de extremamente perigosos e poderosos cultos com toda a espécie de trapaças de alta tecnologia.

E eu penso que alguém tem que prestar atenção a este ângulo. Então eu fui levado a isto encontrando – eu estava investigando alguns casos que eram fisicamente reais, mas eram engodos – mas não um engodo por parte da testemunha. E a história sobre o objecto foi de facto plantada.

O caso Bentwaters (no qual um americano a serviço da Força Aérea americana com base na Inglaterra observou um artefacto em forma de disco pousar na floresta) é um clássico. Para o local de aterragem, eles tiveram um misto de guardas comuns, oficiais, sentinelas e então tiveram ordens de ir ao local dentro de um cenário (explicação). E isto não é o que aconteceria se o encontro fosse real – se um estranho objecto aterra na base você não manda centenas de pessoas sem armas. A coisa toda tinha todo o ar de ser planeada sem conhecimento das testemunhas e, então, elas poderiam ser estudadas e, da mesma forma, as reacções de diferentes tipos psicológicos e de diferentes níveis hierárquicos. E quando você pensa a respeito, não se torna tão estranho. Se você tem a seu cargo um projecto como este, você terá que testá-lo em condições onde ninguém está em perigo e você pode conseguir a maior quantidade de dados que precisar. Em casos como este - não muitos mas poucos deles - que eu investiguei , tive que concluir que foram testes de projectores de realidade virtual.

60GCAT: Então deve haver aplicações militares para esta tecnologia da dissimulação?

Vallee: Nossos deuses sempre vêm dos céus. E como um deus viria do céu hoje? Ele desceria em alguma espécie de nave espacial. Ele não apareceria simplesmente saindo das nuvens, eu quero dizer, que isto não funcionaria. Se bem que na Primeira Grande Guerra os alemães estavam usando guerra psicológica pela projecção de fotografias, slides, ao longo das linhas de defesa francesas. E eu estou certo que os franceses estavam fazendo a mesma coisa com os alemães. E deve haver alguns sofisticados dispositivos, agora, sendo utilizados em combate psicológico para criar visões, hologramas, para influenciar pessoas. Eles podem não funcionar com você ou comigo se sairmos para fora e virmos alguma coisa nos céus, eles podem não desestabilizar-nos. Mas se estivermos sob um monte de stress – se você estiver lutando há um mês numa pequena ilha, e subitamente algo como isto acontece – então, aí...

Eu me lembro de uma carta para a Força Aérea dos EUA de um homem que finalmente reportava algo que ele havia visto durante a Segunda Grande Guerra no Pacífico. Ele disse que estava no topo de uma pequena ilha num ponto de observação. Eles estavam esperando um ataque japonês. Eles tinham lutado intensamente por diversas semanas. Eles estavam justamente isolados. Eles viram um objecto no céu que era absolutamente físico, que circundou a ilha, era um disco, não apresentava meios de propulsão, nenhum barulho. Ele circundou a ilha e se foi. E o homem disse que nunca o reportou, mesmo a sua própria esposa. A razão de ele não reportá-lo é que estes homens estavam sob um tremendo stress que ele não poderia quer que pensassem que o seu comandante estava desmoronando. Então a mesma espécie de significado psicológico que não funcionaria com pessoas comuns podem funcionar em casos excepcionais.

60GCAT: E sobretudo ocultistas e crentes da realidade dos OVNIS - que estão sob alguma espécie de stress psicológico - podem ser vistos como alvos ideais para estes tipos de manipulação.

Vallee: Nalguns casos a comunidade ufológica pode ser simplesmente utilizada em alguma experiência sociológica porque eles são um grupo conveniente de pessoas para serem vistos em como reagem a diferentes

rumores. (Suponha que o governo perca uma arma nuclear em um país estrangeiro). Você tem que ir e recuperar esta coisa. E você não pode dizer às pessoas o que você está fazendo. Então você tem que ser muito hábil em plantar uma história. Você pode plantar uma história curta dizendo que isto era um disco voador de Vénus. Isto seria tão ridículo que cientistas não iriam verificar. Você pode ter alguns jornalistas lá, mas você não poderá dizer-lhes o que você realmente quer, e você dá algumas fotos de qualquer coisa. E então o que você precisa é só distrair as pessoas por dois ou três dias, tempo de trazer o equipamento, conseguir qualquer coisa de fora, recuperar o que você está procurando e ir embora. Eu penso que existem casos que foi o que exactamente aconteceu. E aqueles são da espécie de grandes histórias de UFOs que as pessoas contam ao redor de fogueiras em acampamentos.

Mas eu penso que não existem OVNI's aqui. Eu penso que as histórias de UFOs são inventadas. Eu estava dizendo no início que é saudável sermos cépticos. Eu respeito pessoas que tenham argumentos cépticos lá. Jim Oberg, que era um especialista no programa espacial russo, apontava para mim que alguns dos avistamentos que eu publiquei provenientes da União Soviética – um estranho amarelado crescente visto correr os céus por diversas pessoas na URSS – eram ensaios com foguetes que eram ilegais sob o tratado do SALT, e obviamente, eles não poderiam escondê-lo nos céus . . . Então o governo plantou a história que havia um disco voador, e foi o que foi para os jornais.

Novamente, a comunidade de pesquisas ufológicas é um laboratório formidável no qual se observa os efeitos da propaganda e da desinformação, desde que ela é "dirigida" em sua maior parte com a intenção de expor "o acobertamento". Isto cria uma oportunidade para as pessoas para se mascararem como bons rapazes e "revelar" toda a sorte de rumores inverificáveis. Eles encontram uma audiência receptiva porque o conteúdo é um de ideias não-conformistas, originais e ressaltadas. Não significa que vamos acreditar no homem que afirmou que estava na inteligência da NATO e viu documentos classificados sobre quatro raças de humanóides vivendo na Lua? Penso que não o faríamos.

Copyright ©1995 by Jonathan Vankin and John Whalen.

Extraído de um texto em inglês da WEB. Setembro de 2002.

Vallee sobre os Mensageiros da Dissimulação

O Daily Grail republicou o clássico ufológico de Jacques Vallee, "Messengers of Deception", que alertava há mais de duas décadas sobre o perigo dos cultos e da manipulação da área para os mais diversos e escusos fins. Entre os cultos sobre os quais o ufólogo francês chamava a atenção estava o então obscuro grupo que anos depois seria mais conhecido como Heaven's Gate.

Interpretado por ninguém menos que Truffaut no filme *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* de Spielberg, Vallee continua sendo uma das principais figuras no desenvolvimento da ufologia apesar de ter evitado maior exposição pública nos últimos anos.

Em resposta a críticas e comentários recentes da comunidade ufológica, o ufólogo concedeu uma entrevista ao Daily Grail. Apesar de suas idéias e declarações não se alinharem perfeitamente com as posições e evidências que *CeticismoAberto* expõe e defende, traduzimos integralmente sua entrevista por representar uma opinião diversa em geral muito sensata e válida.

Se todos os ufólogos fossem como Jacques Valleé, haveria muito menos trabalho para céticos.

TDG: Jacques, obrigado por falar conosco do The Daily Grail. Vamos direto ao novo lançamento: a publicação original de *Messengers of Deception* em 1979 marcou um ponto de virada e tanto em sua posição na comunidade da ufologia. Seu alerta de que devíamos ser mais cautelosos ao abraçar o fenômeno e que suas qualidades subjacentes poderiam ser negativas e enganadoras em natureza, ao invés de benevolentes, foi rejeitado por muitos (e ainda parece causar descontentamento hoje). Estou ansioso para saber o que agiu como catalisador para que escrevesse *Messengers of Deception*, e se tem

algum pensamento sobre por que tantos na comunidade de pesquisa OVNI o retratam como uma espécie de traição?

Vallee: A evidência para uma “sub-corrente” de enganação por trás de alguns supostos casos OVNI só se torna visível quando você passa tempo em campo entrevistando testemunhas e rastreando a evidência.

Tornou-se incômodo para mim porque representava uma perda de tempo e uma distração ao estudo de observações autênticas.

Pesquisadores que coletam relatos apenas através de descrições em livros ou na mídia não encontrariam necessariamente este nível do fenômeno e compreensivelmente resistiriam à sugestão de que a crença na intervenção extraterrestre está sendo manipulada para servir a objetivos políticos ou de cultos.

Mesmo pessoas que estão plenamente conscientes deste aspecto negativo não querem trazê-lo à tona porque pensam que será negativo ao tema. Muitos ufólogos respeitáveis não querem que os relatos enganadores sejam expostos, assim como a Igreja Católica negou por muito tempo o abuso em suas fileiras. Dedos-duro nunca são bem-vindos: fui mesmo acusado de ser um “cérebro infiltrado” nas páginas augustas da Society for Scientific Exploration! Minha própria posição sempre foi a de que, pelo contrário, a melhor forma de ganhar o respeito da comunidade intelectual é expor as fraudes, a pesquisa mal-feita e a manipulação sempre que as encontrarmos.

TDG: A mensagem subjacente do livro parece mais relevante do que nunca – nos últimos anos vimos o caso “Serpo” ganhar muito impulso em certas partes da comunidade, e agora a história dos “Drones CARET” parece ter tomado vida própria, apesar de haver pouca ou nenhuma evidência por trás de qualquer uma dessas histórias. Considerando os perigos da credulidade de que você alerta em *Messengers of Deception*, ainda pensa que ufólogos famosos e a mídia deveriam ser mais diligentes em exercitar um ‘dever de cautela’ ao apresentar esses casos de forma tão empolgada?

Vallee: Se não estabelecermos um alto padrão para os dados que publicamos, toda a área sofre. Então se torna fácil para os céticos alegar que o fenômeno só aparece para “malucos e excêntricos”, como o astrofísico Stephen Hawking declarou recentemente na Inglaterra. Isto é exacerbado pela credulidade crescente do público e sua exploração desavergonhada pela mídia. Parece que as pessoas – incluindo indivíduos muito bem educados – estão prontas para acreditar em quase qualquer coisa que vejam na Internet ou no programa Larry King.

TDG: Em *Messengers of Deception* você aconselha as pessoas a tomar cuidado com ‘psy-ops’ iniciadas por agências de inteligência e militares – cita o caso da Segunda Guerra Mundial da ‘Seção de Controle de Londes’ (LCS), cuja única função era enganação estratégica, comumente usando “truques da ciência”. Mas o quanto devemos tomar este conselho em consideração? Grande parte dos ufólogos, a maior parte dos indivíduos que trabalharam na pesquisa e realização de visão remota, e também uma porção significativa de parapsicólogos, todos eles tiveram ligações fortes com grupos militares e de inteligência. Deveríamos então ser bem céticos quanto às alegações feitas sobre cada tópico, mesmo que soem cientificamente plausíveis?

Vallee: Os mesmos padrões devem ser aplicados aqui como na ciência em geral: Procure pela evidência por trás de cada alegação, rastreie as referências e teste os dados por si mesmo. Pessoas ligadas à comunidade de inteligência das grandes potências têm estado envolvidas intimamente com casos OVNI desde a Segunda Guerra Mundial. Esse interesse é legítimo, seja puramente pessoal (como a maioria deles alega) ou relacionado a seus deveres oficiais. O mesmo é verdade na parapsicologia.

Isto só se torna um problema quando o interesse quasi-oficial vai além da pura pesquisa e se estende para fraudar avistamentos, disseminar fotos ou filmes falsos e promover crenças bizarras, seja para servir como distração para operações de inteligência reais, ou como cobertura para o desenvolvimento de protótipos avançados. Um bom exemplo é dado pelas alegações de OVNI vistos sobre a União Soviética nos anos 1970,

que foram plantadas pela KGB para encobrir o lançamento de satélites soviéticos que violavam tratados SALT. Toda nação pode jogar este jogo, e tem jogado.

TDG: Quando olhamos para a ufologia nos anos 1960, contra o que se vê hoje, não estou certo de que muito progresso tenha sido feito (talvez o oposto). A ufologia é um empreendimento infrutífero, sem fim, que não mereça nossa atenção prolongada? Você dedicou pessoalmente quase 50 anos de pesquisa e escritos a explorar o fenômeno – pode dar uma opinião simples à questão: o que está por trás do fenômeno OVNI?

Vallee: Você está me fazendo duas perguntas diferentes aqui. Eu me convenci de que há um fenômeno OVNI real uma vez que os erros, fraudes e manipulações ocasionais são excluídos. Sabemos de fato muito mais hoje do que há 10 anos atrás, graças a pesquisadores dedicados que investiram seu tempo e recursos a documentar os dados. Isto não é tão bom quanto um esforço sério de pesquisa científica, mas não se deve subestimar o que pode ser alcançado por amadores motivados. Dito isso, seria pouco realista esperar soluções rápidas, neste campo assim como em qualquer empreendimento científico.

Também estive interessado na natureza da consciência, e esse campo também não chegou mais próximo de uma solução em cinquenta anos. De forma similar, veja alguns dos enigmas persistentes da arqueologia ou da medicina: tudo que podemos fazer é documentar nossos dados e esperar que alguém dê sentido a eles no futuro.

TDG: Voltando a outro aspecto de sua pesquisa que o tornou um ‘herético’ dentro da ufologia: Você foi um dos primeiros a explorar a idéia de que eventos OVNI eram tão ‘psíquicos’ em natureza quanto ‘físicos’. Pode detalhar alguns destes aspectos ‘psíquicos’ e o que pensa ser sua causa?

Vallee: Este ainda é um aspecto pouco conhecido dos avistamentos porque a maior parte dos investigadores não vasculha esta área, seja por falta de conhecimento em parapsicologia ou simplesmente porque pensam que já sabem a resposta, e que deva envolver espaçonaves

alienígenas. É preciso uma testemunha corajosa para que o relato de tais experiências seja trazido à tona frente a pesquisadores céticos. Não acredito que uma observação OVNI torne qualquer um um ‘psíquico’, para usar a terminologia popular, mas o fenômeno vem em um ambiente de manifestações que incluem percepção aumentada de sincronicidades, sons e luzes paranormais e ocasionalmente coincidências absurdas similares às aquelas descritas na literatura poltergeist.

TDG: Sobre isso, Margaret Mead uma vez escreveu: “Quando queremos entender algo estranho, algo previamente desconhecido, devemos começar com um conjunto totalmente diferente de perguntas. O que é isso? Como funciona? Há regularidades recorrentes?”. Eu estive intrigado com algumas destas “regularidades recorrentes” com relação a fenômenos paranormais – em particular os sons estranhos ouvidos, embora haja outras coisas como nevoeiros estranhos, gostos e cheiros bizarros – mas acho curioso que a pesquisa na ufologia não pareça lidar com estes. De sua própria pesquisa, pôde identificar alguma dessas “regularidade recorrentes” que para mim forneceria algum tipo de evidência de que um fenômeno objetivo, estruturado, está em ação aqui?

Vallee: O fenômeno é muito robusto em suas manifestações, tanto físicas quanto fisiológicas. As primeiras podem ser vistas plotando a hora do dia em que as observações são feitas (a “Lei das Horas”), e o desenvolvimento de ondas específicas. Traços físicos, interferência com ignição de carros, fenômenos de padrões de luzes e energias foram todos documentados por autores sérios. Os fatores fisiológicos incluem evidência de exposição à radiação UV, efeitos freqüentes nos olhos (de conjuntivite a cegueira temporária), ferimentos ou bolhas na pele em reação a focos de luz, inibição temporária do controle muscular, perturbações no ciclo do sono, e fadiga e anemia em geral durando mais de 7 dias e com risco de morte em alguns casos extremos.

TDG: Apesar destas peças intrigantes de evidência, ‘céticos’ (do tipo do CSICOP) ainda tendem a descartar a ufologia como uma massa de “avistamentos de Vênus”. O movimento cético/racionalista – e a

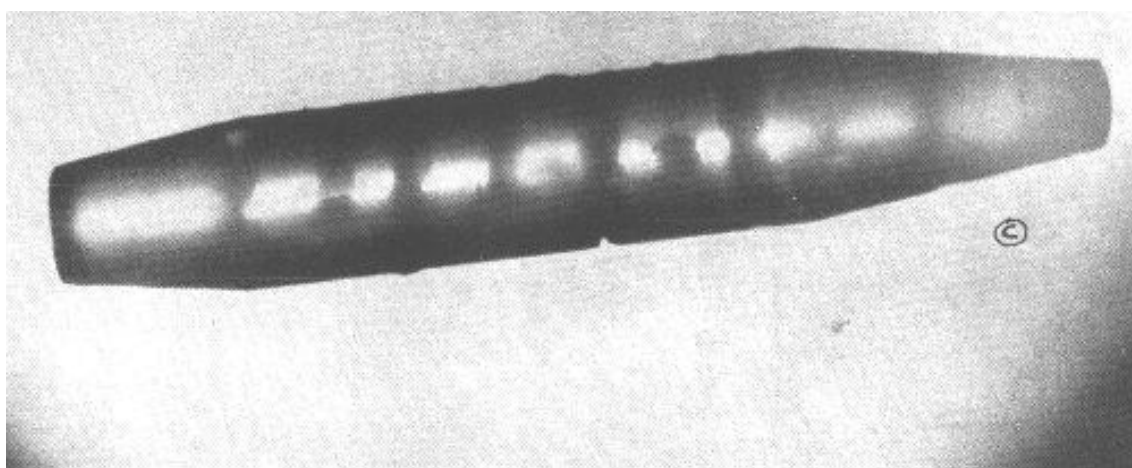
academia em geral — são culpados por ignorar o fenômeno baseado quase puramente em ego intelectual e medo de passar vergonha? E há um perigo de que ao alienar-se (com o perdão do trocadilho) das experiências do público, eles estejam de fato incentivando essas mesmas crenças? Como você nota apropriadamente em *Messengers of Deception*, “Quando o Establishment é racional, o absurdo é dinamite”.

Vallee: Ao negar a realidade dos relatos, deixando de lado as testemunhas (incluindo observadores treinados como pilotos ou tripulações militares) e tratá-las como bobos ou charlatões, os céticos acadêmicos estão em realidade ensinando ao público que a ciência é impotente em estudar o fenômeno. Enquanto a crença na realidade dos OVNI cresce entre a população, acompanhada da evidência de que um fenômeno real existe, as pessoas naturalmente tendem a se afastar da ciência em sua busca por respostas, e essa é uma tendência muito perigosa.

TDG: De forma semelhante, em *Messengers of Deception* você nota que “a experiência de um contato imediato com um OVNI é uma tortura física e mental”. Pessoas com experiências OVNI são rejeitadas (e pior, ridicularizadas) injustamente por redes de apoio psicológico e médico, baseados simplesmente na natureza de sua experiência?

Vallee: O que essas pessoas sofrem é pior do que serem rejeitadas. Na maioria dos casos, são deixadas para cuidar de si mesmas, e se tornam presa fácil para grupos com respostas fáceis. Nas palavras de uma mulher que me escreveu depois de uma experiência horrível que ela interpretou como uma abdução alien, seguida de uma série desastrosa de sessões hipnóticas nas mãos de pesquisadores incompetentes, “os ufólogos foram piores que os seres que me abduziram”. O vácuo que foi criado pela negligência acadêmica está sendo preenchido por todos tipos de sistemas de crença irracionais, comumente ligados a teorias de conspiração e paranóia política. Isto era verdade quando escrevi o livro há trinta anos, e é ainda mais verdade agora”.

A reedição de 2008 do trabalho clássico "Messengers of Deception" foi reeditada por Vallee e vem com um novo prefácio. Pode ser adquirida pela [Amazon US](#) e [Amazon UK](#).



10. CIGARRIFORMAD RYMFARKOST

En liknande jättehangartyp uppenbarade sig på nytt den 1 maj 1952 kl. 7.58 f.m. Den hade ett bänkande silvervitt utseende och var nästan identiskt med det som medförde det besökande "spatingskeppet" sex månader senare den 20 november. Detta teleskopiska foto togs medan det svävade över en bergstopp på omkring femtio kilometers avstånd. Lågg märka till den fullständiga avsaknaden av all strömlinjeform, för i rymden är sådana dimensioner inte nödvändiga.

SÍNDROMA DE FORRESTAL

"Há os factos e há o subsolo dos factos.

É este que exploramos"

(LOUIS PAUWELS & JACQUES BERGIER)



James Forrestal, Secretário da Defesa dos EUA durante o Caso Roswell. A partir desse incidente o Governo Americano criou um grupo - formado por militares, cientistas e membros dos órgãos de informações e segurança - destinado a "tratar do assunto UFOs". Forrestal, que fazia parte deste grupo, teria exigido em uma reunião que a verdade sobre o problema dos OVNIs.

Misteriosamente acometido por uma severa "crise de depressão", foi internado em um hospital sob a guarda de agentes governamentais e "cometeu o suicídio" atirando-se do oitavo andar daquele prédio.....

Suas anotações sobre o assunto misteriosamente desapareceram!

Aimé Michel, ironicamente, fala do “Síndrome de Forrestal.”

Este “Síndrome de Forrestal” é uma “doença” que ataca os investigadores do fenómeno OVNI.

Na sua forma mais grave pode ser mortal, quando o “doente” descobre algo que não deve... e tenta falar disso...

O OBITUÁRIO OVNIOLÓGICO é vasto, muito vasto, e inclui cientistas de renome entre as vítimas que se suicidaram ou, mais precisamente, foram “suicidadas.”

Seguem-se alguns exemplos...

OBITUÁRIO UFOLOGICO

Embora não existam provas concretas que os casos abaixo estejam relacionados com o *hobby* de pesquisar a presença alienígena em nosso planeta e certos projectos militares norte-americanos, não há como negar que se trata de uma mórbida coincidência. Só para efeito de esclarecimentos: doenças como cancro, ataques cardíacos, derrames e aneurismas podem ser induzidos artificialmente por exposições à radiação, a produtos químicos, a vários tipos de vírus e, até mesmo, à exposição de determinadas ondas e raios. Sabe-se que determinados campos electromagnéticos podem influir fortemente no cérebro humano e afectar a memória como, até mesmo, induzir a estados de humor como a depressão e o pânico. E sem que a pessoa sequer perceba a que está sendo exposta...

JAMES FORRESTAL – Secretário de Estado norte-americano no governo do presidente Harry Truman (que era seu amigo pessoal). Forrestal era contra a manutenção do sigilo sobre a presença alienígena em nosso planeta e sofreu de depressão aguda que o levou ao internamento psiquiátrica. Ele teria amarrado uma ponta de seu lençol na cama de seu quarto e a outra no próprio pescoço. Em seguida, ele pulou da janela do seu quarto que ficava no terceiro andar...

DOROTHY KILGALLEN – (1955) Famosa jornalista sindicalizada norte-americana e que actuava como correspondente internacional na Inglaterra. Após enviar dois memorandos “*estranhos*”, acabou falecendo por overdose de calmantes e álcool. Um memorando falava de uma reunião urgente e secreta com os principais chefes militares do mundo na Inglaterra e o outro, enviado um pouco antes de sua morte, dizia que todos chefes militares do mundo sabiam sobre os discos voadores, dos pequenos humanóides que os tripulavam e de sua natureza extraterrestre.

DR. M. K. JESSUP – (1959) Astrónomo e arqueólogo famoso, escreveu dois livros (“*The case for the UFO*” e “*The expanding case for the UFOs*”) que devem ter incomodado algumas pessoas. Posteriormente estava investigando o chamado *PROJETO FILADÉLFIA* e começou a comentar com amigos que estava assustado com uma série de eventos estranhos que o colocavam num “*mundo de realidade completamente insana*”. Acabou cometendo suicídio em Dade County Park, Florida, EUA (lembrando que era justamente a época em que se especula que o governo norte-americano fazia vários experimentos secretos envolvendo o controle da mente por meio de ondas e campos electromagnéticos).

DR. NOEL OPAN – (1959) Investigador de discos voadores que simplesmente sumiu do mapa após ter supostamente recebido uma visita dos chamados “*Homens de Preto*” (MIB).

COMENTARISTA FRANK EDWARDS – (1967) Faleceu de ataque do coração no vigésimo aniversário do famoso avistamento de Kenneth Arnold. Ele pressionava para significativas reuniões das subcomissões do Congresso norte-americano para dar mais atenção aos discos voadores e realizar investigações referentes a projectos secretos militares do governo. O ufólogo Grey Baker declarou publicamente que, na ocasião, tinha recebido duas cartas e uma chamada telefónica avisando que Frank Edwards não sobreviveria até o fim da conferência.

DR. OLAVO FONTES – (1968) O Dr. Olavo Fontes tinha conseguido ficar com dois pedaços da fuselagem de um disco voador que havia explodido

em Ubatuba. Esses fragmentos foram analisados no Brasil e nos Estados Unidos e, em ambos os casos, os resultados dos laudos indicavam magnésio em estado de pureza da ordem de 99%. Isso era obviamente impossível de ser fabricado com tamanha pureza em nosso planeta. Resultado: o Dr. Fontes recebeu a visita de dois supostos agentes do serviço secreto da marinha norte-americana que teriam lhe aconselhado a se livrar do que ele tinha em mãos e manter a boca fechada. O Dr. Fontes acabou vindo à falecer em função de ter desenvolvido um tipo raro de cancro fulminante.

DR. JAMES MCDONALD – (1971) De céptico conhecido, o físico Dr. James McDonald, renomado cientista do Instituto de Física Atmosférica e professor do Departamento de Meteorologia da Universidade do Arizona, mudou totalmente sua postura após analisar detidamente alguns casos. A partir daí, o Dr. McDonald começou a trabalhar arduamente a fim de criar comissões no Congresso norte-americano a fim de se investigar vários projectos militares e sua óbvia ligação com os OVNI's. Morreu ao dar um tiro em sua própria cabeça.

ASTRONAUTA DEEK SLAYTON – (1985) Alegou publicamente que iria falar tudo o que acontecia nos programas espaciais norte-americanos, inclusive suas próprias experiências com os discos voadores. Infelizmente um cancro súbito e fulminante interveio antes de ele concretizar a sua promessa.

ASHAD SHARIF – (1986) O cientista Ashad Sharif trabalhou no Marconi Sistemas de Defesa que estava desenvolvendo pesquisas referentes ao sistema de satélites SDI (*Star Wars*). Ele amarrou uma corda no pescoço e a outra ponta numa árvore para, logo em seguida, entrar no seu carro e acelerar. Alias, num espaço que compreende entre 1985 e 1988, foram absurdamente trinta mortes envolvendo as pessoas que trabalhavam na Marconi directamente no sistema SDI.

ESCRITOR DAVID RUNYON – (1988) Além de escritor, era um ufólogo que investigava várias supostas ligações do governo com civilizações alienígenas. Jogou-se de uma ponte em Washington.

JORNALISTA DANNY CASOLARO – (1991) O jornalista e pesquisador Danny Casolaro trabalhava em vários casos como o do furto de um software do Projecto Promessa (programa capaz de localizar qualquer pessoa no planeta, onde quer que esteja), a relação de seres possivelmente extraterrestres nos projectos desenvolvidos na Área 51 e, ainda, pesquisas ilícitas e antiéticas do governo norte-americano envolvendo a bio engenharia com cobaias humanas raptadas nas ruas (cobaias que “engordavam” as imensas listas de desaparecidos anuais e que jamais foram encontrados). Danny teria cometido suicídio.

EX-AGENTE RON RUMMEL – (1993) Além de ex-agente da Inteligência da Força Aérea, Ron era o editor da *Alien Digest* na qual ele tocava em assuntos como acordos secretos entre nações alienígenas e o governo norte-americano. Ele teria se suicidado com um tiro de pistola e deixado uma carta de “desabafo”. O paradoxo desta versão era que a carta teria sido escrita por alguém canhoto sendo que Ron Rummel era destro.

RON JOHNSON – (1994) vice-director de investigações da *Mutual UFO Network* (MUFON). Apesar de ter apenas 43 anos e ter passado por recentes *check-ups* que atestavam seu excelente estado de saúde, foi encontrado morto após acenderem as luzes de uma sala na qual estava sendo mostrada uma sessão de slides. Estava caído em sua cadeira, com o rosto muito vermelho, sangue escorrendo de seu nariz e a sua lata de refrigerante jogada na cadeira ao lado. Não conseguiram determinar a razão de seu falecimento e o relatório da autópsia assinalava como causa *inconclusiva*. Especula-se que ele teria sido vítima de uma toxina relâmpago que ataca o sistema nervoso central.

CONTADORA ANN LIVINGSTON – (1994) Além de contadora, Ann também era investigadora da *Mutual UFO Network* (MUFON). Ann Livingston tinha escrito um artigo dramático a respeito de Julianne McKinney, directora do Projecto de Vigilância Electrónica da Associação Alumni de Segurança Nacional, que indicava operações ilícitas do governo norte-americano em projectos secretos militares. Ann Livingston teria sido abordada por cinco homens de preto (MIB) no estacionamento

de seu apartamento e acabou ficando inconsciente. Pouco tempo depois, Ann sofreu um fulminante cancro de ovário.

ESCRITORA CARLA TURNER – (1996) Investigava justamente as circunstâncias suspeitas envolvendo a morte de Ann Livingston. Carla já tinha escrito livros chocantes envolvendo a presença alienígena em nosso planeta e projectos militares (*“Mensageiros da decepção”* e *“Dentro da periferia”*). Ela mesma suspeitava que o seu próprio cancro de mama poderia ter sido induzido por *forças ocultas*. Nem a retirada da mama conseguiu evitar que ela viesse a morrer.

GEÓLOGO PHIL SCHNEIDER – (1996) Morreu estrangulado com um cateter amarrado no pescoço. Trabalhou em 13 das 129 instalações secretas subterrâneas que ele alegava que o governo havia construído desde o fim da Segunda Guerra Mundial (incluindo a famosa instalação de bio engenharia *“salão dos horrores”* em Dulce). Vinha despertando bastante interesse da CIA com as suas alegações públicas envolvendo acordos *“inaceitáveis”* do governo norte-americano com algumas civilizações alienígenas. Entre suas graves declarações estava o *TRATADO DE GRENADA* (pacto fechado em 1954 com os *grays*), o vírus HIV fora criado pelo National Ordinance Laboratory para controlo populacional, as explosões por bombas no World Trade Center e no Oklahoma City foram testes com pequenos artefactos nucleares e, ainda, que 11 dos seus melhores amigos foram assassinados e todos estavam, como ele, investigando os projectos secretos militares do governo e suas óbvias ligações com os discos voadores.

A Lista de Sheldon

A indústria bélica e os OVNI's sempre estiveram mais relacionados do que se imaginava. Cientistas, que trabalhavam num projecto secreto, capaz de defender a Terra contra invasão alienígena, morrem em circunstâncias intrigantes. Por que? Isto aconteceu em Outubro de 1986 na cidade de Bristol. Um homem elegantemente vestido amarrrou cuidadosamente a ponta de uma corda à uma árvore, fez um laço na outra ponta, colocou no próprio pescoço, entrou no carro e arrancou em alta velocidade. Teve

morte instantânea. A polícia, ao chegar ao local do ocorrido, encontrou na carteira do morto documentos em nome do professor Arshad Sharif. Os jornais noticiaram o suicídio. E parece que ninguém se interessou pelo estranho fato de que o professor Sharif, ao resolver matar-se, incompreensivelmente viajou para isto mais de 100 km de sua casa em Londres até Bristol.

Enquanto isto, praticamente alguns dias depois, mais um professor londrino, sr. Vimal Daziby percorreu o mesmo caminho para jogar-se de cabeça para baixo da ponte de Bristol. Foi uma estranha coincidência, principalmente se levarmos em conta que estes cientistas trabalhavam no mesmo tema: desenvolviam uma arma electrónica para um projecto do governo inglês análogo ao "Guerra nas estrelas" dos EUA (defesa espacial). E mais um detalhe curioso: ambos, Sharif e Daziby interessavam-se por UFOs.

O famoso escritor americano, Sidney Sheldon, que decidiu fazer uma investigação particular sobre o caso, descobriu que o suicídio de Sharif e Daziby não foram os únicos. Uma misteriosa epidemia caiu sobre os cientistas ingleses que se ocupavam com o problema UFO e armas estelares. Janeiro, 1987. Avtar Sing-Gada desapareceu sem vestígios, declarado morto.

- Fevereiro, 1987 Peter Pegegel foi esmagado na garagem pelo próprio carro.
- Março, 1987. David Senias suicidou-se, jogando seu carro em alta velocidade contra um café-bar.
- Abril, 1987. Mark Visner enforcou-se.
- Abril, 1987. Stuart Guding assassinado.
- Abril, 1987 David Greenhalg caiu da ponte.
- Abril, 1987. Shanny Warren afogou-se.
- Maio, 1987. Michael Baker morreu em desastre automobilístico.

Pelos dados de Sheldon, o total de colegas de Sharif e Daziby que, num curto período de tempo, os seguiram para outro mundo ultrapassou de vinte. Mais exactamente 23 pessoas. Poderia considerar-se isto como simples coincidência? No que estavam envolvidos tais cientistas?

O GRANDE TEATRO CÓSMICO.

OS LIVROS REVELADOS.

Milhões de páginas foram ditadas do “Além” a um nutrido conjunto de pessoas de todos os lugares e épocas históricas.

Os transmissores identificaram-se, sucessivamente, com Espíritos desencarnados, Anjos, Hierarquias Cósmicas e, até, como Extraterrestres, sem nunca fornecerem elementos suficientes para julgar a sua verdadeira natureza ou os propósitos das suas comunicações.

Por detrás desta estratégia usada pelos “Reveladores” esconde-se a necessidade de cumprir a “Lei da Dissimulação”, isto é, nunca fornecer provas incontroversas sobre a existência dos Mundos Super físicos.

Os “Reveladores” jamais aparecem publicamente, pretendendo dar a impressão de que não modificam nunca o esquema do que nos rodeia (mais ou menos o que nós fazemos quando estudamos, por exemplo, as formigas...).

A Realidade é, no entanto, muito diferente:

TUDO, até mesmo os mais insuspeitos aspectos da Vida, está controlado do “Além”.

A tática do auto desprestígio está sempre presente na consciência dos reveladores.

Desta maneira apagam, para sempre, as marcas da sua passagem entre nós.

Desde a mais remota Antiguidade que são feitas Revelações de origem Supra normal:

O Zend Avesta, dos Persas;

O Popol Vuh, dos Maias;

Os Vedas, Indianos;

O Livro dos Mortos, dos Egípcios;

O Bardo Todol, dos Tibetanos;

A Bíblia, Judaico-Cristã;

O Corão, dos Muçulmanos;

O Tao Te King, Chinês;

E tantos outros conjuntos de livros, de tantas outras Religiões...

Do Séc. XII ao XVII, uma fornada de monjas Católicas, devotíssimas, lançaram profusos manuscritos, insuflados às suas fervorosas mentes por Cristo e pela Mãe de Deus.

Já no Século das Luzes, Emanuel Swedenborg plasma as suas arrebatadas visões em vinte e cinco tomos com quinze mil páginas!

Em 1823, um Querubim chamado Moroni, ofereceu a Joseph Smith o “Livro do Mórmon”, escritura fundacional de uma flamante religião actual.

Já no Séc. XX, em 1906, um médium de Chicago começou a receber revelações, que se prolongaram por 36 anos e, em 1955, foram impressas 2.097 páginas do “The Urantia Book”.

Ao longo do Séc. XX foram, já, impressos livros com todo o tipo de revelações, por exemplo, os 125 volumes, com 38 mil páginas, de Ernest e Ruth Norman, ditados por um “Colégio de Arcanjos” e dúzias de livros com “A Vida Secreta de Jesus”, para não falar dos Espíritas e dos Teósofos...

Dada a envergadura dos exemplos citados, salta à vista que a “Revelação” actual não é um episódio ocasional mas um paradigma chave dos Tempos Modernos...

ALGUÉM maquina ALGO extremamente importante, mediante o dispositivo revelatório.

Assim sendo, e por razões mal conhecidas, Entidades não convencionais estariam “injectando” no cérebro de uma horda de sensitivos a actual epidemia de “documentos revelados”.

Que sismo se desencadeou na consciência de tantos visionários para que fabriquem resmas inacabáveis de papel impresso?

Quem são os dramaturgos, actores e público, no vasto palco revelatório?

Quem puxa os cordelinhos e que se pretende com esta avalanche de informação caída, literalmente, do céu?

Não há dúvida: o channeling está na moda.

Dezenas de milhares de contactados, repartidos pelos cantos mais afastados do Globo, dão fé da sua incansável recepção de mensagens, emitidas desde outras dimensões, que os seus seguidores recolhem e fazem circular...

O fio condutor do contacto se delineia através da História mas não às claras nem em linha recta, senão em sinuosas circunvoluções de matreira camuflagem ideológica.

Em épocas passadas, o contacto instrumentalizou os grandes movimentos religiosos, assim como a adrenalina da conquista em nome do transcendente.

Muitas batalhas-chave foram ganhas graças à oportuna intervenção da Cruz, de santos célebres, como Santiago, de Jesus Cristo, ou da Virgem Maria...

Se aprofundarmos na sua origem as celebrações litúrgicas, as festas sagradas, os templos comemorativos e, até, as ordens monásticas, veremos que nasceram por instigação de um Ser Superior, ou pedido Mariano a um devoto, frade ou freira de exaltada paixão proselitista.

Cabe, aqui, notar que as aparições e milagres paranormais não são monopólio da Cristandade, mas que floresceram, com características próprias, em todas as Religiões e seitas...

Outra grande etapa do contacto Superfísico se manifestou com o pujante movimento espírita, cuja eclosão teve lugar com acontecimentos vividos pelas irmãs Fox, em 1888, ao mesmo tempo que se desenrolava uma tremenda revolução na Europa, que a transformava por completo.

Allan Kardec sistematizou, em França, essa crença que sustenta que a comunicação dos espíritos desencarnados com os vivos é possível.

Por outro lado, a partir de 1947, nascia a Era dos Discos Voadores, com a vaga de “contactados” que transmitem mensagens atribuídas a Extraterrestres.

Apesar da sua diversidade (oráculos gregos ou romanos, aparições sagradas, falecidos que contam as suas experiências no Além e humanóides interplanetários), não escapa a qualquer atento observador que, sob esta fenomenologia diversa O SUBTRACTO É SEMPRE O MESMO, através dos séculos: Energias intencionais “enfrascadas” para conformar à vontade as crenças populares.

Para isso, as ditas energias – chamemos-lhes assim – se vêm adaptando, mediante um disfarce simbólico admissível pela sociedade de cada época, ao ideário e costumes imperantes em cada momento histórico, lugar ou cultura.

Nas centúrias de fervor Cristão um dispositivo eficaz para motivar as gentes consistiu em materializar ante os catecúmenos figuras falantes que ditavam toda a espécie de textos.

Mas, quando o racionalismo invadiu as consciências e a Igreja deixou de impregnar a ideologia dominante, se orquestrou o espectáculo das almas narrando suas penas e alegrias Post Mortem, nos céus e infernos do outro bairro, por meio das sessões espíritas.

Chegada a Era Espacial, era necessário incidir na mentalidade colectiva com um reciclado aparelho simbólico, aceitável para a civilização tecnológica e livre-pensadora do consumo.

Assim, se habilitaram, para o efeito, os contactos com os pretensos tripulantes de um crescente e misterioso fenómeno: Os OVNIS.

Acreditamos que sob esta parafernália de aparências tão díspares (religiosas, almas “laicas” que comunicam do Além e extraterrestres), os cenografistas do “GRANDE TEATRO” não variam, sendo os responsáveis parafísicos de moldar, lentamente, a Fé e o Credo do povo numa direcção precisa, atacando pelo flanco ideológico de menor resistência, segundo as coordenadas mentais, sócio-económicas e culturais dos locais, em cada momento histórico, comarca geográfica, raça e sub cultura dominante.

Esses “Directores de Cena” infiltram os seus comunicados exemplificadores sob disfarce de figuras sobrenaturais, defuntos ou alienígenas assegurando-se, com esta habilidade, da aceitação na sociedade mutante.

Às estranhas personagens que, sem avisar nem pedir autorização, infundem “Dinamite Doutrinal” no nosso planeta, seria fácil compor manuais perfeitos, de irrefutável conteúdo intelectual, admiravelmente escritos e com impecável apresentação tipográfica. Podiam, igualmente, fabricar milhões de exemplares e depositá-los nas nossas casas.

Mas, os coreógrafos do “Drama Revelacionista” não se exibem com gestos ostensivos. Optam por lançar o fermento sub-repticiamente, escondendo a mão reveladora, em obediência à sacrossanta “Lei da Dissimulação”.

O enunciado desta Lei é, em termos gerais e acessíveis o seguinte:

“Tudo o que existe, incluindo o projecto do potencial ou não manifestado, obedece a um propósito inteligente e construtivo e a necessidades lógicas, conducentes à consecução de objectivos racionais.

Estes coincidem Grosso Modo, com a optimização do bom funcionamento do Organismo Cósmico”.

A PRAGA DOS CONTACTADOS

Dezenas de milhares de “telefones humanos” interdimensionais cobrem a Terra.

Estes amanuenses do contacto não o são por causas aleatórias, não elegeram por si mesmos tão surreal ramo de actividade. – São escolhidos, muitos deles do nascimento até à morte, como “testas de ferro” da revelação, por critérios ainda não devidamente claros.

Nunca são ministros, generais, nem directores de empresa, advogados de renome, eminências médicas, catedráticos, homens da ciência ou Prémios Nobel.

São, normalmente, pessoas simples, de pouca cultura e nula relevância financeira ou profissional, talvez porque tergiversem menos...

Após espremidos como missionários da “Nova Era”, não é raro que os “de cima” cortem a comunicação e abandonem o infeliz...

No entanto, após analisar milhares de casos, podemos dizer, em termos gerais, que os receptores de textos revelados não padecem alucinações nem são mitómanos, paranóicos ou desejosos de fama ou dinheiro fácil.

Sensitivos quase analfabetos produzem “Summas” e legam-nos milagres de profundidade filosófica e beleza espiritual que, de modo algum, podem ser elaborações do seu subconsciente ou febril imaginação, nem de uma personalidade múltipla.

Não há dúvida de que o contacto é um fenómeno real e objectivo, alheio ao que, às vezes, faz de “rádio humano”, causado por intencionais agentes externos ao que capta a informação.

Ora, directa ou indirectamente, os Reveladores introduzem a sua propaganda por meio de batalhões de “telegrafistas” de outros mundos, espalhados por todo o Globo Terrestre.

Cada telepata costuma estar apoiado por um grupo de seguidores fervorosos que registam e dão a conhecer as suas comunicações.

A nível global, os ensinamentos da “Universidade do Espaço” programam-se sobre um enorme número de mini-grupos que, de forma subtil, podem contagiar segmentos importantes da sociedade sem levantar suspeitas nem pôr em guarda a classe política.

Os contactados vivem numa espécie de “paraíso mental” acreditando, inocentemente, ser os únicos hóspedes.

Não suspeitam que milhares de grupúsculos, em todo o mundo, estão submetidos, ao mesmo tempo, a uma mesma programação cerebral, numa colossal operação coordenada para hipnotizar multidões.

Semelhantemente ao conteúdo das mensagens, o contacto apresenta-se com tácticas evasivas e de auto-descrédito, fazendo com que a maioria das pessoas ignore estes contactados, aos que considera excêntricos ou sectários perdidos pelo fanatismo.

No entanto, ainda que a maioria da população não lhes preste atenção, uns poucos buscadores da verdade intuem que nas águas revoltas do contacto se encontram valiosos legados documentais.

Assim, pois, o aparente esbanjamento de meios dos contactadores acaba por beneficiar um insignificante resíduo demográfico, ainda que este – e isso é o mais significativo deste processo – esteja a crescer já desproporcionadamente.

O contacto é maquiavélico. A sua campanha proselitista não é promovida nem linearmente, nem às claras, por imperativo da anteriormente descrita “Lei da Dissimulação”.

No entanto, isso não obsta a que o Modus Operandi do contacto consista em intoxicar, a pouco e pouco, sectores determinados da

população sem perturbar o Status Quo da sociedade, nem alterar o seu processo de evolução natural.

A REVELAÇÃO não é uma actividade marginal nem obedece a factores aleatórios.

Trata-se de uma vasta actuação à escala planetária, orquestrada graças a poderosos meios psíquicos e técnicos e com o deliberado propósito de cumprir objectivos específicos, num âmbito cronológico de muitos decénios (quando não séculos).

Em suma, um movimento de magnitudes históricas sem precedentes e de inimaginável transcendência para o género humano.

... E isto é válido não só para a transmissão “visível” mas, também, para a transmissão “invisível”... (quem ler que entenda).

Los Livros Revelados, de Ignacio Darnaude



”OPERAÇÃO PRATO”



Entre Setembro e Dezembro de 1977, a FAB (Força Aérea Brasileira) realizou a chamada Operação Prato, sob o comando do capitão Uyrangê Bolívar Soares Nogueira de Hollanda Lima. Essa operação consistiu em investigar um fenómeno estranho que estava acontecendo no litoral do Pará. O Prefeito do município de Vigia teria mandado um ofício para o comandante do Comar solicitando providências em sua cidade devido ao facto que, frequentemente, vários OVNI's estariam causando grandes incómodos para a população. Os pescadores, inclusive, estavam sendo seriamente atingidos por este estranho fenómeno que começava a causar um comprometimento em suas actividades – afectando a economia local. Segundo o ofício do Prefeito, a situação estava começando sair fora do controle, pois a população já não dormia mais a noite e estava apavorada. A partir daí se iniciou a Operação Prato para registrar o que estaria acontecendo para as Forças Armadas brasileiras.

A equipe enviada para investigar o que estaria acontecendo era formada pelo capitão Uyrangê e mais cinco sargentos. Eles teriam o objectivo de registrarem os eventos através de filmagens, fotografias e depoimentos da população local para que pudesse ser apurado o que de fato estaria acontecendo. Na época, a população teria apelidado o fenómeno de *Chupa-chupa* devido ao estranho comportamento que este apresentava. As pessoas eram seguidas por estes estranhos objectos que apareciam do nada e disparavam sobre elas uma espécie de feixe de luz. Todas as pessoas atingidas julgavam que este feixe de luz havia sugado um pouco de seu sangue – facto que teria sido posteriormente confirmado pela investigação da equipe da Operação Prato. A maioria das vítimas era as mulheres que ficavam com estranhas marcas em seus seios esquerdos, como se fossem dois furos de agulha em torno de uma mancha marrom. Era bem semelhante à queimadura de iodo. Nos homens as marcas ficavam ou nos braços ou nas pernas. Essas marcas

tinham sido analisadas por médicos que, às vezes, acompanhavam a equipa. Além de tudo isso, havia alguns relatos que descreviam desmaterializações. Algumas pessoas diziam que estavam dormindo em seus quartos e, de repente, o telhado ficava transparente permitindo que elas vissem o céu e o OVNI. Logo em seguida acontecia o disparo do feixe de luz que sugava uma pequena quantidade do sangue, tal como as outras descrições – inclusive a aparição da marca.



Um dos casos mais dramáticos aconteceu em Abril de 1977. Os humildes pescadores que vivem na Ilha do Caranguejo, Maranhão, presenciaram inúmeros objectos discóides ziguezagueando nos céus do lugarejo. Eles eram redondos, silenciosos, possuíam uma luz vermelha muito forte no centro e várias outras rodopiando ao seu redor, com cores diferentes das conhecidas pelos nativos. O fenómeno foi testemunhado por centenas de pescadores e seus familiares, provocando temor entre as crianças, que choravam e corriam para se esconder dentro de suas casas. O avistamento demorou alguns minutos e depois as luzes desapareceram no céu escuro coberto de nuvens. No outro dia soube-se que um fazendeiro tinha sido queimado com um raio vindo de um objecto que descera em sua propriedade. O homem chegou inclusive a procurar cuidados médicos. Também vendo o céu claro e estrelado, alguns pescadores atreveram-se a entrar no mar para dar início à pescaria, como faziam normalmente. Entretanto, infelizmente, desta vez não regressaram ao porto no dia seguinte, fazendo com que alguns colegas de ofício fossem procurar o veleiro, encontrando-o à deriva. Depois de verificarem que em seu convés estavam quatro homens deitados e um deles, José, estava morto, ficaram aterrorizados – não conseguiam imaginar o que poderia ter acontecido ao homem.

Mais à frente estavam os outros pescadores desaparecidos. Firmino, deitado em estado de choque, apresentava queimaduras graves, enquanto Aureliano, sentado no convés, balbuciava frases incompreensíveis, chegando a chorar e murmurar: “*A luz... A luz...*”. Apolinário, por sua vez, tremia muito e apresentava queimaduras sérias nos membros superiores. Também em estado de choque, apenas

olhava para os colegas que haviam chegado, mas parecia não reconhecer ninguém ou mesmo saber onde estava. Levados para São Luís, foram atendidos no Hospital Presidente Dutra e seus ferimentos, depois de tratados, demoraram a cicatrizar, deixando os médicos sem explicações para o fato. Este é só um dos inúmeros incidentes que estavam acontecendo.

Segundo os depoimentos do capitão Uyrangê, a princípio ele foi bem céptico com relação à atribuição deste fenómeno como de natureza alienígena, apesar das marcas serem uma prova física de que algo muito estranho estaria acontecendo. Uma das principais razões que reforçavam essa postura céptica seria o facto que, durante os dois meses iniciais, a equipe não teria conseguido registrar absolutamente nada além de depoimentos e as marcas encontradas nas supostas vítimas do fenómeno. Essa postura céptica do capitão não era compartilhada pelo resto da equipe. Na verdade, o capitão Uyrangê recebeu o comando da Operação Prato depois que ela já havia começado. Os homens já estavam lá a algum tempo antes de sua chegada. Certamente eles já haviam visto mais coisas que o capitão. A equipe via algumas luzes distantes que piscavam e pareciam realizar evoluções aéreas em baixa altitude – o que em si não era suficiente para definir como discos voadores. Era nesse momento que a equipe chegava a “gozar” do descrédito do capitão Uyrangê com frases como: *“A hora que um deles ficar bem em cima do senhor e acender suas luzes sobre a sua cabeça, eu quero ver se o senhor continuará duvidando”*. E foi justamente num desses momentos que o capitão tem a sua primeira prova cabal que esses fenómenos eram, de facto, alienígenas. Uma luz teria aparecido, vindo do norte, e se dirigia justamente na direcção da equipe, que se encontrava em vigília à noite, quando, de repente, ela teria parado bruscamente e se mantido estática por alguns momentos. Logo após, ela fez um círculo em torno do local onde eles estariam para, logo em seguida, ir embora. A luz em questão era bem parecida com aquela que é emitida pela solda eléctrica, inclusive na intensidade, pois não fora possível definir o objecto que a emitia.

Um detalhe bastante curioso da Operação Prato era que, após esse incidente, a equipe teve todas as oportunidades de fotografar e filmar os OVNI, pois eles passaram aparentemente a perseguir a equipe. Era como se os alienígenas tivessem a absoluta certeza de qual era o seu papel, pois os OVNI sempre iam em sua direcção. Às vezes, a equipe se deslocava de um lugar para o outro e lá iam os OVNI acompanhá-los, como se tivessem conhecimento de sua movimentação.

Teve uma ocasião que este fenómeno ficaria bem evidente. Numa noite em que eles estavam na Baía do Sol e na praia havia uma enorme quantidade de gente. No entanto, uma sonda apareceu e foi justamente na direcção da equipe. Ou seja, ao invés de ir a onde havia muitas pessoas, o objecto teria se deslocado justamente na direcção da equipe que era um lugar escuro e vazio. Era como se os objectos realmente soubessem de antemão qual era a localização da equipe e que o papel



da mesma era de documentar para as autoridades.

Justamente no momento em que os avistamentos começaram a ficar frequentes, algumas pessoas do SNI (Serviço Nacional de Informações) vieram integrar a equipe da Operação Prato. Na verdade não seria em regime oficial, como uma missão. Eles eram amigos do capitão Uyrangê e teriam recebido a autorização para acompanhar a Operação Prato. Não como uma missão do Serviço de Informação e sim uma chance de sanarem suas curiosidades em relação aos discos voadores.

Com o pessoal do SNI acompanhando a equipe da Operação Prato, aconteceria um dos incidentes mais impressionantes testemunhado pela equipe da operação. O pessoal do SNI acompanhava nas vigílias nocturnas em busca de registar fotograficamente os OVNI's e normalmente era marcado um local de encontro para que eles fossem juntos. Normalmente era marcado por volta das 18:00 horas. Num certo dia, o pessoal do SNI teria se atrasado chegando somente às 19:00 horas e, em meio às brincadeiras referentes a “pontualidade” dos “atrasados agentes de informações”, um deles teria dito algo como: *“Olha lá em cima... Olha lá no alto...”*. Quando todos os olhares se voltaram para cima, eles tiveram um susto que jamais iriam esquecer pelo resto de suas vidas. Tratava-se de um enorme disco negro que estava justamente em cima deles a uma altura próxima de 150 metros. O disco tinha uma pequena luz no meio que oscilava entre o amarelo e o âmbar e emitia um ruído semelhante a um ar condicionado. Todos ficaram “sem acção” – parados – e simplesmente se mantiveram observando a cena extraordinária. Passado um certo período de tempo, o disco começou a aumentar a

intensidade da luz que emanava no meio de sua estrutura de baixo. A luz amarela ficara tão forte que chegava a iluminar o chão para, logo em seguida, voltar a diminuir sua intensidade. Isso se repetiu em intervalos curtos por mais umas cinco vezes. Pelas declarações dadas pelo capitão Uyrangê, mesmo ele que comandava a operação, tendo que manter uma postura de liderança, acabou “morrendo de medo”.



Até que, subitamente, o disco teria disparado em altíssima velocidade. Eles vinham na direção da equipe da Operação Prato, deixavam-se ser avistados, fotografados e filmados, para depois irem embora – e isso sem molestar qualquer um dos homens da equipe.

Num dos depoimentos fornecidos pelo Coronel Uyrangê, houve um caso que parecia que aconteceria um contacto directo com as inteligências por detrás do fenómeno. Porém, uma das dificuldades para um possível contacto era a própria população local que, ao avistarem os objectos, soltavam fogos de artifícios, batiam em latas ou camburões e faziam uma algazarra medonha, não permitindo assim que houvesse uma aproximação maior. Na verdade, era essa a forma que as pessoas tinham para se defender de um possível ataque. O OVNI vinha e começavam a bagunça, e assim, fazia com que o mesmo fosse embora. Numa certa ocasião, numa pista de aterrissagem improvisada, um OVNI aproximou-se, dando a impressão de que desceria para estabelecer um contacto oficial, mas alguns moradores das imediações soltaram seus rojões e bateram com tanta força nas latas secas de querosene, que o objecto subiu vertiginosamente, desaparecendo nos céus.

Outro incidente bastante próximo teria ocorrido com uma equipe de reportagem do jornal *O Estado do Pará*. Na época havia vazado informações que a FAB estava investigando diversos incidentes envolvendo os tais discos voadores na Amazônia e o jornal em questão teria mandado uma equipe para verificar esse “furo”. A equipe de reportagem teria conseguido ver alguma coisa tão chocante que eles juraram que jamais voltariam para aquele lugar. Pelos depoimentos do capitão Uyrangê, essa equipe estaria sempre tentando descobrir o local que a Operação Prato fazia suas vigílias, mas como eles estavam

constantemente se locomovendo, os repórteres sempre acabavam não conseguindo descobrir nada.

Porém, certa noite, eles teriam avistado uma luz se aproximando a baixa altitude. Foi então que eles pegaram o carro para tentar se aproximar melhor dessa “luz”. Só que as coisas mudaram de papéis, pois a luz é que passou a perseguir o veículo da equipe de reportagem e, subitamente, focou um feixe de luz sobre eles. Neste momento, por incrível que pareça, o tecto do carro ficou transparente – como se fosse feito de vidro. Isso teria permitido que os repórteres conseguissem até mesmo fotografar o OVNI de dentro do veículo fazendo evoluções no alto. Apesar do “furo” que o jornal deu, pois as fotos ficaram bem nítidas e foram publicadas, ocupando cada uma, uma página inteira, o ônus foi enorme para os repórteres. Após o incidente, eles ficaram bastante abalados emocionalmente, sendo que alguns deles, na mesma noite do incidente, sofreram enormes acessos de vômito.



O tecto do veículo ficou transparente? Segundo consta, esses casos fantásticos e insólitos não eram isolados, pois essas mesmas características também eram relatadas pela população local. Em Colares, Pará, uma moradora local descreveu que estava sentada numa rede fazendo uma criança dormir quando, de repente, o ambiente começou a mudar de temperatura. A mulher achou aquilo esquisito, mas nem imaginava o que iria acontecer logo em seguida. Então, deitada na rede, viu que as telhas começaram a ficar avermelhadas, em cor de brasa. Em seguida, ficaram transparentes e ela pôde ver o céu através do telhado. Era como se as telhas tivessem se transformado em vidro – ela via o céu e até as estrelas. Neste momento, uma luz verde brilhando no céu apareceu e a mulher se sentiu meio dormente, até que, em seguida, um raio vermelho que saiu do OVNI atingiu seu seio esquerdo. Na época, seu depoimento foi tomado pela equipe da Operação Prato e foi verificado que realmente ela tinha uma marca no seio esquerdo. A marca era marrom, como se fosse uma queimadura, e tinha dois pontos de uma suposta perfuração. A mulher tinha certeza que a luz havia retirado um pouco de sangue de seu seio esquerdo.

Mas nem todas as pessoas que estiveram envolvidas nas investigações daquele estranho fenómeno estavam convencidas que se tratava de um “aparelho vampiro extraterrestre” – conforme o entendimento da população local. Segundo o médico Dr. Orlando Zaoghbi, que atendeu a uma vítima também atacada por um OVNI e que tinha também uma marca no seio esquerdo, as visões observadas pelos pacientes atacados eram frutos do “... estado d’alma”. Zoghbi teorizava que o fenómeno estava em sintonia com o inconsciente das vítimas, produzindo uma excitação psicomotora. *“Logo, as lesões observadas nas pacientes são devido às reacções de horror ocasionados pelo choque adrenérgico, pois as mulheres instintivamente, num ato de protecção, levam as mãos aos seios e a acção motora contraindo as mãos em garras, ocasionava as lesões nas glândulas mamárias”*, disse. A explicação do Dr. Orlando não traduz a verdade dos ataques acontecidos em dezenas de mulheres e homens naquela região. Outras testemunhas confirmam a veracidade do *Chupa-Chupa*, entre os quais a própria equipa da Operação Prato que fazia a investigação dos acontecimentos para as Forças Armadas brasileiras.



Aliás, a opinião do Dr. Orlando Zoghbi não é compartilhada por outra médica: a doutora Wellaide Cecim Carvalho, que teve oportunidade e privilégio de ver um desses objectos quando se deslocava para o hospital. Vejamos o que ela descreve:

“Nunca vou esquecer. Foi a coisa mais linda e fantástica da minha vida. Ali no céu, estava um cilindro voador que reflectia uma luz muito clara. Voava em espiral. Nas extremidades havia luzes. Na parte superior era vermelha e em baixo violeta. Ao se deslocar parecia deixar um rastro luminoso, pelas extremidades, que se evaporava rapidamente. De início pensei que fosse pousar, mas de repente começou a subir até desaparecer no firmamento. Não vi nenhuma janela ou dispositivo sobre sua superfície. Era grande e voava silenciosamente... O fenómeno foi presenciado por dezenas de pessoas que se encontravam na praia e elas corriam para suas casas. Também tentei correr, mas não consegui. As minhas pernas estavam pesadas. Tentei levantar a minha empregada que estava desmaiada, mesmo assim, pude observar tudo...”.

O relato acima é apenas mais um das inúmeras ocorrências que aconteciam e não foram poucos os factos insólitos que a própria equipa do capitão Uyrangê testemunhou em perseguição do fenómeno. Vários médicos da Secretaria de Saúde do Pará foram enviados pelo governo para examinar as pessoas que eram atingidas pelo “*fenómeno vampiresco*”. Os médicos analisaram o lugar queimado e tomavam depoimentos dos pacientes, mas não faziam mais nada – e nem tinham como. Algumas vítimas se recuperavam facilmente. Outras ficavam muito apavoradas. Havia umas que diziam ficar enjoadas, com o corpo dormente por vários dias. Um cidadão uma vez foi procurar a equipe da Operação Prato para relatar que, próximo à sua casa, tinha surgido uma luz, que focou um raio brilhante em sua direcção. Ele ficou apavorado e correu para dentro de sua casa, pegou uma arma e apontou para a luz. Aí veio outra mais forte que fez com que ele caísse. O pobre coitado passou uns quinze dias com problemas de locomoção, mas não houve nada mais sério. Ele não tinha sido atingido por nada sólido, como um tiro, por exemplo. Parece que a natureza dessa luz é uma energia muito forte que deixava as pessoas sem movimento.



Um oficial da FAB, capitão Victor Jamianiaski, soube da Operação Prato e resolveu procurar o capitão Uyrangê para lhe contar um episódio bizarro que havia acontecido. O capitão Victor costumava pescar e frequentava aquelas redondezas. Segundo o depoimento do capitão Victor, um rapaz chamado Luís que trabalhava na olaria próxima de lá teria participado de um incidente inquietante.

Certo dia, enquanto colhia barro, viu vestígios de uma paca comendo restos de flores de uma árvore à beira do rio e a acompanhou para caçá-la. Após ter retornado a olaria e esvaziado a sua embarcação, ele retornou ao local armado com uma espingarda e armou acampamento em cima de uma árvore aguardando o retorno da paca. De repente, ele ouviu um barulho e, logo em seguida, passou uma luz forte sobre ele. Mal deu tempo para o rapaz respirar e a luz havia retornado e parado exactamente sobre ele. Segundo o depoimento que o rapaz teria dado, a nave era parecida com uma cabine de um avião do tipo Boeing 737.

De repente uma porta se abriu e dela saiu uma criatura parecida connosco que desceu flutuando nesse feixe de luz. Quando essa criatura se aproximou de Luís, ele pulou fora da árvore e se escondeu em outra árvore próxima. Apesar do medo, Luís ficou próximo para poder observar o que estaria acontecendo. A criatura passou a examinar o acampamento que Luís tinha montado com uma luz vermelha que parecia sair da palma da mão, pois ele não conseguiu perceber nenhum objecto na mão da criatura que fosse responsável pela luz. Até que subitamente, sem que houvesse procurado por Luís antes, a criatura se virou bem em sua direcção e começou a ir ao seu encontro. Era como se a criatura tivesse adivinhado o local que Luís estaria escondido. Aterrorizado, Luís correu por uma margem do rio. Já a criatura, por sua vez, deu meia-volta e retornou para a nave. Só que não termina por aí, a nave começou seguir Luís em velocidade bem baixa e mantendo-se na altura das copas das árvores. Nesse clima de desespero, Luís tentava desesperadamente fugir até que ele viu algumas pessoas que estariam próximas. Não teve dúvidas: gritou. As pessoas, ao ouvir o seu grito, foram na direcção de Luís. Só que quando viram o que estava atrás do rapaz, correram e pularam na água mantendo-se à distância e observando a cena somente com os olhos para fora d'água. O OVNI para em cima do barco de Luís e novamente desce a criatura. Só que dessa vez ela não teria ido atrás dele. A criatura examinou rapidamente a embarcação, tal como havia feito com o acampamento de Luís, e retornou para a nave. Esta, por sua vez, disparou para longe.



Após esse incrível depoimento do capitão Victor, o capitão Uyrangê teria falado directamente com o protagonista do incidente, Luís, no Comar. Foi então que o capitão Uyrangê decidiu ir realizar uma vigília no local para averiguar a situação daquela área com relação ao fenómeno da presença alienígena na Amazónia. Mal sabia ele que, junto de sua equipe, iriam protagonizar o incidente mais impressionante da Operação Prato. Quando chegaram ao local onde está a olaria que Luís trabalhava, estava chovendo e era por volta das 19:00 horas. Devido a chuva, toda a equipe entrou na casa do zelador da olaria, menos o capitão Uyrangê que se mantinha em alerta para não perder qualquer manifestação aérea anómala.

Não demorou muito para o capitão se deparar com o primeiro avistamento. Um objecto no qual não foi possível verificar sua forma devido à intensidade das luzes que ele emitia passava bem cima da olaria. O objecto emitia luzes de cores verdes e vermelhas e tinha um ruído extremamente forte que o coronel Uyrangê identificou como algo parecido com uma turbina *“como se houvesse uma coisa girando”*. A altitude que o objecto passou sobre a olaria era bem baixa o que, segundo Uyrangê, descaracteriza qualquer possibilidade de ser um avião. *“Um voo rasante daqueles é perigoso demais num dia claro, agora, imagine com chuva e noite”*. Imediatamente o capitão grita para a equipe alertando que teria visto algo estranho passando.

Após esse incidente inicial, toda a equipe teria se dirigido para o local onde Luís teria testemunhado o incidente com a criatura que teria traços parecidos com o de um ser humano. Eles foram exactamente na árvore onde Luís teria montado acampamento. Como a chuva teimava em não parar, o volume da água do rio começava a subir. Não houve outra alternativa a não ser subirem na árvore. E nessas condições nada agradáveis toda a equipa teria ficado por volta de 10 horas, até que resolveram ir embora. Quando eles já iriam partir no barco, um OVNI com uma luz bem intensa de cor amarela e a baixa altitude (praticamente na altura das copas das árvores) cruza o rio na rota de norte para o sul. Ela estava a uma distância próxima de 2.000 metros, ou seja, praticamente no local onde se encontra a casa do zelador da olaria – no mesmo local onde o capitão teria tido o primeiro avistamento. Este novo objecto emitia um ruído extremamente intenso que o capitão Uyrangê não soube dizer exactamente como era, pois, naquele momento, ele e sua equipe estavam mais empenhados em filmar o OVNI do que prestar atenção nos detalhes dessa nova nave que avistavam. O resultado no filme foi, segundo Uyrangê, uma luz enorme passando com cor de chama e seu rastro reflectindo no rio. Junto ao filme, a equipe da Operação Prato fez todas as anotações pertinentes, como a hora do avistamento, a altura que o objecto se encontrava, a direcção do mesmo, etc.

A equipe retorna para a olaria para fazer as anotações desse novo avistamento. Como eles não tinham levado qualquer mantimento, Luís teria pegado um barquinho e, acompanhado por um menino de 9 anos de idade, se dirigido a uma ilha que tinha um comprimento de 15 ou 20 metros, porém muito comprida, na qual se situaria sua casa – um casebre à beira do rio – para fazer café e trazer para a equipe, juntamente com bolacha e água. Absurdamente, eles chegaram na ilha e simplesmente desapareceram diante dos olhos de todos da equipe.

Esse evento desconcertante deixou toda a equipe inquieta. Algo de muito bizarro estaria acontecendo com eles. E nesse exacto momento, a luz amarela teria retornado e estaria próxima ao início do rio vindo claramente na direcção deles. Apesar da inquietação gerada pelo estranho desaparecimento de Luís e o menino, a equipe imediatamente começou a tirar fotos, filmar e fazer todo tipo de registro do evento. Pelos cálculos do capitão Uyrangê, o OVNI deveria estar a uma altura próxima de 200 a 250 metros. Quando o OVNI chegou perto da equipe da Operação Prato, ele teria apagado suas luzes permitindo que todos



pudessem observar perfeitamente o seu formato que era como uma bola de futebol americano em pé. Tratava-se de uma nave de gigantescas proporções, algo como uns 100 metros de altura. Além de apagar suas luzes permitindo que todos pudessem ver exactamente o que se tratava, o OVNI teria reduzido bastante a sua velocidade permitindo que todos pudessem vislumbrá-la detalhadamente. Realmente parecia que isso era feito de propósito, como se eles soubessem mesmo qual era o papel da equipe e quisessem que ela obtivesse registros bastante contundentes para que nossas autoridades tomassem consciência de sua presença. Esse objecto emitia um barulho similar à de catraca, esquisito e oscilante. Finalmente, o objecto se afastou lentamente. Quando esse fenómeno terminou já era por volta das 11:00 horas.

Por volta das 13:30 este OVNI retornou, porém agora emitindo um brilho azul bastante intenso e acompanhou a margem oposta do rio. Quando chegou perto da ilha, foi em direcção a Belém. Novamente ele voava na altura das copas das árvores. Quando ele se aproximara de Belém, deu meia-volta e retornou na direcção da equipe da Operação Prato ficando bastante próximo. Segundo as informações obtidas pelo depoimento do capitão Uyrangê, ele tinha um brilho muito intenso, porém não ardiam os olhos se você olhasse directamente para o gigantesco objecto. Esse foi o momento mais dramático que a equipe passou durante toda a Operação Prato, pois à distância que “*esse prédio de 100 metros de altura em forma de uma bola de futebol americano*” estava da equipe era algo como de 10 a 15 metros de distância. Um dos homens teria inclusive perguntado algo como: “*E agora? E se alguém sair de lá e vir aqui nos pegar e levar com eles?*”. Tudo isso era novidade para eles. Não era possível ter a mínima ideia

do que pudesse acontecer e eles estavam absolutamente expostos e, ainda, não portavam qualquer arma para se defender.

O interessante é que, após terem presenciado experiências tão fantásticas, o capitão Uyrangê tirou suas próprias conclusões sobre esse assunto. Para o capitão Uyrangê, estava claro que se tratava de um fenómeno do “outro mundo” e que não havia intenções hostis, uma vez que ele e toda a equipe da Operação Prato estavam totalmente desprotegidos e expostos e, no entanto, não houve qualquer tentativa de nos atacar de alguma forma qualquer. Assim, o Coronel Uyrangê descartou quaisquer intenções hostis por parte da inteligência que estivesse operando as naves. O que a população ribeirinha definia como “ataques vampirescos”, o Coronel achava que tinha absoluta similaridade com o que faríamos se tivéssemos contacto com uma civilização que nunca esteve em contacto connosco. Por exemplo: os índios. Quando o homem branco encontra uma tribo indígena que nunca teve contacto anteriormente com o homem branco, requer que haja vários procedimentos a fim de evitar uma catástrofe, entre eles, o de evitar que passemos as nossas doenças para eles. Os índios não têm anticorpos e, conseqüentemente, seriam dizimados – como já aconteceu no nosso país – pelas doenças dos brancos. E na opinião do coronel Uyrangê, o que estava acontecendo é um procedimento de retirada de várias amostras de sangue da população para verificar nossa situação imunológica. É possível que isso estivesse ocorrendo para que, num futuro, houvesse um contacto directo sem que acarrete problemas para nós e para “eles”. Assim, o coronel classifica o fenómeno *Chupa-Chupa* como procedimentos de análise de material biológico para que se operacionalize um contacto futuro com absoluta e total segurança para ambos os envolvidos.

Em Dezembro de 1977, após quase quatro meses que a Operação Prato havia começado, a equipe recebeu um comunicado para encerrar as actividades. Isso deve ter acontecido em função da especulação que a população estaria fazendo; afinal, isso traria perguntas que a FAB não podia responder. Quem são, por exemplo, ninguém sabe. De onde vêm? Não há resposta. O que eles querem? Também não se tem resposta. São questões feitas e que ninguém pode responder – o que desmoraliza a Força Aérea e o Governo Brasileiro. Não era interessante para a FAB admitir que um estranho fenómeno estaria acontecendo na Amazônia, ou seja: dentro de nosso território, e as Forças Armadas não tinham a menor condição de evitar que essa intrusão acontecesse. As especulações civis estavam tomando força e se o público tomasse conhecimento desse fenómeno, logo também

perceberia a completa falta de condições e despreparo de nossas Forças Armadas para lidar com essa situação. Isso é algo inaceitável para as nossas autoridades. Se houvessem intenções hostis, não haveria nada que pudesse ser feito a respeito. Provavelmente esse seria o ponto inicial para a política de acobertamento que existe em relação a isso.

Para o capitão Uyrangê, a Operação Prato deveria continuar colectando material sobre essa presença alienígena. Mas é possível que o governo tenha passado a realizar outras operações para estudar esses fenómenos em carácter ultra-secreto. As conclusões poderiam ser tão inauditas que, pelo menos a princípio, deveriam ser mantidas a salvo do conhecimento do público. Ainda, o coronel Uyrangê jamais colocou suas conclusões pessoais sobre o fenómeno nos relatórios confidenciais que fazia para o Comar, mas apenas registrava os acontecimentos; porém, sua conclusão pessoal foi exposta para o ufólogo Rafael Sempere Dura, em São Paulo: os alienígenas estavam colectando material para fazer antídoto, vacina, solução sorológica que inibisse qualquer incidência de moléstia no corpo perante um contacto directo.

Porém, depois que a Operação Prato havia terminado, o Coronel relatou que teria passado por mais algumas experiências que poderiam ter alguma ligação com a presença alienígena no nosso planeta ou mesmo com o facto de ter comandado a Operação Prato. Um dia, o coronel Uyrangê estava deitado, lendo um livro (que não tinha nada haver com ufologia) enquanto sua filha, ainda pequena, lia uma revistinha de criança. Sobre a estante estava uma pilha de livros sobre ufologia – o coronel passou a se interessar extremamente pelo assunto depois da Operação Prato. De repente, os livros se deslocaram como se tivessem sido pegos e a pilha inteira caiu no chão. Vale ressaltar que o Coronel Uyrangê morava na Vila Militar, bem distante de qualquer rodovia, onde não havia trepidação de carro que justificasse a causa de tal incidente inusitado. Quanto os livros bateram no chão, a pilha desmontou – mas os livros não se espalharam. A filha do Coronel, Daniela, assustou-se e perguntou: *“Pai, que engraçado... Como é que os livros caíram?”*.

Nessa mesma hora, a esposa do Coronel estava no andar de baixo da casa preparando a mamadeira para as crianças, quando algo inusitado aconteceu. A bandeja em que estavam os copos e talheres saiu voando da pia e, flutuando por toda a cozinha, caiu sem quebrar um copo sequer, apesar do barulho de louça se espatifando.

OVNIS NA AMAZÓNIA: 1977.



Daniel Rebisso Giese nasceu sob a influência da estrela dos peregrinos. Fazendo da Terra a sua casa, passou a sua infância dividida entre quatro nações: Bolívia, Itália, Alemanha e Brasil. Em 1983 graduou-se em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará. No mesmo ano, Curitiba marcaria o seu encontro definitivo com os Objetos Voadores Não-Identificados. Esse estudo o acompanha até o presente momento, projetando-o entre os principais nomes da Ufologia brasileira.

Conferencista e palestrante de inúmeros cursos e congressos de Ufologia, Daniel Rebisso foi colaborador dos jornais *O Estado do Paraná* e *Diário do Pará*. Possui artigos publicados nas revistas *UFO*, *Planeta* e *Quarta Dimension* (Argentina).

As prolongadas chuvas do Inverno paraense haviam passado e a natureza fortalecida, com as águas do céu, perdia seus tons azulados face aos fortes dias ensolarados de Julho de 1977. A pequena cidade de Viseu (Pará) vivia momentos de paz, às margens do rio Gurupi (divisor do estado do Pará e do Maranhão) que tranquilo seguia seu rumo em direcção ao Atlântico. As noites viseuenses, agora mais claras com o brilho intenso dos astros, favoreciam as visitas e aos passeios nocturnos. As crianças brincavam satisfeitas nas ruas e muitas famílias, na porta de suas casas, trocavam impressões da vida. A

noite correria normalmente, não fossem “aquelas” longínquas luzes a se movimentar de um lado para o outro, como dançando no firmamento e atraindo a atenção de todos. Não eram luzes comuns, muito menos aviões; voavam com extrema agilidade, como sem rumo, mudando constantemente de cor. Não era possível definir formas muito menos detectar sons; eram silenciosas. “Isso é coisa de final dos tempos”, opinavam algumas pessoas mais religiosas. As crianças se exaltavam com a fantástica visão. Assim como surgiram, misteriosamente, desapareceram. Após rápidos comentários a maioria recolheu-se aos lares, pois a manhã seguinte prometia mais afazeres.

Com a abertura, quase ao amanhecer, das portas do mercado municipal de Viseu, vinham também as primeiras notícias do dia. Colonos dos vilarejos de Curupati, Urumajó e Itacu comentavam curiosas histórias do aparecimento de uma poderosa luz, proveniente do espaço capaz de paralisar as pessoas e “sugar” sangue e energias humanas. As narrativas populares sobre a “luz-vampiro” chegaram ao conhecimento do Delegado de Polícia, sargento Sabino do Nascimento Costa que, a princípio, não deu importância ou crédito às mesmas.

Boatos corriam pelas ruas afirmando que duas pessoas haviam sido mortas pela misteriosa luz. O Prefeito da cidade, Carlos Cardoso Santos, ria de tudo e, publicamente, deu seu veredicto: “Tudo isso é fantasia, essa luz não passa de imaginação de algumas pessoas, eu não acredito nessa conversa”.



As notícias também não tardaram a chegar aos ouvidos do Padre José Giambelli, barnabita e pároco da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Preocupado com a imaginação de seus fiéis que já se mobilizavam em torno de rezas e novenas na crença de afastar a misteriosa luz – segundo alguns, produto de forças diabólicas – Giambelli alertou: “Olha gente, estou aqui há cinco anos e nunca vi nada de anormal; essa história da luz não passa de produto da imaginação da nossa gente interiorana e inclusive, já tinha escutado boatos semelhantes há três meses atrás, mas proveniente do outro lado do Gurupi”.

No dia seguinte, os rumores prosseguiram, dessa vez relatados por testemunhas oculares, como o pescador Benedito Gonçalves dos Anjos Siqueira e seu filho Simão. O povo do mercado se ajuntava e, atento, ouvia o depoimento do jovem Simão:

“Uns dez dias atrás, meu pai e eu, estávamos pescando lá para o rumo da Ilha Nova. A noite estava bonita quando reparei no céu uma estrela se mexendo. Seu brilho era diferente das outras e muito forte. Parecia piscar e de repente veio em grande velocidade em nossa direção. Foi aí que nos lembramos da história da luz que chupa o sangue e com medo nos pusemos a remar o barco para a beira do rio. Deixamos a rede no local. Metemos o pé na mata e nos escondemos atrás de umas árvores. Por pouco nós não fomos alcançados pela luz. Ela ficou a poucos metros acima do barco e vasculhava o local com uma espécie de farol. Aquela luz ficou acesa por vários minutos, parecia procurar alguma coisa. O aparelho tinha a forma de um camburão (cilindro) de ferro e não vimos nenhuma porta ou janela. Começou a se mexer, foi ganhando altitude e tomou rumo do rancho do Zé da Granja, lá para a boca da Ilha Nova”.

O senhor Anastácio Costa, um velho morador da região, ao final da narrativa do filho de seu Benedito Siqueira, lembrou-se da experiência vivida pelo seu compadre João de Brito, morador da Vila de Piriá, e, impressionado, iniciou o relato:

“Isso foi há poucos dias. Eram quase onze horas da noite e o compadre João embrenhado na mata, de tocaia, esperava a caça. Quando o bicho se aproximou do local, apareceu, sabe-se lá de onde, um aparelho voador jogando um foco de luz sobre o animal que saiu correndo com mais de mil. O compadre nem teve tempo para fugir,



pois o foco foi directo para o seu corpo. Parecia que suas forças estavam sendo sugadas pelo aparelho. Naquele instante de desespero pensou que ia morrer. O objecto tinha a forma de um camburão (cilindro) e de dentro saíam vozes numa língua desconhecida. Antes de ir embora, um raio de luz focou o braço do compadre e depois voltou ao mesmo lugar de onde tinha saído. Sei que depois disso o homem ficou baqueado, parecia que não tinha forças e por essa razão foi

internado...”.

Os misteriosos cilindros voadores, identificados como “camburões” (cilindros) foram também vistos sobre a Baía do Marajó (Dezembro de 1977) e a vila de Colares (Outubro e Novembro de 1977). Objecto idêntico sobrevoou Colónia Nova (interior de Viseu), na noite de Julho, iluminando a residência da professora Maria Goretti Garcia. Interrogado pelo Sargento Sabino, delegado de Viseu, e todavia, sobressaltada, respondeu: “O aparelho era cilíndrico e fortemente luminoso a ponto de clarear toda a nossa casa e a vizinhança em redor”. O sargento Sabino relatou posteriormente: “A professora Goretti estava muito assustada e levando em conta sua formação, acho que algo de estranho ocorreu naquela noite”.

As noites de Julho de 1977 passaram a ser intranquilas após as aparições das “luzes sugadoras de sangue”. As crianças que, antes, brincavam nas ruas, agora viviam recolhidas à noite, em suas casas. Os adultos evitavam passeios nocturnos e os pescadores, viagens

frequentes ao mar. Acreditavam alguns que os objectos provinham das profundezas do Oceano Atlântico, por terem sido vistos, em diversas oportunidades, emergindo do mar e projectando-se sobre as embarcações e pequenas comunidades litorâneas. Muitos vilarejos do interior de Viseu, e posteriormente de outros municípios, estavam em alerta e vigília constante, das rezas aos fogos de artifício, de tudo se valiam para afugentar as “luzes vampirescas”.



Notícias vindas do outro lado do rio Gurupi, revelavam que os mesmos objectos e as mesmas luzes circulavam pela região da Baixada Maranhense, onde foram vistos em grande número, inclusive com o registo de vítimas. Durante a segunda semana de Julho, o fenómeno estendia-se para além dos limites de Viseu.

As aparições da “luz vampiro” em poucas semanas deixaram em pânico inúmeras comunidades de Bragança (PA), Augusto Corrêa (PA), sem contar os registros sobre Viseu e a Baixada Maranhense. A população temia as investidas dos aparelhos do espaço, mas as autoridades mantinham-se, tradicionalmente, cépticas.

O sargento Arlindo Dourado, delegado de polícia de Bragança, confessou-se intrigado com as histórias da luz mas que, até aquela data, não tivera nenhuma prova concreta da sua existência, apesar dos rumores crescentes. Idêntica opinião era a do deputado estadual João Motta que, embora incrédulo, como as demais autoridades, comentou o boato, proveniente de Viseu, da existência de uma criatura monstruosa conhecida por “Ataíde”. Da sua existência apenas foram constatadas, no solo, profundas marcas de “patas” e a vegetação, em redor, totalmente queimada e destruída. Mas a história mais surpreendente é a da “Mulher dos Peixes”, enigmática pessoa que temporariamente circulou pela região de Bragança e, segundo populares, teria estreita ligação com os seres das naves alienígenas.

MONSTRO ATAÍDE:



Os estranhos boatos em torno do Monstro Ataíde – criatura de poderes incomuns, capaz de destruir a vegetação e queimar o solo – permitem elaborar uma resposta para sua origem.

Há evidências de que as naves extraterrestres, durante suas aterrissagens produzem, entre outras consequências, depressões regulares no solo e queimaduras na vegetação. Tais fenómenos são exactamente os mesmos do “Monstro Ataíde”; isso nos leva a crer que se trate também de um artefacto extraterrestre. É compreensível que os colonos do interior de Viseu, ao identificarem esses sinais em suas plantações, os tenham imaginado como consequência de uma extraordinária criatura, capaz de voar, quiçá um ser pré-histórico. A denominação “Ataíde”, talvez esteja ligada ao nome do possível dono das terras onde, pela primeira vez, pousou a “criatura”, daí nascendo a expressão “Monstro Ataíde”.

A MULHER DOS PEIXES:

Inúmeras pessoas, da secular cidade de Bragança (PA), passaram o mês de Julho de 1977 inquietas com a presença de uma jovem solitária, de cabelos claros e pele branca, sugerindo ser de procedência estrangeira. Seu destino ninguém exactamente sabia; onde morava, o que fazia, de onde vinha. Comentavam, no entanto, que vivia sozinha numa ilha, próxima ao município de Augusto Corrêa (PA).

A imaginação popular criava inúmeras explicações para o facto da jovem “hippie”, comprar grande quantidade de peixe no mercado municipal, em geral entre 100 e 200 quilos. Muitos, obviamente, se perguntavam “para quê tanto peixe, se ela vive sozinha?” “Ora, vai ver que anda alimentando as criaturas dos aparelhos”, respondiam outros. Um dos pescadores que frequentava o mercado, confessou que a solitária “Mulher dos Peixes” vivia numa

ilha afastada, próxima ao litoral de Augusto Corrêa (PA), conhecida como a ilha do Cajueiro. Ali sucediam factos estranhos. Alguns pescadores que se aventuraram até o local teriam observado a mulher caminhando sobre as águas, além de sua casa ser frequentada, todas as noites, por estranhas luzes.

A senhora Margarida, enteada do Administrador do Campo de Pouso da cidade de Bragança, durante uma caminhada por uma das estradas solitárias da região, foi surpreendida pela presença de uma bonita mulher totalmente vestida de preto. Com uma blusa de manga comprida que lhe vinha até os pulsos, usava luvas ocultando detalhes de suas mãos. A expressão de sua face, realçada pelos longos cabelos louros, parecia sondar a alma de Margarida que prontamente a reconheceu como a jovem dos peixes. Perguntou a Margarida quantos filhos tinha, o que fazia, e se não receava andar sozinha por aquele local; mas ao dirigir a sua atenção, sua interlocutora havia desaparecido como num passe de mágica. Voltou para casa muito impressionada, e com forte dor de cabeça.

Os jornais de Belém destacaram pequenas notícias sobre o caso da “Mulher dos Peixes”. A primeira nota encontramos no periódico “O Liberal”, em 10 de Julho de 1977, e a segunda e última está registrada n’ “A Província do Pará”, em 11 de Julho de 1977.

Posteriormente, agentes do Serviço de Inteligência da Aeronáutica e da Marinha estiveram na região investigando o caso. A princípio nasceu a suspeita – em virtude dos boatos e do grande consumo de peixes – que ela estivesse envolvida em contrabando de armas e espionagem. As investigações não elucidaram totalmente o mistério. Na solitária cabana onde morava – agora totalmente abandonada – encontraram um pequeno envelope aéreo (proveniente da França) endereçado a “Elisabeth”. Para muitos, “Elisabeth” mantinha um forte contacto com os seres das naves alienígenas, pois assim como ela surgira, desapareceu misteriosamente, junto com os “aparelhos”. Segundo depoimentos da médica Wellaide Cecim Carvalho de do agricultor Manoel Mattos, residente no município de Santo Antônio do Tauá (PA), foram observadas a bordo das naves espaciais mulheres brancas de cabelos claros e de singular beleza.

CONTATOS NO MARANHÃO.

O fenómeno da “luz-vampiro”, inicialmente detectado sobre a região do rio Gurupi, tornar-se-ia, mais tarde, a maior onda de aparições dos “OVNIs-vampiros” registrada no Brasil.

A denominação luz ou OVNI vampiro advém de uma série de factos que passaremos a narrar com a preferência dessas naves sobre pequenas e isoladas comunidades ribeirinhas, quase sempre fazendo vítimas com seus raios desvitalizadores.

Percebe-se que todo o fenómeno está claramente direccionado a atingir seus próprios objectivos. Uma missão alienígena muito bem planejada, na opinião de alguns pesquisadores.

A frente-ovni de 1977 basicamente evoluiu no sentido da baía de São Marcos (Maranhão) em direcção ao delta-estuário do rio Amazonas. Detectamos, a princípio, duas grandes zonas de avistamentos de OVNIs, a primeira sobre a região do rio Gurupi e a segunda sobre a Baía do Sol.

Na primeira zona, os avistamentos concentraram-se em torno da foz do rio Gurupi e a Baía de São Marcos, atingindo os municípios paraenses de Augusto Corrêa, Bragança, Viseu e ainda a região da baixada maranhense. Os casos se manifestaram entre Junho e Julho de 1977. Esse período é conhecido como a fase Gurupi.

Nos meses seguintes, principalmente entre Outubro a Dezembro de 1977, os “OVNIs-vampiros” deslocaram-se para a Baía do Sol sobrevoando os municípios de Vigia, Colares, Santo Antônio do Tauá e Belém. Detectamos ainda focos esparsos pouco estudados sobre a região de Santarém e Monte Alegre.

Ao longo da segunda semana de Julho de 1977, não apenas Viseu passou a ser o centro das observações dos OVNIs, mas também outros municípios do Maranhão como Pinheiros, São Bento, São Vicente de Ferrer e Bequidão, todos da parte das Baixada Maranhense.

Os contactos ufológicos da Baixada revelavam, claramente, o aparecimento de objectos luminosos emissores de raio que, segundo a crença popular, seriam capazes de extrair sangue. As primeiras notícias que chegaram à cidade de São Luís tornaram-se rapidamente

manchete de “O ESTADO DO MARANHÃO”, do qual extraímos as seguintes informações (fonte: *O ESTADO DO MARANHÃO* de 20 de Julho de 1977):

“O aparecimento nos céus deste município (Pinheiro) de um Objecto Voador Não identificado está causando suspense e pânico entre a população e estimulando imaginações, chegando até o ponto de haver quem afirme que o aparelho não identificado chega a aproximar-se das pessoas para estonteá-las com um jacto de luz e retirar-lhes o sangue”.

“Está definitivamente confirmada a presença nos céus da baixada de um estranho Objecto Voador Não Identificado e a população de São Luís vai ter oportunidade de certificar-se disso quando ver o filme realizado aqui pelo cinegrafista da TV Difusora”.



“O OVNI que tem sido visto por muitos milhares de pessoas desta região e mais insistentemente no espaço entre Pinheiro e São Bento, tem a forma estranha semelhante a um Y (conforme desenho acima) e emite uma chama na parte inferior. O ambiente na região é de generalizado temor e as pessoas não ousam sair de noite face a rumores de que, ao aproximar-se da terra, o OVNI emite um jacto luminoso de grande calor que queima a pele das pessoas”.

A partir de documentos da época (1977), foi possível compor uma ideia das lesões causadas pela “luz extraterrestre” junto aos moradores da Baixada Maranhense. A maioria das vítimas do “aparelho” – conforme designação popular – confessa que ao ser atingida pela luz, sentia que seus movimentos eram neutralizados seguido de uma sensação de calor intenso e desfalecimento, levando algumas pessoas ao desmaio. Segundo a imprensa maranhense, os OVNI's optaram pelas pequenas comunidades rurais, atingindo pessoas isoladas ou em grupos restritos. As lesões, na sua totalidade, eram representadas por pequenas queimaduras superficiais, cujas consequências orgânicas e psicológicas podem ser avaliadas nos seguintes depoimentos:



“Quem viu mesmo o objecto misterioso foi o lavrador Vicente Gomes. Segundo ele, eram aproximadamente 03 horas da madrugada do último dia 14 (Julho de 1977), quando ele transitava por uma estrada carroçável, no lugarejo Guarapiranga, município de São Bento. Montando em seu cavalo, ao levantar a vista para o céu, viu surgir repentinamente em sua direcção uma luz misteriosa em formato de um papagaio (ou pipa). ‘A luz era tão forte que me encadeou e desmaiei’. É só o que pôde narrar o lavrador Vicente Gomes, casado e pai de oito filhos”.

“Às 12 horas do dia 08 deste mês, o empregado da fazenda Ariquipa, Raimundo Corrêa, conhecido como Raimundo Socó foi queimado por uma misteriosa tocha, causando lesões em seu corpo. No seu entender, o objecto tinha a forma de uma grande bola. Ele foi queimado no município de Bequimão”.

“Naquele município (S. Vicente de Ferrer) as versões são um tanto quanto diferentes mas são iguais num ponto, ou seja, no que se refere ao facto de a coisa diabólica ou disco voador ter baixado à procura de sangue humano”.

“Ao que se informa, a senhora Coucima Gonçalves da Silva, residente no povoado de Boa Vista, em Bom Jardim, cuidava dos seus afazeres domésticos, quando teve de se deslocar até o fundo de sua propriedade, oportunidade em que avistou a estranha bola de fogo, de cujo interior surgiu um raio que a lançou por terra. Frisa aquela senhora que daí para frente não sabe mais o que aconteceu e são os seus familiares que explicam que a encontraram desmaiada e a conduziram para o interior da casa. Quando ela voltou a si, foi pronunciando coisas desconexas”.

Segundo o jornal “O ESTADO DO MARANHÃO”, dona Coucima foi internada na casa de saúde Santo Antônio, em Santa Inês, e graças aos cuidados do médico Pedro Guimarães, recuperou a saúde.

Não houve descrição de queimaduras, apenas o registo de comprometimento psicológico e amnésia.

Entre os adultos atingidos pelas radiações dos OVNIIs estão lavradores, donas de casa, caçadores e pescadores; como foi o caso registrado na noite de 21 de Julho, quando um grupo de pescadores do município de Pindaré se viu obrigado a abandonar a embarcação frente às luzes do aparelho.

O medo e o pânico causados pelo aparecimento, incessante, de naves extraterrestres sob o espaço aéreo maranhense, determinou a mobilização da 3ª Zona Aérea e de autoridades municipais, especialmente Prefeitos e delegados de polícia. Diferentes dos pronunciamentos oficiais paraenses, não foram poucos os políticos e delegados que afirmaram a existência dos aparelhos voadores. A imprensa de São Luís, em determinado momento, foi clara ao afirmar: “O estranho objecto luminoso existe realmente, e move-se inteligentemente no espaço”.



A própria polícia durante a penúltima semana de Julho de 1977 foi acompanhada, à noite, por um OVNI quando efectuava o percurso entre o vilarejo de Paca e a sede do município de Pinheiro. No veículo, estavam vários homens da polícia militar, como o soldado Mário Pontes Filho, que presenciaram a troca de sinais luminosos entre o OVNI e a camioneta da PM. O facto, levou o tenente Amujacy Araújo Silva (delegado de Pinheiro), a destacar uma diligência para o local na esperança de detectar novamente o OVNI. O Prefeito de Pinheiro, Manoel Paiva, também confirmou a existência do “aparelho”, do qual foi testemunha ocular.

Na época (Julho de 1977), circularam estranhos boatos que no município de Bequimão tinham sido encontrados mortos, alguns lavradores. Próximos aos cadáveres estavam cédulas de quinhentos cruzeiros. Essas mortes estariam associadas à presença de três homens de aparência estrangeira que, na maior parte do dia, passavam

confinados num hotel da cidade. Quase todas as noites saíam num veículo de marca desconhecida para suas actividades “sigilosas”.

Boatos semelhantes circulavam na região de Parnarama (MA) e próximo a Sobral (CE). Conforme relato do pesquisador Reginaldo de Athayde, coordenador do CPU (Centro de Pesquisas Ufológicas), junto aos corpos foram encontrados dólares, curiosamente perfurados. Todas essas mortes, se reais, estão, segundo o autor, mais próximas de uma investigação policial do que propriamente ufológica.

Os avistamentos de seres extraterrestres no transcurso da FRENTE OVNI de 1977 são raros e imprecisos. O jornal “O ESTADO DO MARANHÃO” relata a aventura do senhor João Batista Souza, proprietário da fazenda Nova Melia, localizada em Barra do Corda, interior do Estado. Segundo o fazendeiro, durante a madrugada de 17 de Julho de 1977, ao perder o sono resolveu dar uma volta na sua propriedade. A certa altura do passeio se deparou com uma “bola de fogo” que sobrevoava o terreno, a duzentos metros de distância. Assustado, se escondeu atrás de uma moita, de onde observou o pouso da esfera luminosa. Após a aterrissagem do veículo, quando então sua luminosidade diminuiu, pôde notar que o objecto tinha a forma de um chapéu de palha. Do seu interior, através de uma porta, saiu uma pequena criatura de aproximadamente um metro de altura. Trazia na mão esquerda, uma espécie de lanterna da qual era emitida uma luz arroxeadada. Na outra mão, conduzia um equipamento não identificado pelo fazendeiro. Não foi possível ver a face do humanóide, apenas um capacete com antenas, sendo o restante do corpo totalmente “peludo”. Tomando de uma sensação estranha, João Batista desmaiou. Horas depois, foi encontrado desacordado pelos filhos que o conduziram à casa, onde permaneceu acamado por vários dias, sem forças para se levantar.

OPERAÇÃO CHUPA-CHUPA.

As noites de Outubro a Dezembro foram intranquilas e temidas pelos moradores dos municípios próximos à Baía do Sol. Todos se protegiam da acção dos “vampiros-extraterrestres”, evitando sair à noite sozinhos ou dormir sem a devida companhia de parentes, pois segundo a crença popular, tais criaturas saíam à noite de suas naves em busca de sangue humano.

Além da região da Baía do Sol, alguns OVNIS foram observados sobre a cidade de Ourém (PA) e fotografados pela Aeronáutica sob o céu do município de São Domingos do Capim (PA)

Os boatos, sem dúvida, não faltaram. Alguns acreditavam que os OVNIS faziam parte de um programa secreto japonês de contrabando de sangue. Outros afirmavam que os ocupantes dos aparelhos eram de outro planeta, inclusive alguns teriam sido capturados após a queda de um disco voador junto ao quilómetro 36 da rodovia estadual Acará-Moju – dado que não há maiores detalhes e que não está confirmado.

O vilarejo de Stº Antônio de Umbituba, localizado no interior de Vigia, é formado por algumas dezenas de famílias que vivem da pesca e da lavoura. Seu único contacto com as outras vilas é feito através dos rios ou pelo estreito ramal que atinge o quilómetro 32 da rodovia estadual PA-140.



As primeiras notícias da segunda fase, após meses de completo silêncio, vêm de Umbituba. No dia 08 de Outubro de 1977, o jornal “O LIBERAL” editou a manchete “Bicho Sugador Ataca Mulheres e Homens em Povoado de Vigia” descrevendo, em detalhes, as experiências surpreendentes de Umbituba. Seus moradores abertamente declararam a existência de objectos voadores dotados de feixes luminosos, capazes de atravessar obstáculos, como o telhado das casas e alvejar pessoas que momentaneamente permaneciam paralisadas, em decorrência da “luz”.

Posteriormente, em 15 de Outubro, a mesma fonte publicou novas reportagens de Umbituba, e pela primeira vez encontramos o termo *Chupa-Chupa*. Esse nome é definitivo e transmite a ideia de que os objectos voadores sugavam alguma forma de energia humana. Por esse motivo, os moradores de Santo Antônio de Umbituba, procuravam dormir em casa de parentes, enquanto os adultos vigiavam as ruas munidos de armas e fogos de artifício. Comentavam, ainda, que as naves, durante as investidas nocturnas, preferiam atingir vítimas solitárias. O ex-delegado da polícia de Vigia, Alceu Marcílio de Souza, recorda perfeitamente os acontecimentos:

“Estivemos na Vila de Santo Antônio de Umbituba, duas a três vezes, com diligência policial, na qual participou o comissário da localidade, Benjamin Amim. As noites que ali passamos, nada de anormal observamos, a não ser a intranquilidade das pessoas. Na época, uma equipe da Aeronáutica andou pela região, inclusive alguns de seus membros chegaram a falar comigo a respeito das aparições. Particularmente, nunca vi nada”.

Na pequena colônia Coração de Jesus, interior do município de Vigia, também houve observações de OVNI's principalmente no final de Outubro, conforme o relato do colono Oswaldo Pinto de Jesus:



“Na época do *Chupa-Chupa* a gente ouvia muita conversa do tal aparelho que andava rondando a vila de Santo Antônio de Umbituba, até que apareceu na vila Coração de Jesus. Era uma festa de final de semana, quando já de madrugada, minha mãe, Maria Assunção, viu o aparelho. Ela chamou a nossa atenção. Aquilo voava devagar e sem fazer barulho. Não estava muito alto e visto de baixo tinha o jeito de um helicóptero. Pelos lados da cauda havia muitas luzes coloridas e na ponta, um foco bem forte. O objecto parece que sentiu a nossa presença e de repente, apagou todas as luzes desaparecendo na escuridão da madrugada”.

As descrições de estranhas naves, como a da vila de Coração de Jesus, foram uma constante desde a Baixada Maranhense até a baía de Marajó (PA). Segundo as testemunhas, além das esferas luminosas foram observadas naves que muito lembram os helicópteros, pipas ou ainda peixes como as arraias.

A tradicional cidade de Vigia, famosa pela sua história e sua arquitetura colonial vivamente caracterizada pelas estreitas ruas, antigos casarões e a bela igreja da Matriz, permaneceu no centro das observações das “luzes” que tanto intranquilizavam os povoados de Umbituba, Cumaru e Km-25. (município de Vigia).

Ao entardecer do dia 18 de Outubro de 1977, às 18:45 horas, a cidade de Vigia esperava, mergulhada numa inquietante escuridão, a energia eléctrica que desde as seis da tarde deveria ter sido accionada. Algumas pessoas, preocupadas com a falta de luz, saíram às ruas na esperança de uma explicação. No céu, entre as estrelas, um ponto

luminoso deslocava-se velozmente. Em seguida, uma segunda luz surgiu na direcção da ilha de Itapaua (em frente ao porto de Vigia), desaparecendo silenciosamente no rumo de Umbituba. Atónitas, as pessoas se perguntavam se aquilo no céu era o *Chupa-Chupa*. Entre as testemunhas encontravam-se o Prefeito José Ildone Favacho, juntamente com os seus familiares. Após dois minutos, um terceiro objecto vindo de Umbituba, cruzou em direcção do bairro do Arapiranga. No rumo da ilha de Colares destaca-se um quarto ponto luminoso rapidamente ocultando-se sobre o Arapiranga. Eis que surgem, como do nada, mais duas luzes; uma sobre Arapiranga e a outra na direcção de Candeuba. Tomando sentidos opostos, cruzam a cidade de Vigia num último adeus... Minutos após, as lâmpadas da cidade ganham luz sem que tenha sido dada nenhuma explicação para o atraso no fornecimento de energia eléctrica, previsto para as 18:00 horas. Um possível “*back out*” em função das “*luzes nocturnas*”?

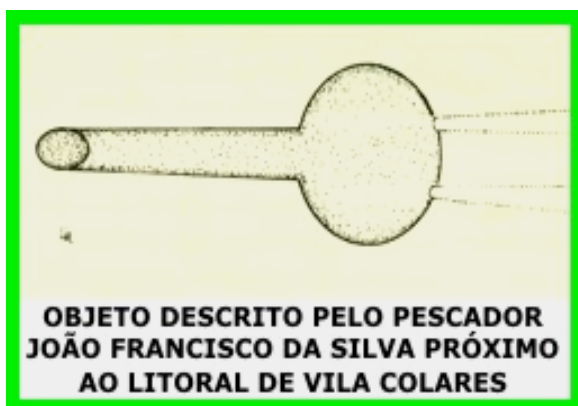
Posteriormente, o jornal “A PROVÍNCIA DO PARÁ” (Belém), reportando-se ao incidente sobre Vigia, comenta: “Hoje, o Prefeito José Ildone, estará enviando aos comandos do Exército e da Aeronáutica, em Belém, um extenso relatório do que está acontecendo na Vigia, em Santo Antônio do Tauá, além da descrição do temor vivido principalmente pelos moradores de Santo Antônio de Umbituba. A decisão foi tomada depois de uma conversa com o delegado de polícia de Vigia, Alceu Marcílio de Souza”.



Todos os anos, durante o segundo domingo de Outubro, Belém se transforma no maior centro religioso do país, em virtude da procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Durante as festividades religiosas, milhares de fiéis chegam à capital, provenientes de todas as partes do mundo, em especial, do interior do Estado. Os peregrinos da região do Salgado e da Zona Bragantina, onde estão localizados os municípios de Vigia, Maracanã, Viseu e outros, revelam as estranhas aparições da “*luz vampiresca*”, “*luz diabólica*”, “*vampiros extraterrestres*” ou simplesmente “*aparelho*”. As autoridades municipais, como Prefeitos e delegados de polícia, na sua maioria, não dava muito crédito às histórias; para muitos, tudo não passava de crendice popular e aventuras de terror para animar a rotina das tranquilas cidades interioranas. Alguns religiosos viam nas “*luzes do*

espaço” sinais do Apocalipse ou manobras do demónio. Para outros, o fenómeno reduzia-se às operações do Projecto RADAM. De qualquer forma, o *Chupa-Chupa* já se tinha tornado motivo de histeria colectiva e muitas das histórias contadas realmente pareciam ser dignos de uma investigação mais aprofundada.

O conceituado jornalista Álvaro Martins, um dos pioneiros na divulgação do fenómeno, seleccionou algumas explicações para os episódios. A primeira ideia sugerida que os objectos voadores, detectados sobre o litoral paraense, poderiam ser aparelhos de sondagem petrolífera ou artefactos secretos militares. A outra resposta, recolhida por Martins, junto aos moradores de Viseu, descreve as *“luzes vampirescas”* como artifícios utilizados por contrabandistas internacionais com a finalidade de afugentar curiosos das áreas de extracção de areia monazítica. As operações seriam controladas por agentes franceses infiltrados na região, operando sigilosamente próximo à ilha do Meio e às margens do rio Urumajó e Emboraí (PA).



As investigações que passamos a desenvolver, a partir de 1984, não fortalecem as hipóteses da relação do fenómeno com as actividades do Projecto RADAM, muito menos da PETROBRÁS. A ideia de que os OVNI's sejam artefactos militares secretos, não se configura plausível. Os aparelhos capazes de produzir confusão com os OVNI's seriam os RPVs (Veículos Remotamente Pilotados), na época desconhecidos pelas autoridades locais, cuja fabricação, ainda hoje, é restrita a algumas potências militares. O boato de contrabando de areia monazítica na região de Viseu, por agentes estrangeiros, não foi, por sua vez, confirmado.

O estado de intranquilidade e medo, vivido pela população de Belém não poderia se prolongar por mais tempo. Era importante dar uma explicação para o fenómeno, mas nenhuma autoridade parecia disposta a fazê-lo. A Universidade Federal do Pará, como outras instituições de ensino superior, pareciam ideologicamente cegas a questões dessa natureza. A Câmara Municipal de Belém, por seu lado, manifestou-se publicamente através de seus vereadores Adamor Filho e Eloi Santos, no sentido de que as autoridades competentes

efectuassem imediata investigação do fenómeno. A Aeronáutica, no entanto, mantinha-se reservada com afirma a imprensa:

“As autoridades aeronáuticas procuradas pela reportagem responderam que não há nada de oficial sobre o assunto, limitando-se, laconicamente, a essa resposta prudente, em vista da insistência com que a população cobra definição em termos de segurança, das autoridades municipais, estaduais, militares e federais...” – jornal “A PROVÍNCIA DO PARÁ”, manchete do dia 20 de Novembro de 1977.

A imprensa, que até então parecia conduzir os factos com absoluta imparcialidade, começava a dar sinais de manobra e posicionamento em suas reportagens, principalmente com a publicação da manchete *Chupa-Chupa é só fantasia*. Na véspera, o mesmo jornal publicara a escandalosa notícia *Vampiro interplanetário só gosta de mulher*. De qualquer forma, com as manchetes dos dias 19 e 20 de Novembro do jornal “A PROVÍNCIA DO PARÁ”, cessam definitivamente as notícias sobre o *Chupa-Chupa*. Ninguém mais escreve a respeito do tema, tudo volta a sua “normalidade” e muitos permanecem na ignorância, sem saber o que realmente aconteceu.

VIGÍLIAS NA BAÍA DO SOL.



No transcurso da onda *Chupa-Chupa* muitas zonas de avistamentos se destacaram, como Pinheiro e São Bento, no Maranhão; Viseu e Bragança, no Pará. Por outro lado, algumas áreas chegaram a um grau de saturação de OVNI tão alto que raramente havia uma noite sem observações. Um desses “epicentros” ufológicos localizou-se sobre a Baía do Sol, atingindo de forma

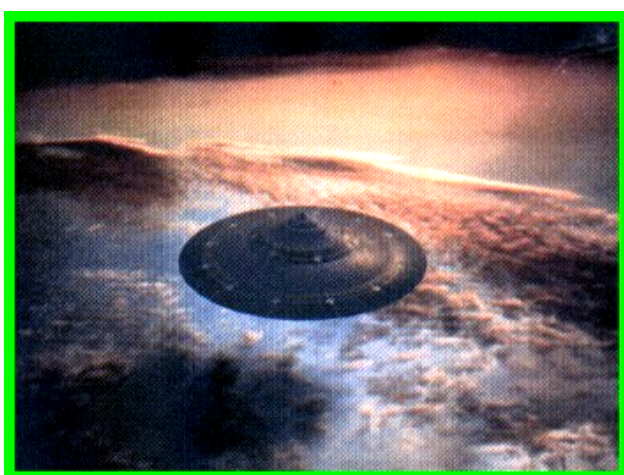
directa a Ilha de Mosqueiro.

Mosqueiro representa uma das mais importantes ilhas, a de maior extensão geográfica, pertencente ao município de Belém. Famosa pelas suas praias de água doce, Mosqueiro é, tradicionalmente, uma rica área de lazer e de turismo. Seu acesso é fácil, quer por via rodoviária, quer fluvial, o que permite o rápido e constante

intercâmbio de Belém com as suas principais comunidades: vila de Mosqueiro (sede administrativa), Carananduba, Sucurijucuará e Vila de Baía do Sol.

As primeiras notícias da *“luz vampiro”* sobre a ilha de Mosqueiro vieram de Tapiapanema, uma pequena comunidade isolada num dos braços do rio Pratiçara. Seus moradores, na maioria pescadores, passaram a viver momentos de medo após o incidente ocorrido com alguns membros da comunidade. Jornalistas do extinto periódico *“O ESTADO DO PARÁ”*, estiveram no local apurando os factos conforme o texto a seguir:

“Terminava a tarde de Sábado passado (29 de Outubro de 1977). Em Tapiapanema, o casal Benedito Campos Trindade, 24 anos, e Sílvia Mara, 17 anos, descansava da lida diária, em uma rede. Estavam a sós. O restante dos habitantes da casa havia viajado para a vila de Mosqueiro, distante 16 quilómetros, com acesso por via marítima. Pouco depois das 18 horas por uma fresta, na janela, tapada com um pedaço de plástico, os dois notaram que um objecto oval, prateado, emitia uma luz em forma de foco, esverdeada, na direcção do quarto onde estavam deitados. Curioso, o casal voltou-se totalmente para o local, foi quando o foco atravessou a fresta e foi em direcção de Sílvia, causando-lhe uma espécie de transe e deixando-a com o corpo entorpecido. Preocupado com a esposa gestante, Benedito procurou protegê-la rapidamente, carregando-a e afastando-a do local antes que um desmaio a levasse ao chão”.



“Mas o susto não terminaria aí, conforme contou Benedito, pois dois personagens saíram pelo lado de fora da casa, com um objecto dourado (como uma lanterna de pilhas) focando por entre as muitas frestas da casa, mais uma vez atingindo com o foco o corpo de Sílvia, agora no braço esquerdo, à altura do pulso. Suas veias pareciam sair do corpo, tão entumecidas ficaram ao serem atingidas pela luz. Angustiado e já gritando vigorosamente por ‘socorro’, Benedito levou a esposa para a sala, escondendo-a através da parede. Nessa ocasião, seu vizinho José do Nascimento Sobral, que ouvira os

gritos, correu com uma espingarda, atirando para o local onde estavam as personagens e conseguindo afugentá-las. Ele não viu quando a fuga ocorreu, pois sua preocupação era saber se tudo estava bem com o casal”.

“Benedito e Sílvia foram levados para a casa do Sobral, distante da sua uns 500 metros. Quando os homens se esforçavam para acalmar a jovem, com medo que ela viesse abortar, eis que novamente o objecto estranho apareceu e dessa vez, voando muito baixo. Benedito correu para a porta da rua, procurando verificar, corajosamente, como era o aparelho e o foco, entretanto, o atingiu deixando-lhe o corpo momentaneamente paralisado. Sílvia não foi molestada”.

Após o contacto, o casal foi imediatamente conduzido pelos familiares de Sílvia, para a Unidade Mista de Saúde da Vila do Mosqueiro. Durante o percurso fluvial nocturno, a embarcação que os levava foi acompanhada por um misterioso objecto voador. A determinada altura da viagem, o objecto emitiu um potente jacto de luz em direcção ao rio que produziu, segundo o jornal “O ESTADO DO PARÁ”, um forte ruído, desaparecendo em seguida.

O casal permaneceu hospitalizado na Unidade Mista durante três dias, onde recebeu assistência médica adequada, reduzindo o risco de aborto e normalizando as funções vitais de Sílvia. Benedito, por sua vez, além de queixas de suas funções motoras, permaneceu por alguns dias em estado de depressão, chorando frequentemente, como relatou a sua mãe. O corpo clínico do hospital mantinha reserva sobre o caso e as visitas eram restritas aos familiares. A reportagem de “O ESTADO DO PARÁ” comenta: “Os médicos não quiseram se manifestar com opiniões a respeito do assunto. Por outro lado, na Unidade Mista, um homem louro, muito alto, esteve na manhã de ontem (31 de Outubro de 1977), pedindo que o facto não fosse comentado.

Os familiares de Sílvia, inconformados com a situação, procuraram auxílio da Delegacia Distrital do Mosqueiro, quando então receberam orientação do delegado Orlando Pantoja. Este demonstrando a dificuldade de tomar qualquer medida contra a “*luz vampiresca*” e os estranhos artefactos voadores, disse que, de qualquer modo, enviaria expediente “reservado” à Central de Polícia de Belém, solicitando orientação de como proceder nesses casos.

As aparições de OVNI sobre a Baía do Sol atingiram um patamar tão expressivo que o próprio 1º Comando Aéreo Regional da

Aeronáutica (1º COMAR) destacou uma equipe para a área. Ao final de algumas semanas, a Aeronáutica dispunha de um arquivo inigualável com fotografias e filmes dos misteriosos corpos luminosos.



Entre os moradores da vila se instalou um grande clima de inquietude, obrigando os homens, todas as noites, a organizarem vigílias com fogueiras e fogos de artifício. Assim, julgavam impedir a penetração das aeronaves sobre a vila. Porém, nada parecia intimidar os OVNI's, nem a presença das câmaras e filmadoras da aeronáutica, muito menos a presença dos jornalistas de O ESTADO DO PARÁ. Foram observadas naves-mães, sondas e discos voadores com relativa constância, descrevendo incríveis manobras sobre a Baía do Sol.

A viúva Elisa da Silva, 61 anos, residente à rua do Bacuri, é uma das testemunhas dos fenômenos de 1977. Uma noite, de sua casa, observou um disco voador. Por intermédio de pequenos "furos" ou "janelas" existentes no corpo do objecto, saía uma intensa luz branca. Visto de baixo, não apresentava qualquer luminosidade ou saliência, desaparecendo silenciosamente, na direcção sul.

Posteriormente, a Baía do Sol registrou uma segunda fase de aparições de OVNI's, dessa vez, entre o mês de Maio e o início de 1978. Nesse período foram enviados pela redacção do jornal "O ESTADO DO PARÁ", o jornalista Biamir Siqueira e o fotógrafo José Ribamar, para a cobertura dos acontecimentos existentes sobre a vila. O resultado das vigílias foi publicado, juntamente com uma sinopse do fenómeno *Chupa-Chupa*, nas edições de 25 a 29 de Junho de 1978. Em 1984, quando iniciamos a pesquisa, tivemos a oportunidade de conhecer o jornalista Biamir Siqueira juntamente com o fotógrafo Ribamar, dos quais obtivemos os seguintes depoimentos:

PERGUNTA – Ribamar, que episódios foram registrados durante as vigílias na Baía do Sol?

RESPOSTA – Permanecemos 41 dias frequentando a região interiorana paraense, especificamente a Ilha do Mosqueiro. Ao longo

dessa temporada observamos vários OVNI's e tivemos a oportunidade de fotografá-los. Os primeiros dias foram sem novidades, mas a partir do



momento que colocamos uma faixa vermelha-preta-branca sobre o capô do carro, tivemos mais sorte nos avistamentos. Essa questão da faixa colorida nos foi indicada por um conhecido, que na época trabalhava na Aeronáutica junto às equipes que investigavam o fenômeno

(OPERAÇÃO PRATO). Segundo ele, essas cores foram observadas em alguns OVNI's... A primeira vez que observamos uma nave, nos encontrávamos no interior do automóvel da redacção d'O ESTADO. Lembro-me que estávamos dormitando quando subitamente fomos acordados por um intenso clarão de cor azulada. Tendendo para o cinza. Sentimos um forte impacto, como se aquela luz tivesse força. Saímos do carro imediatamente e pudemos ver uma nave sobrevoando o local. Deveria estar a uns 20 metros de altura e logo recolheu seu feixe luminoso, desaparecendo logo em seguida. Nessa noite não tive condições de fotografar o aparelho devido a surpresa e ao meu estado emocional.

Uma breve pausa para as observações devidas: durante a nossa investigação não obtivemos qualquer confirmação, quer dos militares, quer de outras fontes envolvidas no estudo do fenômeno, sobre a visualização das faixas tricolores. "O ESTADO DO PARÁ", do dia 25 de Junho de 1978, descreve detalhes:

"No dia 24 de Maio de 1978, acontecia o inacreditável, na rampa da beira-mar da vila da Baía do Sol. A noite estava escura e não havia estrelas no céu. Às duas da madrugada, abrigados no carro devido à forte chuva, os repórteres de O ESTADO foram despertados por um acentuado foco de luz, que ultrapassou, por incrível que pareça, a estrutura metálica do tecto do veículo. Sobressaltados, saíram rapidamente. Comprovaram, então, já um pouco distante do carro, que um foco de luz em forma de tubo, com cerca de 10 polegadas de diâmetro, era dirigido do alto sobre o tecto do carro, ultrapassando a chapa metálica. Tudo isso durou aproximadamente dois minutos. Depois, o aparelho, que emitia o foco de luz e que estava estacionado no espaço sem fazer o menor ruído. Imediatamente, iluminou sem sair do lugar que estava, as copas das árvores".

SÍNDROME DO CHUPA-CHUPA.



As grandes ondas ufológicas registradas desde 1947, têm-se revelado um complexo conjunto de factos aparentemente desconexos e, muitas vezes, absurdos; na verdade representam uma realidade inteligentemente coordenada a partir de níveis ocultos que ultrapassam as meras aparições dos objectos e seres alienígenas. Seu objectivo parece, sem dúvida, ir ao seu próprio encontro dando a impressão, algumas vezes, de que nós constituímos parte de um jogo obscuro que eles, sabiamente,

manipulam.

Os efeitos ou as manifestações ufológicas, segundo o eminente pesquisador Jacques Vallee, estratificam-se em três grandes níveis de igual complexidade: o físico, o biológico e o social. Cada fase exigindo um corpo teórico suficientemente amplo e revolucionário, capaz de traduzir a natureza e os objectivos do fenómeno. Fundamentados nessa ideia podemos identificar, dentro da onda *Chupa-Chupa*, zonas de impacto ufológico cujos efeitos repercutiram fortemente sobre o meio físico (exemplo: queimaduras de seres humanos) e o meio social (exemplo: pânico e histeria da população).

Todos esses elementos devem ser considerados e de início nada pode ser descartado da realidade OVNI, pois podemos, inadvertidamente, estar eliminando partes importantes de sua fenomenologia. Por esse motivo, seleccionamos factos aparentemente absurdos ou estranhos, que por sua vez são excelentes indicadores em função do alto grau de correlação entre os mesmos.

Ouvimos muitas pessoas que, por razões particulares, desejaram manter-se no anonimato; outras por forças institucionais, estão impedidas de qualquer identificação, restando um pequeno grupo de pessoas desvinculadas e corajosas em relatar – perante uma sociedade que subestima a problemática disco voador – suas experiências ufológicas. É o caso da médica sanitaria e directora do Departamento de Programas Espaciais da Secretaria Municipal de Saúde de Belém. A médica Wellaide foi uma das raras profissionais da

área de saúde a ter um contacto directo com as vítimas das radiações dos OVNIS. Essa oportunidade ímpar deu-se durante a sua permanência na Unidade Sanitária de Colares, quando por nomeação do secretário da SESPA (Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará) assumia, no dia 10 de Dezembro de 1976, as responsabilidades sanitárias da ilha. Dos doze meses ininterruptos de sua administração, provêm as mais valiosas informações sobre o quadro clínico das vítimas do *Chupa-Chupa*.

Segundo Wellaide, em Setembro de 1977, logo depois da “Semana da Pátria”, ela começou a ser procurada por pessoas que se diziam atacadas por algo que chamavam de *Chupa-Chupa*. *“No início houve descrédito de minha parte. Imaginava que era crendice popular e até pensei em questão de bruxaria. Aquilo foi se tornando mais insistente. Um dia vinha um paciente, no dia seguinte outro. Na segunda semana, o fluxo de pessoas se tornou mais repetitivo. Aí comecei a examinar mais detalhadamente as lesões das vítimas. Vi coisas que não existiam nos meus livros de medicina”*. Conforme os depoimentos de Wellaide, as lesões se caracterizavam da seguinte forma:

- 01 – Elas não formavam bolhas.
- 02 – Não se assemelhavam a queimaduras produzidas pelo fogo ou água quente.
- 03 – Pareciam queimaduras radioactivas produzidas pelo Cobalto.
- 04 – Não existia dor local, apenas um ardor discreto.
- 05 – Depois de dois dias a pele começava a descamar. Nesse estágio era possível notar dois pontos bem próximos, semelhantes a furadas de agulhas.

“Numa ocasião dessas aparições, eu pude ver pela primeira vez um OVNI. Era seis horas da tarde e voltava com a minha empregada da casa de um paciente. Ela começou a puxar a minha roupa e falar ‘doutora... doutora...’, olhei para ela, quando de repente desmaiou. Aí foi que olhei para o céu e pude ver a coisa mais linda e fantástica da minha vida. Ali no alto estava um cilindro voador que reflectia uma luz bastante clara. Ele voava em espiral. Nas extremidades haviam luzes; na parte superior era de cor vermelha e em baixo, violeta. Ao se deslocar parecia deixar, pelas extremidades, um rastro luminoso, que rapidamente desaparecia. De início pensei que ia pousar na praia, mas, subitamente, começou a subir, até desaparecer no firmamento. Não vi nenhuma janela nem qualquer dispositivo sobre a sua superfície. Era grande e voava silenciosamente... Nesse instante, as pessoas que estavam perto da praia correram para as suas casas com medo e contagiada pelo pânico também

corri; tentei ainda carregar minha empregada que se encontrava desmaiada”.



CLAUDOMIRA DA PAIXÃO E NEWTON CARDOSO, VÍTIMAS DA "LUZ SUGADORA"

CASO CLAUDOMIRA DA PAIXÃO.

A experiência vivida por Wellaide Cecim Carvalho, junto aos moradores da ilha de Colares, apressou a nossa viagem àquele município. Entre as dezenas de relatos ali existentes, foi possível seleccionar duas testemunhas importantes: Claudomira da Paixão e Newton Cardoso, ambos

vítimas do *Chupa-Chupa*.

A senhora Claudomira, residindo numa casa simples, próxima ao antigo campo de aviação, e na companhia de seu marido e da filha mais novo, relatou sua experiência:



OVNI LANÇA RAIOS PARALISANTES SOBRE O QUARTO DE CLAUDOMIRA DA PAIXÃO, EM COLARES, 18 DE OUTUBRO DE 1977

“Na época do Chupa-Chupa a gente não dormia direito. Tomo mundo estava com medo dos aparelhos e por causa disso fomos dormir na casa de minha prima. Maria Isaete de Pantoja, bem aqui perto de casa. O pessoal já estava reunido e logo tratei de arrumar um lugar para dormir. Coloquei a minha rede bem perto da janela, coberta com um pedaço

de plástico. Vesti o meu camião estampado e logo me deitei. Lá por volta da meia-noite, acordei com um forte clarão, uma espécie de foco de cor verde-claro, descia bem em cima do meu peito, do lado esquerdo. Tentei gritar, mas a minha voz não saiu. Senti uma queimadura... depois aquele foco de luz foi recolhendo e vi que estava queimada... tudo foi muito rápido”.

Incapaz de recordar a data do acidente, acredita que o facto tenha ocorrido durante a penúltima semana de Outubro de 1977, uma vez que o jornal “O ESTADO DO PARÁ”, de 02 de Novembro do mesmo ano, traz a seguinte notícia: “No centro da cidade de Colares,

uma certa dona Claudomira, com febre alta e sinais no seio e no braço direito, evidenciando ter sido focalizado pela luz esverdeada, procurou atendimento médico”.

Segundo a senhora Claudomira, no momento que o foco de luz a atingiu, ela teria sentido furadas na pele como se agulhas estivessem sendo espetadas. Além disso, também sentiu dores de cabeça e uma moleza grande que perdurou por vários dias.

No dia seguinte, Claudomira rapidamente se dirigiu à Unidade Sanitária, onde foi atendida pela médica Wellaide, sendo posteriormente – segundo a testemunha – encaminhada a Belém para exames complementares junto ao Instituto Médico-legal Renato Chaves. O mal-estar e as constantes dores de cabeça se prolongaram por muitos dias, acompanhados ainda de uma indisposição geral e falta de força nos membros. Transcorridos os anos, ainda sente e refere súbitos sintomas, principalmente dor de cabeça, idênticos aos de 1977. *“Minha saúde parece que não ficou a mesma, depois do acidente”, afirma a vítima.*

CASO AURORA FERNANDES.



AURORA FERNANDES, UMA VÍTIMA DO CHUPA-CHUPA SENDO EXAMINADA PELO MÉDICO ORLANDO ZOGHBI

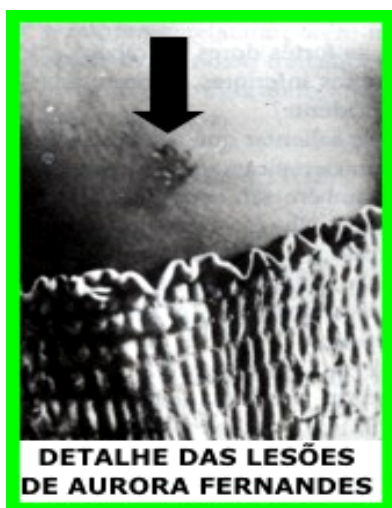
Outra vítima do *Chupa-Chupa*, a jovem Aurora Fernandes, na época com 18 anos, ex-moradora da passagem Tabatinga, 74, Bairro do Jurunas, Belém. Na noite de 17 de Novembro de 1977, Aurora regressava, por volta das 21:00 horas, do parque de diversões instalado na avenida Roberto Camelier. Ao chegar a casa foi directo ao fundo do terreno para a limpeza da louça e das panelas do jantar. Subitamente, foi atingida por uma corrente de ar frio e assustada sentiu como se algo a envolvesse. Aurora declara:

“Eu fiquei apavorada. Chamei minha mãe que já estava deitada, como os moradores da casa, mas antes de chegar, uma luz vermelha me envolveu, deixando-me atordoada. Ao mesmo tempo, senti furadas muito finas que eram dadas em meu seio, caindo então ao solo, desmaiada... A luz

vermelha parece me atormentar a todo instante. Sinto como se fosse ficar louca”.

Imediatamente foi socorrida pela sua mãe, Eunice Júlia Nascimento, que a encontrou desmaiada, observando que um líquido incolor, com cheiro característico de éter, escorria das pequenas lesões sobre a mama direita. Conduzida em seguida para ao Pronto-socorro Municipal, não foi atendida (segundo os familiares), regressando a casa. Como seu estado psicológico não se normalizava, foi reconduzida ao Pronto-socorro, sendo dessa vez atendida e tratada com sedativos. Ao ser visitada pelos jornalistas de “A PROVÍNCIA DO PARÁ”, ela exibiu as estranhas marcas existentes no seu peito. Ainda assustada, queixava-se de fortes dores de cabeça e fraqueza nas pernas, ao ponto de não poder ficar em pé.

No mesmo bairro do Jurunas, “A PROVÍNCIA DO PARÁ” constatou mais duas vítimas da “luz vampíresca”. Eram as jovens Maria Carmem do Socorro Lobo, 13 anos, residente à Passagem Japonês, sem número e Maria Augusta do Eliseu de Oliveira, 18 anos, moradora da casa 77 da Passagem Marabá. Nenhuma, por sua vez, apresentava qualquer lesão corporal como a de Aurora. Suas declarações eram vagas e imprecisas.



O médico Orlando Zoghbi, a convite da “A PROVÍNCIA DO PARÁ”, esteve na residência de Aurora Fernandes, no dia seguinte ao incidente, com o intuito de esclarecer a possível causa das lesões. Segundo o laudo médico, as pequenas e múltiplas lesões dérmicas encontradas no tórax de Aurora, foram causadas inconscientemente pela contracção de sua mão sobre a região mamária, ao tentar proteger-se da investida do *Chupa-Chupa*. Como o próprio Zoghbi esclarece:

“... As visões observadas pelas pacientes atacadas pelo vampiro extraterreno são frutos do estado d’alma, em sintonia com o inconsciente, produzindo uma excitação psicomotora... as lesões observadas nas pacientes são devidas as reacções de horror ocasionadas pelo choque adrenérgico, pois as mulheres, num acto instintivo de protecção, levam as mãos aos seios e a acção motora, contraindo as mãos em garra, ocasionam as lesões nas glândulas mamárias”.

As lesões de Aurora são caracterizadas por uma série de 10 a 12 pequenas biopsias (a nível de epiderme) concentradas num círculo de, aproximadamente, 2,5 centímetros e a 8 centímetros acima do mamilo direito. Não observamos outras lesões idênticas no restante do corpo da vítima, muito menos na região mamária esquerda, o que de certo modo limita as explicações do Sr. Zoghbi, pelos seguintes motivos:

01 – As lesões, supostamente realizadas pela contracção das unhas de Aurora, não apresentam aspecto ungueal e sinais de arranhão.

02 – Aurora, ao tentar proteger as mamas, obviamente teria conduzido as mãos em direcção do peito, contraindo (violentamente) ambas as regiões... Porque não se encontram lesões na mama esquerda?

03 – Uma jovem, em estado de medo e pânico, levaria obviamente as mãos espalmadas (abertas) sobre o peito, como se explica a produção de cerca de 10 pequenas feridas concentradas num círculo de 2,5 centímetros e ainda, a um palmo acima do mamilo?

04 – Como se justifica as fortes dores de cabeça e a debilidade dos membros inferiores, apresentadas pela vítima logo após o incidente?

Por outro lado, deve-se salientar que as marcas de Aurora não se configuram características aos padrões do ataque do *Chupa-Chupa*. As circunstâncias também são estranhas: um vento frio, uma luminosidade avermelhada, desmaio, ferimentos no peito, líquido incolor com cheiro de éter, etc... A ideia inicial de auto-agressão, estabelecida pelo Dr. Zoghbi, parece esbarrar em algumas dificuldades como salientamos anteriormente. Estabeleceu-se a hipótese da tentativa de violência sexual, por parte de indivíduos que ao tentarem desmaiá-la com éter, a teriam ferido no seio. O facto pode também sugerir uma explicação parapsicológica e, apesar de todas as respostas, a possibilidade de uma causa ufológica não está descartada.

A síntese da maioria das informações obtidas no transcurso desta investigação, permitiu estabelecer de forma objectiva o quadro clínico da SÍNDROME CHUPA-CHUPA, cujos os elementos são resumidamente descritos a seguir:

01 – Queimaduras superficiais de 02 a 10 centímetros de extensão.

02 – Discreto ardor na região atingida, sem referência a qualquer processo infeccioso ou supurativo.

03 – Presença de pequenos pontos, como picadas de agulhas, que desaparecem após 72 horas.

04 – Queda dos pêlos das regiões atingidas pelo raio.

05 – Escamação da epiderme, dias depois ao incidente, tonturas, vertigens e cefaleia.

06 – Astenia, referindo-se fraqueza nos membros inferiores e falta de ânimo.

07 – O exame de sangue feito em algumas vítimas do *Chupa-Chupa* indicaram baixo teor de hemoglobina e redução do número de hemácias.

MISTÉRIO DA ILHA DOS CARANGUEJOS.

Entre as várias ilhas do litoral maranhense, Caranguejos se destaca por suas tradicionais lendas e fantásticas narrativas. Contam que lá não se deve andar sozinho, pois estaremos condenados a desaparecer no seu interior. Relatam que à noite se ouve cantos religiosos, como salmos de lamentação de espíritos que lhe dão protecção, tornando-a assim um lugar “encantado” e propício a fenómenos sobrenaturais. Quando, em 1977, o jornalista Álvaro Martins, por intermédio do jornal “O LIBERAL”, tentou visitar a ilha para a cobertura dos estranhos incidentes que por lá andavam



ocorrendo, foi desaconselhado e, na véspera de seu embarque, recebeu a ordem de cancelamento; a Base Aérea de São Luís não desejava a presença de repórteres na área. Cogitou-se a existência de um foco de OVNI no interior da ilha dos Caranguejos.

Vamos aos factos...

Um grupo de homens formado pelos irmãos Apolinário, Firmino e José Corrêa, juntamente com o seu cunhado Aureliano Alves, todos residentes no município de Alcântara, Maranhão, seguiam viagem, na embarcação MARIA ROSA, rumo aos Caranguejos com o objectivo de extrair caibros da vegetação existente nos mangues da ilha.

Trabalharam quase todo o dia 25 de Abril de 1977, no carregamento dos caibros. Cansados, resolveram pernoitar ao largo da ilha aguardando maré favorável para empreenderem a viagem de volta. José Corrêa e o seu irmão Firmino, juntamente com Aureliano Alves, resolveram dormir no porão do barco, cuja porta formada por

um pedaço de pano, impedia a penetração dos mosquitos. Apolinário preferiu dormir na parte superior. A noite transcorreu silenciosa...

No dia seguinte, por volta das 05:00 horas, Apolinário acordou sobressaltado ao escutar um grito vindo do interior do barco. Levantou-se apressadamente e chegando ao porão ouviu gemidos. Com o auxílio de uma lanterna, percebeu que o seu irmão José estava imóvel. Aproximando-se, nervoso, notou que ele estava morto. Estranhas queimaduras cobriam parte do seu tórax e braço. Firmino Corrêa e Aureliano, ambos estavam misteriosamente queimados. No interior do porão, nenhum vestígio de incêndio ou de substância inflamável. Sozinho, levantou a âncora e tomou o leme em direção ao porto de Itaqui, em São Luís, onde chegou à tarde.

Apolinário, preocupado com a vida de Firmino, rapidamente o conduziu, em estado de semi-consciência, para o Hospital do Pronto-socorro de São Luís. No barco permaneceram Aureliano e o corpo de José Corrêa. Depois do hospital, Apolinário dirigiu-se ao



Distrito Policial onde relatou todo o seu drama ao delegado de plantão, José Argolo e ao comissário Venceslau Vasconcelos que, imediatamente, seguiram com o soldado Orlando para o barco MARIA ROSA, ancorado no porto de Itaqui.

“Na embarcação, vi o corpo do rapaz ferido, ao lado, o do seu irmão. Dava a impressão de alguém congestionado. O corpo do que veio a falecer apresentava uma espécie de queimadura bastante grande, principalmente no braço. Outra abaixo do braço tinha largado um pedaço, um pedaço enorme. Nunca tinha visto queimadura daquele jeito. Um ferimento estranho na boca. No que estava ferido, a gente notava que a queimadura era igual, muito parecida... Dava a impressão de queimadura provocada por um ferro em brasa, mas não era não... Era realmente estranha... Mas, eu não vi indício de fogo ou incêndio na embarcação. O ferido (Aureliano Alves) ainda podia falar. Parecia estar com medo de alguma coisa. Seu olhar era estranho...”, afirmou o comissário Venceslau, posteriormente, em entrevista para o jornal O ESTADO DO MARANHÃO.

Conforme os laudos expedidos pelo Instituto Médico-legal da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão, em ambos os casos, Firmino Mendes Sousa e Aureliano Alves, está definida, como causa das ofensas, *electricidade cósmica*. Apesar dos sobreviventes terem sofrido graves queimaduras e consequências psicológicas duradouras, o acidente foi fatal para José Corrêa, o qual não apresentou nenhuma lesão visível – segundo o laudo dos médicos legistas Dr. Raimundo Sérgio de Brito Pereira e Dr. José Ribamar Miranda Filho.

Levantou-se a polémica. Os não convencidos com o laudo policial, arriscavam suas explicações. Para alguns, os discos voadores e seres de outros mundos – que naquela época começavam a circular pela baixada maranhense – eram os responsáveis. O Sr. Benedito Gonçalo Amarante, tio de Apolinário, o primeiro familiar a saber da morte de José Corrêa, teria ouvido de Apolinário a versão de que os sobreviventes viram, a determinada hora de madrugada, uma estranha luminosidade que penetrou pela cortina do porão e ali apareceu um “vulto” enorme, que lhes apagou a consciência. Quando acordaram, já estavam feridos e um irmão morto.

No ano seguinte, o médico e hipnólogo da Faculdade Fluminense de Medicina, Dr. Sílvio Lago, conceituado especialista nos meios ufológicos, a convite do jornalista norte-americano Bob Pratt, do “National Enquirer”, esteve em São Luís para uma série de exames de Apolinário, Firmino, e Aureliano. Durante os dias de sua permanência, de 14 a 17 de Outubro, o Dr. Lago realizou inúmeras sessões hipnóticas com as testemunhas, sem qualquer sucesso de memorização sobre o exacto momento do acidente. Parecia haver um “branco” nas mentes dos barqueiros do MARIA ROSA.

Em seu artigo “*O Caso da Ilha dos Caranguejos*”, o Dr. Lago admite plausível a hipótese meteorológica, como a causa das lesões nas vítimas. Contudo, adverte que tal explicação suscita perplexidade diante dos seguintes factos: a noite era calma, sem previsões de tempestade, ausência de vestígios no barco da “física cósmica”, cortina do porão intacta e as roupas do barqueiro sem qualquer sinal de queimadura. O suposto raio mortífero, naturalmente, teria atingido também a pessoas mais desprotegida como era Apolinário Corrêa que dormia na parte superior do barco. Ninguém viu nada, nem tão pouco recordam de factos extraordinários... A revista “National Enquirer”, assim como outros pesquisadores, acredita na causa ufológica do incidente do barco MARIA ROSA e o classificam como o primeiro

grande episódio da onda *Chupa-Chupa*, embora ele não apresente as características da “*luz vampiresca*” que varreu a região...

CARACTERÍSTICAS E ESPECULAÇÕES SOBRE O FENÓMENO CHUPA-CHUPA:

01 – A onda *Chupa-Chupa* constitui uma ampla “frente-Ovni”, de aproximadamente seis meses de duração – entre Julho e Dezembro de 1977, atingindo basicamente as principais baías do norte do Brasil e suas imediações.

02 – Os avistamentos e os contactos imediatos de 2º e 3º graus são, na totalidade, nocturnos.

03 – Os OVNIIs de configuração esférica, cilíndrica e em forma “de peixe” são uma constante.

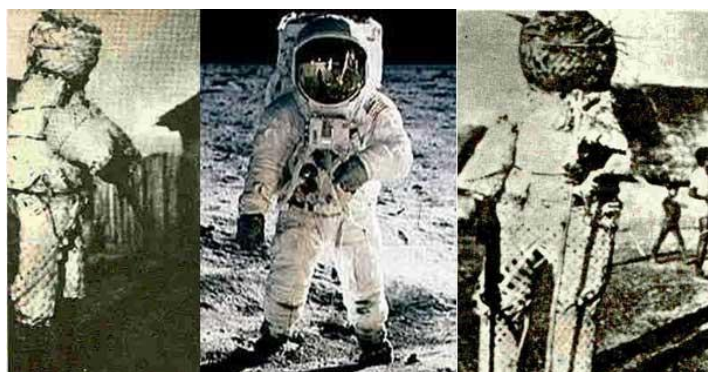
04 – O deslocamento da maioria dos OVNIIs é do espaço aéreo para a terra ou do oceano para o continente.

05 – Os OVNIIs, durante as suas evoluções nocturnas, sobrevoavam preferencialmente as pequenas comunidades litorâneas e rurais, muitas vezes atingindo seres humanos por meio de potentes projecções luminosas de acção paralisante.

06 – As vítimas do *Chupa-Chupa* são adultos de ambos os sexos e os acidentes não ocorrem de forma casual. As lesões configuram-se queimaduras de primeiro grau, não superiores a 15 centímetros de extensão, localizadas, na maioria, sobre a região torácica. Observa-se, durante a incidência da luz-vampiro, paralisação geral dos membros, perda da fala, sensação de choque, amortecimento progressivo dos pés à cabeça, calor e a sensação de picadas sobre a região atingida pela luz.

07 – As vítimas, após o incidente, se queixam de vertigem, dores no corpo, tremores, falta de ânimo, sonolência, fraqueza, rouquidão, queda de pêlos, descamação da pele lesada e dores frequentes de cabeça.

08 – Os avistamentos de ufonautas (tripulantes de UFOs) são raros e os poucos relatos descrevem criaturas semelhantes a humanos e de estatura média.



Indígenas Brasileiros imitando os fatos espaciais dos “deuses”, vindos do Espaço, que habitaram algum tempo entre eles.

CORONEL UYRANGÊ HOLLANDA

Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima. Este é o nome do primeiro oficial de nossas forças armadas a vir a público falar sobre as atividades de pesquisas ufológicas desenvolvidas secretamente no Brasil. Com nome de guerra Hollanda, hoje coronel reformado da Força Aérea Brasileira (FAB) já falecido, foi ele quem comandou a famosa e polêmica Operação Prato, realizada na Amazônia entre setembro e dezembro de 1977. Foi ele quem estruturou, organizou e colheu os espantosos resultados desse que foi o único projeto do gênero de que se têm notícias em nosso país. A Operação Prato foi criada pela FAB devido aos fenômenos alarmantes que envolviam ataques de estranhos objetos aéreos em civis, na Amazônia. Segue a entrevista completa realizada pela Revista UFO com o coronel Hollanda:



UYRANGÊ BOLIVAR SOARES NOGUEIRA DE HOLLANDA

REVISTA UFO – Coronel, o senhor é o primeiro militar a vir a público e admitir tudo o que pretende nesta entrevista. Quais são as razões para isso?

HOLLANDA – Em 1977, quando ocorreram as coisas que vou descrever, fui muito procurado por ufólogos e pela Imprensa para fazer alguma declaração a respeito. Mas não podia falar na época, porque tinha uma obrigação militar. Eu havia cumprido uma missão e não podia revelar qual era. Minha fidelidade era apenas para com meu comandante. Mas depois de quatro meses de estudos e pesquisas, a Aeronáutica interrompeu a Operação Prato. O comandante tinha ficado satisfeito com os resultados e não me competia julgar, na época, se isso era certo ou errado.

REVISTA UFO – Então o senhor evitou falar sobre a Operação Prato esse tempo todo?

HOLLANDA – Eu não podia falar. E também não tinha vontade. Conversei com vários ufólogos, entre eles o general Uchôa, e fui procurado até por pessoas dos EUA, inclusive Bob Pratt. Minha posição como militar colocaria o Ministério da Aeronáutica numa situação difícil de se explicar, e além disso havia punições para quem tratasse desse assunto sem autorização. Eu não tinha permissão nem do meu comandante, quanto menos do ministro. E o que eu falasse seria interpretado como sendo a palavra oficial da Força Aérea Brasileira (FAB). Mesmo assim, após o encerramento da Operação Prato, pesquisei e mantive contato com ufólogos de vários países e nunca falei nada a respeito.

REVISTA UFO – O senhor se reformou da FAB em 1992. Não passou pela sua cabeça conversar com ufólogos antes e relatar tais fatos?

HOLLANDA – Eu apenas conversava com eles, sem entrar em detalhes. Conversei muito com Bob Pratt quando ele veio ao Brasil, com dona Irene Granchi, com Rafael Sempere Durá, e outros. Mas nunca disse que queria falar à televisão ou coisa assim. Pediram-me que escrevesse um livro, mas nunca me interessei. Hoje penso diferente: acho que já deve ser dita alguma coisa sobre a Operação Prato. Esse assunto deve ser propalado e explicado, pois vou fazer 60 anos daqui a pouco. De repente posso morrer, e aí história se acaba.

REVISTA UFO – Por ter procurado a Revista UFO para dar estas declarações, quer dizer que confia que ela vá fazer um trabalho sério de divulgação sobre o que o senhor está falando?

HOLLANDA – Há muitos anos, em 1987 ou 1988, estive conversando com você (dirigindo-se a Gevaerd) e não pude autorizar a publicação de nada sobre o que falamos em sua revista. Mesmo assim você o fez, por achar que o assunto não poderia ficar escondido. Eu estava na ativa e não podia dar nenhuma declaração formal. O que saiu publicado foi sem permissão, o que nos causou um pouco de complicação à época. Mas precisava ser dito. Alguns anos depois, eu já

estava na reserva e a coisa tinha mudado. Já podia fazer declarações sem problemas. E por saber de sua seriedade, da Revista UFO e de seus demais membros, hoje sinto mais tranquilidade para falar sem correr o risco disso virar sensacionalismo. Não creio que esta revista vá dar tal conotação a essa matéria apenas para aumentar suas vendas. REVISTA UFO – Obrigado pela confiança, coronel. Mas como é que tudo começou? Qual foi o estopim inicial de seu interesse por Ufologia? Foi anterior à Operação Prato?

HOLLANDA – 1952 eu tinha 12 anos e estava na janela de minha casa, em Belém, quando apareceram uns objetos muito grandes que me chamaram a atenção. Havia uma luz imensa sobre a cidade. No dia seguinte a história estava publicada no jornal. A matéria dizia que aquilo tinha parado sobre uma federação de escoteiros, durante um campeonato de natação, e todo mundo viu. Foi aí que surgiu meu interesse por essas coisas, bem antes de ser militar e muito antes da Operação Prato. Sempre acreditei em vida extraterrena e na possibilidade de "eles" terem a curiosidade de nos observar. Somos um planeta com vida inteligente que deve suscitar o interesse de extraterrenos.

REVISTA UFO – O senhor chegou a engajar na Aeronáutica por causa de seu interesse pela vida fora da Terra?

HOLLANDA – Não. Sempre tive uma paixão muito grande pela aviação e pela vida militar. Como aviador da FAB, cheguei a ser chefe do Serviço de Intendência, no qual tinha muitas atribuições. Minha função era dar suporte administrativo e financeiro para ações do comando ao qual servia. Também fui chefe de operações do Serviço de Informações do meu comando. Era uma tarefa ligada à segurança do Estado, combate aos movimentos subversivos durante a efervescência após a Revolução de 64. Combatíamos as ações de terroristas e de partidos comunistas que tentavam se infiltrar no país.

REVISTA UFO – Consta em seu currículo também uma função bastante interessante, como chefe do Serviço de Operações Especiais de Selva. O senhor deve ter um monte de experiências para contar...

HOLLANDA – Sim. A FAB tinha um projeto de fazer um "*colar de fronteiras*". Era idéia de um brigadeiro inteligentíssimo chamado Camarão (Editor: João Camarão Teles Ribeiro), que tinha muito conhecimento da Amazônia. Ele queria formar pontos-chave por todas as fronteiras, construir campos de pouso de 200 em 200 km ao lado de missões religiosas protestantes ou católicas, e assentar lá agrupamentos que dessem assistência aos índios. A FAB daria suporte a tudo isso. Eu trabalhei nessa operação como pára-quedista, pois tinha bastante adaptabilidade a esse tipo de atividade.

REVISTA UFO – O senhor efetuou então muitas missões na selva. E apareciam muitos índios?

HOLLANDA – Eram muitas tribos indígenas, com muitos de abrindo áreas na mata para construção de campos. Alguns eram aculturados, outros não. Mas, a gente sempre trabalhava em algumas missões em contato com eles. Nessa época, as ações do Parasar sempre estavam coadjuvando (Editor: Pára-quedismo e Salvamento, do termo em inglês Parachute Search and Rescue). Eu era um pára-quedista responsável por ações de busca e salvamento na selva.

REVISTA UFO – Durante essa época, o senhor tomou conhecimento de algum tipo de descoberta relacionada à Arqueologia ou alguma observação, feita por militares na Amazônia, ligada a esse tipo de programa?

HOLLANDA – Sim, alguns colegas tiveram experiências do gênero, principalmente um amigo meu, que relatou que estava sobrevoando a selva e ficou surpreso ao ver uma formação piramidal coberta pela vegetação, no meio do nada. Parece que ali tinha existido algum núcleo de uma civilização muito antiga e que fora abandonada, tendo a selva tomado conta de tudo. Mas havia uma formação piramidal nítida, com ângulos perfeitos no Amazonas. Só não posso precisar exatamente onde. Mas, se não me engano, foi na região do Rio Jaguari. Isso me foi relatado pelo coronel Valério.

REVISTA UFO – Coronel, agora que sabemos bastante sobre sua atividade na FAB, vamos falar de Ufologia. Qual foi Sua Primeira Participação na pesquisa ufológica oficial dentro da Aeronáutica? Foi a Operação Prato ou já havia alguma coisa antes disso?

HOLLANDA – Não, de minha parte não. Minha atividade era somente a segurança do Estado e as coisas que envolviam o comprometimento da segurança nacional. Não tinha nada a ver com UFOs ou ETs. Mas eu já tinha conhecimento de alguns casos acontecendo na Amazônia.

REVISTA UFO – Esses casos atraíam, de alguma maneira, interesse ou preocupação por parte das Forças Armadas, no sentido de que fossem uma ameaça externa à soberania nacional?

HOLLANDA – Não eram vistos como ameaça externa. Os UFOs eram encarados mais como um fenômeno duvidoso. Alguns oficiais – talvez até a maioria deles – viam os UFOs como uma coisa improvável e faziam muita gozação a respeito. Faziam tanta brincadeira que acho que foi sorte essa Operação Prato sair. Acho que só aconteceu mesmo porque o comandante do Primeiro Comar (Editor: brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira), na época, tinha muito interesse nisso e acreditava em UFOs. Se não.....

REVISTA UFO – Como surgiu a idéia da Operação Prato? Foi um projeto seu, do comandante do Primeiro Comar ou uma coisa do Governo?

HOLLANDA – Eu não estava em Belém nessa época. Embora estivesse servindo na cidade, fazia um curso em Brasília. Mas quando retomei, apresentei-me ao chefe da Segunda Seção do Comar (Editor: Coronel Camilo Ferraz de Barros) e ele me perguntou se eu acreditava em discos voadores. Foi meio de surpresa. Eu nem sabia que estava ocorrendo uma pesquisa sobre o assunto. Quando respondi que sim, ele falou *"...então você está encarregado deste caso"*, e me deu uma pasta com o material. Era o início da operação, da qual eu ficaria encarregado, embora nem nome ainda tivesse.

REVISTA UFO – De onde veio a idéia de a operação se chamar Prato?

HOLLANDA – Essa idéia foi minha. Dei esse nome porque o Brasil é o único país no mundo que chama UFO de disco voador. Em francês é *soucoupe volante*, que significa pires. Os portugueses o chamam de *prato voador*. Na Espanha é *platillo volador*, e *platillo* é prato também. Enfim, até em russo se fala *prato*, nunca *disco*, como se faz no Brasil! E como nas Forças Armadas a gente nomeia algumas operações com uma espécie de código, esse caso não podia ser exceção, ainda que não pudesse ser identificado o objetivo da operação. Por exemplo, não poderíamos chamá-la de Operação Disco Voador. Por isso, ficou Operação Prato.

REVISTA UFO – Se o senhor recebeu uma pasta de seu chefe, então quer dizer que já havia em andamento alguma investigação a respeito?

HOLLANDA – Sim, quando eu cheguei de Brasília já havia agentes sendo enviados para investigar as ocorrências de UFOs, porque essa coisa já estava acontecendo há muito tempo na região de Colares, que é uma ilha pertencente ao município de Vigia, no litoral do Pará. O prefeito da cidade mandou um ofício para o comandante do Comar avisando que os UFOs estavam incomodando muito os pescadores. Alguns deles não conseguiam mais exercer sua atividade, pois os objetos sobrevoavam suas embarcações. Às vezes, alguns até mergulhavam ao lado delas, nos rios e mares. E a população local passava a noite em claro. As pessoas acendiam fogueiras e soltavam fogos para tentar afugentar os invasores. Foi o pavor que fez com que o prefeito se dirigisse ao comando do Comar pedindo providências, e o brigadeiro mandou que eu fosse investigar as ocorrências.

REVISTA UFO – Em algum momento houve a participação ou instrução de Brasília para que a situação fosse averiguada?

HOLLANDA – Na época, não participava das discussões. Era apenas um capitão e recebia ordens, somente. Eu não fiz parte desse trâmite e não sei como as decisões foram tomadas ao certo. Mas, pelo pouco que

sei, a decisão foi do comando do Comar. Se houve envolvimento de Brasília, eu não tomei conhecimento.

REVISTA UFO – Como é que o senhor estruturou a Operação Prato? Quantas divisões, quantas pessoas, quantas missões etc? Enfim, como o senhor organizou todas as tarefas?

HOLLANDA – Bem, nós éramos uma equipe. Eu era o chefe dela. E tínhamos cinco agentes, todos sargentos, que trabalhavam na segunda seção do Comar. Além disso, tínhamos informantes aos montes, gente nos locais de aparição das luzes, em campo, que nos ajudava. Às vezes eu dividia a equipe em duas ou três posições de observação diferentes na mata. Claro que ficávamos constantemente em contato uns com os outros, através de rádio.

REVISTA UFO – Qual era o objetivo imediato da Operação Prato? Observar discos voadores, fotografá-los e contatá-los?

HOLLANDA – Olha, eu queria mesmo é tirar à prova essa coisa toda. Queria botar isso às claras. Porque todo mundo falava nas luzes e objetos e até os apelidaram com nomes populares, tais como *Chupa-chupa*. E a FAB precisava saber o que estava realmente acontecendo, já que isso se dava no espaço aéreo brasileiro. Era nossa responsabilidade de averiguar. Mas no início da Operação Prato, eu queria mesmo era uma confirmação do que estava acontecendo.

REVISTA UFO – O que motivou a população local a chamar as luzes de *Chupa-chupa*?

HOLLANDA – Havia uma série de relatos de pessoas que tinham sido atingidas por um raio de luz. Todas julgavam que o efeito sugava-lhes o sangue. E realmente verificamos alguns casos e descobrimos que várias delas, principalmente mulheres, tinham estranhas marcas em seus seios esquerdos, como se fossem dois furos de agulha em torno de uma mancha marrom. Parecia queimadura de iodo. Então as pessoas tinham o sangue sugado, em pequena quantidade, por aquelas luzes. Por isso passaram a apelidá-los de *Chupa-chupa*. Era sempre a mesma coisa: uma luz vinha do nada e seguia alguém, geralmente uma mulher, que era atingida no seio esquerdo. Às vezes eram homens que ficavam com marcas nos braços e nas pernas. Na verdade, a cada dez casos, eram mais ou menos oito mulheres e dois homens.

REVISTA UFO – E vocês documentaram as marcas verificadas nas pessoas?

HOLLANDA – Sim, foi tudo visto e analisado por médicos, que às vezes iam conosco aos locais. Sinceramente, eu entrei nessa como advogado do diabo. Queria mesmo era desmistificar essa estória e dizer ao meu comandante que essa coisa não existia, que era alucinação coletiva, sei lá. Achava que alguma coisa estava sendo vista, mas que não era extraterrestre.

REVISTA UFO – O senhor imaginava que fosse o que, então, que estava sendo visto e até atacando as pessoas?

HOLLANDA – Não sei bem. Talvez a plumagem de uma coruja refletindo a luz da lua ou alguma outra coisa dessa natureza. Até acreditava em extraterrestres, mas não que as pessoas os estivessem vendo. E eu fui para lá verificar se era realmente isso. Passei pelo menos dois meses respondendo ao meu comandante, quando voltava das missões, que nada havíamos descoberto. Eram os primeiros dois meses da Operação Prato, nos quais nada vi que pudesse mudar minha opinião. Às vezes passava uma semana no mato e voltava apenas no domingo, para conviver um pouquinho com a família. A cada retorno, meu comandante perguntava: "*Viu alguma coisa?*" E eu sempre respondia: "*Vi luzes estranhas, ao longe, mas nada extraterrestre*". De fato, víamos luzes que piscavam, que passavam à baixa altitude, mas nunca nada de muito estranha.

REVISTA UFO – Isso era durante a noite. E o que acontecia durante o dia? Vocês tinham alguma outra atividade incorporada à Operação Prato?

HOLLANDA – Sim, tínhamos outras coisas a fazer, que eram parte dos objetivos da operação. Fazíamos entrevistas com pessoas que tiveram experiências, preparávamos os locais para passar a noite e buscávamos lugares "quentes" para fazer vigílias. Quando descobríamos que algo aparecera em tal lugar, para lá nos deslocávamos. Fazíamos um levantamento da situação, e sempre cadastrávamos os nomes dos envolvidos em um formulário próprio.

REVISTA UFO – Que procedimento ou metodologia era utilizado na coleta de informações?

HOLLANDA – Sempre colocávamos o nome da pessoa que teve a experiência, o local onde ocorreu, horário etc. Fazíamos uma descrição de cada fato ocorrido na mesma localidade. Assim, se acontecessem três casos numa noite, a gente ouvia três testemunhas. Algumas das descrições eram comuns, outras mais estranhas. Às vezes recebíamos relatos de coisas que não podíamos comprovar a autenticidade, como desmaterialização de paredes inteiras ou de telhados, por exemplo.

REVISTA UFO – Como assim? O senhor tem algum caso para ilustrar esse tipo de ocorrência?

HOLLANDA – Sim. A primeira senhora que entrevistei em Colares, por exemplo, disse-me coisas absurdas. Tínhamos saído de helicóptero de Belém só para ouvirmos uma mulher que tinha sido atacada pelo *Chupa-chupa*. Vi que ela tinha realmente uma marca no seio esquerdo. Era marrom, como se fosse uma queimadura, e tinha dois pontos de perfuração. Quando conversamos, relatou-me que estava sentada numa rede fazendo uma criança dormir quando, de repente, o

ambiente começou a mudar de temperatura. A senhora achou aquilo esquisito, mas nem imaginava o que iria ocorrer a seguir. Então, deitada na rede, viu que as telhas começaram a ficar avermelhadas, em cor de brasa. Em seguida, ficaram transparentes e ela pôde ver o céu através do telhado. Era como se as telhas tivessem se transformado em vidro. Ela via o céu e até as estrelas.

REVISTA UFO – Histórias bizarras como essa eram muito comuns durante a execução da operação Prato?

HOLLANDA – Muito, e me assustavam bastante, porque nunca tinha ouvido falar nessas coisas. Quando ouvia casos assim, ficava cada vez mais preocupado e curioso. Essa gente parecia ser sincera. Por exemplo, através do buraco que a mulher descreveu ela viu uma luz verde brilhando no céu. A senhora então ficou meio dormente, até que, em seguida, um raio vermelho que saiu do UFO atingiu seu seio esquerdo. Era curioso que na maioria das vezes as pessoas eram atingidas do lado esquerdo. E tem mais: exatamente na hora em que estávamos falando disso, uma menina chegou perto e disse: *"Olha, aquilo está passando aqui em cima"*. Quando saí da casa, vi cruzar a luz que a moça estava apontando, numa velocidade razoável, ainda que o céu estivesse bastante encoberto. Não era muito veloz e piscava a cada segundo, dirigindo-se ao norte. Parecia até um satélite, só que essa luz voltou em nossa direção - e satélites não fazem isso! Logo em seguida, aquilo ficou mais estranho ainda. Mesmo assim, não poderia dizer se era uma nave extraterrestre. Aliás, eu não estava lá para classificar qualquer coisa que surgisse como sendo disco voador.

REVISTA UFO – Vocês utilizavam algum tipo de equipamento de radar que pudesse confirmar ou fazer acompanhamento desses fenômenos?

HOLLANDA – Não. Todos os aeroportos têm radares fixos. Nós não portávamos nada desse tipo.

REVISTA UFO - Os ataques que estavam acontecendo com certa frequência eram comunicados ao Governo, às autoridades estaduais ou municipais?

HOLLANDA - Sim, claro. Vários médicos da Secretaria de Saúde do Pará foram enviados pelo governo para examinar as pessoas. Eles analisavam o lugar queimado e tomavam depoimentos dos pacientes, mas não faziam mais nada - nem tinham como. Algumas vítimas se recuperavam facilmente. Outras ficavam muito apavoradas. Havia umas que diziam ficar enjoadas, com o corpo dormente por vários dias. Um cidadão uma vez veio me procurar para dizer que próximo à sua casa tinha surgido uma luz, que focou um raio brilhante em sua direção. Ele me relatou ter ficado tão apavorado que correu para dentro da casa, pegou uma arma e apontou para a luz. Aí veio outra

ainda mais forte que fez com que ele caísse. O pobre coitado passou uns quinze dias com problemas de locomoção, mas não houve nada mais sério. Ele não foi atingido por nada sólido, como um tiro, por exemplo. Parece que a natureza dessa luz é uma energia muito forte que deixa as pessoas sem movimento. Acredito que as autoridades federais estavam informadas de que esse tipo de ataque a humanos estava acontecendo na região, mas desconheço provas. Eu apenas recebia ordens de meu comandante, mais nada.

REVISTA UFO - Se esses depoimentos foram coletados desde o início da Operação Prato, quando foi que o senhor teve seu primeiro contato frente a frente com UFOS naquela região?

HOLLANDA - Foi bastante significativo. Certa noite, nossa equipe estava pesquisando na Ilha do Mosqueiro, num lugar chamado Baía de Sol (Editor: um balneário conhecido de Belém, bem próximo a Colares), pois havia informações de que lá estavam acontecendo coisas. E como estávamos investigando todo e qualquer indício de ocorrências ufológicas, fixamo-nos no local. Nesse período, os agentes que tinham mais tempo do que eu nessa operação - já que "peguei o bonde andando" -, questionavam-me o tempo todo, após vermos algumas luzinhas, se eu já estava convencido da existência do fenômeno. Como eu ainda estava indeciso, diziam-me: "*Mas capitão, o senhor ainda não acredita?*". Eu respondia que não, que precisava de mais provas para crer que aquelas coisas eram discos voadores. Eu não tinha visto, até então, nave alguma. Somente luzes, muitas e variadas. E não estava satisfeito ainda.

REVISTA UFO - Eles deram início à operação antes e tinham visto mais coisas? Mas e aí o que aconteceu?

HOLLANDA - Eles avistaram mais coisas e acreditavam mais do que eu. E me pressionavam: "*Como pode você não acreditar?*". Um desses agentes era o suboficial Flávio (João Flávio de Freitas Costa, já falecido), que até brincava comigo dizendo que eu era cético enquanto uma dessas coisas não viesse parar em cima de minha cabeça. "*Quando isso acontecer e uma nave acender sua luz sobre o senhor, aí eu quero ver*", dizia ele, sempre gozando de meu descrédito. E eu retrucava que era isso mesmo: tinha que ser uma nave grande, bem visível, se não, não levaria em conta. E para que fui dizer isso naquela noite?

Acabávamos de fazer essas brincadeiras quando, de repente, algo inesperado aconteceu. Apareceu uma luz, vinda do norte, em nossa direção, e se aproximou. Aí ela se deteve por uns instantes, fez um círculo em torno de onde estávamos e depois foi embora. Era impressionante: a prova cabal que eu não podia mais contestar. Eu pedi e ali estava ela! Foi então que levei uma gozada da turma. "*E agora?*", os soldados me diziam...

REVISTA UFO - Quando foi isso?

HOLLANDA - Em novembro de 1977, logo no início da operação. O objeto tinha uma luz que se parecia com solda de metal, como solda elétrica. Foi curioso, pois quando era menino ouvia muitas histórias de coisas que a gente não conseguia enxergar por possuírem luminosidade muito forte. E foi o que eu vi, junto à minha equipe: uma luz azul, forte, de brilho intenso. Mas não vi a forma do UFO, só a luz que emanava.

REVISTA UFO - Vocês fotografaram esse objeto brilhante?

HOLLANDA - Fotografávamos tudo o que aparecia, mas levamos um "baile" durante uns dois meses com as fotos, pois nelas não saía nada. Sempre tínhamos os objetos bem focalizados, preenchendo todo o quadro da máquina, mas quando revelávamos os negativos, nada aparecia. Pensávamos, às vezes: *"Ah, agora vai sair"*, mas nada... Isso acontecia com frequência, até que ocorreu um fato inusitado. Eu estava analisando os positivos, muito chateado por não conseguir imprimir as imagens que víamos em nossas missões, quando peguei uma lanterna que usava em operações de selva, e fiz uma experiência. Foi a sorte...

REVISTA UFO - E o que aconteceu?

HOLLANDA - A lanterna tinha uma luz normal e forte numa extremidade e uma capa vermelha na outra, que servia para sinalização de selva. Era de um material semi transparente de plástico, tipo luz traseira de carro. Tirando-se a tal capa vermelha havia um vidro fosco. Eu olhei para aquilo e me lembrei que os médicos examinam as radiografias num aparelho que tem um quadro opaco com luz por trás (Editor: radioscópio). Este equipamento ajuda a fazer contraste de luz e sombra numa chapa de raio X. Assim, tive a idéia de pegar um filme já revelado e contrapô-lo ao vidro fosco da minha lanterna de selva. Foi então que pude ver um ponto que não conseguia enxergar antes! Eu não estava procurando marca ou objeto algum. Procurava uma luz, pois foi isso o que vimos na selva ao batermos as fotos. Só que a tal luz não aparecia, e sim o objeto por trás dela. No caso do rolo que estava analisando, vi um cilindro, que aparecia em todos os demais fotogramas. Ficou claro, então, que não conseguia imprimir a luz do objeto na foto, mas sim a parte sólida dele, talvez por uma questão de comprimento de onda, não sei. Não entendi porque a luz do UFO não impressionava aquele filme, somente a parte sólida. Depois, concluímos que aquele objeto seria uma sonda em forma de cilindro.

REVISTA UFO - Vocês fizeram muitas fotografias de UFOs como essas?

HOLLANDA - E como! Fizemos mais de 500. Eram dezenas de rolos de filmes, uma caixa de papelão cheia deles. Em quase todos os

fotogramas havia UFOs ou sondas. E veja você: todos aqueles negativos ficaram na minha frente, por quase dois meses de trabalho, e não conseguíamos nada. Não saía luz alguma nas fotos... Aí, depois do que descobri, fomos olhá-los novamente, e havia imagens fantásticas. Depois foi só mandar ao laboratório do Comar para ampliar e ver lindas sondas e UFOs nas fotografias. Dezenas deles!

REVISTA UFO - Depois de sua descoberta vocês fizeram novas fotos?

HOLLANDA - Sim, com a ajuda de um amigo chamado Milton Mendonça, que já faleceu. Ele era cinegrafista da TV Liberal, de Belém, e conhecia muito sobre fotografia. Pedi sua ajuda porque confiava bastante nele e sabia que, participando da operação conosco, não ia comentar nada com ninguém. Assim, informei o fato ao meu comandante, dizendo-lhe que estava com dificuldades no processo técnico fotográfico, e ele autorizou Milton a entrar no esquema. Ele foi conosco em algumas vigílias e sempre nos auxiliava. Até instruiu-nos a usar filmes especiais, com recursos de infravermelho, ultravioleta, etc. Pedimos, pois, o material para nossos superiores, em Brasília, e eles mandavam filmes ótimos. Com isso, passamos a ter melhores resultados. Conseguimos fotografar, então, objetos grandes e formatos que a gente nem imaginava.

REVISTA UFO - Quanto à forma, qual era o padrão mais comum que esses objetos apresentavam?



UYRANGÊ BOLÍVAR SOARES NOGUEIRA DE HOLLANDA HOLLANDA - No início da Operação Prato vimos o que todo mundo falava: sondas e luzes piscando. Inclusive, tinha um padre americano, chamado Alfredo de La Ó, falecido, que nos dava descrições de sondas e objetos nesse formato. Ele era pároco em Colares e falava de uma sonda que tinha visto várias vezes. Segundo Alfredo, ela era mais ou menos do tamanho de um tambor de óleo de 200 litros. Essa sonda apresentava um vôo irregular, não era uma trajetória segura. Voava como se tivesse balançando, e emitia uma luz. Às vezes andava junto a outras, que vinham e iam de um ponto a outro. Um dia, ela, aproximou por cima de nós.

REVISTA UFO - Vocês chegaram a perceber algum tipo de interação entre o que faziam e o comportamento do fenômeno?

HOLLANDA - Essa pergunta é bastante interessante, pois aquilo era uma coisa muito estranha. Eles, seja lá quem fossem, mostravam ter absoluta certeza de onde nós estávamos e o que fazíamos. Parecia que nos procuravam, pois, quando menos esperávamos, lá estavam, bem em cima da gente. Não mais do que um mês depois de passarmos a conviver nos locais de aparições, essas sondas começaram a vir sempre até nós. Às vezes, a gente se deslocava de um lugar para outro e lá iam elas, acompanhado-nos quase o tempo inteiro, como se tivessem conhecimento da nossa movimentação.

REVISTA UFO - Quer dizer então que os UFOs de alguma forma pareciam se "interessar" pelas atividades da Operação Prato?

HOLLANDA - Sabiam o que estávamos fazendo. Por exemplo, no caso da Baía do Sol, aconteceu algo peculiar. Naquela época já estava terminando o ano letivo e muita gente ficava na praia à noite. Tinha pelo menos umas 100 mil pessoas na orla, naquele fim de semana. No entanto, uma sonda veio para cima de nós, num lugar todo escuro onde não havia mais ninguém. Oras, por que veio ao nosso encontro, na escuridão, se tanta gente estava ali perto, na praia?

REVISTA UFO - Esse foi o primeiro grande acontecimento ufológico envolvendo o senhor?

HOLLANDA - Não digo que tenha sido grande, mas foi bastante significativo. Naquela ocasião voltamos para a base do Comar pela manhã. Foi quando conversei com meu comandante e disse que, pela primeira vez, algo estranho tinha acontecido.

REVISTA UFO - O senhor teve alguma reação física deste acontecimento em seu organismo, algum problema resultante dessa observação?

HOLLANDA - Naquele exato momento não, mas depois notei que todos perdemos um pouco da acuidade visual. Com o tempo, a visão enfraqueceu ainda mais, tanto que passamos a usar óculos. Mas isso ocorreu em razão de outras exposições que também tivemos mais para frente, noutros inúmeros contatos.

REVISTA UFO - Coronel, após um caso como esse, pelo que sabemos, vocês faziam um relatório completo, que era integrado à Operação Prato. Mas vocês também se submetiam a algum tipo de exame médico ?

HOLLANDA - Era feito um relatório do acontecimento, com hora, local, coordenadas geográficas, mapeamento da região etc. Tudo bem descritivo. Mas nunca tivemos que fazer exame médico, mesmo porque nunca tivemos qualquer problema.

REVISTA UFO - Quando seu comandante recebeu a notícia sobre o que aconteceu, como ele reagiu?

HOLLANDA - Ficou mais satisfeito, bastante alegre. Pareceu que sua reação foi de muito agrado.

REVISTA UFO – Esses casos ufológicos foram se repetindo? Do que mais o senhor se lembra para nos contar?

HOLLANDA – Bom, como a Baía do Sol era um local muito favorável para observações de UFOS, passamos a freqüentar a região com bastante regularidade. Tínhamos amigos no Serviço Nacional de Informações (SNI) – que não tem nada a ver com isso - os quais acompanhavam algumas de nossas missões. Os agentes eram nossos conhecidos, tinham curiosidade, por isso iam conosco. Às vezes, saíam notícias a respeito num ou noutro jornal local, fazendo com que muita gente em Belém comentasse sobre esses avistamentos. Minha mulher (Editor: de seu primeiro casamento, já falecida) e meu irmão sabiam das coisas que eu estava fazendo. Mas além desse círculo, ninguém de fora da base do Comar tinha ciência desses pormenores. Mesmo assim, pedia sempre muita reserva à minha esposa e irmão. Tanto que eles nem perguntavam detalhes.

REVISTA UFO – A população de Belém sabia que havia uma operação da FAB na região?

HOLLANDA – Não. Mas sabia que nós, da Aeronáutica, estávamos por lá, atentos a tudo. Algumas pessoas sabiam que existia uma operação, só não sabiam do nome nem dos resultados. Outras sabiam de pequenos detalhes, como o fato de eu ser capitão, ou de fulano ou sicrano ser sargento, mas ninguém sabia dos resultados da missão. Nem bem o que exatamente fazíamos. O que se desconfiava era que a gente estava examinando. Só! No caso dos oficiais do SNI, quando me pediram para ir, eu disse que não tinha problema, mas, que deveriam pedir autorização ao seu chefe (Editor: na época, o chefe do SNI em Belém era o coronel Filemon). E o chefe deles autorizou, porém não como uma missão do serviço de informação. Apenas para sanarem suas curiosidades.

REVISTA UFO – O serviço Nacional de informações chegou a desenvolver algum trabalho ufológico depois disso?

HOLLANDA – Não. Os agentes só queriam ver aquelas coisas voando, junto de nossa equipe. Eles sabiam que estávamos fazendo um trabalho sério em certos locais de vigília. E como confiavam em nossa experiência, seguiam-nos aos pontos mais prováveis de avistamentos de UFOS. Um dia, junto ao Milton Mendonça, chegamos à Baía do Sol, lá pelas 18:00 horas, e montamos nosso equipamento fotográfico. Ficamos então num lugar escuro, reservado, observando o que viria a acontecer. No entanto, por razões pessoais, tive que voltar mais cedo

naquela noite, para estar em Belém às 20:00 h, pois tinha um compromisso. Por volta das 18:30 horas, surgiram três pontos luminosos alinhados muito alto no céu, em grande velocidade. E olha que eu conheço avião para dizer que a velocidade daquilo era bem acima da média. Os pontos estavam voando no sentido oeste-leste. Quando deram 19:00 horas, apareceram mais dois estranhos objetos piscando alinhados, um atrás do outro, no sentido norte-sul.

REVISTA UFO – Qual foi a sequência com que os fatos se apresentaram?

HOLLANDA – Bem, o pessoal do SNI não chegava. Tínhamos combinado às 18:00 horas. Ficamos aguardando-os para que acompanhassem nossa vigília. Assim, esperei apenas mais um pouco e, quando começamos a desmontar o material, pois não podia mais aguardar. Finalmente chegaram e perguntaram se tinha havido algo. Eu brinquei, dizendo ter marcado às 18:00 horas e eles só apareceram às 19:00 horas, numa referência ao fato de que ali passa UFO quase que de hora em hora. E um deles fez então uma pergunta idiota: "*A que horas passa outro?*". Respondi que não sabia e que aquilo não era bonde para ter horário. Falei ainda que eles deviam ficar ali a noite inteira, esperando para ver UFOs. Nesse momento, enquanto conversávamos, um deles disse: "*Olha aqui em cima, agora. Olha para o alto*". Foi aí que o herói brasileiro tremeu nas bases, porque tinha um negócio enorme bem em cima da gente. Era um disco preto, escuro, parado a não mais que 150 metros de altura, exatamente onde estávamos.

REVISTA UFO – Deve ter sido uma experiência fantástica e aterrorizante. O objeto tinha luzes, emitia algum ruído, fez algum movimento?

HOLLANDA – Ficou parado, mas tinha uma luz no meio, indo de amarela para âmbar. E fazia um barulho como o de ar condicionado. Parecia com um ruído de catraca de bicicleta quando se pedala ao contrário. Aquele negócio era grande, com talvez uns 30 metros de diâmetro. Olhamos para aquilo por um bom tempo, até que começou a emitir uma luz amarela muito forte, que clareava o chão, repetindo isso em intervalos curtos mais umas cinco vezes.

REVISTA UFO – Qual foi a reação dos membros do SNI?

HOLLANDA – Não foi só o pessoal do SNI, não. Todo mundo ficou espantado! Eu mesmo nunca tinha visto algo assim, e olha que já estava quase há dois meses nessa operação. Nunca aparecera uma nave desta forma para gente. Foi tão inusitado que nem lembramos de montar novamente a máquina fotográfica, que já estava guardada, pois já íamos embora. Também não dava tempo, pois estava guardada em caixas próprias e demoraria para que fosse retirada, montada e

armada. Só nos restava ficar olhando, assustados, para aquela coisa que iluminava tudo com uma luz amarela forte que ora apagava, ora acendia.

REVISTA UFO – Parece que estavam dando uma demonstração a vocês, latejando dessa maneira estranha...

HOLLANDA – É. O UFO fazia isso em intervalos de dois segundos. Apagava, acendia, apagava. Era uma luz progressiva, que não clareava como um flash, mas que crescia e voltava à mesma intensidade. Estávamos até sentindo que alguma coisa podia acontecer, pois estava escuro, era um local bastante isolado e ninguém sabia que a gente estava lá - só nós e "eles" [risos].

REVISTA UFO – Houve alguma ocasião em que outras equipes de diferentes órgãos do Governo participaram junto a vocês?

HOLLANDA – Não. O que eu sei é que houve um vazamento de informações sobre a Operação Prato. Algumas pessoas comentavam sobre a incidência de avistamentos. Creio que o vazamento se deu no Aeroclube de Belém. Teve uma vez em que uma equipe do jornal "O Estado do Pará" foi para o lugar onde a gente estava acampado e, como sabia que estávamos na área, ficou na espreita. Noutra vez eles se enganaram: foram a um ponto onde acharam que estaríamos, mas se deram mal, pois estávamos em outro. Numa dessas aventuras, eles chegaram a ver alguma coisa, porém foi algo tão esquisito que jamais voltaram. Alguns repórteres juraram que nunca mais fariam uma missão dessas. Eles viram uma luz se aproximando à baixa altitude e pegaram o carro para chegar mais perto. A luz se dirigiu até onde estavam e focou um raio em cima deles. pelo que soube, o teto do carro ficou translúcido, como se fosse de vidro. Aí o objeto fez umas evoluções em cima do automóvel, permitindo até que fotografassem aquilo. As fotos foram publicadas em página inteira. Tinham uma nitidez incrível. Mas depois do susto que tomaram, as testemunhas sumiram de carro - parece que alguns tiveram acesso de vômito e se descontrolaram emocionalmente. Quem pode dar informação sobre este fato é o Pinon [Editor: Ubiratan Pinon Frias], que era o piloto do Aeroclube de Belém.

REVISTA UFO – Com todos esses fatos acontecendo e vocês mandando toda hora relatórios para sua chefia, em algum momento perguntou a ela se haveria possibilidade de informar à população sobre as ocorrências e a operação Prato?

HOLLANDA – Não, não foi feita essa pergunta porque a gente já sabia que não era possível que a população viesse a saber dos acontecimentos. Não seria cabível essa dúvida ao meu comando, porque isso era assunto reservado. Minha missão era coletar dados e entregar ao comandante, e isso era tratado com confidencialidade.

Tínhamos que documentar, fotografar e filmar os UFOs, se possível, e entregar tudo ao Comar. Daí para frente, o destino que seria dado ao material era responsabilidade dele.

REVISTA UFO – O senhor tem idéia do que era feito desse material?

HOLLANDA – Os relatórios com desenhos, fotos etc eram preparados, classificados, passados ao comandante e arquivados no próprio Comar, numa sala reservada. Depois disso, alguns iam para Brasília, segundo fui informado na época. No entanto, pelo que sei, a reação dos altos escalões era de ceticismo - alguns colegas até brincavam com os fatos.

REVISTA UFO – O senhor teve conhecimento de que a FAB já teria instituído um sistema de pesquisa oficial quase 10 anos antes, em 1969, chamado Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (SIOANI)?

HOLLANDA – Nessa época, em 1969, eu era tenente na Base Aérea de Belém e foram distribuídos entre nós vários livretos informativos sobre o assunto, pedindo para que os oficiais que se interessassem pelo tema fossem voluntários para preparar relatórios com depoimentos. Foi só. Depois as discussões morreram.

REVISTA UFO – Em algum momento houve participação de militares americanos pedindo informações ou detalhes sobre o trabalho de vocês na operação?

HOLLANDA – Que eu saiba, não. Se isso ocorreu foi em altas esferas e, como já disse, eu era apenas capitão. Não me metia nessas coisas e nem podia saber nada a respeito.

REVISTA UFO – A incidência desse fenômeno na Amazônia, durante a Operação Prato, chegou a ser diária?

HOLLANDA – Sim, era diária e muito ativa. Chegamos a verificar pelo menos nove formas de UFOs. Conseguimos deterrniná-las e classificá-las. Algumas eram sondas, outras naves grandes das quais saíam objetos menores. Filmamos tudo isso, inclusive as naves pequenas voltando ao interior de suas naves-mãe, as maiores. Tudo foi muito bem documentado.

REVISTA UFO – Quais eram os equipamentos que vocês utilizavam para registrar todo esse movimento?

HOLLANDA – Tínhamos máquinas fotográficas Nikon profissionais, com teleobjetivas de 300 a 1000 mm, dessas grandes. Era um terror trabalhar com elas, porque tinham um foco rapidíssimo. Qualquer "bobeada", qualquer movimento em falso, e perdíamos os UFOs. Mas eram equipamentos de primeira. Também tínhamos filmadoras e gravadores, na possibilidade de um ruído ser ouvido ou de alguma coisa que pudesse ser registrada.

REVISTA UFO – Vocês tinham expectativa dessas naves entrarem em contato com vocês, se é que esse não era um dos objetivos da Operação Prato?

HOLLANDA – Estávamos expostos a tudo. Para falar a verdade - e não estou fazendo mistério -, podia acontecer qualquer coisa, no mato, na selva, nas praias, em qualquer lugar. Estávamos em operação militar e, por obrigação, tínhamos que agüentar tudo. O quer que ocorresse teria sido no cumprimento do dever.

REVISTA UFO – Vocês portavam armas nas missões?

HOLLANDA – Não, em nenhum momento. Nunca pensei em levar arma, e nem mesmo por via das dúvidas. Não esperávamos que houvesse necessidade. e por isso, nem pensamos nessa hipótese, mesmo quando estruturávamos a montagem da operação, sua parte logística, de alimentação, transporte, comunicação etc.

REVISTA UFO – Mas houve algum momento dentro da operação em que o senhor teria percebido que esse fenômeno pudesse ser perigoso?

HOLLANDA – Uma vez sim. Foi o aparecimento de algo muito forte, tanto que quando essa coisa aconteceu eu tive medo de que pudesse se dar uma abdução. Só comentei com algumas pessoas, e uma delas, meu amigo Rafael Sempere Durá, chegou a me repreender gravemente por ter-me exposto a algo perigoso. "Seu maluco irresponsável. Você tem comandante. Mas sou seu amigo e esto-te proibindo de fazer uma coisa dessas", disse, zangadíssimo, quando soube o que aconteceu. O facto foi realmente grave. Durante a Operação Prato, estávamos numa embarcação ancorada à margem do Rio Jari quando uma coisa enorme parou a não mais que 70 metros do barco.

REVISTA UFO – Quais as características dessa "coisa"?

HOLLANDA – Para responder, tenho que dizer por que nós estávamos lá. Bem, fomos ao local porque tenho um amigo, oficial da FAB na época, o capitão Victor Polonês [Editor: Victor Jamianiaski, descendente de poloneses radicado em Belém], que gostava muito de pescar e freqüentava o local. Um dia, sabendo que a gente estava nessa investigação, contou-me o caso de um rapaz que trabalhava apanhando barro para uma olaria próxima dali. Essa olaria era de Paulo Keuffer, de Belém. O rapaz se chamava Luís e me contou um fato incrível. Disse que certo dia, enquanto colhia barro, viu vestígios de uma paca comendo restos de flores de uma árvore à beira do rio e a acompanhou para caçá-la. Ele voltou à olaria, esvaziou o batelão [Editor-. embarcação de 7 a 9 m com motor de centro], aprontou uma espingarda, voltou ao local, onde armou um acampamento em cima de uma árvore. Pendurou sua rede e ficou com lanterna e espingarda preparadas para a chegada do animal.

REVISTA UFO – E aí, o que aconteceu depois disso?

HOLLANDA – Bom, quando ouviu um barulho, e pensou que era a dita cuja, passou por ele uma luz muito forte que logo depois voltou e parou sobre onde estava. Do centro dessa nave, descrita como sendo similar à cabine de um Boeing 737, abriu-se uma porta ou algo assim e desceu um ser com forma humana. Luís disse-me que não teria visto escada de corda, nem de metal, mas que a entidade tinha descido através de um foco de luz, com os braços abertos. Quando ele se aproximou, e Luís viu que estava correndo perigo, pulou fora e se escondeu numa árvore próxima, mas ficou observando o que se passava. Então o ser chegou com uma luz vermelha na mão - que não era lanterna, mas estava na palma de sua mão -, e examinou a rede deixada na árvore. Como também o lugar onde estava e tudo o mais, mas não procurou Luís nem ficou vasculhando o local. O ser foi direto ao local onde o rapaz tinha se escondido, morrendo de medo. Rapidamente, focou um raio de luz vermelha em sua direção, fazendo-o correr para dentro da vegetação.

REVISTA UFO – O estranho ser percebeu de alguma forma automática onde estava Luís e foi em sua direção. Não parece boa coisa?

HOLLANDA – Pois é. Mas Luís saiu por uma margem do rio, tropeçando em troncos e raízes, com dificuldade de caminhar e tudo mais. Aí o ser voltou para nave e a mesma passou a segui-lo dentro do curso do rio, à baixa velocidade e pouca altitude, talvez à altura da copa das árvores. Luís ia devagar e nem conseguiu pegar o barco que estava mais à frente, como pretendia. Não teve jeito: gritou e atraiu a atenção de algumas pessoas, que vieram a seu encontro. Ao verem aquilo, pularam dentro d'água e ficaram observando à distância, só com os olhos de fora. O que viram foi incrível: a nave parou em cima do batelão, o mesmo ser desceu e examinou todo o barco, exatamente como fez com a rede. Aí ele foi até a nave, a porta se fechou e o UFO disparou para longe. Conversei com Luís no Comar e decidi ir ao local ver a situação. Ao chegarmos lá, eram mais ou menos 19:00 h e estava chovendo razoavelmente. Os agentes foram para dentro da casa do zelador da olaria. Como chefe da equipe, não entrei: permaneci alerta, esperando para ver se alguma coisa acontecia.

REVISTA UFO – E aí, o que aconteceu do lado de fora da olaria, coronel?

HOLLANDA – Olha, veio uma coisa escura, da qual não pude ver a forma. Não sei se era discóide. Sei lá, só se via as luzes daquilo, uma verde intensa e outra vermelha. Estranho era o barulho que esse troço fazia, como ar condicionado, porém bem mais forte. Parecia barulho de turbina, como se houvesse uma coisa girando. Dá pra entender? Isso passou em cima de onde estávamos, mas em tão baixa altitude que não

poderia ser um avião. Nenhum piloto faria aquilo, pois estaria morto. Um vôo rasante daqueles já é perigoso demais num dia claro, agora, imagine com chuva e de noite. Aí eu gritei para minha equipe: *"Acabei de ver um treco muito estranho aqui"*. Então entramos no barco e fomos para o tal lugar onde Luís tinha tido o contato. Chegando lá, fomos até a árvore onde ele havia caçado a tal paca. Ficamos todos ali embaixo. Mas com a maré enchendo, a gente estava com a água cada vez mais alta.

REVISTA UFO – O jeito era subir numa árvore, então, e aguardar os acontecimentos...

HOLLANDA – Era, pois a maré foi subindo cada vez mais. Ficamos lá, em cima da árvore, aproximadamente umas dez horas. Quando decidimos ir embora, fomos em direção ao barco, que estava parado na outra margem, e guardamos o equipamento. Quando então que, a mais ou menos uns 2.000 metros, veio cruzando o rio, de norte para o sul, uma luz muito forte, de cor amarela, âmbar como o Sol, porém em baixa altitude. Aquilo estava em cima das árvores e cruzou o rio na mesma posição que a anterior, praticamente onde fica a residência do vigia – ou seja, no local onde eu a tinha visto pela primeira vez.

REVISTA UFO – Emitia o mesmo som de ar condicionado ou era alguma vibração mais intensa?

HOLLANDA – Tinha som, sim. Mas nos concentramos em filmar aquilo. Você pode ver no filme [Editor: que, no entanto, não foi nos mostrado porque o coronel não o possui mais] uma tremedeira ou coisa assim, e uma luz como se fosse de chama. Aparece também o rastro dela refletida no rio. Isso tudo foi bem filmado.

REVISTA UFO – Quando vocês tinham algum documento desse gênero, uma filmagem espetacular como essa, esse material não ia para Brasília?

HOLLANDA – Ainda não. O filme ficava retido lá no Comando Aéreo. Depois é que Brasília solicitava o material. Eu não acho que eles acreditavam muito nessa história, mas alguém lá queria vê-lo.

REVISTA UFO – Brasília achava que era o quê? Meia dúzia de birutas no meio do mato pesquisando?

HOLLANDA – Não sei. Falava-se tanta coisa sobre isso, mas ninguém queria se expor. Talvez alguém pudesse dar crédito para uma coisa dessas, mas tinha colegas lá que eram céticos. Outros ficaram sabendo que os UFOs eram verdadeiros.

REVISTA UFO – Voltando ao UFO que vocês estavam observando lá, às margens daquele rio, tal experiência deve ter sido extraordinária...

HOLLANDA – Bom, foi mesmo. E nós registramos hora, altura, direção, essas coisas todas que tinham que constar no relatório.

Enquanto aquilo estava lá, à nossa frente, eu pensava: *"Agora mesmo é*

que não saio daqui. Agora vamos ter que ficar". Mas não tínhamos levado comida, café, água, nada. Não tínhamos levado nada. O que veio a seguir é impressionante.

REVISTA UFO – O senhor estava falando de um contato que teve ao lado de outros membros de sua equipe, próximo a uma olaria em Belém. Enquanto examinava o local onde Luis teve seu avistamento, seus companheiros adentraram a olaria e o senhor permaneceu do lado de fora. O que puderam observar?

HOLLANDA – Bom, como tínhamos que voltar lá para fazer as anotações necessárias (pois marcávamos tudo, desde horário, altura, direção etc), e não havíamos levado nada, nem comida ou tomado café, Luis se propôs a ir até sua casa – casebre à beira do rio – para nos trazer café, bolacha e água. Ele saiu com um barquinho em direção a uma ilhota de uns 15 ou 20 metros de largura, mas muito comprida. Um garoto de uns 9 anos de idade foi com ele. Eles foram remando e desapareceram nessa ilha.

REVISTA UFO – O senhor quer dizer que os dois sumiram em frente ao olhos de todos os outros membros?

HOLLANDA – Isso mesmo. Logo que Luis desapareceu, fiquei em pé, em cima do toldo do barco. Enquanto isso, os agentes comentavam sobre o que estava acontecendo, mas como eu era o chefe, não podia me dar ao luxo de ficar conversando. Tinha que ficar alerta. Foi então que, à minha esquerda, próximo ao início do rio, veio uma luz muito forte (a mesma luz amarela). Enquanto ela se aproximava, fiquei quieto. E como aquela claridade continuou se aproximando, chamei a atenção dos agentes para o fenômeno.



MARCO PETIT DE UYRANGÊ BOLIVAR DE HOLLANDA **REVISTA UFO** – Esses agentes estavam equipados com máquinas fotográficas para registrarem o episódio?

HOLLANDA – Sim. Logo que notaram a presença do objeto, prepararam máquina fotográfica, filmadora, tudo. Aquela coisa veio em nossa direção a uns 200 ou 250 metros de altura. Cruzou por cima da gente e quando chegou perto, na margem do rio, apagou-se. Era

uma luz amarela e muito forte, como se fosse um sol, e a gente não via seu formato, somente o clarão. De repente, pudemos notar que objeto tinha uma forma estranha de bola de futebol americano, pontuda e grande (mais ou menos uns 100 m). Um aparelho translúcido, com janelinhas em toda a sua extensão. Porém não pude perceber se havia alguém lá dentro, apesar de ter passado devagar como se fosse de propósito. A filmadora estava acionada e como emitia um ruído, pedi para que o agente que a estava manejando, um japonês, parasse de filmar, porque eu queria tirar algumas dúvidas e não desejava interferência de sons. Então o cinegrafista parou.

REVISTA UFO – Depois que ele desligou a filmadora, puderam-se ouvir barulhos mais nítidos que identificaram aquele fenômeno?

HOLLANDA – O cinegrafista perguntou: *"Voce está ouvindo?"*. Respondi que sim. Era um barulho de catraca, esquisito e oscilante. Depois continuamos filmando e fotografando até que a coisa foi embora, seguindo rumo ao continente. Isso aconteceu entre 11:00 e 11:30 horas, conforme o relatório. Já faz muitos anos, mas, recordo-me do horário. Após esse episódio, comentamos: *"Mas que troço esquisito"*. Por volta de 01:00 ou 01:30 horas, ela voltou, só que não era mais da cor do sol: era de um azul muito forte e acompanhou a margem oposta do rio. Quando chegou perto da ilha, foi em direção a Belém, mas estava muito baixa, passando sobre as copas das árvores.

REVISTA UFO – Essa foi a situação mais complicada da qual foram testemunhas? Qual o avistamento mais extraordinário dentro da Operação Prato?

HOLLANDA – Foi. Aparentemente, a luz se aproximou de Belém, depois voltou em nossa direção. Víamos através das copas das árvores que tinha uma luz lá em cima e que ela havia penetrado a mata.

REVISTA UFO – Vocês chegaram a fazer cálculos da distância em que o UFO permaneceu?

HOLLANDA – Como ele estava a nossa frente, fui até lá por curiosidade e para colher dados exatos para o relatório. Sua distância era de 70 metros. Aquele monstro azul, embora tivesse um brilho muito forte, podia ser olhado diretamente sem que ardesse as vistas. Não havia nada, apenas aquela luminosidade forte. Um troço incrível. Ficamos parados a observá-lo. Então fiquei com medo, porque estava muito perto, do outro lado do rio, ou seja, a mesma distância de uma trave a outra num campo de futebol. Aquele objeto ficou parado durante uns três minutos. Enquanto isso, olhávamos em silêncio. De repente, a luz se apagou rapidamente e pudemos ver o que estava por trás dela.

REVISTA UFO – E o que era, coronel? Algum objeto diferente?

HOLLANDA – Era novamente a bola de futebol americano em pé, a 100 metros de altura, parada e sem janela alguma. Devia ser o mesmo UFO, só que com o interior apagado. Sei lá, alguma coisa desse tipo. Todo mundo ficou com medo. Uma das pessoas ainda perguntou: *"E agora? E se esses caras vierem e carregarem a gente, como é que fica?"*. Tudo era novidade para nós e ninguém sabia o que poderia acontecer daí para frente.

REVISTA UFO – Coronel, o senhor está a par do fato de que esse tipo de ocorrência na Amazônia não é uma coisa comum em outros lugares do mundo? Na sua opinião, por que essas naves insistiam tanto em aparecer nas regiões Norte e Nordeste, principalmente perto da Amazônia, e quais eram os objetivos delas?

HOLLANDA – Não, não sabia que casos como esse eram raros. Sob meu ponto de vista, o qual expus a alguns amigos, passei a me interessar muito mais pelo assunto depois que terminei meu trabalho na Aeronáutica. Para mim, Ufologia é um assunto muito sério. Descartava muita coisa acerca de avistamentos ufológicos, por nunca ter visto nada que pudesse me dar certeza. Depois que vi uma nave, quis entender o fenômeno, e como oficial de operações de selva quis tirar minhas próprias conclusões. Mas não podia colocá-las no relatório, porque eram pessoais, resultado de um estudo aprofundado. Tivemos muito contato com tribos indígenas, por isso, preocupávamos-nos em não transmitir a eles doença de espécie alguma, pois os índios não tinham anticorpos, ao contrário de nós. Podíamos passar gripe, sarampo, difteria, tuberculose, enfim...

REVISTA UFO – Seria uma tragédia?

HOLLANDA – Com certeza, porque nós temos controle em nosso corpo. Nosso organismo tem defesas, e o deles não. Daí minha preocupação de que mesmo cumprindo a missão, involuntariamente, tivéssemos transmitido doenças aos índios. Felizmente nunca houve um caso desses. Não me lembro de ter prejudicado algum índio dessa maneira. Conclui outra coisa a respeito de por que aqueles seres estariam fazendo isso. Se eu fosse eles e precisasse de um aparecimento aberto, franco, direto, o que teria que fazer? Proteger a mim e a meus companheiros. Mas como? Sabendo o que cada um possui dentro de seu próprio organismo que possa danificar o meu, entende? Essa defesa só poderia ser feita se tivesse uma amostra do nosso sangue e tecidos. Não foi difícil imaginar que eles estivessem fazendo coleta de material genético, para ver o que continhamos que pudesse danificá-los num contato necessário futuro, certo? Não só sangue, mas também nossas células. Não sei ao certo o que essa luz com alta energia podia fazer, ou se transportava partículas do corpo humano para serem analisadas mais tarde. Hoje ainda não compreendo o tal processo de

clonagem. Na época, não pensei em nada disso, a não ser que eles estavam coletando material que pudesse prejudicá-los num possível contato próximo.

REVISTA UFO – A população ribeirinha imaginava que a intervenção deles seria uma agressão? Ela chegou a se armar para se defender desse tipo de fenômeno?

HOLLANDA – Claro, eles imaginavam estar sendo atacados por algum ser maldoso, como um vampiro ou um morcego...

REVISTA UFO – Vocês estavam agindo em sigilo absoluto?

HOLLANDA – Não. Os populares pensavam que eram coisas que vinham de fora, de outro planeta. Eles já viam formas estranhas e luzes antes de mim. As naves também, pois demorou muito para eu observá-las.

REVISTA UFO – A população ribeirinha dessas regiões andava armada?

HOLLANDA – Sim, a população que vivia as margens do rio usava foguete, andava armada com espingardas de cartucho e de caça.

REVISTA UFO – Vocês documentaram isso através da Operação Prato?

HOLLANDA – Foi relatado que eles portavam armas. Alguns até atiravam, e eu só dizia para não fazerem isso. O próprio padre falava que não havia motivo para tanto: *"Vocês nunca vão fazer nada. Quem tentar Ihes apontar uma arma ficará 15 dias dormente, imobilizado na rede"*.

REVISTA UFO – Coronel, essa experiência que o senhor acabou de descrever teve alguma influência em sua vida, em sua forma de ver o mundo? Isso aconteceu no final da Operação Prato?

HOLLANDA – A Operação Prato foi até quando a Aeronáutica mandou interrompê-la. Esse relato foi passado ao meu comandante, dizendo tudo a respeito e como foi a coisa. Posteriormente, o filme foi revelado e assistido no auditório do Quartel Genral por vários oficiais.

REVISTA UFO – Quais foram suas conclusões a este respeito?

HOLLANDA – Não havia dúvidas. Não tínhamos visto a forma do objeto na hora em que se deu o avistamento. Só fomos ver depois da impressão fotográfica. A coisa tinha no alto uma porta aberta, como a de um Boeing. Não havia ser algum dentro do objeto, na fotografia também não aparece nada, exceto um feixe de luz em direção ao barco onde estávamos. Dessa abertura parecia que alguém focava em nossa direção. Na ocasião, a luminosidade era tão forte que nos impedia de ver qualquer forma no interior daquela bola azul enorme.

REVISTA UFO – Com uma declaração desse nível, uma coisa extraordinária como essa, por que o Comar e a Aeronáutica

desativaram a Operação Prato em apenas três ou quatro meses de trabalho?

HOLLANDA – Olha, talvez tenha sido por causa da especulação da população. São perguntas que não podem ser respondidas. Quem são, por exemplo, ninguém sabe. Talvez quem esteja mais avançado sejam os americanos, os russos. De onde vem? Não há resposta. O que eles querem? Também não sabemos. São as três questões feitas e que ninguém pode responder – o que desmoralizava a Força Aérea e o Governo Brasileiro.

REVISTA UFO – Mesmo assim, não compensaria a Força Aérea manter o projeto em busca dessas ou de outras respostas? Por que fechá-lo? E como foi que essa ordem chegou?

HOLLANDA – Se eu fosse o comandante, continuaria. Mas eu só obedecia, e a ordem era parar. E assim foi cancelada a operação, quer estivéssemos satisfeitos ou não.

REVISTA UFO – O senhor acatou e bateu continência?

HOLLANDA – Sim, pois já tinha acabado. A conclusão sobre a coleta de material para fazer antídoto, vacina, solução sorológica que inibisse qualquer incidência de moléstia no corpo desses alienígenas, a partir do sangue ou do material colhido do corpo humano, foi exposta quando visitei Rafael Sempere Dura, em São Paulo. Depois de uma longa conversa, mostrei minha opinião. Ele disse que essa era a explicação mais lógica que ouviu a respeito do *Chupa-chupa*, porque o que se ouvia era falar em agressão, e eu discordava: *"Não foi agressão de forma alguma. Foi pesquisa ou coleta de material, como alega Jacques Vallée"*. Sempere me agradeceu, dizendo: *"Foi a explicação mais lógica que eu ouvi até agora"*.

REVISTA UFO – Depois que a operação foi encerrada, o material que vocês coletaram permaneceu em Brasília ou em Belém?

HOLLANDA – Em Belém. Várias vezes eu tentei escrever um relatório final, pois o original era parcelado, caso a caso. Por exemplo, se numa noite o fenômeno se manifestava três vezes, então tinha que ser feito um relatório. Pelo que eu escrevia, baseado em tudo que via, achava que em Brasília iam me chamar de louco, pois eles não estavam lá para presenciar.

REVISTA UFO – Mesmo depois do encerramento da Operação Prato o senhor continuou pesquisando, investigando, fazendo suas vigílias? Como é que foi isso? Teve alguma outra experiência interessante?

HOLLANDA – Bem, nunca relatei isso. Estou abrindo exceção para você, Gevaerd, em altíssima confiança, por sua seriedade, porque já estou com 60 anos de idade, daqui a pouco faço 70. Isso se eu chegar lá e não desaparecer antes... Eu estava em casa, tinha recebido uns livros

que solicitei a Bob Pratt – o qual me visitou logo no início da Operação Prato.

REVISTA UFO – O que ele queria com o senhor? Qual era o interesse dele? Quais outros ufólogos o procuraram para saber a respeito disso?

HOLLANDA – Conversar comigo. Ele queria saber sobre o que tinha havido, porque ele esteve na liha dos Caranguejos, e eu não sabia da existência desse local nem do que tinha ocorrido por lá. Depois mandei verificar a área. Dentre os ufólogos que me procuraram na época, estão: Max Berezowski, general Uchôa, um ufólogo argentino, cujo nome não recordo, Jacques Vallée e Reginaldo de Athayde. Nunca mais mantive contato com Berezowski, mesmo depois de suas cartas e telefonemas. Não tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, porque minha mulher não concordou em hospedá-lo em casa, Jacques Vallée falou comigo anos depois e me deu até um livro de presente.

REVISTA UFO – O senhor estava autorizado a declarar alguma coisa a esses ufólogos naquela época? Caso tenha falado algo que pudesse comprometê-lo, esses pesquisadores mantiveram suas palavras, respeitando sua posição perante a FAB?

HOLLANDA – Eu conversava com eles sobre o assunto, eles até viram algumas fotografias. Apenas pedi a eles que respeitassem minha posição, pois não podia divulgar alguma informação, o que compreenderam perfeitamente bem. Continuaram trocando correspondências comigo. Eu era frequentemente consultado sobre alguns casos, inclusive por ufólogos internacionais, da Espanha, EUA etc.

REVISTA UFO – Como eles mandavam casos para o senhor analisar e emitir um parecer?

HOLLANDA – Através de Rafael Dura, de Osni Schwarz [Editor: nesse instante Uyrangê volta a falar sobre sua experiência inédita ao receber os livros de Bob Pratt]. Eu lia todos os livros para me aprofundar mais em Ufologia, humanóides, aparecimentos, abduções, outras coisas, e assim pude me munir de mais conhecimentos sobre a temática. Já não tinha mais nada com a Força Aérea, mas continuava interessado pelo assunto. Sempre empilhava meus livros sobre uma estante. Um dia, estava deitado, lendo uma obra que não tinha nada a ver com ufologia, enquanto minha filha, ainda pequena, lia uma revistinha de criança. De repente, os livros se deslocaram como se tivessem sido pegos e a pilha inteira caiu no chão. Ressalto que morava na Vila Militar, bem distante da rodovia, onde não havia trepidação de carro que justificasse a causa de tal circunstância.

REVISTA UFO – Eles estavam empilhados na vertical?

HOLLANDA – Quando eles bateram no chão, claro que a pilha desmontou, mas os livros não se espalharam. Eles vieram empilhados

até o chão. Minha filha Daniela assustou-se e perguntou: *"Pai, que engraçado... Como é que os livros caíram?"*. Nessa mesma hora, minha mulher estava no andar de baixo, preparando mamadeira para as crianças, quando algo semelhante aconteceu: a bandeja em que estavam os copos e talheres saiu voando da pia, flutuando por toda a cozinha, e então caiu, sem quebrar um copo sequer, apesar do barulho de louca que ouvi de onde eu estava. No momento em que catava os livros do chão, brinquei com minha filha para que ela não tivesse medo. Coloquei-os no lugar e falei: *"Vocês estão querendo que eu leia"*. Então abri um livro numa página qualquer. Logo em seguida aconteceu o incidente com a bandeja de louças. Pelo barulho pensei que tivesse machucado alguém, cortado talvez.

REVISTA UFO – E o que sua esposa achou disso tudo, coronel?

HOLLANDA – Desci as escadas correndo e, nesse meio tempo, minha esposa vinha subindo com os olhos arregalados, dizendo que não ficaria sozinha, ainda mais diante daquele fenômeno. Perguntei a ela o que havia acontecido: *"Não sei. A bandeja saiu voando e foi parar no meio da pia"*. Eu não entendi muito bem a história. Levei, então, um copo-d'água para ela.

REVISTA UFO – E os fenômenos ficaram por isso mesmo?

HOLLANDA – Dois ou três dias depois, eu estava dormindo, por volta da meia-noite. Estava numa espécie de desligamento, mentalização, deitado junto a minha mulher. De repente, adentrou meu quarto um clarão muito forte, seguido por um estalido, iluminando tudo. Assustei-me ao ver um troço tão estranho. Imediatamente, apareceu um ser atrás de mim, abraçando-me. Achei a situação meio esquisita. Além disso, tinha outro ser na minha cabeceira, que media 1,5 m, estava vestido com uma roupa semelhante a de astronauta ou de mergulho.

REVISTA UFO – Um colante? Ou neoprene, aquele material usado na fabricação de roupas de surfistas?

HOLLANDA – Era muito fofa, não era colada ao corpo. Não cheguei a ver seu rosto, mas era cinza, tinha uma máscara parecida com a de mergulho, o olho não dava para detalhar. Eu estava muito assustado por causa daquele "bicho" que me abraçava e apertava por trás, sussurrando em meu ouvido em Português: *"Calma, não vamos te fazer mal"*, com uma voz metalizada, como som de transmissões computadorizadas.

REVISTA UFO – E sua esposa?

HOLLANDA – Continuou dormindo, sem saber da presença do "baixinho" que estava em minha cabeceira, apertando-me na cama. Não gostei da sensação e da atitude dele. Logo em seguida, outro estalido e o clarão desapareceu, deixando-me muito assustado.

REVISTA UFO – Houve lapso de tempo?

HOLLANDA – Não me lembro. Fiquei raciocinando se não foi apenas um sonho. Mas o troço era muito esquisito e eu ouvi dois estalidos. Não me recordo se fui beber água. Acho que desci para tomar alguma coisa, whisky, sei lá...

REVISTA UFO – Esse fenômeno voltou a acontecer nos dias seguintes?

HOLLANDA – No outro dia fui para o quartel para hastear a bandeira e bater continência ao som do Hino Nacional. Minha mulher sempre fechava o portão da garagem quando eu saía para trabalhar, por causa dos cachorros e das crianças. Tinha, nessa época, um Alfa Romeo azul-marinho. Quando meti a chave na porta do motorista para abri-la, a porta do outro lado abriu-se sozinha, sem ao menos eu ter tocado no veículo. Ao ver aquilo, minha mulher ficou assustada. Eram muitos fenômenos inexplicáveis que vinham acontecendo. Olhei para meu suposto companheiro e disse, em tom de gozação: *"Você não vai andar muito. A viagem é curta"*.

REVISTA UFO – O senhor sentiu alguma coisa, talvez uma dor de cabeça?

HOLLANDA – Aí eu me sentei no carro, e quando estiquei a mão para fechar a porta, ela o fez sozinha. Minha esposa assustou-se ainda mais. Fui embora, seguindo rumo ao quartel. Ao hastearmos a bandeira, meu braço esquerdo começou a coçar muito. Eu já estava doido para que a cerimônia acabasse, pois não podia tirar a mão da pala para me coçar. Quando olhei para meu braco, ele estava vermelho. Achei aquilo muito esquisito [Editor: até hoje em seu braco apresenta-se a mesma marca avermelhada].

REVISTA UFO – O senhor acha que isso tudo foi consequência do quê?

HOLLANDA – Calma, já chego lá. Meu braço continuou coçando. Por curiosidade, num certo dia, apertei a pele e, ao fazê-lo, apareceu um "troço", como se fosse um pedacinho de plástico.

REVISTA UFO – Já fez algum exame de raio X?

HOLLANDA – Já. No raio X não aparece nada. Mas aperte aqui e sinta. [Editor: ao apertar o local, pude sentir alguma coisa pontuda, que mais parecia uma agulha].

REVISTA UFO – Algum outro componente da equipe apresentou qualquer tipo de marca pelo corpo?

HOLLANDA – Sim, o Flávio. Descobri isso quando todo mundo quis ver o meu ferimento. Ele também possuía a mesma marca na perna esquerda, numa dascoxas. Ele acabou falecendo por causa de derrame, em virtude do ferimento na perna. Depois eu conversei com um médico, amigo meu, para o qual mostrei meu braço. Ele me convidou a

ir até o hospital para fazer exames. Numa das vezes que fui a São Paulo e conversei com Rafael Sempere Dura, ele pegou uma bússola pequena e pediu permissão para dar uma olhada, colocando o aparelho sobre a minha pele.

REVISTA UFO – Uma evidência física sem precedentes...

HOLLANDA – Os ponteiros da bússola ficaram alterados. Se através de um exame radiológico não se pode ver absolutamente nada, comentei com Rafael que queria mandar abrir a pele. Ele me aconselhou que não o fizesse.

REVISTA UFO – Mudando de assunto, o coronel tem conhecimento de que o Governo Brasileiro continua fazendo pesquisas ufológicas, seja na Amazônia ou em outro lugar, a respeito desse fenômeno?

HOLLANDA – Pesquisa com determinação, com base em um programa, acredito que não. Pelo menos não tenho qualquer informação a esse respeito. Primeiro, porque estou fora, na reserva. Tenho muito pouco contato, a não ser financeiro, com o Ministério da Aeronáutica. Possuo amigos lá, mas nunca ouvi falar que o órgão tenha ido investigar qualquer tipo de projeto ou eventualidade, como o caso dos F-5.

REVISTA UFO – O senhor acha que deveria haver então um programa de pesquisas mantido pelo Governo?

HOLLANDA – Na minha opinião, parece que sim. Eu mesmo tenho minhas razões pessoais para crer nisso, mas mesmo que não as tivesse, se eu fosse comandante, mandaria.

REVISTA UFO – O que o senhor imagina que foi feito da Operação Prato? Dos documentos? Das fotografias? Existe algum órgão tomando conta desse material todo?

HOLLANDA – Creio que tenha sido arquivado, pois não foi dado muito valor a ele. Não tive conhecimento de qualquer repercussão no Ministério da Aeronáutica. Quanto as fotografias, não foram enviadas as 500 para eles. Seguiram apenas as que constavam no relatório e alguns negativos. A maioria delas ficou conosco, guardada nos arquivos do Comar, e ninguém consegue obter informação a respeito. A seção a qual eu pertencia e onde se encontram arquivados os quatro filmes batidos e as fitas de vídeo. Na época, o Ministério da Aeronáutica iria ficar com apenas um rolo, mas confiscou inclusive os outros três que pertenciam a mim, que foram comprados com meu dinheiro e, assim mesmo, a Aeronáutica nunca os devolveu.

REVISTA UFO – Nunca pensou em guardar um souvenir desse material?

HOLLANDA – Não. Veja bem: já falei que adoro a FAB, ainda mais quando estava lá dentro. Hoje, eu fico de fora, vendo como e que meus companheiros estão se sucedendo, o que estão fazendo para que ela

prosperar e engrandecer. Sempre tive um respeito muito grande pela Força Aérea e pelo meu serviço. Eu nunca faria isso com ela. Fiquei calado por 20 anos. Durante esse período, fui consultado várias vezes para que escrevesse ou prestasse alguma declaração.

REVISTA UFO – Coronel, recorda-se de que publicamos umas fotografias em 1986 ou 1987 sem sua autorização? Isso trouxe algum problema para o senhor, para sua equipe ou para o Comar? Alguém foi punido por isso?

HOLLANDA – Trouxe, sim, muitos embaraços. Eu fui mandado de Brasília para investigar por que aquilo tinha sido vazado, como aquela história tinha se tornado pública. Como o carimbo da Aeronáutica estava exposto, já que naquela época eu era o chefe dessa operação, como é que aquilo saiu? De minha mão não foi. Ninguém saiu punido por isso, pois a verdade sobre como as coisas vieram a tona nunca foi descoberta.

REVISTA UFO – O senhor acha que a publicação dessa matéria na íntegra pode causar mais embaraços? E para os militares que permanecem na Aeronáutica, que sabem que existem esses documentos e que a população tem o direito de conhecê-los?

HOLLANDA – Hoje não. Minha missão foi cumprida. Minha carreira se esgotou em 36 anos de trabalho.

REVISTA UFO – O senhor não acha que esses documentos deveriam ser liberados para o público?

HOLLANDA – Isso já é decisão do comando. Se liberarem, irão surgir muitas indagações a que o Ministério da Aeronáutica e Governo Brasileiro não estão aptos a responder. Para evitar constrangimentos, não se fala nada. Uma vez eu estava assistindo a um programa do apresentador Flávio Cavalcanti. Num interrogatório sobre isso, um cara perguntou por que os UFOs não pousam no Maracanã para todo mundo ver? Se acontecer um caso desses, um pouso na Esplanada do Planalto, aí não tem jeito. Acredito que num futuro próximo "eles" possam ser até um pouco mais abusados. Do jeito que está, em menos de um ou dois anos, acontecerá um contato claro, aberto para toda a população, que será transmitido pelas televisões do mundo.

Fonte: Revistas UFO números 54 (Outubro de 1997) e 55 (Novembro de 1997).



Quadro pintado sob a influência da Ayahuasca onde se podem ver 3 ÓVNIS, observações comuns nas selvas amazónicas, onde a interacção entre indígenas e extraterrestres é uma constante.

.....

Entrevista com Ubiratan Pinon Friás

Piloto civil, integrante da Operação Prato e ufologista



PINON

Por Vitório PERET*

Exclusivo para UFOVIA

Belém/PA - Brasil - julho-2005

Nota do editor:

A presente entrevista conduzida por Vitório Peret pode ser considerada pelos pesquisadores da Operação Prato (OP), como um dos mais sérios documentos acerca da casuística Amazônica, particularmente, do Estado do Pará. Funcionário da aviação civil brasileira por longos anos, o carioca Vitório Peret, pesquisa o fenômeno UFO desde a década de 70, já tendo realizado diversas pesquisas de campo, vigílias, sobretudo no Estado do Pará, na região de Colares, Mosqueiro (Baía do Sol), além de outras localidades paraenses onde se deram alguns dos fenômenos investigados pela OP. Peret é proprietário de uma casa no interior do Pará e sempre manteve estreita ligação com aquele Estado, sua capital e diversas cidades interioranas. Detém farto conhecimento da casuística da região, já tendo por diversas oportunidades, avistado fenômenos envolvendo objetos estranhos ou luminosos.

Como ufologista, Peret foi "seguidor" da linha investigativa desenvolvida pelo memorável general Moacyr Uchôa, um dos brasileiros mais honestos no estudo da Ufologia. Peret o conheceu pessoalmente e participou ao seu lado de alguns trabalhos em campo, sobretudo, na região do Planalto Central. Ao lado de Uchôa, Vitório Peret absorveu uma interessante bagagem e ainda, pôde presenciar alguns incríveis fenômenos luminosos, testemunhados em campo por várias pessoas - como os fenômenos envolvendo pequenas "bolas de luz" que se aproximaram deles e atravessavam suas mãos, conforme nos narrou *in off*.

Peret também conheceu pessoalmente incisivos personagens que fizeram acontecer de forma efetiva a Operação Prato, como o próprio coronel Hollanda; manteve laços de amizade com o sargento João Flávio de Freitas Costa e ainda mantém com o piloto contratado Ubiratan Pinon Friás (seu entrevistado aqui), entre outros. Ao lado deles, pôde participar de algumas vigílias ufológicas em regiões ermas do Estado do Pará, chegando por vezes, a vislumbrar alguns marcantes avistamentos - conforme nos narrou pessoalmente, *in off*, quando de nosso encontro em julho/2005, na cidade de Belo Horizonte/MG -, sendo que alguns dos quais foram filmados (durante a presença de Peret) e se encontram incorporados ao acervo de imagens em equipamento super 8 da OP, que supostamente estaria em poder do COMDABRA, em Brasília.

Em sua entrevista com o seu amigo Pinon, o pesquisador Vitorio Peret se sente à vontade e faz uma espetacular argüição ao reconhecido membro civil da OP. A entrevista foi gravada durante dois encontros, totalizando 2,5 horas de gravação. Do material bruto, editamos as passagens que julgamos mais interessantes, procurando preservar ao máximo, as expressões, reações e respectivas colocações do entrevistado e do entrevistador. Esta entrevista revela detalhes e ações inéditas envolvendo alguns dos integrantes da OP e suas respectivas particularidades. De certa forma, adentra caminhos “maquiavélicos”, quando Pinon disserta sobre os comprovados implantes que todos os integrantes da OP teriam recebido (incluindo sobre o dele, verificado *in loco* por Peret). A presente entrevista foi gravada na residência de Pinon, em Belém/PA, nos dias 20 e 21/07/2005.

Outros casos à parte da OP, também são esboçados por Pinon na presente entrevista, alguns com e outros sem testemunhas. Através de um primeiro “contato” em sua infância, Pinon parece de fato, se tratar de uma pessoa de alguma forma predestinada a se dar com o fenômeno UFO ao longo de seus 65 anos. Isso pode ser constatado pela quantidade de contatos/avistamento que ele mantém (inclusive, atualmente) e pela grande naturalidade com que ele convive e digere esta questão. Uma primeira parte da entrevista está sendo apresentada, trazendo uma posterior seqüência abordando outros fatos pertinentes ao assunto. O piloto Ubiratan Pinon foi entrevistado pela produção do programa *O Incrível* da Rede Globo (ao ar em 25/08/2005, 21h30) que estará exibindo um especial sobre a Operação Prato.



A efetiva participação de Pinon junto aos trabalhos da OP é notória entre todos os ufologistas que investigam esta manobra militar, sobretudo, os que vivem no Estado do Pará. O nome de Ubiratan Pinon Friás consta em diversos relatórios oficiais da Operação Prato. Na maioria deles, Pinon figura como piloto de vôo comercial, mas é certo que, dada suas diversas habilidades, considerando também sua experiência e amizade com os demais integrantes, atuou também junto à equipe da OP de investigação em campo, como ele próprio nos faz entender em sua entrevista.

Para o portal UFOVIA é com muito prazer e destacada honra que hospedamos e editamos mais um trabalho de Vitório Peret, esse expressivo militante da Ufologia brasileira que, através de seu esforço individual tem nos ajudado a tornar públicas, diversas facetas “camufladas” de um tempo em que a ditadura militar colocava nosso povo abaixo de pesadas rédeas e ao menos nos davam uma mínima explicação sobre o que estava acontecendo. Peret exerce também a função de coordenador da Operação Trilha, movimento que prepara uma equipe para executar investigações de campo acerca dos fenômenos amazônicos, cujo ápice, se deu no fim dos anos 70. Pude conhecer Peret pessoalmente e sua pessoa me arrebatou o mais alto respeito, estima e confiabilidade. Pude sentir nele, a ávida necessidade de se colocar para fora a suada experiência da bagagem de um jovem ufologista veterano, que se traduz na mais intrínseca e descompromissada “busca pela verdade”.

Ao amigo e parceiro Vitório Peret e extensivamente ao nosso entrevistado Ubiratan Pinon, manifestamos sinceros agradecimentos e o mais alto respeito de toda a família UFOVIA. Temos certeza convicta de que todos esses esforços não serão em vão!

Pepe Chaves – Itaúna – MG – 18/08/2005

DETALHE de um dos relatórios que compravam a participação de Pinon nos trabalhos da OP:

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA	
1º COMANDO AÉREO REGIONAL	
1. ASSUNTO	: OBJETOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS (OVNI)
2. DATA	: 21 e 22 Nov 77
3. LOCAL	: BAIA DO SOL
RELATÓRIO DO AGENTE	
Extra 02	
PARTE INFORMATIVA - Na data acima referida, deslocou-se para a Baía do Sol, em companhia do Piloto Comercial UBIRATAN PINON FRIAS, onde, por informação de mesmo, Objetos Luminosos, eram constantemente vistos por moradores dali, bem como PINON também já os vira. Transcrevo abaixo o que foi observado na oportunidade:	
- Dia 22.11.77, às 01:00h/01:30h - Um Corpo Luminoso, a baixa altura (30m), sobre a Baía do Marajó, em frente a Ponta do Machadinho (Ilha de Colares), distante 1.500m da praia, apresentava um movimento irregular, subia e descia, desaparecendo em seguida. Já próximo às 01:30, voltou a aparecer e se repetir os mesmos movimentos.	
- Dia 22.11.77, às 03:10h - Registro, um fenômeno meteorológico (desconhecido para o Observador, Q AT MT), lampejos quase imperceptíveis e de duração muito rápida, (impressão de que o ar estivesse eletrificado), ausência total de nuvens (céu claro), nem mesmo CB à distância. Esta condição perdurou por espaço de 20 minutos.	

Introdução:

Conheci o piloto Ubiratan Pinon Friás em Belém/PA, no ano de 1977, através de uma amiga que me disse: *“Peret, tem uma pessoa incrível que eu tenho para te apresentar. É um piloto de táxi-aéreo que participa de vigílias ufológicas há anos e tem fatos bastante curiosos para descrever”*.

E assim, por intermédio dessa pessoa, conheci Pinon, um piloto altamente experiente, segundo informações que obtive já naquela época, através de outros pilotos no aeroclube "Júlio César", em Belém/PA. Trata-se de uma pessoa confiável e realmente sincera naquilo que procura passar.

Em certas ocasiões tive oportunidades de participar de inúmeras vigílias em sua companhia e ao seu lado pude comprovar muito daquilo que me dizia. Seja na Baía do Sol, Benevides, Igarapé Açu, naquela época eu pesquisava ufologia de forma autônoma. E em meus

contatos com Ubiratan Pinon eu sempre pude constatar de que se trata de uma pessoa que ao longo de sua vida, passou por inúmeras experiências tanto pessoal, profissional como nas suas investidas ufológicas, realizadas em grupos com outros ufologistas ou individualmente.

E pelo menos para mim, durante o período em que estive diretamente em contato com Pinon, ele sempre me passou a imagem de uma pessoa, segura, sensata e acima de qualquer suspeita. Segundo informações obtidas na época em que conheci pessoalmente o piloto Pinon, ele participava modestamente junto aos trabalhos de investigação da Operação Prato, graças ao seu rico conhecimento aéreo daquela região paraense onde se apresentava grande parte dos fenômenos.

Pinon trabalhava diretamente ligado ao A2, o setor de Inteligência do I COMAR (Comando Aéreo Regional, da Força Aérea Brasileira-FAB), em Belém. Ele tinha trânsito livre na sede do I COMAR, que ele chama de “QG”. O convite para ser contratado para aquela missão se deu, sabidamente, por se tratar de um denotado instrutor da aviação civil, um piloto experiente com milhares de horas de voo, que conhecia magistralmente toda aquela região e, portanto, um profissional altamente qualificado e apto a exercer sua função junto às aquelas operações. Vale lembrar, que suas diversas experiências pessoais, sua concepção do fenômeno e suas conhecidas experimentações acerca deste assunto, certamente, vieram a somar para que seu nome fosse lembrado a ponto de ele ter se incorporado às aquelas missões.

Vitório Peret, para UFOVIA: Pinon, por favor, nos conte sobre o contato que você teve com um provável alienígena enquanto você aguardava alguns integrantes da Operação Prato num local ermo. Nos sintetize também um pouco de suas experiências com o fenômeno UFO.

Ubiratan Pinon: Meu caso é físico. Quando eu enxergo uma nave, quem estiver comigo vai ver. Não é um privilégio meu, então acho o seguinte: se alguém duvidar, eu levo comigo para ver. Mas o que quero relatar a você se deu no ano de 1981 para 1982. Eu fui acionado pelo QG [N.E.: *Sede do I COMAR, Belém/PA*], pois tinha chegado um grupo de brigadeiros (oficiais de patente superior) e queriam ir fazer uma vigília num determinado local. Chamaram pra ir lá no QG, o meu expediente profissional tinha terminado e o coronel Camilo [N.E.: *Brigadeiro Camilo Ferraz de Barros, à época chefe da 2ª Sessão do I COMAR-A2, responsável pela execução da OP*] me convidou para a vigília e eu lhe disse: “Coronel, infelizmente, eu não posso ir”. E ele dizia “*não, tem que ir, você tem que ir..!*”. Mas na época eu fazia

faculdade, tinha uma prova de segunda chamada e não podia perder. O coronel disse que fazia um memorando para lá e que eu fazia a prova depois, mas eu digo: “*coronel, eu me preparei pra essa prova!*”. Quando voava eu via estas áreas para vigília, locais adequados, colocava no mapa, marcava a posição ali. Então ele chamou o Flávio [*Sargento João Flávio de Freitas Costa, do A2 do I COMAR, desenhista e fotógrafo da OP*] e dei mais ou menos as coordenadas do local para ele. E disse-lhe: leva o pessoal para lá, eu vou fazer a prova e me encontro com vocês lá. E ficou combinado assim. Fiz a minha prova, passei em casa, peguei minha garrafa de café e fui para o QG. Chegando lá, o oficial do dia disse que não tinha mudado nada, que era eu mesmo e nesta época, ainda, saímos armados. E fui embora sozinho para o local que eu tinha combinado com eles. Quando cheguei no tal local por volta de 22h30, não tinha ninguém! Um local deserto onde havia uma estrada que estava em obra, fazia uma curva e terminava num terreno baldio, num mangue. Hoje está asfaltado, mas naquela época era barro. Então, saí do carro e fui olhar se tinha marca de pneu de carro no chão, não tinha marca nenhuma. Na curva mais à frente acabavam as obras que estavam fazendo na estrada. Voltei para o carro. Era uma noite estrelada que era a coisa mais linda do mundo! Pensei em esperar mais ou menos meia hora, se eles não aparecessem, eu ia embora.

UFOVIA: Eu lembro que você nunca teve receio de fazer vigília sozinho...

Pinon: Sim. Eu sempre ia sozinho. Eu cansei de levantar 10 horas da noite pegar o carro e ir. Então, tomei um cafezinho e me encostei ali no carro. Bom, nesse ponto eu vi um ponto de luz ao longe, aquela luzinha se movimentando. Eu já sabia que eram eles. E pensei, “*puxa vida, vieram para assistir e eles (Camilo e os outros militares) vão perder*”. Ela (a luz avistada) veio, dando uma volta ao longe e veio em minha direção.

UFOVIA: Era que tipo de luz?

Pinon: Era uma luz comum, era pequena. E começou a dar voltas em cima de mim, a uma altura estimada de 500 a 1000 pés (de 150 a 300 metros). Ela deu umas três voltas e saiu, se afastou... E pela copa das árvores eu tive duas impressões: ou que tivesse pousado ou que tivesse ido embora, porque eu vi o lampejo na copa das árvores. Pensei que foi embora. Pousar onde? Aquilo ali era mangue naquela época... E voltei, fiquei observando aquilo dali. E me encostei no carro, passaram-se uns 20 minutos. Eu tomei mais um cafezinho, botei um cigarro na boca, quando fui acender com o palito... Quando eu fui acender, eu vi aquele homem caminhando na minha direção, partindo exatamente de onde

tinha desaparecido a luz. Eu fiquei com o cigarro na boca, meio encostado assim (demonstra como), com o pé aqui no carro, o cigarro na boca e o palito na mão... E aquele homem veio andando. Quando ele chegou a certa distância de mim, eu já sabia que ele não era daqui. Pelo traje dele eu já sabia que estava frente a frente com um cidadão que não era daqui. Aquele encontro que eu estava anos e anos tentando, naquele momento estava se realizando... Ele parou e me fez um movimento de cabeça, um gesto, como se fosse um cumprimento, eu não respondi nada. Ele passou e se abaixou, olhou debaixo do carro, como quem olha alguma coisa. Quando ele voltou e ficou frente a frente comigo, ele estava a menos de um metro de mim, se ele quisesse me pegava.

UFOVIA: Estava bem perto...

Pinon: Sim! Estava encostado, assim (demonstra). E ele olhava no meu rosto e me olhava até os pés. E desse mesmo jeito eu também olhava para ele. Então eu absorvi detalhes inteiros... Eu sabia que aquele homem não era daqui...

UFOVIA: Como ele era fisicamente? Como se trajava?

Pinon: Ele era um homem de complexão forte. Eu calculei que devia ter quase 2 metros de altura. Ele trajava uma roupa toda branca, o sapato dele – até isso observei – era da mesma cor da roupa dele, branca. Na cintura tinha uma faixa ou um cinto escuro, de mais ou menos cinco dedos, o punho também era escuro. Agora, a gola do macacão dele estava levantada, eu não enxerguei a orelha dele. O cabelo dele era liso, tipo oriental e desaparecia dentro do macacão. Agora os olhos é que havia toda diferença... Os olhos eram um pouco grande, em diagonal, não eram amendoados como os de um japonês, eram volumosos! Mas mesmo com este olho grande, ele era um homem bonito. Então, ele fez novamente um gesto de cabeça e respondi quase que mecanicamente. Aí quando ele vai voltando para o local de onde veio e se aproximando da curva logo na frente da estrada, surge o primeiro carro com os militares. E o foco do farol do carro veio em cima dele; ele parou e olhou para o carro... O primeiro carro viu o homem, porque quando o primeiro carro parou do meu lado, o coronel Camilo colocou a cabeça pra fora e me perguntou: “*Pinon, quem era aquele homem?*”. Aí eu disse: “*São eles*”. Aí, aquela quantidade de homem - eram oito carros - saiu numa carreira atrás daquele homem... (risos). Daí a pouco a luz veio e ficou rodando em cima de nós... “*pega a máquina, pega máquina*”, “*corre para tirar fotografia*”! Em questão de segundos tinha só as estrelas no céu. Aí eles correram pra cima de mim: “*conversaste com eles?*”; disse: “*conversei nada!*”...

UFOVIA: E como foi para você o contato em si?

Pinon: Eu achei que estava preparado para aquele encontro, quando na realidade não estava. Se eu senti medo do homem? Não, senti não! Era um cara com toda aquela aparência no olhar, mas era um homem bonito... Eu só tinha certeza de uma coisa... O que senti era uma única coisa: se eu desencostar do carro eu caio! Era a única certeza que eu tinha: “*se desencostar minha perna eu caio*”; fiquei com o cigarro na boca e não acendi... Então, nesse encontro, que tive fisicamente com esse rapaz, no primeiro carro tinha o motorista, o coronel e dois brigadeiros atrás...

UFOVIA: E será que conseguiram fotografar?

Pinon: Não! Pra você ter uma idéia, eu estava com máquina, com todo o equipamento dentro do carro...

UFOVIA: Você não teve ação nenhuma...

Pinon: Não! Nenhuma, nenhuma... Esse foi um dos encontros físicos que mais me deixou tranquilo. Porque tive outro contato físico, mas dentro do meu carro.

UFOVIA: E como foi este outro contato?

Pinon: Eu estava dentro do carro e eles me olhando do lado de fora. Mas era um outro tipo (físico). Que não sei de onde... Este pessoal... (que diz manter contato). Cada um inventa uma coisa, mas eles (os seres avistados) nunca me disseram os nomes deles, nunca disseram “*sou fulano de tal e estou aqui*”. Mas todo mundo (possíveis contatados) diz o nome (do ser)! Esses que vi do carro, eram de cabeça grande, olhão esbugalhado, corpo compridão. Observei que tinham quatro dedos só. Eles chegaram a ponto de se encostarem no meu carro. Eu estava no meu carro, eles me olhavam e um deles fazia assim (acenava, fazendo um sinal para passar pela frente do carro) ele passava, vinha o outro... O ser que fazia o gesto apresentava-se quase normal a nós, era quase normal... Ele parecia que fazia gestos com as mãos para os outros irem embora. Pra você ter uma idéia, eu me vi nos olhos deles, de tão perto que estava! Aquele olhão, negro! Eu me espelhava no olho dele... Agora, eu estava com uma espécie de... sei lá... pode-se dizer assim, meio dopado...

UFOVIA: Em transe...

Pinon: Sim. Em transe! Porque eu olhava pra eles assim... Eu queria reagir e não conseguia... Eles eram cinco. Os detalhes das mãos deles, eu observei, porque quase todos encostaram a mão no meu carro

assim, e eu via que eram quatro dedos, era compridão, braços longos, magrelos, tudo escuro.

UFOVIA: Você não observou se aquilo era de facto um olho ou se poderia ser uma espécie de máscara?

Pinon: Não podia ser máscara, não. Aquilo era olho.

UFOVIA: Não podia ter “ninguém” por trás daquele olho?

Pinon: Não, não. Porque eles eram todos iguais. Um deles era quase parecido conosco. Mas não era ainda o formato total nosso. Parecia mais conosco, a vestimenta de todos era a mesma, era roupa escura, comprida.

UFOVIA: Por favor, nos fale do caso em que você vivenciou um tempo perdido.

Pinon: Naquela época eu tinha uma Brasília de praça (táxi). E eu quando queria fugir de casa à noite, dizia pra mulher que ia rodar na praça. Ia, coisa nenhuma, era só para dar “um passeio”... Naquela noite eu estava vindo aqui para Anuque. Era 1h da manhã mais ou menos e ao me aproximar do *Café Zum*, eu quase atropelo um cara... Como eu era táxi, ele entrou na minha frente e me falou “*pelo amor de Deus, me leve ali na Ceasa, se chegar atrasado vou perder a carga*”. Coloquei o cara no carro e o levei para a Ceasa. Quando cheguei na Ceasa a corrida na época, eu não lembro quanto era, porém eu não tinha o troco para lhe dar, mas ele me falou: “*pode ficar com o troco, pode levar*”. Tomei a estrada da Ceasa de volta. Passou um carro por mim... O segundo carro que me ultrapassou veio tão em cima de mim, que virei o carro de uma vez, pra fora da estrada... Só que parecia que aquele carro tinha vindo em cima de mim propositalmente... Aí eu entrei num estado de só lembrar daquela personagem (o último passageiro). Olha bem, quando o cara entrou no carro ele me perguntou: “*que horas o senhor tem aí?*”. Eu disse que era 1h, da manhã, o cara então entrou em pânico pra chegar lá.. Se eu tivesse levado uns 30-40 minutos seria 1:40, porém quando eu me dei por mim, eram 4h da manhã e eu estava com o meu carro parado, na porta da minha casa. Ai eu fiquei, sem saber o que tinha acontecido comigo, mas lembrando sempre da luz forte em cima de mim. E algo parecendo um besourão preto em cima do meu carro. Isso eu não esqueço nunca: eu olhava pra cima e via o besourão, naquela tonalidade escura pairando em cima do meu carro. [N.E.: *Provavelmente, o segundo carro que o ultrapassou – e possivelmente até o primeiro – não se tratavam de carros, mas de um provável UFO em vôo rasante. Seu caso de tempo perdido é idêntico a vários outros citados na literatura especializada. Ele*

mostra também se lembrar de cenas marcantes e desconexas (flashes), tais como a luz forte sobre seu carro e o que ele chama de “besourão”, que presumidamente, poderia se tratar de um UFO pairando sobre ele].

UFOVIA: Teve mais algum avistamento interessante?

Pinon: Fora estes dois encontros físicos e avistamentos de nave, eu não posso nem dizer quantas vezes mais eu vi, porque é incalculável! Vi de dia... Vi uma coisa na Baía do Sol e até hoje quando lembro daquilo dá uma certa repugnância... Eram duas massas disformes, não tinha formato de nada. Era uma maior e uma menor na margem da praia e ia pra lá e voltava... E aquele negócio pulsava assim, igual a um coração batendo...

UFOVIA: Nos conte como se deu seu primeiro contato.

Pinon: No meu primeiro encontro físico, o “cidadão” me pegou, me carregou. Este primeiro contato eu tinha 8 para 9 anos de idade. Naquela época as pessoas não tinham nem idéia do que fosse isso... Isso se deu logo depois da Segunda Grande Guerra Mundial, eu sou de 1939, a guerra terminou em 1945. Então isso deve ter acontecido em 1948. Foi numa ilha em Monte Alegre, essas ilhas que lá se chamam “praia”. E era no verão, eu estava sozinho na praia, era moleque, a noite caiu e eu deitei perto de uma moita de capim. Observei então uma estrela que corria de um lado para o outro. De repente uma estrela daquela vem em cima de mim e começa a dar aquele lume... Eu deitado ali achei que era uma estrela que estava caindo em cima de mim. Ela parou. Era um objeto meio metálico, uma porta abriu dele, parecia porta de avião, ele não estava apoiado no chão. Quando a porta abriu saiu um vapor, tipo quando abre uma porta de geladeira. Um cidadão saiu e veio na minha direção, eu apavorado, não falava nada. Ele me colocou dentro da nave em cima de uma mesa que parecia aço inoxidável e alguma coisa ele fez comigo... Porque eu senti uma dor no pé e outra na nuca. Senti aquela ferroadada e ele passou a mão assim (no local)... Tinha mais duas pessoas comigo. Este cidadão me carregou de volta, me colocou no mesmo lugar onde eu estava, levantou minha cabeça, me beijou na testa e eu beijei no rosto dele. E ele disse assim pra mim: *“Tu és meu filho!”*. Me colocou do mesmo jeito que estava e eu vi a nave saindo. Levantei dali, saí num pique correndo e fui contar meu pai, que me disse, *“Meu filho tu sonhaste, foi pesadelo que tiveste”*. Falei para ele: *“mas pai, eu vi, foi não foi pesadelo”*, mas ele disse que foi pesadelo... E ficou como sendo pesadelo até que uma semana depois, quando, na mesma praia (Praia Chata), meu pai me chamou a atenção para um barco que vinha como se fosse entrar no meio da praia. E meu pai disse *“vai encalhar, vai encalhar”*. Eu disse: *“pai, não é barco!”*. Era

o mesmo objeto que vi antes. E quando se aproximou da praia, subiu, passou por cima e foi embora. Foi aí que meu pai passou a acreditar.

UFOVIA: Nos fale um de seus avistamentos mais recentes.

Pinon: Então, um mais recente que tem uns 15 dias [N.E.: *Esta entrevista foi gravada em 20/07/2005*]. Eu estava em Monte Alegre e fui num local lá chamado de Quepaqui, uma comunidadezinha lá. Chamava a atenção o fato de que uma luz estava sendo avistada lá e eu fui pra ver. A estrada de rodagem passa quase no pé da serra. Eu tenho 3 filhos que moram lá. Então, tinha um campo de futebol e umas casinhas. E o pessoal queria agradar a gente, levaram peixe, caju, manga, até uma mesa trouxeram pra gente comer o peixe. Então eu perguntei sobre a história de uma luz que está aparecendo por lá. Todos eles, todos - eram umas 30 pessoas – disseram já ter visto a luz. Uma senhora já idosa, Dona Maria me falou: “*Olha, esta luz não deixa a gente nem fazer espera mais. Ela vem em cima da gente, tem que pular e sair correndo. Às vezes ela entra dentro das casas, a luz foca dentro de casa. É uma coisa que deixa todo mundo apavorado aqui*”. Ela então contou um caso que muita gente a gozou por lá, na semana passada, contou que “*estava sentada aqui e, de repente, seu Pinon, eu vi aquele ônibus passando lá por cima da mata, de vagarinho, mas bem baixinho*”. Ela descreveu um objeto com o formato de um ônibus, e ela saiu correndo para chamar o pessoal, mas quando o pessoal chegou, não tinha nada, acharam que ela estava doida. Eu não vi este objeto, mas já ouvi vários relatos de pessoas que viram e me deram a mesma informação dessa senhora. Eu nunca vi, mas já vi formatos dos mais estranhos da face da Terra, de você olhar e dizer: “*essa merda não pode ser daqui de jeito nenhum*”. Eu já vi um chapéu! Era um chapéu mesmo, um ao lado do outro e pareciam um camburão. Isso é forma?... Os dois estavam em ângulo de subida e um cruzando por cima do outro. Foi na Baía do Sol, um tomou uma direção e outro tomou a direção de Marajó, eram 7 h da manhã. Já vi “bumerangue”. Vi um que parecia uma caixa de chocolate e no meu garimpo lá em Monte Alegre, o que aparece muito é uma roda. Esta famosa roda que aparece no garimpo se parece uma roda de carroça antiga, com aqueles negócios no meio. Toda iluminada, só que quando ela passa em cima da gente, a gente vê as estrelas através dela, como se fosse furada. O pessoal que trabalha lá a vê passar por cima da pista. É uma roda tão grande! E quando aparece lá, o pessoal já diz “*lá vem o treco do seu Pinon*”... Já vi o “charuto” a baixa altura, não é um *zeppelin*, porque o *zeppelin* não estaria voando nessa região nossa aqui. E já vi um treco que não sei dizer o que é... Quando vi de longe parecia um pau dentro d’água, eu estava atravessando de canoa, só que, de repente, aquele

negócio disparou na água, numa velocidade que foi só abrindo a água. Submarino, ali naquela região do Amazonas, não devia ter... E aquilo estava a poucos metros, aquele treco saiu meio submerso, mas numa velocidade que olhei e falei: “*que negócio é aquilo, rapaz!*”. Era meio redondo e grande, estava parado, de repente, aquilo disparou, alguns que estavam perto de mim assustaram, cada um falou uma coisa: que era piraíba, cobra grande... Mas, para mim, era um objeto que não sei identificar.

UFOVIA: Pinon, mudando de assunto, o próprio coronel Hollanda havia afirmado acreditar que a causa da morte do Flávio, teria sido em consequência a um implante desconhecido e um sangramento na coxa esquerda. Você tem algum conhecimento disso?

Pinon: Flávio e Hollanda eram dois homens que foram mutilados. E há outros! Não posso ventilar aqui, mas todos eles apareceram com “algo”. Não era na coxa, mas no braço esquerdo, na altura do antebraço, como se fosse uma agulha de três pontos. A ponto de você pegar e sentir furar um lado e outro... Todos dois tiveram a mesma coisa. A minha é diferente, além de maior, é diferente. Pouquíssimas pessoas sabem, mas eu tenho também.

UFOVIA: Você tem implante também?

Pinon: Tenho. Na sola do meu pé. Só que a minha é maior. Já fiz radiografia. No pé esquerdo. [N.E.: *Nosso entrevistador disse que viu o suposto implante na sola do pé de*

Pinon e disse se tratar de um rasgo visível, de uns 10 cm de extensão, por poucos milímetros de largura].

UFOVIA: Teria sido em consequência do comentário que você fez sobre o acontecido no primeiro contato em sua infância? Da fígada no pé e na nuca...

Pinon: Exatamente! Exatamente. Então, no Flávio, apareceu aquele sangramento, mas a marca que ele tinha era no braço, não era na coxa.

UFOVIA: Então não era mesmo na coxa? O Hollanda declara em sua entrevista a Revista UFO (nºs 56 e 57 – CBPDV, 1997) que o Flávio possuía um implante na coxa esquerda. E que houve um sangramento...

Pinon: Havia uma suposição, mas não era uma questão da gente afirmar com certeza. E nem ele também afirmava. Eu não acredito que tenha sido aquela a causa. Eu não estava em Belém quando ele morreu, mas depois que ele faleceu que estive em sua casa. Segundo a senhora esposa dele, um dia ele amanheceu muito triste e chorou. E ela

perguntava o que ele tinha, ele não respondia. E aquilo foi acarretando nele que a vida dele era ficar sentado e chorando. Era como se ele tivesse tido um derrame... O comportamento era de um derrame, mas um derrame que não “entortou” nada nele. Não aparentava que ele tivesse alguma coisa. Então ele ficava sentado e chorando e assim foi até ele morrer.

UFOVIA: O Flávio morreu novo, não é?

Pinon: Ele é da minha faixa etária, se fosse mais velho seria uns dois anos no máximo. Eu estou com 65 anos, mas quando ele morreu, na época, ele estava novo, pois já tem cerca de 20 anos que ele morreu.

UFOVIA: Como ficaram os contatos após a Operação Prato?

Pinon: Quando pararam os trabalhos da OP ficaram os grupos, só, mas não eram obrigados a mais nada. Eu te confesso, muitos que faziam parte da Operação Prato, eram obrigados por serem militares. Iam por determinação, era uma missão. Mas não que eles fossem e não gostassem, mas vamos dizer entre aspas: “tinham medo”. Porque realmente é preciso que se diga e se entenda, que a coisa é bem fantasmagórica. Você não pensa que vai ver a coisa bonitinha ali, não! Tem ocasião em que você se pergunta: *"estou procurando alguma coisa de uma tecnologia avançada demais ou estou mexendo com visagem, com almas de outro mundo?"*. O que é isso que estou mexendo? Pelas formas que se manifestava para a gente, até chegar no ponto de você levar um tapa! E sem ver de quem! A ponto de acontecer isso! Estas coisas foram que apavorou na época e deixavam os ribeirinhos aqui no Estado do Pará, doidinhos! Pela maneira violenta que eles se aproximavam. Eles não se aproximavam de uma maneira, vamos dizer assim, em paz...

UFOVIA: Não era nada por amizade...

Pinon: Não era! Eles sempre se manifestavam de uma maneira violenta.

UFOVIA: Se tivesse de sacrificar, eles sacrificariam...

Pinon: Sacrificariam! É um outro lado que existe na Ufologia... Quando houve um congresso (ufológico) aqui em Belém foi sob segurança. Porque todo mundo fala naquilo, que é bonito, dizem que “é bonitinho!”. Mas não é bem assim, não. Não! Tem um lado que é realmente, passivo. Eu quando estou fazendo a minha vigília, eu confesso pra você, ao se aproximar uma nave, eu identifico se ela é amiga ou não. E quando ela não é amiga, eu me retiro na hora.

UFOVIA: Pinon você acredita que esses implantes faziam parte de uma pesquisa deles. Por exemplo, para que pudessem te identificar, caso quisessem te localizar futuramente?

Pinon: Eu acredito que sim. Acredito que seja uma maneira de eles catalogarem determinadas pessoas. Qual a finalidade disso, não sei. Mas existem pessoas com estes implantes e nem sabem que os têm.

UFOVIA: Foram implantados possivelmente numa situação de inconsciência...

Pinon: Inconsciência, pois eles não sabem nem o que têm! É por isso que, às vezes, o cara descobre depois de muito tempo, acidentalmente que possui um implante. Foi tomar um banho, ou uma coisa qualquer, o cara vai descobrir: o que eu tenho aqui?

UFOVIA. O seu implante, por exemplo, nunca te trouxe nenhum problema físico?

Pinon: Nada!

UFOVIA: Já o do coronel Hollanda e do sargento Flávio, a informação que tenho é que eram dolorosos, com sangramentos...

Pinon: Sim, eles sentiram, eles sentiram...

UFOVIA: O Hollanda disse que “amortecia o braço”...

Pinon: Sim, ele dizia isso. Mas eu falei com eles várias vezes: eles não sabiam ficar com o negócio ali e ignorar. Eles queriam toda hora estar tirando a “prova dos 9”, entende? Ficavam sempre mexendo naquilo. E eu dizia pra eles: *“eu não mexo com isso, deixe isso aí, cara!”*.

UFOVIA: Incomoda?

Pinon: Não incomoda, então não mexo. Se for mexer vai incomodar.

UFOVIA: Tivemos a informação de que o Hollanda chegou ir para São Paulo para retirar o seu suposto implante. Ele só não retirou porque o ufólogo Rafael Sempere Durá o orientou para não retirar aquilo, dizendo que não seria uma coisa boa, tentar retirar...

Pinon: Por isso eu digo que existe um outro lado: que o sujeito não deve fazer aquilo que não for determinado por eles. Eu acredito que, quando “a missão” do cidadão terminar aqui, eles “embarcam” o cara. Eles embarcam! Encerram a sua utilidade aqui, talvez por um motivo muitas das vezes, causado pela própria pessoa. Então, por esse motivo, eles “embarcam a pessoa”. Quando digo “embarcam”, quero dizer que... Chegou a hora de morrer... Eu não aceito a morte, mas viajar, numa viagem sem retorno. Viajar... Embarcar...

UFOVIA: Então você não acredita mesmo que o Flávio morreu em consequência do implante que ele portava?

Pinon: Não. Não haveria necessidade para isso, digo até hoje e afirmo: se houver qualquer descontrole a respeito de um implante desses, “eles” mesmos tiram. Ou seja, só se tivesse ocasionado algo que prejudicasse o Flávio, por exemplo, dessa forma, creio que eles tirariam.

UFOVIA: Você acredita nisso...

Pinon: Acredito piamente! No caso do meu (*implante - veja parte 1 dessa entrevista*), tinha ocasião que ele ficava tão saliente... Mas acontece que, de vez em quando você sente... Até para cortar a unha já tem alguma dificuldade. [N.E.: *Nesse instante da entrevista Pinon que afirma ter um implante no pé mostra o local a Peret, que apalpa a região e verifica “algo duro” dentro de uma cicatriz com cerca de 10 cm de extensão na sola do pé de Pinon*].

UFOVIA: Você já radiografou?

Pinon: Não! Foi estranho, pois todas duas vezes que fui radiografar, a máquina deu um problema e não consegui a radiografia. Depois não liguei mais para isso.

UFOVIA: Você sabe se algum parente do coronel Hollanda participou de alguma forma da Operação Prato?

Pinon: Pelo que eu sei nenhum parente do Hollanda fez parte da operação. E vou te falar, se disserem que “fulano de tal” participou, eu sei se participou, entre todos os que ainda estão vivos.

UFOVIA: E tem muitos vivos?

Pinon: Ainda têm alguns. Embora que não fizessem parte da operação, mas faziam parte da sessão. Era um grupo que o próprio Hollanda selecionou. Então, entre as pessoas que fizeram parte na época, se disser pelo nome eu vou saber se realmente fez parte ou não da operação. E todos estes que participaram, se você perguntar a eles se conheceram o Pinon, com certeza eles vão dizer que conheceram.

UFOVIA: Você trabalhava com os integrantes da Operação Prato no seu avião? Como se dava isso?

Pinon: Não. Foram poucas vezes que usamos o meu avião. Uma vez eu sai com o Hollanda. Em meu avião saía esporadicamente com eles, para gente verificar algum determinado local. Então te digo, quando eu chegava sozinho aqui, voando por trás de Santa Maria do Pará, eu

procurava logo visualizar algum local bom para se montar uma vigília e informá-los.

UFOVIA: O ufologista norte-americano Bob Pratt que é um jornalista muito aplicado na casuística ufológica pesquisou diversas ocorrências aqui na Amazônia, inclusive, ao lado de Hollanda. Você teve algum contato com ele?

Pinon: Sim. Eu concedi uma entrevista ao Bob Pratt aqui, antes da morte do Hollanda. Fizemos uma viagem em meu avião, a qual o Bob me pagou o frete. Fomos até uma região mais distante para ele verificar algumas ocorrências. Viajamos, eu, Bob, Hollanda e meu sobrinho, que voava comigo na época. E depois disso fizemos uma vigília em que o Bob nos acompanhou. Depois ele viajou e foi embora. Algum tempo depois me surpreendi, quando ele veio aqui em casa com o Daniel Rebisso. Ele falou que queria me ver e tal, veio me visitar e conversamos novamente.

UFOVIA: Na época em que os fenômenos eram mais evidentes, as pessoas e a imprensa costumavam convidar você para fazer vigílias aqui na região?

Pinon: Naquela época o jornal *A Província* do Estado do Pará tinha um jornalista amigo meu, o Siqueira. Ele me chateava todo dia querendo fazer uma reportagem e acompanhar a gente. Eu dizia sempre: “*Siqueira, não dá pra levar você de maneira nenhuma*”. Mas acabei dando umas coordenadas para ele e um amigo, sobre um lugar que daria pra ver algumas coisas e eles foram. Pra você ter uma idéia, até prenderam o filme deles [N.E.: *presume-se que o I Comar foi quem fez a apreensão*], pois quando publicaram as fotografias no jornal, elas coincidiam com as nossas. Mas foram eles que fizeram o filme mesmo. Eles saíram de lá apavorados. Relógio disparava: *piiiiii!* A máquina fotográfica disparava sozinha...! Enfim, eles vieram doidinhos de lá! Eu sei disso porque o Siqueira me confessou e eu disse-lhe: “*Siqueira, não vou nem falar sobre isso!*”. Depois eles venderam o filme para a Alemanha, na época, por US\$ 10 mil cada filme.



PINON: 'o negócio era meio fantasmagórico. E como eu dizia, um cidadão que tomar posse de uma nave dessas aí, vira soberano da Terra'

UFOVIA: Pinon, você sempre manteve contato com militares e pessoas do A2, tendo acesso por diversas vezes aos quartéis e comandos militares. Eu obtive uma informação por fonte altamente segura de que na COMARA [N.E.: *Comissão de Aeroportos da Região Amazônica, subordinada ao Comando-Geral de Operações Aéreas*] existia (ou existe) uma espécie de museu com objetos de origem extraterrestre. Segundo minha fonte, este material havia sido recolhido antes, durante e depois da Operação Prato. Você sabe se isso é verdade?

Pinon: Já foram desviadas muitas coisas dali! Na época existia sim, porque funcionava tudo no QG [N.E.: *sede do I Comar*], só que a COMARA vinculou-se a outro departamento e mudou de local. Veja bem, quem era aspirante na época, hoje está reformado como brigadeiro. O Hollanda na época era tenente, foi reformado como coronel. Então eu não tenho mais conhecimento com ninguém lá dentro que possa saber sobre isso. Toda esta turma de capitão, major que está lá hoje é tudo guri novo...

UFOVIA: Mas o que eu quero saber é o seguinte: existia de fato este “museu extraterrestre” na COMARA?

Pinon: Existiu...

UFOVIA: Porque eu soube que tinha capacete, viseira e tal...

Pinon: Não! Não, capacete não, alguns fragmentos metálicos nos encontramos, de fato. Mas capacete, não. Isso é conversa!

UFOVIA: Mas, a fonte que me deu essa informação é... [N.E.: *optamos por não citar o nome para não comprometer a fonte*].

Pinon: Mas não existe! Capacete, não.

UFOVIA: Ele disse que tinha uma viseira também...

Pinon: O que acontece é o seguinte tem muita coisa que você não sabe de onde surgiu. Quando aparece alguma coisa você já acha que faz parte daquilo ali, mas é coisa que não tem nada a ver. Por exemplo, se um leigo pegar um visor de um piloto da USAF (Força Aérea Norte-americana) hoje, poderá até achar que aquilo é de fora da Terra. Entende?

UFOVIA: Certo. Havia algumas manifestações aqui na região dando conta de que nem tudo o que era avistado nos ares seria de origem extraterrestre. Você tem conhecimento se havia movimentação de alguma organização secreta atuando por algum motivo aqui na Amazônia?

Pinon: Veja bem, na época, a gente supunha tudo! Não se tinha uma definição, como até hoje não se tem! Era tudo no campo das hipóteses; será que é? Será que não é? E foi por esse motivo que fui requisitado pelo Hollanda...

UFOVIA: Você trabalhou diretamente com eles. Isso se deu pelo fato de você ser piloto?

Pinon: Justamente. Pelo fato de ser piloto. Porque o negócio era meio fantasmagórico. E como eu dizia, um cidadão que tomar posse de uma nave dessas aí, vira soberano da Terra. Vira soberano da Terra! Mas, que eles [N.E: *referindo-se à alguma nação da Terra, sem citar qual*] tenham alguma coisa relacionada, eles têm... Eles tentam desenvolver uma tecnologia alienígena, mas olhe bem: tentam! Mas que estas naves fantásticas estejam no poder deles? Eu não acredito mesmo!

UFOVIA: Pinon, você acredita que todas estas manifestações fenomenais da região sejam mesmo de origem extraterrestre? Por exemplo, alguma coisa pode estar sendo pesquisada ou desenvolvida secretamente aqui na Amazônia. Este território tem condições de abrigar um grande projeto, um plano... É muita vegetação fechada. Em determinadas regiões são florestas extremamente serradas. Então, qualquer coisa pode estar sendo desenvolvida aleatoriamente, ali, camuflada na mata...

Pinon: Certa vez eu estava em vôo e entrei em pane a cerca de 2h de Itacoatiara, na direção de Boa Vista e 2h30 de Boa Vista. Estava em cima de um tapete verde a 1000 pés de altura: de ponta a ponta era um tapete verde. E ali em cima daquilo eu tive uma pane. E me perguntei: O que estou fazendo aqui?

UFOVIA: Eu fico pensando no que poderia estar acontecendo por baixo daquele tapete...

Pinon: Deixa falar uma coisa pra você. Dentro do contexto apresentado pelas luzes, naves e aparições, não existe mão de ser humano, não!

UFOVIA: Mesmo com toda essa tecnologia?

Pinon: Mesmo com toda tecnologia avançada de hoje! E no mais, você aprende a identificar na hora, a origem do objeto, se é terrestre ou não. Dentro desse contexto, pela luz do objeto, você identifica. As manobras, a velocidade... É assim para nós que não somos leigos no assunto. Mas quando a pessoa é leiga ela diz: *“isso é coisa de russo!”*. Se você falar que aquilo é de outro planeta eles vão te falar: *“você é doido, moço!”*. Então esta situação é que deixa a gente nessa agonia.

UFOVIA: Existe uma informação de que existe uma pista de pouso em Macapá que foi bastante usada pela USAF até algum tempo atrás. Você que já voou muito pela região do Amapá sabe alguma coisa a respeito disso?

Pinon: Esta pista fica na cidade de Amapá. Sim, ela existe até hoje. É um campo de pouso. Até já utilizei.

UFOVIA: E você sabe se eles vinham para cá com o intuito de realizar alguma pesquisa? Talvez até investigar os fenômenos da região, ou por que seria?

Pinon: Não. Aquilo ali foi uma base norte-americana, na época da Segunda Guerra. E eles tinham uma base aqui em Igarapé Açu, que tinha até um zepelim. A incidência ali é tão grande que, com essa mudança toda... Da última vez que fui lá eu me assustei! Primeiro porque não tinha segurança nenhuma mais: muito assalto.

UFOVIA: Você acredita que este campo do Amapá era usado só para abastecimento de aeronaves?

Pinon: Ao que sabemos, seria uma base norte-americana sob jurisdição da I Zona Aérea. Os norte-americanos formavam aquela base de defesa lá para dar suporte aos submarinos que passavam por ali, mesmo depois que terminou a guerra. Naquela época o Amapá ainda era território federal. Mas quando se desvinculou do Pará e se tornou Estado, a base permaneceu naquele local. As instalações ainda permaneceram grande período ali, até que o governo brasileiro foi obrigando-os a ir desativando a base. Foram embora, mas abandonaram muitas coisas no local. A população de lá que deu fim em muita coisa, deixaram muito treco ali. Você via a torre deles lá, pedaços de avião eles deixaram para trás...

UFOVIA: Diversas pessoas afirmam que os fenômenos da Amazônia teriam diminuído de intensidade nos últimos tempos. Você acha que muita coisa mudou neste sentido?

Pinon: Acredito que não mudou. O povo se acostumou com aquilo e quando vê uma luz, o sujeito apenas diz, com naturalidade: “*lá vai o aparelho*”. Então a incidência continua, as pessoas é que não vão lá para vê-los. Por exemplo, se nós estamos aqui, eles vêm aqui em cima e acendem a luz para todo mundo ver.

UFOVIA: Mas você já viu algum objeto desses, que te fez pensar que se tratava de um artefato terrestre desconhecido?

Pinon: Certa vez eu decolei de Belém, antes de passar no Mosteiro, fui subindo, uma camada (nuvens) adiante e “aquele treco” cruzou pela minha frente, subindo. E aquela coisa ia cheia de gente. Lotado! Aquilo era igualzinho um ônibus! Daí eu entrei na camada, quando saí e olhei, vi só uma pontinha no céu. E vi que tinha gente dentro daquilo, pareciam passageiros. Como aquilo pode voar? Era um ônibus...

UFOVIA: Você chegou a registrar em fotografias alguns objetos exóticos assim?

Pinon: Dessa forma não. Mas certa vez eu estava na Baía do Sol, a barraca armada, estava de plantão numa noite escura. Sobre as águas uma luzinha piscando me chamou a atenção, como se fosse o mastro de uma canoa. E ela veio, veio... Eu estava com uma objetiva de 200 olhando ela, eu notava um vulto para baixo, mas na escuridão não dava para visualizar o que era. Quando ela ia decolando eu bati a foto, foi a única que consegui dessa luz e aquilo sumiu. Viemos embora e fomos para o laboratório do órgão de segurança do Exército. Tinha um sargento de plantão lá, acordamos ele e fomos revelar o filme naquela hora da noite. Quando o cara foi passando aquilo ele gritou: “*corre aqui*”. Olhamos e saíram na foto dois objetos! Só que, quando um estava decolando, outro ia passando por cima, você vê perfeitinho! Quando bati a foto ela pegou também o outro que estava passando por cima. Aquela era uma das fotos mais bonitas que nós tínhamos. Essa foto eles tem arquivado aí.

UFOVIA: Será que este material ainda está todo aí?

Pinon: Há algum tempo atrás, quando o brigadeiro Protásio disse que não tinha mais nada aqui, afirmando que tudo estava no Estado Maior, naquele dia o brigadeiro mentiu, porque tudo estava lá. Isso naquela época, agora, eu não sei mais...

UFOVIA: Você deve já ter ouvido muitos casos fantásticos. Por favor, nos conte alguns casos que você julga confiáveis, onde testemunhas narram histórias dando conta dos diversos fenômenos inusitados ocorridos aqui da região amazônica.

Pinon: Um conhecido meu me contou uma história, mais ou menos assim: *“Eu estava na Pousada Marajoara e de repente eu ouço o pessoal gritando, saindo correndo da piscina. Um UFO estava pairando acima da piscina, a menos de um metro e a água da piscina fervia. Era um objeto todo iluminado com tipoum chapéu em cima, que girava”*. Este caso da pousada foi interessante, pois não foi uma pessoa que viu, mas todos os hóspedes. Infelizmente eu não estava lá e não vi, isso tem mais ou menos uns 20 anos. Aqui na Ilha de Marajó eles chamam estes objetos de *Mãe do Fogo*, mas constantemente eles estão aparecendo lá. E desaparece muito gado lá...

UFOVIA: Você já ouviu falar de *Bota Fogo*? É como uma bola de futebol e dentro da mata, das selvas, ela se desloca em grande velocidade, desviando-se dos troncos das árvores. No interior eles chamam de *Bota Fogo* ou *Bola Fogo*.

Pinon: Esta “bola” eu acredito que seja sonda [N.E.: *Objeto não tripulado, geralmente de pequena dimensão, supostamente teleguiado (dirigido a distância)*]. Esta, constantemente se movimenta. Quando ela vem de frente você vê o movimento, mas tem ocasião que ela vem por trás de você, aquilo passa e *vupt!*

UFOVIA: Mas não causa nenhum dano às pessoas?

Pinon: Até agora, pelo o que eu saiba, não causou dano a ninguém. Outra coisa que existe muito aqui é relâmpago em céu claro. Mas é um relâmpago que o rastro fica, dois ou três minutos no céu até apagar.

UFOVIA: Nos conte uma experiência mais eletrizante que lhe foi narrada.

Pinon: Um amigo meu que é piloto saiu daqui de Belém para ir com a família dele de carro para perto de Salinas. Por volta de 23h30 ele parou num povoado pra fazer um lanche com a esposa e os amigos. De repente ele vê uma luz voando a baixa altura e vê que não é avião porque não tinha barulho. Mas quando o objeto se aproximou ele constatou uma coisa que o deixou sem entender: aquilo eram cabines de Boeing em formação! Veja bem, quatro cabines, só a cabine! Eram quatro e estavam um ao lado do outro. Só o central estava aceso e todos deixavam um rastro de condensação atrás.

UFOVIA: Que coisa incrível...

Pinon: Não parou por aí. Na semana seguinte, o coronel da base aérea, conhecido meu, chega para me falar: *“Pinon quero te contar uma visão que tive ontem à tarde”*. Eu perguntei: *“o que foi coronel?”*. Ele faz parte de uma patota dessas que anda de moto por aqui, essa velharia que anda nessas *Harley Davidson (risos)*... Então eles sempre saem em grupo. E contou que eram 5h da tarde e ao se aproximarem do Mosteiro viram uma luz, vindo no sentido Belém-Salinas. Eles pararam as motos para ver melhor. Segundo ele, o ângulo do objeto era de subida. Contou que aquilo era a cabine de um Boeing! Ele tornou a repetir: *“Pinon, era a cabine de um Boeing, só a cabine!”*. Ele contou que trás do objeto havia também uma condensação, não emitia barulho nenhum, passou por cima deles e sumiu. Eles pensaram que somente eles tinham avistado aquilo, mas quando olharam para trás havia um monte de carro parado na estrada, outras pessoas estavam observando também.

UFOVIA: Engraçado isso, nunca vi ninguém descrever nada parecido com uma cabine de um Boeing.

Pinon: contei para ele da coincidência, de ter um colega, também piloto, que viu quatro cabines dessas juntas. Este coronel disse que me procurou porque sabia que para mim poderia se abrir e conversar. *“Se eu vou lá pra cantina dos oficiais falar uma coisa dessas, eles iam-me internar”*, disse ele.

UFOVIA: É verdade...

[N.E.: Nesta parte da entrevista Pinon mostra a Peret um acervo pessoal contendo diversas fotos de objetos voadores não identificados que, segundo Peret, trata-se de uma coleção de grande valor. Estas fotos registram nitidamente objetos em formatos diversos (duplos, halos, discóides etc, todos fotografados na região amazônica. Pinon contou a Peret a história de alguns dos objetos que figuram em diversas dessas fotos, todos de comportamento e formato bastante distintos. Grande parte dessas fotografais foi tirada pelo próprio Pinon, que felizmente, conseguiu registrar boa parte dos inúmeros avistamentos que teve].

UFOVIA: Pinon, esta fotografia aqui que mostra esta luz é muito interessante, porque mostra também uma luminescência contornando o objeto.

Pinon: Sim. Isso se dá na hora que ela vai desovar (expelir sondas). Temos um filme super 8 aí, que mostra ela vindo, pairando e vai soltando as *navetas* (pequenas naves). Doze *navetas*, ela soltou! Daí ela faz como se retornasse e aquele negócio vem em formação indo pela

cidade de Colares. Rapaz, aquilo entrava na copa das árvores, que a gente gritava “vai bater!”. Mas sempre desviavam delas, eram cinco, naquela noite...

UFOVIA: Nossa...

Pinon: E houve uma outra cena dessa luz comigo. Nós estávamos fazendo uma vigília em Colares [N.E.: *juntamente com integrantes da Operação Prato, entre eles Uyrangê Hollanda e Flávio Costa*], na beira da praia. Eu dificilmente ia lá durante o dia, mas de tarde aparecia, pois sabia que eles estavam lá. Um dia eu cheguei no local e o Flávio tinha preparado um peixe assado. Estava todo mundo comendo e eu pedi para o Hollanda me escalar para o último turno, porque queria dormir. Ele disse então para eu ir deitar que daria um jeito. Deitei no banco no meu carro, de frente para o rio. Acordei eram 1h da manhã. Na hora que sentei no banco, uma luzinha apareceu na minha direção. Parecia uma brasnha de cigarro. Olhei e aquilo foi aumentando, ficou oscilando. Olhei para um lado, para o outro e vi que o pessoal estava lá do outro lado, perto da ponte, distante. Estavam os carros ali, mas quem estava ali estava dormindo, os que estavam de plantão estavam mais na frente. Rapaz, aí me deu aquela idéia de maluco: vou bater uma fotografia com *flash*! Peguei a máquina ali enquadrei e: *clique*! Meu amigo, aquilo foi como se tivesse mexido num um ninho de marimbondos! Primeiro eu pressenti alguma coisa vindo na minha direção, eu fiz esse movimento aqui (se protegendo). O pára-brisa do meu carro desintegrou! Desintegrou total! Sumiu mesmo!

~..

UFOVIA: Explodiu? Como foi?

Pinon: Deu aquele impacto assim: *plaque*! Aquele treco (a luz) ia pra lá e pra cá, ficou doidinho com o efeito do *flash* da máquina. Eu vi que o pessoal ouviu o barulho do impacto do pára-brisa, logo eles correram para onde eu estava.

UFOVIA: Geralmente o vidro quebra ou estoura, quando se está com o carro fechado, quando está muito quente lá dentro...

Pinon: Rapaz, o problema ali foi outro: o vidro todo desapareceu! Só encontramos o vidro que ficou na borracha. Não tinha vidro nenhum dentro do carro.

UFOVIA: É mesmo? Então desintegrou-se literalmente.

Pinon: O pára-brisa desintegrou todinho. E daí em diante, nunca mais a gente tentou fotografar estas luzes usando *flash*. Acho que “eles”

pressentiram como sendo uma arma qualquer. Uma forma de ataque. Esta foi a nossa suposição.

UFOVIA: O Hollanda estava junto nesse episódio?

Pinon: Sim, desta vez ele estava junto também.

UFOVIA: Pinon, quais localidades você recomenda como os melhores para se montar vigília aqui no Pará?

Pinon: Locais ideais seriam Marajó e Colares. Agora para quem quer fazer uma excelente reportagem, Monte Alegre é ideal porque pode reportar também o que acontece dentro da cidade, que tem pinturas rupestres, coisas que tem ali que o Turismo não divulga. É uma região de montanhas e muitas cavernas, lá temos a serra do Paituna, serra do Irerê e a serra da Lua. São várias serras, a do Cajurí foi onde eu te contei anteriormente que aquela senhora viu a passagem do tal “ônibus” (*veja parte 1 da entrevista*). São muitas ocorrências por lá. E não é de tempos atrás, é coisa atual. A primeira aparição que eu avistei, que te contei (*veja parte 1 da entrevista*), foi naquela região. Os ribeirinhos de lá chamam as luzes que eles vêem de *Cobra Grande*. E sempre aquela historia: esta cobra é cega porque alguém deu um tiro de fuzil e cegou o olho dela (risos). Esta bendita Cobra Grande eu já vi várias vezes. Por que Cobra Grande? Por que é uma luz que vem, próxima à água numa velocidade fantástica. Essa luz sai do Jequiriqui, vem numa velocidade incrível, passa pela praia da cidade, do outro lado do rio e vai desembocar no Amazonas. Então, lá, eles sabem a época em que a Cobra Grande vai passar.

UFOVIA: Pode nos descrever um de seus avistamentos da Cobra Grande?

Pinon: Numa ocasião eu estava pescando com um amigo meu lá, eu ainda era moleque, devia ter uns 12 anos. E meu amigo Jorge observou e falou: “*lá vem a Cobra Grande*”. Rapaz, a gente se escondeu, dentro da canoa encostada no capim e a luz se aproximando naquela velocidade. E do outro lado do rio minha mãe, meu pai, todos estavam vendo a luz em desespero, pois sabiam que estávamos pescando naquele local. Aquilo veio se aproximando e nós abaixamos dentro da canoa. Eu calculei mais ou menos o tempo que ela deveria ter passado. Mas quando levantei a cabeça, ela estava parada na nossa frente! A bendita cobra estava parada na nossa frente! Eu falei: “*Jorge, o troço está parado aqui na frente e não é cobra coisa nenhuma!*”. E aquele objeto deveria ter... Vamos ver, tinha a visão de criança na época e de adulto hoje, mas calculando, penso que aquilo deveria ter uns 10 metros de extensão. E estava ali, parado na nossa frente!

UFOVIA: Deu para você avistar detalhes no objeto?

Pinon: Eu vi aquelas janelinhas nele. Do lado de dentro havia uma penumbra, não vi gente, mas tinha uma claridade vinda pela janela. A popa dele (traseira) era como se fosse cortada, a impressão que se tinha é que ali atrás tivesse alguém agitando um tição acesso que ficava soltando aquelas “estrelinhas” de brasas. O objeto ficou paradinho na nossa frente e, de repente, aquilo foi virando de frente para nós, de frente para a canoa. Virou a parte da frente que girava e saiu naquela velocidade! E pegamos o remo imediatamente e corremos para atravessar o rio de volta. Os meus pais estavam desesperados com a gente. E chegando lá falei: *“pai, aquilo não era Cobra Grande!”*. E ele disse: *“Meu filho, era Cobra grande!”*. E eu teimava: *“Pai não era Cobra Grande, era um treco assim e tal...”*. Daí ele me falou, convicto: *“Sabe por que você diz isso meu filho? É porque a cobra encanta a gente! Ela faz isso pra gente pensar que é outra coisa e ela chegar perto e engolir a gente”* (risos). Para você ver o que é a concepção do povo! É muito mais fácil aceitar que aquilo fosse a cobra que encantava, pra se aproximar e engolir a gente... Então eu tive que concordar com meu pai ou apanhar, senão eu estaria mentindo. E como tinha mais gente ali por perto, no dia seguinte toda a cidade estava sabendo do caso. E até gozação fizeram com a gente no colégio. Então esta foi uma desculpa para a bendita Cobra Grande, mas até hoje, o pião ribeirinho fala: *“eu estava pescando e a Cobra Grande passou pertinho de mim...”*.

UFOVIA: Pinon, para finalizar, vamos fazer um resumo sobre a performance aérea dos objetos voadores não identificados, baseado em tudo o que você já presenciou e conhece a respeito do assunto. Como você entende esta mecânica tão evoluída, fruto de uma tecnologia refinadíssima e tão distinta da conhecida?

Pinon: Peret, certa vez eu estive numa formatura de sargentos aqui da Aeronáutica e haveria apresentações de teses. E uma das teses apresentadas foi a “Mecânica dos Ovnis” e me convidaram para ser palestrante deles. Agora imagine, quase 100 homens ali se formando e as perguntas deles geralmente eram: que tipo de combustível eles usam? Que tipo de motor, propulsão? Todos ali são mecânicos, entendeu? Eu então respondi o seguinte a eles: se vocês me perguntarem se eu li, ou vi alguma parte do que eu vou dizer a vocês, eu digo que não. Por um motivo, que nem eu sei dizer, se desenvolveu esse conhecimento que eu repasso. Eu sei como eles navegam dentro da nossa atmosfera. Agora, não adianta pedir explicação que não vou ter nenhuma para dar a vocês. Mas sei como eles navegam e vou repassar para vocês aquilo o que sei. E dei o exemplo de uma piscina

cheia d'água. Se você tem um corpo mergulhado ali, tem pressão por todos os lados, mas se você abrir um buraco lá na frente este corpo será impulsionado para aquele buraco, devido à pressão de todos os lados. Aonde se abrir, aquele corpo caminhará naquela direção. Então, “eles” criaram um campo magnético em torno desses objetos e navegam dentro desse campo como se estivessem num vácuo, livres da lei da gravidade. Quando eles querem se deslocar para qualquer local, através de uma luz acionada, direcionam e abrem um caminho como se fosse um cone. Esta luz não emite som ou ruído. Eles também aparecem e desaparecem misteriosamente. Você está olhando aqui e já não vê nada, de repente ele aparece ali...

UFOVIA: Sim, issoeu já vi várias vezes.

Pinon: Mas daí você já olha onde eles estavam e não vê mais nada! Eles navegam dentro dessa “bola”, digamos. Na verdade aquilo é um campo magnético em que eles estão envoltos. Por este motivo é que eles não sofrem atrito. Por isso eles navegam em velocidades absurdas com uma deslocação negativa, freio busco e em deslocações tão rápidas. Então esta explicação eu dei para eles. E no final, os sargentos da FAB concordaram e confirmaram para mim, que a minha teoria tinha procedência correta. Agora, se você me perguntar: onde você viu isso? Quem foi que te disse isso? Eu não vou saber te dizer...



PINON: 'o negócio era meio fantasmagórico. E como eu dizia, um cidadão que tomar posse de uma nave dessas aí, vira soberano da Terra'

*** Vitório Peret é pesquisador em Ufologia.**

- Foto de Pinon: Rede Globo (RJ).

- Produção: Pepe Chaves - pepechaves@yahoo.com.br

NOTA: Estas duas entrevistas, de pessoas capazes e respeitadas, são muito claras e dispensam comentários.

EXPLICAÇÕES

A “REALIDADE”.

Quanto ao que é a “realidade” a Física vem em nosso auxílio.

Como se sabe, desde que a Teoria da Relatividade foi enunciada, o Espaço-Tempo, de quatro dimensões, pode ser esticado, comprimido, distorcido e, até, anulado (caso dos “buracos-negros”), dependendo, além disso, do observador...

Como se sabe, todos os corpos são formados por átomos que, por sua vez, são formados por partículas mais pequenas, entre as quais há grandes espaços.

Se fosse possível comprimir qualquer pessoa até que todos os átomos se tocassem, esta ficaria mais pequena que uma cabeça de alfinete...

Além disso, os nossos cientistas são, já, capazes de conceber Universos de oito e 10 dimensões... atravessados e interligados pelos chamados “buracos de minhoca”... que possibilitariam as viagens cosmonáuticas interestelares em períodos de tempo reduzidos...

Sabe-se, também, que os pedaços de energia “congelada” que são todos os seres e coisas não são estanques, havendo trocas de energias e de átomos, constantemente, entre eles...

Sabe-se, ainda, que o TEMPO é UNO, sendo Passado, Presente e Futuro, diversas fases do ETERNO PRESENTE, se bem que não seja linear... o que nos leva à possibilidade das viagens ao passado ou ao futuro... as especulações matemáticas e

respectivas fórmulas já existem... e os esoteristas sabem beem que tudo é possível...

Assim sendo, que realidade tem algo que pode ser esticado, distorcido, comprimido ou anulado, formado por partículas só visíveis mediante poderosas máquinas e capazes de coisas nem sonhadas?

A “REALIDADE” é, portanto, outra coisa...

OS “PLANOS” DO COSMOS.

É algo difícil de explicar, para quem não tenha conhecimentos a este nível, quer da Física, quer do Esoterismo.

Para uma tentativa de compreensão dou um exemplo, fácil de comprovar que, como todos os exemplos neste campo, é apenas isso:

Um quarto vazio.

Um quarto vazio está cheio de ar.

Acende-se uma luz.

O quarto fica cheio de luz.

No entanto, não caímos mortos, pois o quarto, apesar de estar, agora, cheio de luz, continua cheio de ar.

Liga-se um rádio.

O quarto fica cheio de música.

Mas não ficamos às escuras, nem sem ar.

Podíamos encher o quarto com muitas mais coisas mas estas três chegam para o exemplo.

E, a pergunta que se põe é a seguinte:

Como se pode encher um quarto vazio com ar, luz e música, tudo ao mesmo tempo?

A resposta é simples:

O AR, a LUZ e o SOM podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo porque têm graus de vibração diferentes.

O mesmo se passa com os chamados “planos”.

A LEI QUE REGE ESTES ASSUNTOS CHAMA-SE “Lei das Oitavas”...

Assim sendo, existe um Universo composto de muitos Universos.

Pode dizer-se que este Universo visível é, apenas, $\frac{1}{4}$ de todos os Universos.

Universos com diversos estados de Evolução.

Quando falamos de “Universos Paralelos” é a algo semelhante ao exemplo proposto que me refiro – estão TODOS aqui e agora – só que não os vemos porque o nosso cérebro está programado para ver as coisas tal como as vemos para nossa própria segurança.

Se víssemos esses universos ao mesmo tempo, não distinguiríamos em qual deles estávamos e enlouqueceríamos (que é o que acontece com alguns médiuns que, após algum tempo já não sabem distinguir o mundo físico do mundo psíquico e enlouquecem).

Um outro exemplo que podemos dar é o das ondas de televisão.

Os sinais de televisão encontram-se espalhados ao nosso redor e nós nada vemos.

No entanto, sintonizando um aparelho apropriado, a televisão, passamos a ver as imagens e a ouvir os sons contidos nesses sinais... e até podemos escolher variados canais...

Quanto às Forças que isolam os “Outros Mundos” do mundo Humano, obedecem a Leis Cósmicas que não são – nunca – violadas.

Essas forças podem comparar-se às da Electricidade.

Dou um exemplo, que é isso mesmo, apenas e só um exemplo:

- Um aparelho eléctrico que está programado para trabalhar a 220 Volts, não pode ser ligado a uma corrente de 440 Volts, os fusíveis saltariam e o aparelho queimar-se-ia.

- Com os Seres Humanos passa-se algo semelhante:

Os seus cérebros estão programados para uma determinada carga psico-mental e, desde que entrando em terreno de energias superiores, dá-se o mesmo que com as máquinas:

- Os “fusíveis” saltam e os cérebros “queimam-se (loucura e morte).”

É por isso que, no chamado “Mundo Esotérico-Espiritual” para além dos vulgares bandidos e ladrões, se vê tantos doidos...

Tanta gente com os fusíveis queimados...

Por isso, quem pensa que pode entrar nos chamados “Mundos Superiores” sem qualquer preparação é, para além de ignorante, simplesmente doido...

Esses Mundos estão naturalmente protegidos dos indesejáveis intrusos por forças vibratórias de alta potência.

Relembro aqui as palavras de Jesus, o Cristo, sobre o cuidado a ter quanto a certas revelações:

Não deiteis aos cães as coisas santas

Nem aos porcos as vossas pérolas

Não suceda que as pisem com as patas e,

Voltando-se, vos despedacem.

Mateus, VII, 6

E estas lembranças sobre a cegueira espiritual que ataca a maioria dos Humanos:

Viste muitas coisas e não lhes destes atenção; Tiveste os ouvidos abertos e não ouviste.

Isaías, XLII, 20

Filho do homem, tu habitas no meio da casa rebelde, que tem olhos para ver e mesmo assim não vê e tem ouvidos para ouvir e mesmo assim não houve.

Ezequiel Cap 12, vs1

A GRANDE “LIXEIRA CÓSMICA”:

Todas as grandes Tradições Iniciáticas afirmam que o mundo se desgasta e que, ao aproximar-se o fim dos Ciclos, se vai tornando mais permeável às influências de um PSIQUISMO INFRA-HUMANO, capaz de manipular os seres humanos.

É o que Guénon chamava as GRETAS na GRANDE MURALHA, que protege o mundo físico dessa LIXEIRA CÓSMICA, de resíduos psíquicos e anímicos. O mesmo Guénon adverte contra o uso ignorante de centros iniciáticos tradicionais, pertencentes a civilizações já desaparecidas...

Quando à finalidade de tudo isto, comecemos pelo princípio:

No Princípio era o Verbo

E o Verbo estava com Deus

E o Verbo era Deus.

No Princípio o Verbo estava com Deus.

Por Ele todas as coisas foram feitas.

Sem Ele nada do que foi feito se fez.

E o Verbo era a Vida,

E a Vida era a Luz dos Homens.

E a Luz resplandece nas Trevas

E as Trevas não a compreenderam.

(Início do Evangelho de João)

Mas, voltemos ao Princípio.

O que é o Verbo?

O Verbo é o som criador;

É o Big Bang dos Astrónomos e muito mais que isso.

É o Big Bang das Almas pois todas as Almas foram criadas no Princípio.

É o Big Bang de Tudo pois Tudo foi criado no Princípio... a partir de Deus... que está para além de Tudo...

O que existia antes da Criação?

Nada existia a não ser o Deus Imanifestado.

Nem o Amor existia pois não havia Nada para ser amado...

E o Universo foi criado desde o Princípio com as suas Leis – imutáveis e sempre actuates.

Este Universo não tem apenas quatro dimensões (Espaço + Tempo).

Os nossos matemáticos são já capazes de teorizar sobre Universos com 8, 10, 12 e, até, mais de 20 dimensões

No entanto, na realidade, o Universo tem n dimensões.

RELIGIÃO.

Toda a OBRA DIVINA obedece a LEIS e pode, portanto, ser cientificamente demonstrada.

RELIGIÃO e CIÊNCIA NUNCA deviam ter-se separado:

Os Sacerdotes das Religiões da Antiguidade eram astrónomos, arquitectos, médicos, etc., em suma, conhecedores de TODAS as formas do SABER.

Antes de serem prostituídas (e, por isso, destruídas), atingiram alturas maravilhosas que, ainda hoje, não podem ser compreendidas pelo comum dos mortais.

Nos nossos dias, é o comum dos mortais capaz de compreender a Astronomia, a Física Nuclear e a Matemática Modernas?

Não são as Leis que regem estas (e outras) ciências incompreensíveis ao humano comum?

Não descrevem elas fenómenos que são, em tudo, semelhantes à magia?

Que é a PARAPSICOLOGIA?

Não é ela estudada nas melhores universidades do mundo?

(Incluindo a Universidade do Vaticano?)

Não trata ela de “poderes psíquicos”, das manifestações de “outras inteligências” e dos “mortos”, tudo provável cientificamente?

- Querem conhecer os “Extraterrestres”?**
- Querem conhecer os “Mundos Paralelos”?**
- Querem conhecer as “Portas para o Infinito”?**
- Querem conhecer as “Outras Dimensões”?**

TUDO ISSO É POSSÍVEL.

Desde que respeitem as LEIS que regem esses mundos.

Pois as LEIS actuam, quer as conheçam, quer não.

Ninguém pode ser médico-cirurgião sem longos anos de estudo e prática (e, mesmo assim, de tempos a tempos, erram).

O mesmo se passa ao nível destes assuntos.

É, no entanto, necessária uma preparação específica.

E faço minhas as palavras de Teilhard de Chardin: "Em escala cósmica, somente o fantástico tem a possibilidade de ser verdadeiro."

O mundo do Esoterismo está cheio de doidos, precisamente porque essas leis não são respeitadas:

- É tudo uma questão de "VOLTAGENS":

REPITO

Um aparelho que foi fabricado para trabalhar a 220 Volts não pode ser directamente ligado a uma corrente de 440 Volts.

Se fizerem essa ligação, saltam os fusíveis e o aparelho queima-se.

Para a ligação é necessário um transformador.

O mesmo se passa com os humanos e é por isso que há tanta gente com os "fusíveis queimados" nestes assuntos.

O próprio Cristo não falava para toda a gente – por isso usava parábolas, algumas das quais, ainda hoje, não são explicadas convenientemente nas igrejas exotéricas (externas).

“Por isso lhes falo por parábolas;

Porque eles vendo, não vêem;

E, ouvindo, não ouvem nem compreendem.

E neles se cumpre a profecia de Isaías,

Que diz: Ouvindo, ouvireis mas não compreendereis,

E, vendo, vereis mas não percebereis.”

- Jesus, o Cristo. (Mateus, XIII;13, 14).

E Cristo agia assim porque é assim que tem que ser!

Voltando às “voltagens”, as “cargas” a suportar, nestes assuntos, são SEMPRE elevadas.

Por isso, só quem estiver preparado poderá atingir o “Conhecimento Superior”, que o levará ao contacto com mundos com os quais os “humanos comuns” nem sequer sonham.

E só com o auxílio dos “Mundos Superiores” se poderá adiar o FIM...

Que fique claro que estamos no “Fim dos Tempos”!

Não é o fim da Terra, nem o fim da Humanidade!

É o fim desta civilização, que está a destruir o Homem e a Terra!

É PRECISO ESCOLHER:

“Ninguém pode servir a dois senhores;

Porque, ou há-de odiar a um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.”

- Jesus, o Cristo, (Mateus, VI;24).

Se fizerem a escolha errada, estarão perdidos:

“Pois, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua Alma?”

- Jesus, o Cristo, (Mateus, XVI;26).

Quanto aos que pensam que podem “tornear” estas questões com palavras e apenas com isso...

... Melhor lhes fora nunca terem nascido...

(Voltem às palavras de Pedro...).

O SER HUMANO não está abandonado, nem desprotegido, sempre que respeite as LEIS DIVINAS:

“Pedi e dar-se-vos-á;

Buscai e encontrareis;

Batei e abrir-se-vos-á.

Porque, aquele que pede recebe;

E o que busca encontra;

E, ao que bate, se abre.

Cristo, (Mateus, 7-7,8).

**“Se algum de vós tem falta de Sabedoria,
Peça-a a Deus, que a todos dá,
Liberalmente,
E o não lança em rosto,
E ser-lhe-á dada”.**

Tiago, 1-5.

**E, se vos mantiverdes em Cristo, firmes na Fé e nas Obras, tudo
vos correrá pelo melhor, mesmo que sejais perseguidos pois,
como o mesmo Cristo avisava:**

**“Não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais
podem fazer.**

**Temei, antes, aquele que pode fazer perecer a Alma e o corpo
no Inferno”.**

**Para além de que, se estudardes, com Fé, os Textos Bíblicos
serão verdadeiras, para vós estas palavras de Cristo:**

“E conhecereis a Verdade e a Verdade vos Libertará”.

Cristo, (João, 8-32).

Tinha de ser assim?

Não, não tinha de ser assim!

Como já se disse:

- Há uma preparação específica.

Só que não está ao alcance de todos...

LEI DO SILÊNCIO:

Aquilo que não se pode dizer, não se diz.

Porquê?

Supondo que ensinamos alguém a “viajar ao país dos deuses” e essa pessoa o faz, sem a devida preparação.

Enlouquecerá e morrerá (é como ligar um aparelho de 240 volts a uma corrente de 480 – os fusíveis saltam e o aparelho fica queimado).

Exemplo histórico – Cambises, rei dos Persas, após a conquista do Egito.

LEI DA DISSIMULAÇÃO:

Certos conhecimentos não devem ser postos ao alcance de todos, para não serem prostituídos e, porque as palavras usadas, quer na vida comum, quer no esoterismo são as mesmas, as pessoas acabam por entendê-las à letra.

No entanto, como certas pessoas, mesmo não iniciadas, estão preparadas para os receberem e como os livros são postos à venda para todos, esses conhecimentos são dissimulados entre conceitos diversos.

Exemplos – Cristo, que falava por parábolas e Platão, que foi várias vezes censurado por “avançar encoberto”.

Acontece que, como já exemplifiquei com o “tal quarto vazio cheio de ar, luz e som”, a REALIDADE ABSOLUTA não se compadece com o facto de a ignorarmos:

- ACTUA quer a conheçamos, quer não!

Um exemplo, para melhor compreensão:

Estamos com um bebé ao colo junto a uma vela acesa.

O bebé vê a chama brilhando e dançando junto a si com fascinação.

Estende a mãozinha para agarrar a chama.

Resultado: QUEIMA a mãozinha!

Poder-se-ia alegar: “Mas, o bebé não sabia que o FOGO queimava.”

Não interessa! O FOGO QUEIMA, quer saibamos, quer não!

... E a Humanidade vai, em breve, queimar-se por não conhecer as Leis que regem estes assuntos...

Como determinar essas “Realidades Superiores” para além da nossa?

Porque, simplesmente, têm por base uma “Razão Superior”, uma “Realidade” para além do “Intelecto Básico”, instintivo.

Porque o “Intelecto Básico” existe com a única finalidade de manter o “Ser Humano” vivo e com o máximo conforto possível.

As “Realidade” da Matéria são as partículas ínfimas que a constituem.

A Matéria é composta de ÁTOMOS que, por sua vez se dividem em electrões, protões e neutrões, que por sua vez se dividem em quarks e leptões... partículas que formam sistemas solares em miniatura, girando a velocidades vertiginosas...

Mas não é isso o que os nossos olhos vêem... porque o nosso Intelecto está PROGRAMADO para ver as coisa como as vemos... e com razão pois se, em vez de um automóvel avançando na nossa direcção, víssemos um monte de partículas giratórias avançando para nós, no meio do turbilhão de partículas dos outros componentes da paisagem, não nos afastaríamos... e o automóvel atropelava-nos...

A REALIDADE obedece – entre outras – à “Lei das Oitavas.”

Um exemplo:

Na ESCALA MUSICAL temos:

- DÓ, RÉ, MI, FÁ, SOL, LÁ, SI, DÓ; mas entre o 1º DÓ e o 2º há uma OITAVA de diferença.

Ou seja, apesar de ser a nota “DÓ” entre uma e outra existe a “tal” oitava de diferença que as distingue.

Creio, neste momento, não ser necessário recorrer às PROFECIAS para verificarmos que esta actual CIVILIZAÇÃO se tornou PERNICIOSA estando a destruir o Planeta e, consequentemente, a Humanidade.

Acontece que “a Terra vinga-se daqueles que a destroem”, e pode passar sem a Humanidade... mas a Humanidade não pode passar sem a Terra...

Os exemplos da visível destruição do Planeta são já muitos para que seja necessário enumerá-los (e digo da visível pois há outras formas de destruição invisíveis, tão ou mais perniciosas).

Ora, se não encontramos, rapidamente, um outro MODELO CIVILIZACIONAL ALTERNATIVO que não se duvide do próprio FIM desta civilização caduca.

O nosso DILEMA actual pode resumir-se da seguinte maneira:

- Ou mudamos;**
- Ou morremos!**

Como Civilização e como indivíduos!

A LÓGICA SUICIDA que parece controlar o Mundo tem de ser primeiro travada e, depois, invertida.

Porque, para os que dirão que este Projecto não obedece à lógica comum, há que perguntar:

- Qual a “lógica” da exploração desenfreada do planeta?**
- Qual a “lógica” da exploração desenfreada do ser humano?**
- Qual a “lógica” dos fundamentalismos, religiosos, científicos ou terroristas?**

É URGENTE o surgimento de um NOVO PARADIGMA CIVILIZACIONAL.

O FUTURO é o da CONSCIÊNCIA CÓSMICA pois o NOVO CICLO ASCENDENTE que aí vem será o da INTEGRAÇÃO da TERRA na CIVILIZAÇÃO CÓSMICA e NADA nem NINGUÉM o poderá impedir.

Se o CAMINHO para ela será FÁCIL ou DIFÍCIL, relativamente PACÍFICO ou extremamente VIOLENTO, só de nós depende.

PODEMOS FAZER A DIFERENÇA

Sim, podemos fazer a diferença, à medida que, com as nossas acções no Presente, vamos, colectivamente, construindo o Futuro.

“O pequeno FERMENTO pode fermentar a totalidade da massa.”

Cayce

Este é um princípio deveras poderoso: Um grupo de Almas harmonioso pode levantar a consciência da Humanidade.

Esta filosofia tem sido chamada de “MASSA CRÍTICA”.

É possível que tenhamos ouvido esse termo num contexto muito mais horrível: a explosão de uma bomba atômica. Para construir uma arma de cisão os cientistas sabem que é necessária uma quantidade específica de certas substâncias radioactivas, tais como uma certa forma de Urânio. Se tivermos menos que essa quantidade específica, nenhuma explosão acontecerá. No entanto, uma vez alcançado o ponto preciso, ou seja, a massa crítica, algo pode, repentinamente, acontecer.

A LEI DA UNICIDADE

Existem dois poderes opostos lutando pela posse das mentes humanas. A nossa experiência diz-nos que existe a LUZ e a ESCURIDÃO e nenhuma Lei abstracta pode negar esta experiência que temos. Há bons trabalhos que estão a ser feitos por algumas pessoas e há outros trabalhos destruidores e com aparência de mal que estão a ser feitos por outras pessoas.

Contudo, a questão é a seguinte:

- Qual a relação existente entre a Luz e a Escuridão, o Bem e o Mal?

- Serão estes poderes iguais, mas opostos?

Se assim for, mesmo que nove unidades de Bem quando confrontadas com dez unidades de Mal resultarão numa vitória do Mal.

Mas será que isso realmente acontece? Quando a Luz se confronta com a Escuridão, qual é o resultado da interacção de ambas? Por exemplo, se alguém acender uma vela num auditório escuro, a luz não vai permear toda a sala? Admissivelmente, essa pequena vela poderá iluminar a enorme sala com uma luz muito ténue, mas permanece o facto de a escuridão não ter poderes superiores aos da minúscula chama da vela. Assim, LUZ e ESCURIDÃO não são, na realidade, forças iguais. Constituem antes forças opostas e Escuridão é melhor compreendida como ausência de Luz.

Por outras palavras, existe uma unicidade fundamental entre os elementos deste exemplo. Há uma força que, na sua manifestação máxima, é Luz pura e cujas expressões diminuídas, diminutas ou mesmo a ausência de expressão são passíveis de ser experimentadas.

No entanto a Escuridão não é um poder independente da Luz e é detentora de capacidades para a derrotar através da superioridade dos seus números.

E é preciso não esquecer que, quanto maior a quantidade de Luz, mais vemos. E, quanto maior for a Escuridão, menos vemos...

A LEI DA RESSONÂNCIA

Em adição à Lei da Unicidade, temos uma segunda Lei Universal que ajuda a compreender o mecanismo da massa crítica. Esse princípio é retirado do campo da Física: a Lei da Ressonância. Como exemplo, dois garfos em harmonia podem comprovar esta Lei a um nível físico. O que é que acontece se bater com um garfo em situação de harmonia e depois o aproximar de um outro garfo com estrutura semelhante? O segundo garfo começará, também ele, a entrar em vibração.

O que acontece ao nível das mentes humanas é, na realidade, muito semelhante.

Com estas duas Leis em mente podemos concluir que a consciência obscurecida de milhões de pessoas não é suficiente para derrotar umas quantas mentes iluminadas trabalhando em sintonia.

Acontece que, para além daqueles humanos que atingiram um alto grau de consciência, existem outros SERES de incomensurável poder que estão prontos para ajudar a Humanidade neste tempo de difícil transição.

Basta que os seres humanos o desejem verdadeiramente e estejam dispostos a respeitar as Leis Éticas do Cosmos.

Edgar Cayce chamava ao tipo de consciência associado a esse fenómeno de “Consciência Crística” (de Cristo).

Essa “Consciência Crística” pode ser activada através de duas maneiras:

- A primeira consiste na realização de um esforço consciente por parte do INDIVÍDUO, através da sua procura e da realização de esforços específicos no sentido de mobilizar a sua vibração na vida física.

É certo e seguro afirmar que só uma ínfima percentagem da população mundial se encontra, de momento, diligentemente envolvida no processo.

- A segunda consiste na aplicação da Lei da Ressonância. Se alguém possuidor da “Consciência de Cristo” entrar em vibração consciente, essa atitude poderá criar uma actividade solidária em estruturas semelhantes presentes noutras pessoas.

Muitas conversões religiosas, políticas ou ecológicas, por exemplo, surgiram desta maneira.

Mesmo ao nível dos conhecimentos actuais já se pode fazer muita coisa.

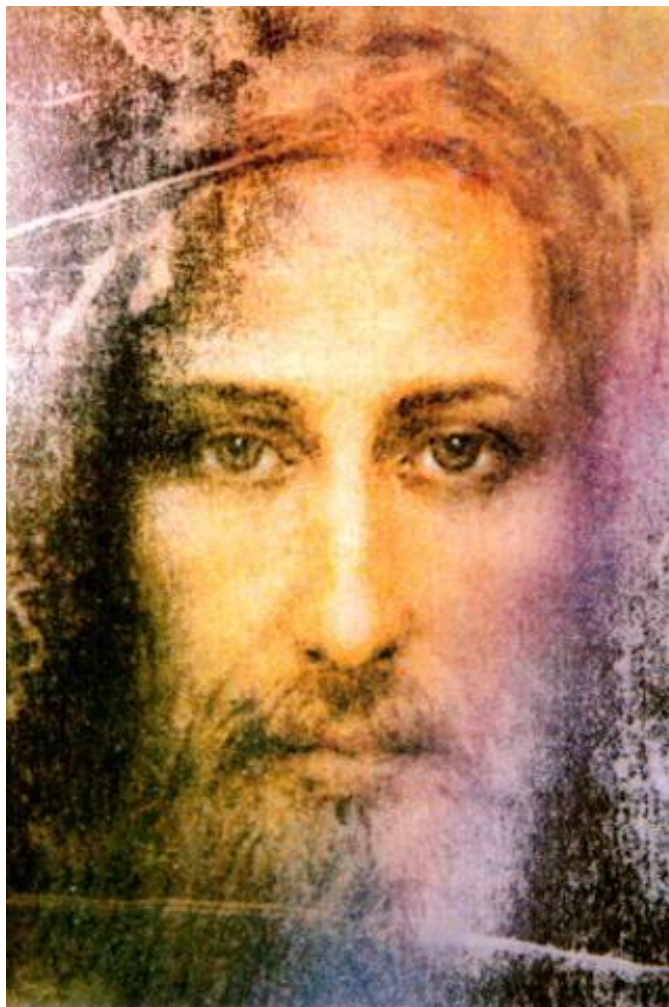
Por exemplo, ao nível da saúde, doenças incuráveis para a Ciência Ocidental podem ser curadas por meios naturais nas florestas amazónicas pelos xamãs locais – casos da SIDA, do CANCRO, da HEPATITE C, entre outras.

E, quando digo Xamãs, refiro-me aos verdadeiros pois, na Amazónia, como na Índia, existe muito charlatanismo e é preciso saber distinguir.

Quem nunca foi aos chamados “Locais de Poder” não se apercebe das fantásticas forças que nos cercam e estão exceccionalmente concentradas nesses locais.

Entretanto, é necessário muito cuidado com esses locais pois serão, inevitavelmente, fatais a quem não tiver a devida

preparação (é o “tal” caso das “voltagens” que é necessário suportar).



“Em verdade Vos digo que, se tiverdes FÉ e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira mas, até, se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito. E, tudo o que pedirdes, em Oração, *CRENDO*, o recebereis.”

Cristo – Mateus 21:21